

MARIA SUELÍ DE AGUIAR

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Sueli

de Aguiar

e aprovada pela Comissão Julgadora em

10 / 08 / 94

Ch. Galves
PROFA. DRA. CHARLOTTE C. GALVES

**ANÁLISE DESCRITIVA
E TEÓRICA DO
KATUKINA-PANO**

ANÁLISE DESCRITIVA E TEÓRICA DO KATUKINA-PANO

MARIA SUELÍ DE AGUIAR

Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Universidade Estadual de Campinas

Campinas - 1994

'Aos que vierem depois de nós'

Bertold Brecht

Aos meus filhos:

Filipe Melo de Aguiar e

Lucas Melo de Aguiar

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à minha orientadora Charlotte Marie Chambelland Galves pela sua confiança, firmeza e acima de tudo, pelo profissionalismo com que vem acompanhando a minha pesquisa. Essas qualidades, sem dúvida, foram fundamentais não só para a realização dessa tese como também para a realização de outros trabalhos importantes para minha formação, os quais me fizeram sentir orgulho de seu apoio constante.

Sou grata também ao IEL pela infraestrutura, nisto incluindo os funcionários da informática, da biblioteca e da secretaria de pos-graduação, além de alguns docentes que muito apoiaram e confiaram inicialmente, na realização de meus sonhos por vezes demais ambiciosos, entre eles Silvia Tersy, Jonas Romualdo, Jesus Durigan, Ataliba Castilho, Linda Gentry, Celene Cruz, John Schmitz e outros.

Agradeço aos meus colegas e amigos que muito contribuíram com comentários e críticas relevantes para a tese. Quero citar alguns como Seung-Hwa Lee, Laila, Christiane Cunha de Oliveira, Humberto Longo, Luiza Paraíba e Maria Cristina Figueiredo. Na qualidade de professor, Bernadete Abaurre, Adair Palácio, Leo Wetzels, Waldemar Netto e Angel Corbera, sendo esse último um companheiro, amigo e co-orientador.

Agradeço aos órgãos: CAPES, CNPq e FAPESP que financiaram o desenvolvimento do meu projeto, respectivamente o levantamento bibliográfico, cursos para crédito no doutorado e a preparação do material como tese de doutorado.

Meus agradecimentos vão ainda para a comunidade indígena Katukina que muito colaborou desde 1984 até recentemente, e em especial a Kana, Mai, Yaka, Nii, Pinu e Kapi.

Por fim agradeço principalmente à minha família, ao meu esposo, Antonio Melo e aos meus filhos.

ABSTRACT

This is a study of Katukina, a language of the Panoan Family spoken at the State of Acre, Brazil. The work is divided into two parts - a diachronic one and a synchronic one. In the first part we discuss about the traditional methodology used for classifying languages into families; the anthroponyms are questioned and a different methodology for establishing groups of languages is proposed. In the second part, the synchronic one, some of the theoretical resources of Generative Grammar are used to account for the data at the phonological, morphological and syntactic levels. The lexicographical level is examined too. The work includes also three appendices, one of which is a bilingual (Katukina - Portuguese / Portuguese - Katukina) glossary of the language.

RESUMO

Este estudo se insere na área de conhecimento de Linguística Antropológica, e tem como tema central a língua Katukina da família lingüística Pano. Ele está dividido em duas partes: uma de caráter Lingüístico Diacrônico e outra de caráter Lingüístico Sincrônico.

A primeira parte contém um único capítulo que está dividido em três itens básicos - Classificação Lingüística (1), A língua Katukina (2) e Resumo do Capítulo (3).

Apresentamos na segunda parte um estudo do Katukina em quatro níveis de análise - Fonológico, Morfológico, Sintático e Lexicográfico. Cada um desses níveis estará abrangendo parcialmente os pontos pertinentes da língua. Esse recorte foi necessário para viabilizarmos um fio condutor de nosso trabalho, que se constrói em torno do item lexical - palavra fonológica.

O capítulo I -Fonologia - está dividido em quatro partes básicas - Estrutura Silábica (1.1.1), Acentuação (1.2), Nasalidade no Katukina (1.3) e Conclusão do Capítulo (1.4). No conjunto dessas partes definimos o Item Lexical Padrão (ILP) e o Item Afixal Padrão (IAP). O primeiro se refere ao morfema independente - palavra - e o outro ao morfema dependente - afixo, ambos fundamentais para os demais níveis de nosso estudo.

O capítulo II - Morfologia - está dividido em oito itens: Estrutura dos Itens Lexicais (1.1), Morfemas (2), Morfologia Nominal (3), Morfologia Verbal (4), Morfologia Adjetival (5), Morfologia Adverbial (6), Verbetes de Morfemas (7) e Conclusão do Capítulo (8).

No capítulo III - Sintaxe - também temos oito itens. Esses itens estão ordenados da seguinte forma: Quadro Teórico (1), A Ordem do Katukina (2), Os Clíticos (3), A Interrogação (4), A Negação (5), Sujeito Nulo no Katukina (6), Nasalidade (7) e o Resumo do Capítulo (8).

O capítulo IV - Lexicografia - apresenta uma proposta para um glossário da língua. Nesse capítulo apresentamos Dados Sociolingüísticos (1.1), Discussão Teórica (1.2), As Combinações dos ILPs e IAPs (1.3), Proposta de um Glossário Katukina (1.4) e Conclusão do Capítulo.

Finalizando, temos a Conclusão Geral da tese, a Bibliografia e três Apêndices: Glossário Katukina (I), Textos (II) e Dados Complexos.

SUMÁRIO

Folha de Rosto.....	i
Epígrafe.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Abstract.....	v
Resumo.....	vi
Sumário.....	vii
Introdução.....	1
Notas Explicativas.....	5

PARTE I:

A LÍNGUA KATUKINA NO CONTEXTO HISTÓRICO E LINGÜÍSTICO

Capítulo Único: Lingüística Histórico-Comparativa Pano

1. Classificação Lingüística.....	10
1.0. Introdução.....	10
1.1. Classificação das Línguas da América do Sul.....	12
1.2. Classificação lingüística Pano.....	14
- Mapa 1: Área Pano - Brasil, Peru, Bolívia	
1.3. O Katukina e a classificação lingüística.....	21
2. A Língua Katukina.....	23
2.1. Os grupos Katukina.....	23
2.2. O Katukina e as outras línguas Pano.....	26
- Mapa 2: Área Pano Brasileira	

3. Resumo.....	37
----------------	----

PARTE II: LINGÜÍSTICA SINCRÔNICA

Capítulo I: Fonologia da língua Katukina

1. Fonologia	41
1.0. Introdução	41
1.1. Fonologia Métrica.....	41
1.1.1. Estrutura Silábica	43
1.1.1.1. Onset.....	46
1.1.1.2. Núcleo	47
1.1.1.3. Coda	49
1.1.2. Sílabas Degeneradas no Katukina.....	51
1.1.3. Outros segmentos em Coda	62
1.2. Acentuação.....	63
1.2.1. Acentuação segundo a Fonologia Métrica.....	63
1.2.2. Acentuação segundo a Fonologia Lexical	74
1.3. Nasalidade no Katukina.....	77
1.3.1. Vogais nasais.....	77
1.3.2. Harmonia nasal.....	81
1.4. Resumo do Capítulo	86

Capítulo II: Morfologia Katukina

1. Morfologia	90
1.0. Introdução	90
1.1. Estrutura dos itens lexicais	95
1.1.1. Fenômeno morfológico	97

1.1.2. Derivação e Flexão	97
1.1.3. Gramatical.....	101
1.2. Formação de palavras.....	109
1.2.1. Tipos de palavras existentes e possíveis na língua.....	109
1.2.1.1. Palavras compostas.....	111
1.2.1.2. Palavras com afixos	113
1.2.2. Tipos de palavras novas	113
2. Morfemas	120
3. Morfologia nominal	123
3.1. Aumentativo e diminutivo	124
3.2. Número	125
3.2.1. Singular	125
3.2.2. Dual	126
3.2.3. Plural	127
3.3. Pronomes	129
4. Morfologia verbal	130
4.1. Verbo	130
4.2. Tempo verbal	135
5. Morfologia adjetival	137
6. Morfologia adverbial	140
7. Verbete dos morfemas.....	141
8. Conclusão do capítulo.....	144

Capítulo III: Sintaxe

0. Introdução.....	147
1. Quadro da Teoria Gerativa.....	149

1.1. Teoria da Regência e Vinculação.....	149
1.1.1. Teoria X-Barra.....	150
1.1.2. Princípio de Projeção.....	152
1.1.3. C-comando.....	152
1.1.4. "Move α ".....	153
1.1.5. Teoria de Regência.....	154
1.1.6. Teoria de Caso.....	155
1.1.7. Funções Temáticas.....	156
2. A ordem dos constituintes.....	157
2.1. A ordem básica do Katukina.....	160
2.2. A ordem interna dos constituintes.....	171
2.2.1. Constituintes de ST.....	173
2.2.2. Constituintes de SN.....	183
2.2.3. Constituintes de SV.....	192
2.2.4. Sintagma Adj.....	204
2.2.5. Sintagma Adv.....	207
2.2.6. Sintagma Posposicional.....	210
2.3. Os Núcleos.....	213
3. Os clíticos do Katukina.....	218
3.0. Introdução.....	218
3.1. Conceito de clítico.....	219
3.2. Clíticos sintáticos.....	220
3.3. Resumo.....	222
4. Interrogação.....	224
4.0. Introdução.....	224
4.1. Conceitos básicos de interrogação.....	224

4.2. Os responsáveis pela interrogação.....	225
4.2.1. A interrogação nas línguas Pano.....	228
4.2.2. A interrogação no Katukina.....	231
4.3. Resumo.....	236
5. Negação.....	238
5.0. Introdução.....	238
5.1. Uma visão geral da negação.....	238
5.2. A negação nas línguas Pano.....	239
5.3. Análise da negação no Katukina.....	241
6. Sujeito nulo no Katukina.....	244
6.0. Introdução.....	244
6.1. Categoria Vazia-Pro.....	245
6.1.1. Categoria Vazia não obrigatória.....	249
6.1.2. Categoria obrigatória.....	254
6.2. O Katukina dentro de uma tipologia de línguas Pro-drop.....	256
6.2.1. A língua Katukina e o sistema misto.....	256
7. Nasalidade.....	260
7.0. Introdução.....	260
7.1. Nasalidade nas línguas Pano.....	261
7.2. Nasalidade no Katukina.....	263
7.2.1. Marcador de transitividade	263
7.2.2. Marcador de Locativo	265
7.2.3. Marcador de posse	267
7.2.4. As outras interpretações da nasalidade	268
7.3. As várias funções da nasalidade	270
7.4. Resumo	273

8. Conclusão do capítulo.....	275
Capítulo IV: Lexicografia Katukina	
1. Lexicografia	278
1.0. Introdução.....	278
1.1. Dados sociolingüísticos do grupo Katukina	280
1.2. Discussão teórica	281
1.3. Estruturas dos ILPs e IAPs e suas combinações	287
1.4. Proposta de um glossário Katukina	293
1.5. Conclusão do capítulo	296
CONCLUSÃO	298
BIBLIOGRAFIA	303
APÊNDICE: 1. Glossário Katukina	
2. Textos	
3. Dados complexos	

1. INTRODUÇÃO

O propósito inicial dessa tese era o de realizar um estudo descritivo e teórico da língua Katukina-Pano. Porém, no decorrer de nossa pesquisa compreendemos que esse propósito era por demais ambicioso e que resultaria em um trabalho muito amplo. Em contrapartida, um tal estudo representaria um avanço para as línguas Pano especificamente, e para as línguas indígenas em geral. Sabendo da importância de estudos que unam a descrição com deduções teóricas e assim, acabamos por aceitar parcialmente o desafio.

Deste modo, decidimos fazer um recorte dentro de cada nível de conhecimento da lingüística, viabilizando esse estudo, e criando um fio condutor para ele. Esse fio condutor da tese é o item lexical - palavra.

O estudo de uma língua indígena é um trabalho que exige do pesquisador uma visão, se não aprofundada, pelo menos básica de cada nível da lingüística. Isso é ainda mais verdadeiro se se trata de uma língua sobre a qual pouco material é disponível, como é o caso do Katukina-Pano.

Antes de iniciarmos a tese propriamente dita, tivemos a preocupação de fazer um levantamento bibliográfico cuidadoso, do qual resultou uma publicação recente (Aguilar-1994), que nos assegurou a importância de um estudo mais detalhado do Katukina, língua Pano do Brasil.

Buscando conhecer e contextualizar esta língua, achamos relevante partir de uma classificação geral, passar pela fonologia, morfologia, sintaxe, até chegar à lexicografia.

Durante nossas pesquisas, a necessidade de trabalhar em vários níveis foi se confirmando, uma vez que para observar e dar conta de certos fenômenos num nível era necessário conhecimento de outro. Por exemplo, vimos que a fonologia era

fundamental para diferenciar item lexical - palavra independente - de item afixal - palavra dependente - e a sintaxe, para distinguir um item afixal de um clítico.

Nosso trabalho é composto de duas partes: Lingüística Diacrônica e Lingüística Sincrônica.

Na primeira parte - Lingüística Diacrônica - fornecemos um breve relato das classificações das línguas Pano da América do Sul, verificação das línguas classificadas como Pano no Brasil e localização do grupo Katukina. Questionamos o método tradicionalmente utilizado para classificar as línguas em família, que é a comparação de listas de palavras. Neste ponto, sugerimos que sejam verificados, também, aspectos das línguas como negação, interrogação, ordem dos constituintes - S, V, O e T - etc., utilizando métodos mais teóricos.

Sugerimos ainda que, com relação aos antrotopônimos dos grupos indígenas, sejam feitas investigações profundas pelo pesquisador junto à comunidade indígena envolvida, pois desta forma não se corre o risco de passar adiante equívocos que retratam histórias de domínio entre colonizado e colonizador, dando a estas questões tratamentos mais politizados e mais reais.

A segunda parte, que é de Lingüística Sincrônica, é apresentada em quatro capítulos, e nela nos dedicamos ao tratamento da estrutura da língua.

No primeiro capítulo é feito um estudo fonológico do Katukina, utilizando metodologia gerativa, com o fim de analisar a estrutura silábica, o acento e a nasalidade.

No segundo capítulo, fazemos uma descrição dos processos morfológicos da língua que são imprescindíveis para a análise sintática e lexicográfica da mesma.

No terceiro capítulo analisamos o comportamento sintático da língua. Esse capítulo é apresentado em oito subitens: Quadro Teórico da gramática gerativa (1),

Ordem dos Constituintes (2), Clíticos (3), Interrogação (4), Negação (5), Sujeito Nulo (6), Nasalidade (7) e Conclusão (8).

O quarto capítulo trata da lexicografia da língua, onde fazemos uma proposta de um glossário Katukina.

Finalmente, temos a conclusão geral da tese, a bibliografia e três apêndices, compostos de um mini-glossário (I) com aproximadamente 1000 termos, textos em Katukina (II) e Dados Complexos (III).

Com relação ao Apêndice III, devemos esclarecer que os dados complexos citados aí não foram incluídos na análise da tese, visto que isso implicaria ampliar ainda mais o nosso estudo. Contudo, achamos relevante apresentá-los para propiciar a outros interessados dados para novas pesquisas.

Essa tese de doutorado tem como objetivo fundamental, entre outras coisas, tentar uma aproximação entre estudos descritivos, principalmente fonológico e sintático, e estudos teóricos, especificamente no que diz respeito às línguas indígenas, pois há uma certa resistência por parte tanto da gramática gerativa com relação aos estudos dessas línguas - indígenas - quanto da pesquisa em línguas indígenas, de maneira geral, com relação à gramática gerativa.

Através desta tese queremos mostrar que não há incompatibilidade entre o objeto de estudo - línguas indígenas - e a teoria gerativa. Mas para acontecer esse entrosamento é preciso que ambas as partes deixem de reivindicar a supremacia de seus objetos de estudo, até porque as línguas indígenas são tão objetos de estudo para a teoria gerativa quanto qualquer outra língua natural. Por outro lado, é preciso considerar que muitas vezes nos estudos de línguas indígenas são feitas apenas análises descritivas, que não integram teorias que não só dão conta de organizar os dados lingüísticos, mas também enriquecem essa análise, levando-nos

a formular perguntas diferentes sobre os dados e permitindo-nos, ainda, prever estruturas possíveis ou não na língua em questão.

Nesse sentido, esta tese busca justamente fazer esse casamento entre a descrição de uma língua e a análise teórica. Utilizando a teoria gerativa como instrumento de análise, seguramente chegaremos a enriquecer nossa descrição e a interpretar os mecanismos verificados descritivamente.

NOTAS EXPLICATIVAS

Para facilitar a leitura da tese decidimos incluir um item - Notas Explicativas - para garantir a compreensão das **siglas utilizadas** no decorrer do trabalho (a) e detalhar a forma que expomos as fontes **referenciais dos dados** lingüísticos (b), e aproveitamos para dizer que todos os dados de línguas indígenas serão transcritos com o alfabeto do IPA.

a) **Siglas Usadas**

'	Acento (fonologia), Barra (sintaxe);
#	Fronteira (fonologia), Término da oração (sintaxe)
*	Agramatical
Agr	Agreement
AgrP	Agreement Phrase
Aux.	Auxiliar
Br	Brasil
co	Coordenador
conc	Concordância
cont	Contínuo
Chn	Chanenáwa
Decl	Declarativa
Espec	Especificador
Fl	Flexão
IAP	Item Afixal Padrão
ILP	Item Lexical Padrão

ILV	Instituto Lingüístico de Verano
INFL	Inflection
intens	Intensificador
inter	Interrogação
Jm	Jamináwa
Ka	Katukina
Ma	Marubo
N	Nome
neg	Negação
NTB	New Tribes do Brasil
nom	Nominalizador
O	Objeto
part	Partícula
pas	Passado
Pe.	Peru
pl	Plural
poss	Posse, possessivo;
pres	Presente
Qu	Termos Interrogadores: Quando, Quanto, Que, etc..
Quant	Quantificador
Shr	Sharanahua
S	Sujeito
SOV	Sujeito Objeto Verbo
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
SAdj	Sintagma Adjetival

SAdv	Sintagma Adverbial
SDet	Sintagma Determinante
ST	Sintagma Temporal
SFI	Sintagma Flexional
SCOMP	Sintagma Complementizador
SNeg	Sintagma de Negação
SP	Sintagma Preposicional/Posposicional
T	Tempo (núcleo de ST)
term	Término de oração
Top	Tópico
V.	Verbo
v.	Verbo
v	Vestígio
Yw	Yawanawá

b) Referência dos Dados

Os dados estão expostos na nota de rodapé na seguinte ordem:

Número/letra: Autor-ano.número do material (quando tiver)/página.número do exemplo.

Ex: a:NTB-1982.1/27.4;

l:NTB-1977.5/12.20;

PARTE - I

A LÍNGUA KATUKINA

NO CONTEXTO HISTÓRICO E LINGÜÍSTICO

CAPÍTULO I

LINGÜÍSTICA DIACRÔNICA PANO

1 CLASSIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA

1.0 Introdução

Neste capítulo, o centro de interesse é a classificação das línguas Pano, enquanto família lingüística. Esse interesse se justifica, inicialmente, por dois motivos - o pouco estudo realizado sobre as línguas Pano do Brasil e a metodologia usada para essa classificação. Neste sentido, procuraremos evidenciar a necessidade de se conhecer melhor essas línguas indígenas, e, se possível, promover análises lingüísticas mais teóricas e mais fundamentadas que contribuam para a descrição dessas línguas.

No que diz respeito às línguas Pano do Brasil, sabemos que é grande a carência de estudos. Podemos dizer que essa carência representa um dos principais empecilhos para uma visão mais global da família Pano. Isso pode ser comprovado nos trabalhos de pesquisadores como d'Ans (1970), Shell (1985)¹, WeiBhar e Illius (1990), Loos (1991) etc., todos eles especialistas em línguas Pano.

Nesses trabalhos, observamos que as línguas Pano do Brasil normalmente elas não são incluídas. Buscando uma justificativa para esse fato, constatamos que tanto o Peru quanto a Bolívia tiveram uma política educacional bilíngüe promovida pelos seus governos, em conjunto com o ILV - Instituto Lingüístico de Verano. Essa política educacional bilíngüe possibilitou o estudo das línguas indígenas, principalmente no que diz respeito à descrição lingüística. Entretanto, no Brasil o governo não se empenhou na educação indígena, e ainda mais, o trabalho com as línguas Pano desse país foi colocada nas mãos de um órgão religioso Novas Tribos

¹ Ver Shell (1985) "Las lenguas Pano y su reconstrucción". Nesse importante trabalho pouco espaço é reservado às línguas Pano do Brasil, com uma quantidade de dados lingüísticos muito limitada.

do Brasil - NTB - que tem a política de não divulgação de suas pesquisas, diferentemente do ILV, que pelo menos dá conhecimento do resultado de seus trabalhos.

Portanto, pretendemos nessa primeira parte - Capítulo I da Parte I -, chamar a atenção para esse aparente descaso com as línguas Pano, principalmente as do Brasil, questionando o pouco conhecimento dessas línguas, a metodologia utilizada nas análises e, conseqüentemente, a classificação das mesmas em família. Desta forma, apresentaremos três partes básicas - (1) a classificação das Línguas, com enfoque central Pano, (2) a língua Katukina, e (3) resumo conclusivo do capítulo.

Inicialmente, apresentaremos a Classificação das Línguas da América do Sul (1.1), depois, a Classificação Lingüística Pano (1.2) e, em seguida, observaremos especificamente o Katukina e a sua Classificação (1.3).

Na segunda parte, exporemos a questão dos antrotopônimos dos grupos indígenas, exemplificando com os Grupos Katukina (2.1). Em seguida, proporemos uma análise de certos aspectos - negação e interrogação - de algumas línguas Pano, inclusive o Katukina (2.2) para classificá-las enquanto parte de uma mesma família como línguas mais próximas ou mais distantes.

Finalizando este capítulo, retomaremos a discussão desenvolvida aqui para obter uma Conclusão do capítulo no item (3) propondo um novo método para a classificação das línguas, que se assemelha ao de Brinton (1891). Ele dizia que "sobre a relação e sempre que permitir o material, é dada preferência à estrutura gramatical de uma língua, antes que aos elementos lexicais".

1. Classificação das Línguas da América do Sul

A classificação das línguas em famílias tem sido uma preocupação comum de vários especialistas - etnólogos, lingüistas etc. - no mundo inteiro há muitos anos. E isso não é diferente com as línguas da América do Sul.

Essas línguas sul-americanas têm chamado a atenção de especialistas de muitas áreas - historiadores, botânicos e outros - por vários motivos. Um desses motivos é a quantidade de línguas reunidas e a variabilidade entre elas. O resultado foi a tentativa de vários estudiosos de classificá-las em famílias. Essas classificações tiveram sua importância e suas limitações pelas condições e recursos disponíveis na época. Justificam-se, também, por terem utilizado o método comparativo que buscava a genética da língua - não só a semelhança mas também o parentesco. Isso é plausível. O resultado deve ser respeitado, considerando-se sua contribuição para os trabalhos que viriam depois. Porém, não devemos aceitar que seja usada essa metodologia ainda hoje, já que temos acesso a outras teorias mais precisas que se propõem a encontrar parâmetros universais nas línguas.

Dentro do que estamos tratando aqui, podemos propor uma forma diferente de conhecer grupos de línguas, utilizando uma teoria de parâmetros e princípios para chegar às famílias ou agrupar as línguas de algum modo.

As primeiras tentativas de classificação, na sua maioria, foram simples agrupamentos aleatórios das línguas. No entanto, existem classificações que devem ser levadas em conta por sua sistematicidade.

Como já mencionamos acima, a metodologia usada nas classificações das línguas foi a comparativista. Quer dizer, coletavam-se listas de itens lexicais - palavras - das línguas que depois eram comparadas entre si.

Com essa metodologia, sabemos que, dentre as classificações das línguas da América do Sul já realizadas, as principais são a de Paul Rivet de 1924, a de R. P. Wilhelm Schmidt em 1926, e a de Čestmir Loukotka em 1944, refeita em 1968. Outra classificação relevante - feita em conjunto - é a de Rivet e Loukotka em 1952. Essas classificações são consideradas relevantes por terem abrangido várias línguas, reunindo-as em subgrupos.

Em seguida, surge uma outra classificação das línguas de toda a América Latina - também com o método comparativista - mas que difere muito das demais, principalmente quanto ao número de troncos lingüísticos. Essa classificação foi feita por Joseph H. Greenberg, em 1956.

Para efeito de comparação, constatamos que segundo os estudos classificatórios de Loukotka (1944), havia 144 famílias, enquanto que Rivet e Loukotka (1952) contavam 108, e para McQuown (1955) apenas 55 - não incluindo as isoladas (não classificadas).

Contudo, para Greenberg (1956), em toda a América Latina haveria apenas oito troncos lingüísticos, contando somente três distribuídos na América do Sul - Macro-Chibchano, Andino-Equatorial e Ge-Pano-Caribe.

Para d'Ans (1970.24), a classificação de Greenberg significou muito para os estudos comparativos ameríndios. Em nossa opinião, essa colocação é pertinente até hoje, pois poucos especialistas estão preocupados em desenvolver tais tarefas até o momento (1994). Entretanto, sabemos que seria pertinente fazê-lo dentro de um quadro mais teórico, já que dispomos de estudos predominantemente descritivos.

1.2 Classificação Lingüística Pano

A família lingüística Pano foi identificada como um grupo autônomo no final do século XIX pelo francês Raoul de La Grasseire (1888).

A classificação das línguas Pano, enquanto família lingüística, foi feita por eruditos através de "trabalhos de gabinete", ou seja, trabalhos realizados em cima de materiais lingüísticos coletados por terceiros - viajantes, missionários, geógrafos, e outros - que no entanto não entendiam nem de lingüística e nem de etnologia.

Dentre todas as classificações das línguas Pano - Schmidt (1926), Loukotka (1944 e 1968), Mason (1950), Rivet e Loukotka (1952), McQuown (1955) -, as de Mason e McQuown foram mais aceitas e são consideradas os instrumentos de que dispomos por enquanto.

Apresentaremos a classificação de Mason e McQuown² (A) abaixo, para melhor visualizarmos a quantidade de línguas envolvidas e conferirmos a veracidade daquelas que estão apontadas como faladas por grupos radicados no Brasil.

Pretendemos ainda, com essa exposição, verificar alguns possíveis equívocos cometidos com relação à essas línguas Pano ditas do Brasil.

Aproveitamos para mencionar a classificação de McQuown (1955) tal qual está reproduzida em d'Ans (1970) com a seguinte observação: " La primera cifra entre paréntesis representa la latitud Sur y la segunda, la longitud Oeste. Las iniciales P, Br y Bol representan respectivamente Perú, Brasil y Bolívia." Segue a classificação:

² Vale chamar a atenção aqui para o fato de que essas classificações - Mason e McQuown - são assumidas como idênticas; portanto, utilizaremos no singular por considerá-las como uma única classificação. E isso é comum a outros pesquisadores (d'Ans (1970)), que fazem referência a ela como classificação de McQuown.

Mapa 1: Area Pano - Brasil, Peru e Bolívia.



A: Línguas da Família Pano

I. PANO CENTRAL

A. CHAMA

1. Conibano

a. Conibo (9/74.40)

b. Xipibano

a'. Sinabano

 ?1'. Caliseca + (8/75) P

 ?2'. Sinabo (8.30/75) P

b'. Manamabobano

 1'. Manamabobo + ? (9.30/74.30) P

 2'. Manava + ? (10/74?) P

c'. Xipibo (8/75) P

c. Setebano

a'. Sensiano

 1'. Casca (6.30/75?) P

 2'. Runubu (6.30/75?) P

 3'. Inubu (6.30/75) P

 4'. Barbudo (6.30-7/7 5?) P

 5'. Teni (6.30/75?) P

 ?6'. Mananagua (6.30/75?) P

 7'. Sensi (6.30/75) P

b'. Panobano

 1'. Pano (7/75.30) P

 2'. Pelado (7/75.30?) P

- 3'. Manoa (7/76) P
- 4'. Caxiboyano (7/75.30) P
- 5'. Panobo (7/75.30) P
 - c'. Setebo (6-9/74) P

2. CAXIBANO

- a. Cacatibo (9/75?) P
- b. Caxinyo (9/75?) P
- c. Runyo (9/75?) P
- d. Buninahua (9/75?) P
- ?e. Carapacho +? (9.45/75.30) P
- f. Puchanahua (9/75?) P
- g. Xirino (9/75?) P
- h. Caxibo (9/75) P

B. Culinno + (4.20/69) Br

C. CAPANAHUANO

1. CAPANAHUA

- a. Capanahua (6/74) P
- b. Busquipani (6/74) P

2. REMANO

- a. Remo (8/74) P
- b. Sacuia (8.30/73) Br

3. MASPANO

- a. Maspo +? (9/74) P
- b. Epetineri (10.30/73.30) P

4. CUIANAUANO

a. Nucuini (7.30/73.30) Br

b. Cuianaua (7/74.30) Br

5. Niaragua (7/74.30) P

76. Puyamanahua +? (6.30/73.30-75) P

D. AMAHUACANO

1. AMAHUACA

a. Cachinauano

a'. Cachinaua (8/72) Br

b'. Cheminaua (8/72?) Br

b. Inuvaqueu (8/72?) Br

c. Viuivaqueu (8/72?) Br

d. Amahuaca (8/72) P-Br

2. PICHOBO

a. Pichobo (10/74) P

b. Soboibano

a'. Soboibo (11/74) P

b'. Ruanagua + (10.30/74.30) P

c. Mochobano

a'. Mochobo +? (11/74) P

b'. Comobo +? (11/74) P

E. PANANO CATUQUINA

1. ARARANO

a. Arara (8/72?) Br

- b. Chauanaua (8/72) Br
- 2. Ararapina (8/72) Br
- 3. Araraua (8/72?) Br
- 4. SANINAUANO
 - a. Saninaua (8/72.30) Br
 - b. Saninauaca (9/72) Br
- 5. Catuquina (7/73) Br

F. PANANO YURÚA-PURÚS

- 1. Poianaua (8/74) Br
- 2. Chipinaua (8/73) Br
- 3. Aranaua (8/72) Br
- 4. Jauavo (9/73) Br
- 5. Jaminaua (9/72) Br
- 6. Runnanaua (9/72) Br
- 7. Contanaua (9/72) Br
- 8. Jauanaua (9/72.30) Br
- 9. Pacanaua (9.30/72.30) Br
- 10. Jumbanaua (9.30/72.30) Br
- 11. Jura (9.30/73) Br
- 12. Tuchinaua (9.30/72) Br
- 13. Marinaua (10/72) Br
- 14. Espino (10.30/72) Br
- 15. Manaua (10.30/72) Br
- 16. Canamari (11/71) Br

II. PANO SUDOCCIDENTAL

A. Arazaire +? (14/71) P

B. ATSAHUACANO

1. Atsahuaca +? (14/71) P

2. Yamiaca (14/71) P

III. PANO SUDORIENTAL

A. PACAGUARANO

1. Chacobo (13/66) Bol

2. CARIPUANO

a. Caripuna (11/65) Br

b. Jacaria + (9.45/66.10) Br

3. Capuibo (13/67) Bol

4. Sinabo (12/66) Bol

5. Pacaguara (11.30/66.30) Bol

?B. Zurina (11/65) Br

Zurina + (3.30/59)

Observando essa classificação, contamos 35 línguas Pano no Brasil. Porém, segundo uma recente pesquisa que fizemos (Aguiar-1994), encontramos apenas 14 línguas nesse país, como apresentado em (B) abaixo, sendo 1 extinta (e), outra sem dados seguros atualmente (?). Há ainda 3 línguas Pano (*) que não estão incluídas na classificação (A) acima e que mencionamos em (B). Seguem as línguas:

B: Línguas Pano do Brasil

1. Arara
2. Katukina
3. Kaxinawá
4. Karipuna (?)
5. Kaxarari
6. Jamináwa
7. Poyanáwa
8. Tuchináwa (e)
9. Nukini
10. Yawanwá
11. Marubo (*)
12. Mayoruna (Matses) (*)
13. Matis (*)
14. Chanenáwa

Chegamos a esse número, de apenas 14 línguas Pano no Brasil, fazendo um levantamento bibliográfico ao mesmo tempo em que contactávamos os grupos no campo, fazendo um breve estudo lingüístico de alguns aspectos morfológicos, sintáticos e levantamento de itens lexicais - Poyanáwa, Kaxinawá, Kaxarari e Chanenáwa. Quando não era possível esse estudo no campo, examinávamos os materiais lingüísticos disponíveis e a localização geográfica - Yawanawá, Nukini, Jamináwa, Mayoruna, Marubo e Tuchináwa - , ou contactávamos alguns pesquisadores para conferir nossas análises - Karipuna, Matis e Arara. A língua

Katukina passou a ser o centro dos nossos estudos e por isso é a língua da qual dispomos de mais informações.

Vista a diferença, podemos assumir que é muito relevante fazer uma reclassificação da família Pano, pelo menos no que diz respeito às línguas do Brasil. Vimos também que há línguas não-Pano - Canamari e Culino - incluídas na classificação dessa família lingüística, e isso sem considerar algumas línguas que são mencionadas como estando no Peru e na Bolívia das quais não encontramos nenhum dado que nos evidenciasse sua existência - Inuvaque, Viuivaque, Chauanana. Talvez elas estejam sendo confundidas com sub-grupos internos, aos quais chamamos clãs, principalmente a Runnanaua, Contanaua, Jauanaua, Manaua, e provavelmente outras.

Essa possibilidade se reforça com o que concluímos quanto ao grupo Katukina-Pano, que é composto por vários clãs ainda hoje, e que foi antigamente composto por um número muito maior deles. Isso comentaremos mais adiante.

1.3 O Katukina e a Classificação Lingüística

Tomando a língua Katukina como uma das línguas Pano do Brasil, vejamos como ela vem sendo incluída ou mesmo excluída dessa família.

O primeiro a agrupar as línguas Pano foi Wilhelm Schmidt, em 1926, que dividiu-as em três grupos menores - Norte, Sul e Central; nessa classificação, o Katukina consta como uma das línguas do grupo Central.

Čestmír Loukotka, em 1944, classificou as línguas da família Pano agrupando-as em quatro sub-grupos nos quais não constava o Katukina. Essa língua é incluída em 1968, quando esse autor refaz sua classificação, em que

sugere que o Katukina seja o mesmo que Wanináwa, sendo classificado como sub-grupo de Yanináwa.

Rivet e Loukotka (1952) classificaram as línguas Pano em três sub-grupos. Um deles é chamado Katukina; esses autores incluíram as línguas de grupos localizados no Amazonas, Javari, Ucayali, Alto Juruá e Alto Purus. Esse sub-grupo é apresentado em (C) abaixo:

C: Katukina:

1. Katukina do Juquirana;
2. Katukina do Gregório (mistura de Wani-náwa, Kama-náwa e Nai-náwa);
3. Katukina do Alto Tarauacá (Composto de Yawa-náwa).

Desses Katukinas mencionados acima, o que está citado no item (C.2) acreditamos ser aquele que analisaremos mais adiante de forma exclusiva. Quanto ao fato de ele ser misturado com Wani-náwa, Kama-náwa e Nai-náwa, como disseram Rivet e Loukotka (1952), isso é verdadeiro até certo ponto, pois segundo nos disseram os próprios índios, esses "náwas" se referem a alguns dos clãs - sub-grupos internos - que existem no grupo Katukina (Aguiar-1987).

Segundo pesquisa realizada para averiguar a terminologia "Katukina" (Aguiar-1994a), constatamos que o Katukina do Juquirana mencionado no item (1.) refere-se, na verdade, a um grupo não-Pano que seria parte da família etnolingüística Katukina.

Assim, estamos afirmando que um Katukina (C.1) fala língua não-Pano e um outro (C.2) fala língua Pano. Quanto ao terceiro grupo (C.3), o Katukina do Alto Tarauacá, provavelmente refere-se ao mesmo grupo lingüístico do Gregório (ver item 2 desse Capítulo). Sua composição com os Yawa-nágua, o mesmo que Yawa-

náwa, parece ser equivocada, e se deve à proximidade territorial em que eles, Katukina e Yawa-nágua, vivem. Esse último grupo permanece próximo à aldeia dos Katukina do Gregório desde quando se tem notícia dos grupos indígenas da região do rio Juruá, nas proximidades do seringal Sete Estrelas, contornado pelo rio Gregório. Esse conjunto de dados nos leva a pensar que eles foram responsáveis pelos possíveis equívocos cometidos pelos estudiosos.

McQuown (1955), como vimos em (1.2), apresenta uma subdivisão chamada Panoano Catuquina que inclui o Katukina, o que nos assegura que, já naquela época, se sabia da existência de uma língua Katukina Pano. Como veremos em (2), trata-se daquela à qual dedicamos esse estudo.

2 A LÍNGUA KATUKINA

2.1 Os Grupos Katukina

Sabemos que existem muitos equívocos em torno dos nomes atribuídos aos grupos e às línguas indígenas, em geral, e que isso termina por dificultar o estudo das mesmas. O termo **Katukina** é um desses casos, pois, no Brasil, tem-se conhecimento de quatro grupos que assim se denominam, além de haver uma família lingüística também chamada por este nome.

Para melhor situar o leitor sobre esse antrotopônimo - katukina -, faremos uma rápida apresentação dos grupos conhecidos por Katukina. Há, na realidade, apenas um grupo que pode ser originalmente chamado de Katukina, mas vale citar todos aqueles a que se atribui esse nome. Esses grupos são:

A: Grupo	Loc. Geográfica	População
1. Katukina de Morada Nova	Feijó - AC	100
2. Katukina do Juquirana	Vale do Juruá - AM	230
3. Katukina do Gregório	Tarauacá - AC	180
4. Katukina do Olinda	Cruzeiro do Sul - AC	120

O grupo Katukina do Juquirana - Vale do Juruá - na verdade é composto por mais de um grupo. Pudemos conferir, através de materiais manuscritos do CIMI de Tefé-AM, que eles são falantes de línguas não-Pano. Eles falam línguas da família Katukina.

Esses grupos do Juquirana parecem ser os únicos que podem ser chamados de Katukina. Essa possibilidade se deve principalmente ao fato de esses grupos da família Katukina serem menos conhecido pelos estudiosos. E essa falta de conhecimento nos leva a especular que o termo **katukina** possa ter sido originado no léxico das línguas dessa família. Entretanto isso não se comprovou nas línguas Pano, e não pudemos verificar na família katukina até o presente momento, o que nos deixa sem nenhuma confirmação, mas cria uma expectativa com relação a esse termo - **katukina**.

Um outro motivo que justifica nossa suspeita gira em torno do próprio nome dessa família, pois, na nossa opinião, uma família lingüística ou um grupo indígena sempre terá uma justificativa histórica e/ou mitológica sobre o antrotopônimo que recebeu de não-índio, ou que o tenha recebido por um processo original do seus ancestrais. Por isso, levantamos a hipótese de que o termo **katukina** possa ter sua origem nas línguas da família Katukina.

O grupo indígena Katukina de Feijó-AC não é chamado originalmente de Katukina, ele é chamado tradicionalmente de Chanenáwa e fala uma língua da família Pano.

Os "Katukina" de Cruzeiro do Sul e de Tarauacá são, na verdade, um mesmo grupo etnolinguístico. Durante todo nosso contato (1984-1991) com esse grupo, eles afirmaram ser Katukina. Achamos, na época e até hoje, pouco provável que esse nome seja o mesmo que eles tinham originalmente. Nossa primeira dúvida vem da falta de história e/ou mitos que envolvam o nome katukina; além disso, eles não sabem o que vem a ser esse termo - **katukina**. Ele não faz parte do léxico Pano e nem mesmo foi incorporado como empréstimo (Aguiar-1985). Em outras palavras, os membros desses grupos, de Cruzeiro do Sul e de Tarauacá, não sabem o que quer dizer Katukina em nenhuma outra língua. Devido a esse fato, torna-se difícil aceitar sem questionamento que esse seja um grupo que sempre tenha se chamado Katukina. Provavelmente existem bons motivos para omitir a sua denominação original que talvez, com o passar dos anos, foi "esquecida" pelo grupo, devido a algum fato histórico durante o período de contato.

Em contrapartida, eles mencionam, sem constrangimentos, que seu grupo é formado por sub-grupos internos - clãs. Esse fato sugere-nos que eles podem nunca ter tido um nome específico para o grupo como um todo. Mesmo assim, cremos que são poucas as evidências para se tomar qualquer posição a esse respeito. Por enquanto, persistimos na idéia de que essa atitude deles constitui-se um meio que encontraram para sobreviver ao período das **correries**³, e que, com o passar dos anos, seu nome originário foi, na realidade, esquecido pelo grupo definitivamente.

³ Correries se refere ao período dos primeiros contatos de não índios com os índios da região amazônica no auge da borracha (1912). Esse período marcou todos os grupos indígenas da região com um saldo grande de mortos entre os índios - por doenças e/ou assassinatos. E, quando escapavam da morte,

Estamos seguros de que esse grupo não é originariamente Katukina, mas é assim que ele quer ser identificado e, em respeito à vontade deles e para não serem confundidos com os Katukina do Juquirana - Vale do Javari -, utilizaremos o termo **Katukina-Pano** quando tivermos que falar dele junto ao outro Katukina. Porém, no decorrer desse trabalho, que diz respeito exclusivamente à língua desse grupo, utilizaremos simplesmente o termo **Katukina**.

Durante nossas pesquisas nos empenhamos em verificar o antrotopônimo desse grupo - Katukina-Pano - mas o trabalho foi em vão. Em contrapartida, pudemos saber o nome do grupo Chanenáwa logo nos primeiros contatos. E ainda, o grupo fez questão de desfazer o equívoco, atribuindo-nos a tarefa de desfazê-lo para os não-índios, mostrando-se indignado por ter passado tanto tempo sendo identificado como **katukina**.

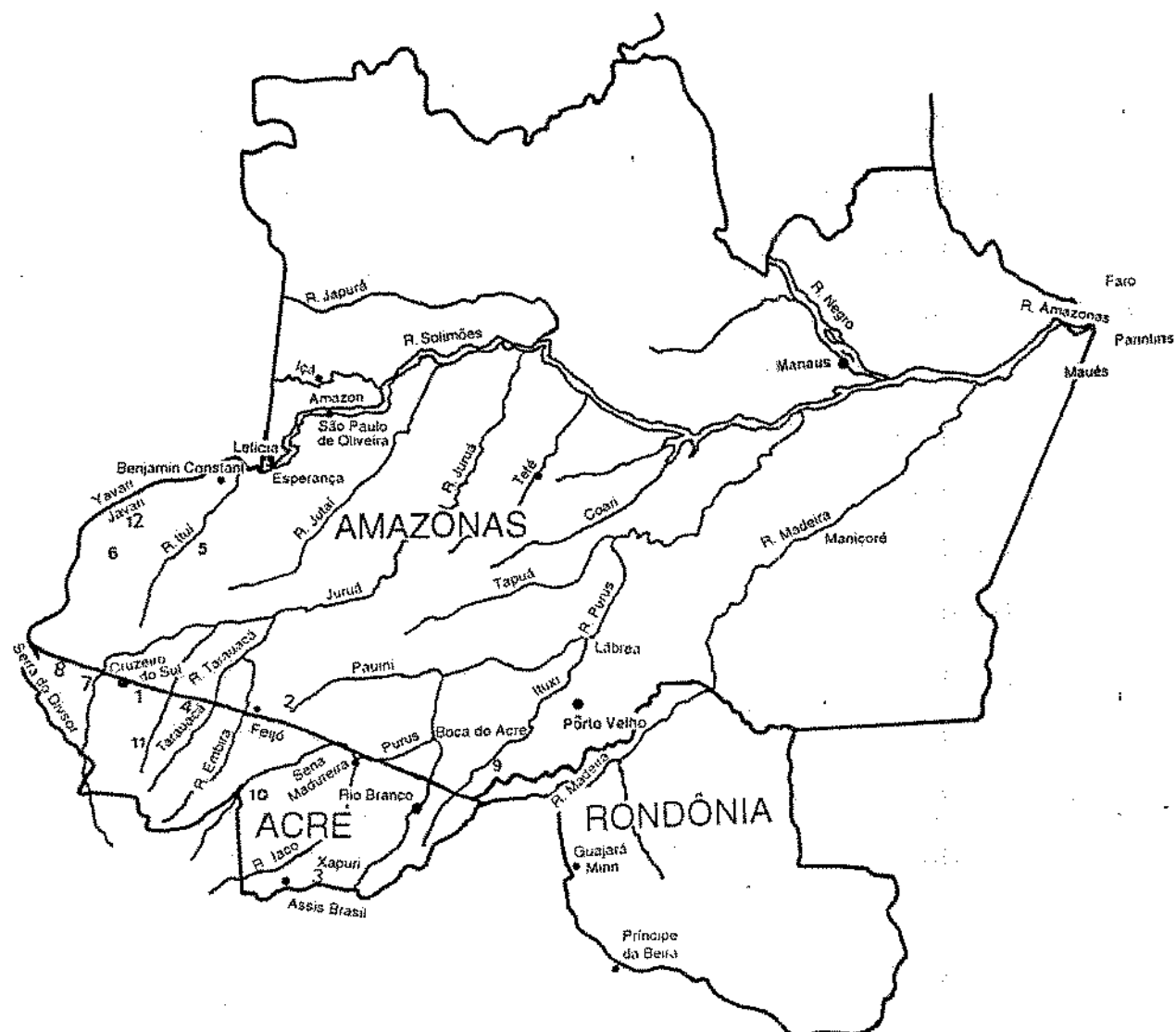
Os Chanenáwa nos deixaram claro que não queriam mais ser chamados de **Katukina**. Esse nome não dizia nada para eles, nem para sua história originária. Segundo nos disse Don Alberto - índio mais velho desse grupo (Aguiar-1993), o grupo tinha como nome originário Chanenáwa - Chane 'pássaro azul' e náwa 'povo originado de'.

2.2. O Katukina e outras línguas Pano

Tomando como base o Katukina-Pano, pudemos observar algumas das divergências e algumas das semelhanças existentes entre as línguas da família Pano. Observando a língua Katukina e relacionando-a com outras línguas dessa

eles eram capturados por homens armados com ajuda de cães, sendo forçados a trabalhar para "os donos da terra e dos seringais" em regime de escravidão.

Mapa 2: Área Pano Brasileira



Legenda:

- Estados com Línguas Pano:
Amazonas, Acre e Rondônia;
- 1. Katukina
- 2. Kaxinawá
- 3. Chanenáwa
- 4. Yawanawá
- 5. Matis
- 6. Marubo
- 7. Poyanáwa
- 8. Nukini
- 9. Kaxarari
- 10. Arara
- 11. Jamináwa
- 12. Mayoruna



família, achamos plausível propor uma forma de classificação diferente das tradicionais. Para isso, tomamos dois aspectos de algumas dessas línguas - Pano - buscando aproximar ou distanciar umas das outras.

Não estamos nos propondo aqui a trabalhar com lingüística histórica, nem tampouco com classificação etnolingüística; o que queremos é apenas questionar o método usado para se classificar as línguas em famílias, por ele dar margem a vários equívocos.

Apresentaremos dois aspectos gramaticais das línguas Pano que evidenciam ser plenamente plausível que as línguas sejam separadas em sub-grupos. Esses aspectos são: **negação e interrogação**.

Esses dois aspectos serão aplicados a um pequeno grupo de línguas para mostrarmos que certas mudanças vão surgindo no decorrer do tempo e que são mais fortes que um simples empréstimo. E ainda, que as línguas sofrem alterações lentas e particulares; por isso, propomos que as classificações devam enfocar cada aspecto particular da língua e não tomar a língua completa através de listas de termos - palavras.

Inicialmente, analisaremos a negação: poder-se-ia dizer que ela se manifesta nas línguas Pano através de um morfema que ,com o passar dos anos de contatos externos e evolução interna, foi sofrendo mudanças, resultando em alterações bem específicas.

A hipótese que levantamos, quanto ao morfema de negação das línguas Pano, é que ele tem a forma básica **ma** e que algumas dessas línguas Pano estão em estágio anterior ou posterior às mudanças desse morfema. Admitindo isso,

podemos propor que essas línguas Pano estão distribuídas em três estágios, como é mostrado nos exemplos (1-6)⁴ que se seguem:

1. Sharanahua

min chasho rutu-a-man-mun
você veado matar-compl-não-inter

'Você não tem matado um veado?'

2. Yawanawá

kukan maki pii-ma
tio piranha comer-não

'O tio não come piranha.'

3. Katukina

ian mani pia-ma
eu banana comer-não

'Eu não como banana.'

⁴ 1. Scott e Franz-1978.187;
2. NTB-1977.2;
3. Aguiar-1985;
4. Aguiar-1987;
5. NTB-1977.3
6. NTB-1980.1

Esse processo pode ser interessante para estruturar essas línguas hierarquicamente quanto à nasalização do morfema de negação partindo de nasalizada para desnasalizada; o resultado seria o esquema (B):

B) /man/ => /ma/ => /ba/

Segundo o modo como estamos vendo o morfema de negação, está havendo uma desnasalização. Mas, caso proponhamos sub-dividir essas línguas em grupos, podemos ter três grupos de línguas Pano diferenciados, um mais nasalizado (**man**), outro menos nasalizado (**ma**) e mais oral (**ba**). Em (C) abaixo mostramos essas línguas com apenas o sinal de (+) e (-):

C):

	man	ma	ba
Shr	+	-	-
Yw	-	+	-
Ka	-	+	-
Ma		+	
Chn	-	+	-
Jm	-	-	+

Contudo, essas variações do morfema de negação apresentam uma outra característica de seu comportamento na língua: para algumas línguas esse morfema

4. Chanenáwa

en tʃaʃu nami pius **ma**
eu veado carne comer não

'Eu não como carne de veado.'

5. Jamináwa

en kai **ba**
eu ir + fut neg

'Eu não vou!'

6. Marubo

maka roa-**ma**
rato bom-não

'Rato não é bom.'

Observando esses dados (1-6), podemos dizer que as línguas Pano estão passando por um processo de desnasalização. Desnasalização por ser mais provável a perda de nasalidade que a aquisição dela. Assim, podemos conferir o processo de perda da nasalidade através do que é mostrado no esquema (A) abaixo:

A) 1º Estágio: **man** (Sharanahua-Pe.)

2º Estágio: **ma** (Yawanawá-Br., Marubo-Br., Katukina-Br.,
Chanenáwa-Br., e outras)

3º Estágio: **ba** (Jamináwa-Br.Pe.)

é livre, enquanto que para outras ele só se manifesta preso a um outro termo lingüístico.

Analisando-o dessa perspectiva, nós propomos que essas línguas sejam separadas em dois tipos diferentes: um, em que o morfema de negação é livre e outro, em que ele é preso. Mostramos em (D) abaixo alguns exemplos de cada um dos tipos:

D) Negação

Tipo A (livre): Chanenáwa, Yawanawá; Sharanahua;

Tipo B (preso): Katukina;

Tipo A-livre

Chanenáwa⁵

Yukan patfi ia men
goiaba madura V. Aux. inter

'A goiaba está madura?'

ma.
não.

⁵Aguiar-1987

Yawanawá⁶

epa nii Kai-ma
tio caçar jut-neg.

'O tio não vai caçar.'

a Ka! ma.
ele sair! Não
Ele não saiu.

Sharanahua⁷

ahuu-a min hua-i-mun
qué-cosa tú hacer-cont-interr

'Qué haces?'

ma. ahuu-a hua-i-ma
não. qué-cosa hacer-cont-neg

'No. No hago nada.'

Tipo B-presó

Katukina⁸

mia-ra hīpa ia
você-intr cavalo ter

'Você tem cavalo?'

⁶ NIB-1977.3/4

⁷ Scott e Frantz-1978.191;

⁸ Aguiar-1985

iama
ter-neg

'Não.'

Creemos que esse modelo de análise nos mostra mais do que se observássemos apenas como os termos se manifestam e nunca questionássemos outros mecanismos - livre, preso, posição - que nos fazem conhecer mais e melhor uma língua.

Quanto à interrogação, ela também se manifesta através de um morfema em todas as línguas Pano conhecidas na literatura. Porém, isso não é tudo, devemos observar outras características que estão imbricadas nesses dados.

Para efeito de análise, separaremos a língua Katukina e nos concentramos em algumas outras - Sharanahua, Poyanáwa, Chanenáwa e Yawanawá -, línguas em que o morfema de interrogação é sempre nasalizado, como mostram os exemplos (7-10)⁹ abaixo:

7. Sharanahua

min pi-i-mun
você comer-cont- inter
'Você está comendo?'

⁹7. Scott e Frantz-1978.178

8. Aguiar-1985

9. Aguiar-1987

10. NTB-1977.3;

8. Poyanahua

min tae ki **man**
você pé doer inter
'Seu pé está doendo?'

9. Chanenáwa

yukan patʃi ia **men**
goiaba madura v.Aux inter
'A goiaba está madura?'

10. Yawanawá

mi nii kai **men**
você caçar fut inter
'Você vai caçar?'

Com base nos dados (7-10) acima, podemos classificar essas línguas em apenas um grupo [mVN], mas isso pode ser mudado se incluirmos dados de outras línguas Pano, por exemplo, do Katukina, em que o morfema de interrogação é oral [ra].

O morfema de interrogação nessas línguas podem ser observados de um outro ponto de vista, por exemplo, sua posição na frase.

Vejamos agora alguns dados de frases interrogativas da língua Katukina em (11)¹⁰ para levantar outra hipótese segundo a posição do termo que expressa interrogação:

11. mia-ra atsa pipa iki
você-inter mandioca comer term

"Você quer comer mandioca?"

Incluindo a língua Katukina, as línguas Pano podem ser analisadas no sentido da posição em que cada uma delas permite ocorrer o morfema de interrogação na oração. Podemos propor dois outros grupos - I e II - de línguas diferentes (E) na família Pano.

E: I S **Inter** O V
S O V **Inter**

II S (**Inter**) O V (**Inter**) => / S[SN](-**Inter**) O[SN] V[SV](-**Inter**)

As línguas do tipo I admitem a ocorrência do morfema de interrogação em apenas um lugar na oração; fazem parte deste grupo as línguas Katukina, Poyanáwa e Yawanawá. As do tipo II - Shanenáwa e Sharanahua - aceitam a ocorrência desse morfema em dois lugares na oração, ainda que jamais reduplicada.

Mostraremos em seguida essas línguas distribuídas nos dois grupos propostos para melhor visualização da análise do morfema de interrogação.

¹⁰ NTB-1977.2/19

Tipo I - Interrogação em posição única;

Katukina

Poyanáwa

Tipo II - Interrogação em duas posições;

Chanenáwa

Sharanáwa

Yawanawá

12. Tipo I **S-interr O V**

Qu-interr S O V

12'. Tipo II **S O V-interr** ou **S-interr O V**

Qu S O V-interr ou **Qu-interr S O V**

No caso das línguas que admitem duas posições para a ocorrência do morfema de interrogação, pelo menos uma questão que deve ser formulada é quanto à natureza das perguntas que permitem a ocorrência da interrogação em uma posição ou em outra. Depois dessas perguntas, vão surgindo outras e mais outras, mas elas devem ser respondidas por estudiosos que se proponham a trabalhar exclusivamente com tais questões dentro da família Pano. O que podemos fazer de concreto é trabalhar com uma dessas línguas, e é isso o que fazemos nesta tese quando trabalhamos com o Katukina, pois seguramente estaremos contribuindo para uma mudança no método utilizado para classificar as línguas.

Resumo do Capítulo

No decorrer deste estudo, tratamos da problemática da classificação das línguas - especialmente das línguas Pano -, mostrando como isso tem sido feito até nossos dias, e quanto se faz necessário rever essa tarefa. Porém, nos deparamos com problemas primários, como a falta de estudo destas línguas. Entretanto, apesar das dificuldades sabemos que é possível propor uma análise mais teórica e mais abrangente. Para isso, basta um empenho dos pesquisadores nesse sentido.

Acreditamos que para uma revisão da classificação das línguas, no caso, Pano, faz-se necessário providenciar análises mais teóricas das línguas não estudadas ou pouco conhecidas. Acreditamos que em uma classificação lingüística devem ser levados em consideração aspectos das línguas como negação, interrogação, ordem dos constituintes - Sujeito, Verbo, Objeto etc. -, elementos da gramática presente em todas as línguas. E não utilizar apenas listas de palavras - Swadesh - ignorando que empréstimos de itens lexicais são mais vulneráveis que a posição ocupada pelo termo e o seu processo de adaptação. Por exemplo, os termos usados para expressarem negação e interrogação não podem ser tomados como empréstimo de qualquer língua, sofrendo processos de adaptação para serem aceitos pelos falantes dessa língua, mesmo porque, termos gramaticais dificilmente são tomados como empréstimos.

Dentro desta perspectiva, uma classificação se torna mais relevante se nos preocuparmos com a estrutura das línguas, buscando encontrar os aspectos que lhes são particulares e os que são parte dessas línguas enquanto família. Assim, poderemos apreciar os processos de mudanças sofridas entre elas e de cada uma em particular. No tocante a processos de mudança, é impossível chegar a

conclusões claras se for considerado apenas o método comparativo que utiliza lista de palavras.

Essas observações sobre as classificações das línguas foram feitas por Brinton (1891). Elas voltam a ser mencionadas hoje por nós e por Quesada e Zegarra (1993:86). Eles criticam a metodologia anterior dizendo que "El uso exclusivo del lexico y su técnica comparativa ha constituido una tradición en este enfoque diacrónico de las lenguas amerindias. Sin embargo, el empleo solo del lexico ha determinado la implausibilidad de las propuestas y el valor relativo de las relaciones genéticas postuladas, poniendo en tela de juicio la validez científica de las clasificaciones en cuestión."

Para esses autores (Quesada e Zegarra-1993), a validade científica relativa das classificações das línguas amazônicas diz respeito a dois pontos que são caracterizados na investigação diacrônica dessas línguas:

- F:
1. Emprego inadequado ou deficiente da comparação léxica e da similaridade gramatical;
 2. Desconsideração das limitações da lingüística histórica e especialmente da técnica comparativa e de reconstrução.

Tomando a língua Katukina-Pano, nosso estudo seguinte - Parte II - tem como intenção dar informações que possam ser utilizadas por etnólogos preocupados em rever a classificação lingüística da família Pano, utilizando métodos mais teóricos, conseqüentemente, fazendo perguntas diferentes sobre a proximidade entre as línguas. Essas perguntas, basicamente, devem ser feitas ao nível fonológico, morfológico e sintático, não somente lexicográfico.

PARTE - II

ANÁLISE LINGÜÍSTICA SINCRÔNICA

CAPÍTULO-I

FONOLOGIA DA LÍNGUA KATUKINA

1.FONOLOGIA

1.0. Introdução

Nesse capítulo, propomo-nos a analisar a fonologia da língua Katukina, utilizando a linha teórica gerativista. Dentre as ramificações dessa linha teórica - fonologia gerativa -, trabalharemos com os aportes da fonologia métrica, fonologia lexical e a auto-segmental. Pretendemos com esses modelos provar algumas hipóteses que levantamos sobre a fonologia do Katukina, pois eles constituem o fundo sobre o qual serão trabalhadas basicamente a estrutura silábica (1.1.1), a acentuação (1.2.3) e a nasalidade na língua Katukina-Pano (1.3.1).

Na fonologia métrica, tomaremos a linha teórica de Hayes (1991) para tratar da estrutura silábica e do acento; na fonologia lexical, a linha de Kiparsky (1982), dando um outro enfoque à acentuação. E na harmonia nasal, a de Piggot (1992).

No decorrer de nossa análise fonológica, retomaremos partes de alguns estudos realizados anteriormente por Aguiar (1985, 1988) e Barros (1987) em que os dados do Katukina foram analisados sob uma ótica não-gerativista. Retomando esses estudos ficará claro que os modelos da fonologia gerativa são mais precisos do que os não-gerativistas na análise de determinados aspectos fonológicos da língua Katukina da família Pano, que é o alvo de nosso estudo.

1.1. Fonologia Métrica

A Fonologia Métrica se ocupa da estrutura silábica e principalmente do acento da palavra fonológica, conforme Hayes (1991). A fonologia Métrica procura formular regras visando estabelecer o acento padrão de uma dada língua, e essas

regras, por sua vez, devem ser capazes de prever a ocorrência do acento.

Quanto à estrutura silábica, ela deve ser analisada de maneira a prever o comportamento do acento. Essa análise busca reconhecer assim como prever a ocorrência dos segmentos em uma dada posição - Onset, Núcleo e Coda.

Faremos uma breve apresentação da fonologia métrica, segundo a proposta de Hayes, na qual mencionaremos especificamente o acento. Assim, para Hayes (1991) o acento é uma manifestação lingüística de estrutura rítmica, e cujas propriedades especiais no interior da fonologia podem ser explicados com base nessa estrutura (Hayes-1991.1)¹.

Inicialmente, Stetson (1928) considerou a organização prosódica da fala como sendo refletida corretamente pela ação dos músculos na parede pulmonar. Desta forma, esse autor assume que toda sílaba na expressão é acompanhada por um "chest pulse"; ou seja, uma contração do músculo intercostal que dá a uma sílaba pico sua sonoridade acrescida sob os segmentos de uma sílaba margem. Assim, Stetson assume que "syllables bearing stress carry an extra chest pulse". (Apud Hayes - 1991.4). Porém, Hayes (1991) contesta essa idéia baseando-se em trabalhos de Ladefoged (1962, 63, 67, 68), Van Katwijk (1974) e Ohala (1977) e de Peterson (1958) que, apesar de ser um dos autores que melhor assumiu a proposta de Stetson, afirma que "patients confined to iron lungs are able to produce natural and realistic stress patterns. Such patients breath entirely under external control, and are unable to produce chest pulses. Summing up, chest pulses appear to be a **sufficient** condition for detecting stress phonetically, but not a necessary one.", (Apud Hayes-1991.5).

¹ "The central claim of the theory is that stress is the linguistic manifestation of rhythmic structure, and that the special properties of stress within phonology can be explicated on this basis".

O acento é, então, a manifestação de estrutura rítmica, e essa estrutura serve como um princípio de organização da realização da articulação fonológica. Essa é uma razão para supor que acento é um ritmo, e que o acento padrão exibe forma substancialmente paralela à estrutura rítmica extra-lingüística, tais como encontramos na música, no verso e na dança. Hayes (1991) continua dizendo que se isso é válido, então não há realização física do acento, pois o ritmo é um fenômeno mental, sendo ele, o acento, fundamental para definir o item lexical - palavra - na língua. No que segue, faremos um comentário sobre a estrutura silábica e um esboço do quadro dos segmentos fonológicos consonantais e vocálicos do Katukina.

1.1.1 Estrutura Silábica

A sílaba pode ser definida teoricamente como sendo uma unidade lingüística significativa. Ela é um elemento de estrutura prosódica organizada hierarquicamente (Selkirk-1978.337), um constituinte fundamental da teoria fonológica atual.

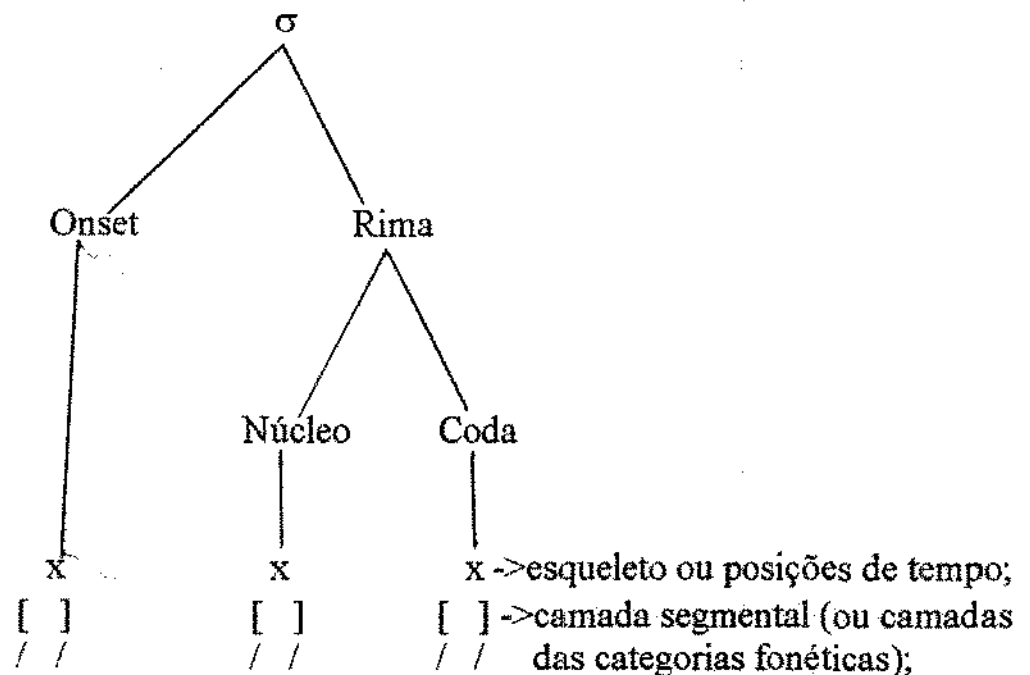
Para Cagliari (1991.126), as sílabas, enquanto processo físico, são o resultado da ação muscular de tensão dos músculos da respiração, sobretudo dos músculos intercostais e do diafragma.

Segundo a fonologia gerativa não-linear, a estrutura silábica contém duas posições básicas - Onset e Rima. E a Rima se desdobra, potencialmente, em outras duas posições - Núcleo e Coda. Cada uma dessas posições - Onset, Núcleo e Coda - é ocupada por elementos que são chamados de segmentos. Os segmentos nessas posições variam de acordo com cada língua, com exceção do núcleo que é

considerado fundamental para a existência de uma sílaba.

Mesmo trabalhos sobre modelos não-lineares, como aqueles de Kuryłowicz (1948), Pike e Pike (1948), Hockett (1955) e outros, reconheceram que a sílaba tinha uma estrutura interna hierárquica em termos de Onset e Rima, esta última sub-dividida em Núcleo e Coda. Esses elementos se distribuem como mostramos em (A) abaixo.

A:



O esqueleto de estrutura (A) é assumido pela teoria fonológica universal e os nomes dados aos nódulos - Onset, Rima, Núcleo e Coda - são acrescentados ao grupo de categorias fonéticas (Halle e Vergnaud, 1979 e Selkirk, 1980). Vale mencionar que há divergências quanto à existência da Coda, mas nós não entraremos nessa questão para uma discussão sobre a matéria, ver Kaye (1990a, e 1990b).

As regras de silabificação de uma língua consistem em um núcleo universal -

CV - e especificação das línguas particulares com respeito a certos parâmetros gerais, bem como algumas restrições idiossincráticas na estrutura silábica.

Portanto, a sílaba tem uma estrutura universal que pode variar de língua para língua quanto às posições - Onset e Coda - a serem ocupadas pelos segmentos.

Tomando o esqueleto dessa estrutura (A), podemos, inicialmente, apresentar os segmentos encontrados na língua Katukina, nos quadros (1a-b) que seguem.

(1)a. Segmentos Consonantais

Oclusivas	p t k
Africadas	ts tʃ
Fricativas	β s ʃ ʂ h
Tepe	r
Nasais	m n
Aproximantes	w y

b. Segmentos Vocálicos

i i̯ u
a

Reconhecidos os segmentos possíveis da língua Katukina, nos quadros (1a-b) acima, podemos agora verificar quais dentre eles podem ocorrer na posição de Onset (1.1.1.1), na de Núcleo (1.1.1.2) e na de Coda (1.1.1.3).

1.1.1.1 Onset

Todos os segmentos consonantais expostos em (1a-b) acima podem ocupar a posição de Onset da língua. Essa posição no Katukina apresenta-se sempre como simples - preenchida por apenas um segmento. Como veremos mais adiante, nenhuma das posições da estrutura silábica é complexa - preenchida por mais de um segmento.

Vejam alguns dados que confirmam que na língua Katukina encontramos na posição de Onset apenas um segmento consonantal (2b-e), como vemos a seguir.

(2)*a. CCV(C) . CVCC

b. CV . CVC /ʃu.muʃ/ 'agulha'

c. CVC . CV /piʃ.tʃa/ 'pequeno'

d. V . CV /a.ka/ 'socó'

e. VC . CV /is.ʃa/ 'avó'

f. *CC

A "Onset condition" (Junko L. - 1986) seria formalizada da forma que sugerimos em (2f) - *CC. O mesmo pode ser representado em termos de ramificações, como vemos abaixo:



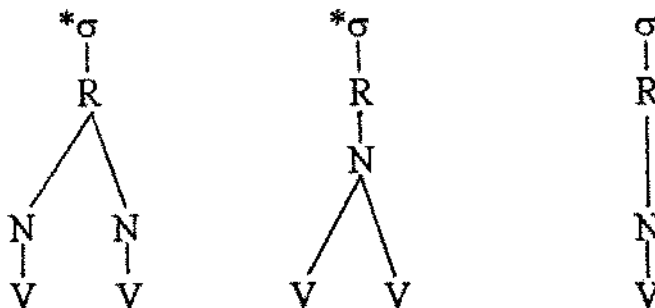
1.1.1.2 Núcleo

Normalmente, a posição de núcleo nas línguas em geral é ocupada pelos segmentos vocálicos. Na língua Katukina, a posição de Núcleo é ocupada por qualquer um desses segmentos - a, i, e u - como vemos em (3a-e) abaixo.

- (3)a. CV . CV /ma.pu/ 'cabeça'
b. CV . V /ru.i/ 'machado'
c. V . V /i.a/ 'eu'
d. V . CV /a.na/ 'boca'
e. CVC . CV /mis.ki/ 'pedra'

Os dados (3a-e) acima podem nos assegurar que nessa língua não há ocorrência de núcleos com vogais longas e nem de núcleos complexos,, como já afirmamos anteriormente. Quando nos deparamos com dados que manifestam duas vogais seguidas (3c), estamos postulando que se trata na verdade de duas sílabas - dois núcleos independentes.

Em termos de representação gráfica podemos mostrar o que é e o que não é permitido no Núcleo da seguinte forma:



O argumento para tal afirmação se baseia na estrutura geral dos itens lexicais - palavras fonológicas - da língua, formados por duas sílabas quando estão na sua forma primária - sem afixos (ver Cap.2). Isso poderá ser confirmado quando estivermos tratando da Coda na estrutura da sílaba - e suas fronteiras - e da acentuação, ainda nesse capítulo.

Assumindo a hipótese de que na língua Katukina os itens lexicais mínimos são dissilábicos, devemos aceitar também que, quando temos apenas duas vogais seguidas, elas devem ser interpretadas como pertencentes a duas sílabas distintas, sendo conseqüentemente, um item lexical único. Uma determinação universal diz que uma sílaba é originalmente estruturada por CV, e que os outros tipos de estruturas - CCV, CVC, V, VC etc. - são sílabas que sofreram deformações - sílabas degeneradas. Dentro dessa perspectiva, passa a ser natural a existência de sílaba formada por apenas uma vogal.

Vale ressaltar que essa determinação universal não implica que todas as línguas tenham sílabas que sofreram tais degenerações. Pode haver línguas em que as sílabas são VC, V, CVC etc., sem terem passado por nenhum processo de mudança que possa ser comprovado historicamente. Porém, há línguas em que esse processo é evidente (ver 1.1.2).

Portanto, podemos admitir que no Katukina há sílabas que sofreram a perda de um segmento consonantal - Onset - ficando apenas seu Núcleo. Um argumento que temos a favor dessa hipótese são os dados lingüísticos de outras línguas Pano que evidenciam que algumas ainda conservam certas sílabas como CV em contexto nos quais o Katukina se encontra: V, CVC e VC².

O núcleo no Katukina é sempre simples, tendo apenas um segmento

² No caso de sílabas VC, há dois processos de degeneração: CV . CV > ØV.CØ, mas não aprofundaremos nessa questão aqui.

vocálico. Como ilustração apresentamos alguns exemplos mostrando o núcleo das sílabas tônicas e átonas:

- (4)a. [βu'uʔ] /βu.u/ 'cabelo'
b. [ta'iʔ] /ta.i/ 'pé'
c. [ni'iʔ] /ni.i/ 'selva'
d. [ma'iʔ] /ma.i/ 'terra'

1.1.1.3 Coda

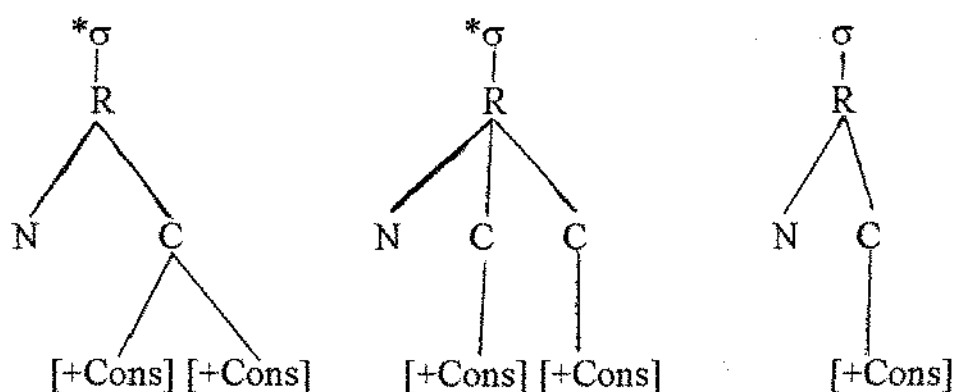
A posição de Coda no Katukina pode ser ocupada por um dos cinco segmentos consonantais - s, r, ʃ, ʒ e y. Em termos de traços distintivos, esses segmentos seriam [+consonantais] e [+coronais]. Além desses, proporemos que sejam segmentos em posição de Coda **n** e **w**, que serão tratados mais adiante. Por enquanto, os primeiros cinco segmentos que ocorrem em Coda são exemplificados em (5a-e) abaixo:

- (5)a. CVC . CV /mis.ki/ 'pedra'
b. CVC . CV /piʃ.tʃa/ 'pequeno'
c. CVC . CV /may.ti/ 'chapéu'
d. CV . CVC /kan.tʃir/ 'gato do mato'
e. V . CVC /a.naʒ/ 'embira'
f. *VCC

A Coda no Katukina - da mesma forma que o Núcleo e o Onset - é sempre

simples, quer dizer, só ocorrerá um único segmento nessas posições. Sabemos também que a Coda, em algumas línguas, pode ter sido um Onset de uma sílaba degenerada. No caso da língua Katukina, estamos postulando que certas sílabas, por algum motivo, perderam seu Núcleo e foi preciso recorrer a outra sílaba para legitimar sua presença. Outras perderam o Onset restando apenas seu Núcleo.

Pensando em termos de Condição de Coda no Katukina temos



aceitando apenas os segmentos - s, r, ʃ, ʒ, e y - coda simples na sílaba do Katukina, da mesma forma que para Onset e Núcleo.

Uma pergunta que poderíamos fazer é: será que a ocorrência desses segmentos fonológicos variam dependendo do contexto? A princípio diríamos que não, mas, na verdade, ainda não podemos responder essa pergunta aqui pelo fato de que nos estenderíamos por demais nossa análise e não é nosso interesse.

Quanto à ocorrência de coda na sílaba, parece-nos muito importante e oportuno tecermos algumas considerações a esse respeito, buscando exemplos que possam confirmar nossa hipótese sobre o processo de degeneração das sílabas no Katukina.

1.1.2 Sílabas Degeneradas no Katukina

O que estamos considerando como sílabas degeneradas são aquelas formadas por V, VC e outras combinações que possam ter se transformado no decorrer do tempo, deixando de ser a sílaba base CV.

A língua Katukina apresenta quatro tipos de sílabas - CV, CVC, V e VC. Portanto, podemos partir do pressuposto de que três delas podem ter sofrido mudanças. Se isso for verdade, devemos poder mostrar através de dados que essas sílabas - CVC e VC - por algum motivo perderam seu núcleo e precisaram recorrer a outra sílaba que tenha núcleo - CV ou apenas V, em que o segmento consonantal possa estar ligado diretamente à sílaba na posição de Onset ou de Coda. Quanto à sílaba que é formada apenas pelo núcleo - V - ela perdeu o Onset, mas isso não a impede de se manifestar independentemente do preenchimento das outras posições da sílaba.

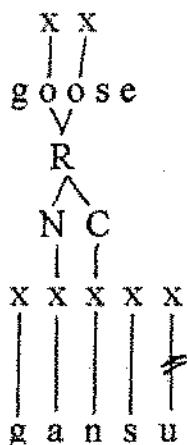
Tomando alguns dados de outras línguas Pano, vimos que nossa hipótese sobre as sílabas do Katukina se sustenta. Isso nos faz crer que essa língua sofreu mudanças no seu padrão silábico, deixando de ser unicamente CV e passando a ser CV, CVC, V e CV.

A fonologia gerativa nos permite evidenciar esse processo de mudança através da perda ou ganho do tempo fonológico que na teoria é representado por um x.

Para ilustrar o processo de mudança utilizando o tempo fonológico, tomaremos o exemplo (6)³ 'ganso', em inglês, holandês e português.

³ Exemplo utilizado no curso de Fonologia Gerativa pelo prof. Leo Wetzels (1993) na ABRALIN/USP.

- (6) 'ganso' [goose] inglês
 [gans] holandês
 [ganso] português



inglês --> holandês

[v:] --> [n] + perda de um tempo fonológico - x;

inglês --> português

[v:] --> [n]

português --> holandês = ganho de um tempo fonológico;

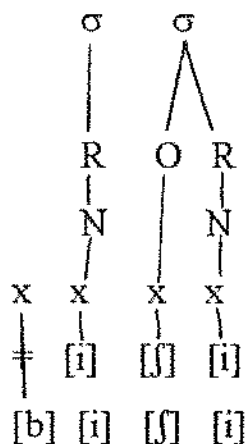
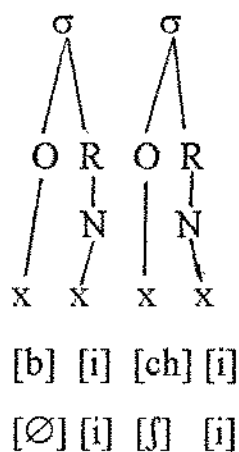
Para verificar a degeneração silábica do katukina, apresentaremos alguns itens lexicais (7a-g) de línguas da família Pano que, seguramente nos ajudarão a argumentar em favor da nossa hipótese sobre esse processo de mudança do padrão silábico.

Os itens lexicais que tomamos para exemplificar o processo de mudança da sílaba são os que seguem:

(7)a. 'estrela'	[bichi]	Kaxinawá
	[Øiʃi]	Katukina
b. 'branco'	[huchu-pa]	Kaxinawá
	[hoxu]	Amahuaca
	[Øufu]	Katukina
c. 'queixo'	[covii]	Amahuaca
	[kiwi]	Chacobo
	[kuØi]	Katukina
d. 'língua'	[hana]	Chacobo
	[jana]	Amahuaca
	[Øana]	Katukina
e. 'braço'	[ponyan]	Amahuaca
	[poyami]	Chacobo
	[puyanØ]	Katukina
f. 'tatu'	[yawichi]	Yawanawá
	[yawifØ]	Katukina
g. 'mato'	[nihi]	Chacobo
	[nii]	Katukina

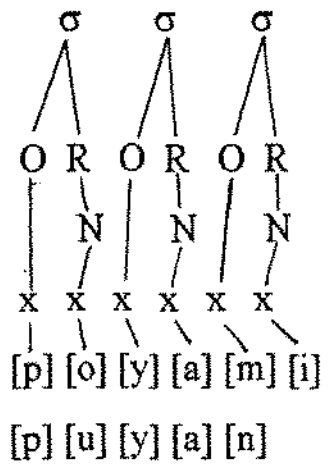
Da mesma forma que no dado (6) foram analisados os processos de mudança de uma língua à outra, vejamos como poderemos representar alguns dos dados (7) acima, utilizando a noção de perda de tempo fonológico. Seguem as demonstrações (8)⁴:

(8)a. 'estrela' (7a)

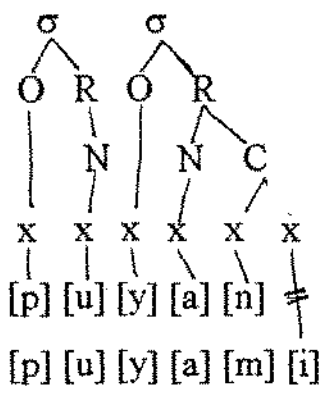


⁴ Os dados das línguas Pano, exceto o Katukina, foram transcritos tal qual se encontram no original dos trabalhos consultados. Isso justifica o uso de uma grafia diferente daquela que usamos para o Katukina, por exemplo: c ao invés de k, ch e não ʃ etc..

(8)b. 'braço' (7e)



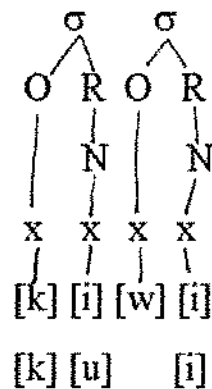
Chacobo
Katukina



(8)c. 'queixo' (7c)



Amahuaca
Chacobo



Chacobo

Katukina

Observando as sílabas de (8) acima, vemos que os itens lexicais do Katukina apresentam uma perda de tempo fonológico em todos os casos apresentados em (7a-g) em relação às outras línguas Pano. No primeiro caso (8a), essa perda se dá na sílaba inicial - xx xx -> x x x - passando de quatro para três tempos fonológicos. No segundo (8b), temos a perda desse tempo na sílaba final - xx xx xx -> xx xxx, isto é, perda de Onset (8a) e perda de Núcleo (8b).

No terceiro e último esquema (8c), a perda é de dois tempos fonológicos - xx xxx -> xx xx -> xx x - do Amahuaca, passando pelo Chacobo, até chegar no estágio do Katukina.

Vale ressaltar que estamos nos ocupando em provar que houve um processo histórico de mudança no padrão da sílaba, que resultou na perda de tempo fonológico. Isso quer dizer que não nos propomos a discutir as mudanças fonéticas que com certeza aconteceram. Estamos querendo inicialmente provar que as sílabas que hoje são V, VC e CVC, são resultado da queda de um dos segmentos - consonantal ou vocálico.

Segundo nos mostram os dados (7a-g) acima, quando o Onset perde seu núcleo, há uma ressilabificação, e o que era Onset passa a ser Coda do núcleo da sílaba à sua esquerda. Essas questões sobre a estrutura silábica do Katukina nos

levam a considerar trabalhos feitos anteriormente, em particular aqueles cujas conclusões diferem das nossas.

Em trabalhos como o de Barros (1987), os segmentos *w* e *y* foram considerados como semivogais, ocupando as posições inicial e final de sílaba. A autora acredita que por eles ocuparem essa posição, poderiam ser analisados como formadores de ditongos crescentes e decrescentes. Assim, estamos entendendo que Barros está atribuindo antes o estatuto de vogal do que de consoante a esses segmentos.

Vejam os dados utilizados por Barros (a.1-6, b7-11 e c-12-13) para provar que *y* e *w* são semivogais:

a) Ditongo Crescente:

-> Oral

1. [ya'a?] /yaa/ 'panela'
2. [wa'a?] /waa/ 'roçado'
3. [yosa'bu?] /yusavu/ 'velha'

-> Nasal

4. [yan'da?] /yãta/ 'ontem'
5. [win'de?] /wĩti/ 'coração'
6. [yon'ga?] /yũka/ 'goiaba'

b) Ditongo Decrescente

-> Oral

7. [may'te?] /mayti/ 'chapéu'
8. [aw'a?] /awa/ 'anta'

9. [iwiʔ] /iwi/ 'sim'

-> Nasal

10. [tsoy'tsay] /tsutsay/ 'reto'

11. [man'dzoy] /mãtsuy/ 'chifre'

Ainda, segundo Barros (1987:39), "os semi-vocálicos podem ocupar as duas posições numa mesma sílaba, formando os tritongos". Os exemplos (c) que seguem foram tomados da autora.

c) Tritongo

12. [way'çuʔ] /wayçu/ 'bom dia'

13. [yaw'iš] /yawiš/ 'tatu'

Contrariamente à análise de Barros, Aguiar (1985, 1988) propõe que os segmentos *w* e *y* sejam tomados como semiconsoantes ou que lhes seja atribuído estatuto de consoante, pois o estatuto de semivogal é atribuído aos fonemas que são quase vocálicos. Então, num raciocínio análogo, o estatuto de semiconsoante poderá ser atribuído a um fonema - segmento - que tem estatuto de consoante. Seguindo esse raciocínio, a análise tornar-se-á mais simples por não entrar no mérito do ditongo ou do tritongo. Portanto, os dados (a.1-c13) são interpretados como CV (os ditongos orais crescentes de Barros) e CVC (os ditongos nasais crescentes e decrescentes e os tritongos de Barros). Os dados (b8-9) são interpretados como VC.

Segundo assumem os foneticistas e fonólogos, a forma básica da sílaba nas línguas em geral é CV. Para eles, uma sílaba CV pode sofrer alterações, passando

a ter a forma de apenas um V, mas nunca de apenas C; por isso, quando se perde V, C vai para uma outra sílaba. Dependendo da língua, C vai para a sílaba anterior, resultando em um CVC; ou vai para a sílaba seguinte, resultando um CCV.

No caso do Katukina, estamos postulando que houve uma queda de consoante - CV -> V -, depois uma transformação da vogal - /i/ e /u/ em semivogal - /i/ -> /y/ e /u/ -> /w/ - e finalmente, elas adquiriram estatuto de semiconsoante - CVC. Essa hipótese é bastante audaciosa mas, por enquanto, o que é tentador é assumir que não há ditongo nem tritongo, como já foi dito em Aguiar (1985 e 1988). Estamos propondo que esses fonemas - segmentos - sejam semiconsoantes tendo estatuto de consoantes.

Admitindo que nossa hipótese esteja correta, apresentamos os dados (d1-11) e (e1-7) aos quais atribuímos tratamento semelhante. Note-se que os dados (d7-11) e (e5-7) seriam os mesmos que Barros (1987) interpreta como contendo ditongo e tritongo:

d)1. /ma.i/	CV V	'terra'
2. /ni.i/	CV V	'mato'
3. /tʃas.kun/	CVC CVC	'saracura'
4. /mun.tʃiʃ/	CVC CVC	'unha'
5. /a.na/	V CV	'boca'
6. /u.fu/	V CV	'lua'
7. /ya.a/	CV V	'panela'
8. /wa.a/	CV V	'roçado'

9. /may.ti/	CVC CV	'chapéu'
10. /a.wa/	V CV	'anta'
11. /i.wi/	V CV	'sim'
e)1. /is.fa/		
2. /mes.ku/	CVC CV	'traíra'
3. /mis.ki/	CVC CV	'pedra'
4. /pa.βiʃ/	CV CVC	'cera do ouvido'
5. /way.tʃu/	CVC CV	'bom dia'
6. /ya.wiʃ/	CV CVC	'tatu'
7. /piʃ.kin/	CVC CVC	'sovaco'

Como podemos notar, a partir da nossa análise não é possível falar em semivogais ou semiconsoantes sem entrar no mérito da estrutura silábica, pois para definir o estatuto dos fonemas, deve-se decidir também a sua posição na sílaba. No entanto, discutiremos essa questão de forma pouco detalhada, somente para efeito de apoio à nossa posição quanto ao estatuto dos segmentos - w e y - o que ajudará a confirmar hipóteses relevantes para nosso estudo.

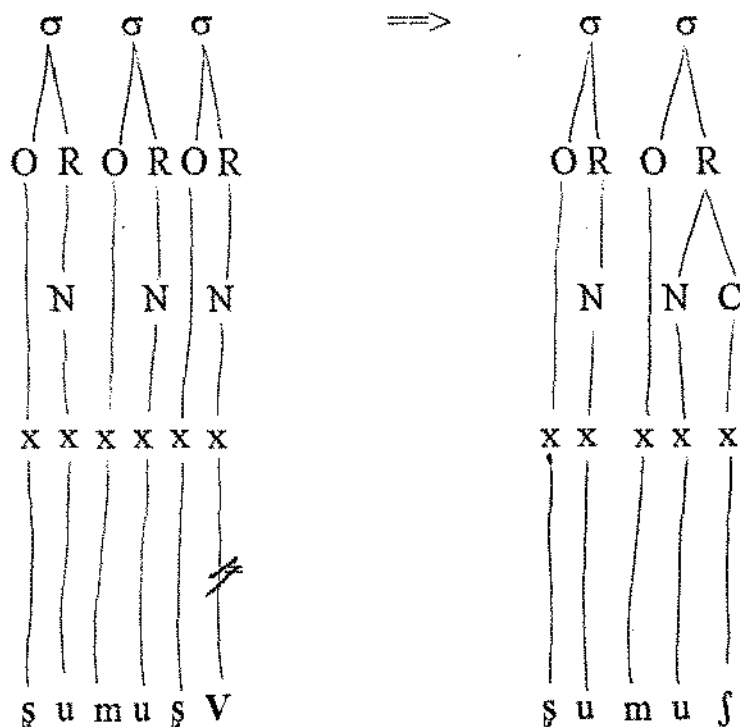
A partir de nossa discussão, podemos concluir que o padrão silábico da língua Katukina é CV, V, VC e CVC, ou seja (C)V(C). Esses quatro tipos podemos verificar em (fl-7) abaixo:

f) 1. /ta.ma/	CV.CV	'amendoim'
2. /va.ri/	CV.CV	'sol'
3. /u.ni/	V.CV	'homem'
4. /ni.i/	CV.V	'mato'

5. /hi.wer/ CV.CVC 'rir'
 6. /mas.ka/ CVC CV 'nunca'
 7. /us.ku/ VC CV 'rolinha'

Retomando o que discutimos, podemos levantar a hipótese de que, nessa língua, historicamente, houve uma sílaba seguindo aquela que hoje finaliza o item lexical - e que também é a que leva acento. Isso nos leva a questionar os itens lexicais quanto ao seu número de sílabas. Podemos deduzir que tínhamos itens - palavras fonológicas⁵ - com três sílabas (B1-2), que se reduziram a apenas duas sílabas no nível sincrônico.

B:1. 'agulha'



⁵ Por palavra fonológica estamos entendendo um conjunto mínimo de segmentos fonológicos munido de um acento proeminente dando-lhe independência de qualquer outro conjunto de segmentos.

B:2. 'embira'



1.1.3 Outros Segmentos em Coda

Segundo o que foi colocado acima quanto ao tipo de sílaba provável no Katukina, estamos postulando que historicamente haveriam alguns itens lexicais com duas sílabas e outros com três. Em termos de estrutura silábica, estamos postulando que a sílaba padrão, ou básica, era CV. Depois parte dessas sílabas sofreu um processo de mudança, de degeneração; algumas se resumiram ao núcleo; em outras, onset passou a ser coda da sílaba. anterior.

Dentre os segmentos que assumimos como coda, podemos questionar a legitimidade do n. Foneticamente, n se fundiona com a vogal quando está na posição de Coda, dando-lhe uma aparência de vogal nasal (9a-c); mas quando ele está na posição de Onset fazendo fronteira com uma vogal, isso não acontece (9d-f):

- (9)a. /nuñ'ti/ 'canao'
- b. /a'min/ 'capivara'
- c. /kaman/ 'cachorro'
- d. /a'na/ 'boca'

- e. /ma'ni/ 'banana'
 f. /ha'no/ 'ali'

Esses fatos nos levam a postular que **n** em posição de Coda se fundiona foneticamente com a vogal precedente, e então essa vogal se apresentará nasalizada. Já em posição de Onset esse segmento, **n**, tem manifestação fonética per se.

Um outro segmento que apresenta certas particularidades é o **w**: ele foi localizado somente na Coda de sílaba não final do item lexical - [taw'ru] 'fresta'. Mas, teoricamente, ele poderia se manifestar em sílabas finais, já que ele se assemelha aos outros segmentos por ter a possibilidade de ocorrer tanto em Onset quanto em Coda - **n**, **s**, **ʃ**, **ʒ**, **r**, **y** ocorrem em qualquer sílaba tanto na posição de Coda quanto na de Onset, sem nenhuma restrição.

Assumindo que esse segmento poderia em princípio ocorrer também em Coda de sílaba final, podemos afirmar que a língua Katukina admite sete segmentos nessa posição, ou seja, os segmentos: **s**, **r**, **ʃ**, **ʒ**, **y**, **n** e **w**.

1.2 Acentuação

1.2.1 Acentuação segundo a Fonologia Métrica

A teoria do acento admite que haja diferença fonética entre o acento e os traços ordinários que podem ser explicados se se abandonar a idéia de que o acento é um traço⁶. Essa teoria apresenta-o como uma estrutura rítmica organizada

⁶ Vale lembrar que em SPE (Chomsky, Halle - 1968) o acento era considerado como traço

hierarquicamente. Uma representação comum para essa estrutura é a grade métrica (C1-2) como vemos abaixo:

C:1	(x)
	((x)	(x)
	((x)	(x)	(x)
	(xx	(x x	xx)
	ia	nafi	kai
	eu	tomar	banho fut.

'eu vou tomar banho'

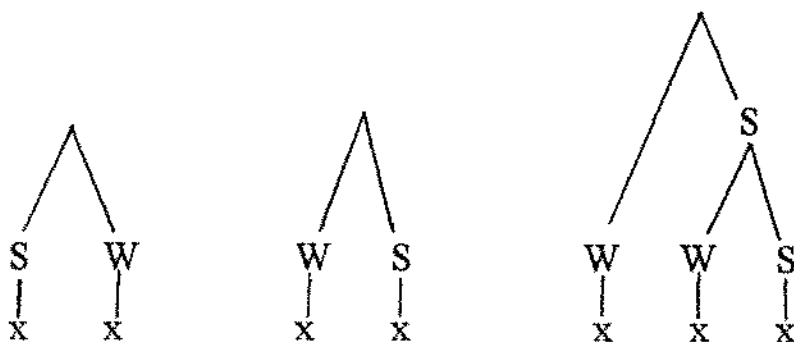
			x
x	x	x	

C:2. Maria vai embora

A grade métrica é uma seqüência de colunas que busca mostrar uma estrutura relacional. A relação de proeminência é freqüentemente explicitada por árvores com ramificações binárias (D), rotuladas S(trong) - forte - e W(eak) - fraco.

prosódico, fazendo parte de uma vogal. Com o desenvolvimento das teorias não-lineares essa visão desaparece, e o acento passa a ser representado dentro da estrutura da sílaba.

D:



O acento envolve estrutura, e essa estrutura nos mostra que o acento será proeminente em certos domínios definidos por regras específicas a cada língua. Ele tem características fonéticas distintas; uma delas é a sua proeminência, pois cada palavra ou sintagma tem uma sílaba mais forte que as demais - ponto proeminente. O domínio de proeminência pode diferir de língua para língua. Por exemplo, em inglês, o acento é proeminente no nível de palavra, bem como no de sintagma fonológico. Em francês, o acento é proeminente no nível do sintagma mas não necessariamente no da palavra na superfície (Dell-1984, apud Hayes-1991:20).

Quanto ao Katukina, estamos levantando a hipótese de que essa língua apresenta seu ponto proeminente de maneira semelhante à do inglês, isto é, na palavra e no sintagma.

A acentuação no Katukina é de distribuição rítmica, ocorrendo rigorosamente na última sílaba do item lexical, como vemos nos exemplos (10a-d) abaixo.

- (10) a. [tsa'tsaʔ] /tsatsa/ 'peixe'
 b. [βa'riʔ] /βari/ 'sol', 'dia'
 c. [ya'wiʂ] /yawiwʂ/
 d. [ʔaʔ] /ia/ 'eu'

Acreditamos que o acento mais forte do sintagma esteja também no último item lexical, da mesma forma que na palavra e na oração. Essa hipótese não foi confirmada em laboratório, mas ela parece se sustentar. Desta forma propomos a seguinte grade métrica (11a-b).

				X
	X		X	
	XX	X	X	
(11)a.	tai	tʃuʃtʃa		'pé sujo'

				X
		X		X
	X	X		X
	X	X	X	X
b.	uni	tai	tʃuʃtʃa	'homem do pé sujo'

Segundo uma antiga noção de regra tipológica, no domínio fonológico, o acento pode ser livre ou fixo nas línguas. Pelo que vimos no Katukina, o acento é fixo. Isso pode ser confirmado mais adiante (12a-g).

Independentemente da divisão entre línguas que tenham regra de acento livre ou fixo, o sistema de acentuação é classificado por Hayes (1991:25) em variedade rítmica e morfológica. No sistema rítmico de acento, ele é baseado em fatores puramente fonológicos, tais como sílaba pesada ou limitações na distância entre acento e fronteira de palavras. No sistema morfológico, o acento serve para esclarecer a estrutura morfológica da palavra.

Na língua Katukina, os afixos nunca levam acento principal quando estão prefixados aos itens lexicais - palavra -, mas eles recebem esse acento quando estão sufixados. Eles podem ser parte integrante desse item ou um classificador. Essa questão voltará a ser tratada quando discutirmos a formação de palavra no Katukina (Cap.II). No momento, podemos apreciar os dados (12a-g) abaixo que mostram que o acento é uma característica muito definida na língua. Ele é um dos elementos, senão o único, definidor de itens - palavras - e de fronteira entre itens.

x

x x

(12)a. tʃuʃtʃa 'sujo'

x

x x

x x x

b. tʃuʃtʃa-ma 'limpo'

x

xx

c. uti 'muito'

X
 X X
 XX X
 d. uti-ma 'pouco'

X
 X X
 XX X
 e. uti-pa 'muito' (+ classificador)

X
 X X
 f. ayβu 'mulher'

X
 X X
 X X X
 g. ayβu-βu 'mulheres'

Uma primeira observação do comportamento do acento dos itens lexicais acompanhados de afixos - prefixados ou sufixados -, leva-nos a pensar que esses elemento atraem o acento. Porém, se considerarmos dados como (13a-c), veremos que os afixos não atraem acento. A interpretação que podemos dar a esse fato é assumir que na língua Katukina a sílaba proeminente tem seu lugar definido, e portanto, se um afixo estiver prefixado, ele não receberá o acento mais forte. Se assumirmos que a acentuação principal - mais forte - só ocorrerá na última sílaba,

podemos dizer que os afixos quando estão sufixados receberão esse acento principal por estarem ocupando o lugar em que o acento deve ocorrer. E isso se dá independentemente do afixo, pois o acento é um processo anterior a qualquer articulação morfológica de formação de palavra. Por isso, quando o afixo é prefixado, ele não recebe o acento mais forte do item lexical, como vemos abaixo.

X
 X X
 X X X

(13)a. tʃan-piʃtʃa 'bem pequeno' (clas + pequeno);

X
 X X
 X X X

b. wi-mani 'banana nanica' (esp + banana);

X
 X X
 X X X

c. an-yumi 'meu filho' (meu + filho);

Assumindo que os afixos não alteram a posição do acento principal nem são afetados por ele, o acento nessa língua é rítmico. E como ele é hierárquico, no sentido de que na maioria das línguas o acento tem um número indeterminado de graus de acento, podemos dizer que, na língua Katukina, o acento de grau mais

elevado ocorre obrigatoriamente na última sílaba, e o grau mais baixo na penúltima quando se trata de um item sem afixos. Quando esse item está acompanhado de sufixo, o acento mais forte será na última sílaba, que casualmente é o sufixo. O acento forte se comportará da mesma forma. Quando o item lexical tiver um prefixo, ele ocorrerá na última sílaba. Nesse caso, o acento que incidirá sobre o prefixo será forte, mas, em termos de árvore de ramificações binárias, ele será dominado pelo nóculo fraco como mostraremos mais adiante em (F1).

Para sabermos que sílabas que poderão ser fortes no Katukina e em que posição estão, uma com relação às outras, qual delas domina e qual é dominada, em termos de parênteses, podemos partir de um exemplo como (14) abaixo:

14. /a.ni.pa.kuin/ 'muito grande'

Devemos considerar inicialmente que esse dado é formado por dois itens lexicais - **ani-pa** e **kuin** -, sendo o primeiro seguido de sufixo. Considerando esse fato, podemos propor que esse termo seja analisado enquanto sintagma adjetival - SAdj - como mostra o esquema (E) seguinte; esse mesmo esquema pode ser apresentado como em (F) que substitui W e S - Fraco e Forte - pela sílaba equivalente em cada um dos parênteses, explicitando a relação de domínios com os elementos da própria sílaba:

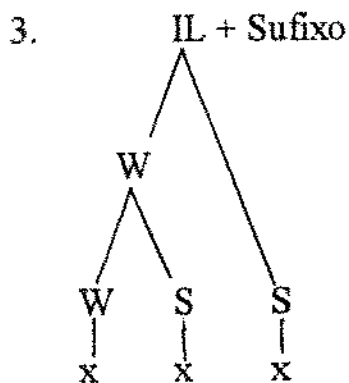
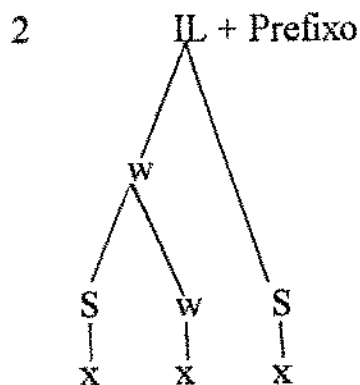
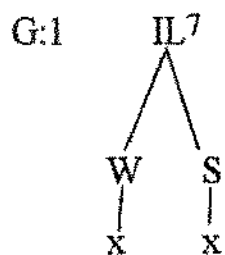
E: SAdj [[[[W]S]S][[W]S]]

(x)
 (x) (x)
 ((x)(x) (x)
 (.(.) (.) (.)

F: [[[[a]ni]pa][[ku]in]]

Podemos afirmar que no Katukina temos um item lexical - doravante IL -

sempre com uma sílaba fraca e outra forte (G1); quando acompanhado de prefixo temos uma seqüência de sílaba forte, fraca e forte (G2) e, quando acompanhado de sufixo a seqüência de uma sílaba fraca, forte e forte (G3). Segundo o esqueleto proposto pela árvore com ramificações binárias temos o que segue:



Os esqueletos silábicos acima mostram as estruturas possíveis do Katukina,

⁷ IL (Item Lexical);

(G1) representando os itens que estão sem afixo, (G2) os que têm prefixo, e em (G3), aqueles itens que têm sufixo.

Ainda sobre a acentuação na língua Katukina, estamos levantando a hipótese de que essa língua não foi sempre oxítona. Há indícios de que ela tenha sido também paroxítona. Um deles é a exigência de presença de Coda, pois essa língua não aceita sílabas abertas, ela deve ser fechada - CVC. Mesmo reconhecendo que a glotal não seja um segmento tão forte quanto os demais, essa hipótese continua sendo provável. O que muda é que, ao invés de assumir que o Katukina tenha sido paroxítono, devemos dizer que esta língua tinha itens tanto oxítonos quanto paroxítonos. Os itens oxítonos eram todos aqueles em que a sílaba final termina sem Coda - CV -, e os paroxítonos eram os demais, em que a sílaba final hoje em dia termina em Coda - CVC.

Vale dizer que estamos postulando que o processo de queda de vogal seja posterior ao da regra do acento, pois é sabido que dentre as sílabas de um qualquer termo lingüístico - palavras -, a mais preservada é aquela que contém o acento proeminente. Assim, é mais provável que o processo de queda se dê em um movimento posterior ao da aplicação da regra de acento.

Considerando a hipótese de que a língua Katukina tenha itens sempre oxítonos e paroxítonos, podemos supor que o processo sofrido pelo acento reduziu as possibilidades de sua ocorrência: da última e penúltima sílaba para apenas na última sílaba, o que mostramos no esquema (H) abaixo:

H: $\sigma \ ' \sigma \ \sigma \quad ==> \quad \sigma \ ' \sigma$

O que podemos ver nessa estrutura (H) é o processo de mudança no padrão

silábico do Katukina, pelo qual podemos explicar, teoricamente, a posição do acento na sílaba final, que se deve à presença de Coda nas sílabas finais - CVC. Estamos considerando que nessa língua não há uma relação direta entre regra de acento e o peso da sílaba, pelo menos sincronicamente (no nível diacrônico é mais difícil formularmos uma hipótese).

Para analisarmos os segmentos de Coda, achamos por bem dizer aqui que a glotal [ʔ] ocorre na língua no nível fonético. Se esta glotal - ʔ - fosse um segmento no nível fonológico, ela estaria em distribuição complementar com o w quanto à sua ocorrência na posição de Coda, ʔ só ocorrendo na coda da sílaba tônica - final - e w só ocorrendo efetivamente na sílaba átona - inicial. Todavia, a glotal não tem o comportamento semelhante ao r, ʃ, ʒ, y, e n. Teoricamente, esses segmentos, incluindo w, podem aparecer tanto em Onset quanto em Coda de qualquer sílaba, mas a glotal - ʔ - só ocorre na sílaba proeminente do IL finalizada em vogal - aberta.

Há outras possibilidades de interpretação da glotal, mas, por ora, pensamos na possibilidade de ela não ser um segmento fonológico, somente fonético.

No que diz respeito ao IL, estamos seguros de que no Katukina as sílabas proeminentes são sempre finais. Essas sílabas podem ser abertas - V e CV - e fechadas - CVC e VC.

1.2.2 Acentuação segundo a Fonologia Lexical

A fonologia Lexical, como já dissemos, é uma ramificação da fonologia gerativa. Esse modelo foi desenvolvido por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1986). Tais estudos representam a convergência de vários trabalhos independentes como os de Halle (1974), Siegel (1974,1977), Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e outros.

Sabemos que a fala é composta pela conexão de segmentos consonantais e vocálicos. No modelo-padrão da Gramática Gerativa, não há lugar específico para a formação de itens lexicais - palavras. Eles são tomados apenas como uma listagem de formativos lexicais. As operações fonológicas são aplicadas no domínio pós-sintático.

Dentre os vários problemas que a fonologia gerativa vai encontrar está um relacionado à informação morfológica na descrição de regra fonológica. Em "Sound Pattern of English" por exemplo, muitas regras de acento dependem da informação morfológica. A aplicação cíclica dessas regras de acento é influenciada pela estrutura do morfema.

Em línguas como o português as regras cíclicas do acento são dependentes das sufixações derivacionais, mas não das prefixações derivacionais como mostram os exemplos (15a-b)⁸ abaixo:

- (15)a. Prefixação: in + feliz --> infeliz
 hiper + mercádo --> hipermercádo
 ex # reitór --> exreitór

⁸ Dados retirados de Lee (1994).

- b. Sufixação: morál + idade --> moralidáde
 gát(o) # inho --> gatínho

Em Katukina o acento define o término de um IL, o que significa que ele pode ser interpretado como um marcador de fronteira entre os ILs como veremos mais adiante.

Vejamos nos dados (16a-b) que nessa língua o acento⁹ nos permite localizar os ILs - palavras - e suas fronteiras, pois sabemos que ele ocorre sistematicamente na última sílaba do IL:

- (16)a. Prefixação: 1. [tʃan + piʃtʃa] --> tʃanpiʃtʃa
 2. [an + yumi] --> anyumi
 3. [wi + mani] --> wi-mani
 4. [ta + kara] --> takara
- b. Sufixação: 1. [rua + pa] --> ruapa
 2. [ai + ma] --> aima
 3. [huni + βu] --> huniβu
 4. [sinu + ti] --> sinuti

O que nos mostram os dados (16a-b) acima, é que a regra de domínio no Katukina é cíclica quando há processo de sufixação no IL e que essa regra é não-cíclica quando há processo de prefixação. Essa constatação a respeito do acento nos leva a propor que as fronteiras dos ILs são visíveis graças a ele, pois aplicando a regra de domínio do acento obteremos o número e a posição dos ILs de qualquer

⁹ Representaremos o acento colocando negrito na vogal que o recebe por questão de praticidade.

oração na língua. Isso pode ser confirmado nos negritos dos exemplos (17a-e') que seguem:

(17)a. [ayβumanipiai] /ayβu mani pi-ai/
mulher banana comer-pres

a'./[ayβu] # [mani] # [piai]/ 'A mulher come banana.'

b. [mainaβikai] /mai naβi kai/
Mai tomar banho fut

b'./[mai] # [naβi] # [kai]/ 'O Mai vai tomar banho.'

c. [an + yumi + βu] /anyumiβu/ 'Meus filhos.
meu filho pl

d. [an + yumi + βu # tʃuʃtʃa + ma # ai]
meu filho pl sujo não pres

d'./[anyumiβu tʃuʃtʃa ai]/ 'Os meus filhos estão limpos.'

e. [an + yumi + βu # tʃuʃtʃa # ma + ai]
meu filho pl sujo não pres

e'./[anyumiβu tʃuʃtʃa maai]¹⁰ 'Os meus filhos não estão sujos.'

¹⁰ Vale mencionar que em muitos casos onde há encontro de dois segmentos vocálicos idênticos, ocorre a queda de um deles [ma + ai] = [mai].

Os dados (17a-e') confirmam que o acento no Katukina é fundamental para se definir o início e o fim de um IL. E, como já dissemos, ele é não-cíclico quando há apenas prefixo no IL, mas é cíclico quando há sufixo; e, quando há prefixo e sufixo como vimos em (17c,d' e 17e'), o acento ocorre sempre na última sílaba.

1.3 Nasalidade no Katukina

1.3.1 Vogais Nasais

Segundo a análise de Barros (1987.50,57), a língua Katukina apresenta dois quadros de fonemas vocálicos, sendo um oral e outro nasal. Já Aguiar (1985) postula a existência de apenas um quadro fonológico para as vogais. Para essa última, a solução de unicidade tem-se respaldado numa idéia desenvolvida por outros estudiosos - Mattoso Câmara por exemplo- que representam a nasalidade (~) através de um arqui-fonema, o N. Assim, as vogais nasais foneticamente são interpretadas como orais, seguidas do N. Também os teóricos da fonologia gerativa padrão (Modelo SPE)¹¹ defendem o mesmo tipo de abordagem, já que eles interpretam as vogais nasais numa língua como produto de uma consoante nasal não especificada que na estrutura S se elide, deixando como vestígio uma vogal nasalizada. Assim, na estrutura fonológica uma vogal nasal é interpretada como VN.

De acordo com o que pudemos observar nos dados e apreender da análise de Barros, notamos que a posição assumida por ela é pouco econômica. E como já comprovamos em (1.2.2), trata-se de um fonema nasal posposto a uma vogal.

¹¹ Modelo "Sound Pattern of English".

A análise de Aguiar (1985), embora econômica, apresenta problemas por utilizar um fonema - n - semelhante ao que já se encontra no quadro fonológico das consoantes, isto é, ela não o considera enquanto fonema nasal não especificado. Isso é problemático pelo fato de o fonema nasal consonantal /n/ ter estatuto diferente do que se postula para a nasalidade no caso das vogais nasais. Mas podemos salvar essa última proposta assumindo que o primeiro - consoante nasal - ocorrerá sempre em início de sílaba e o outro - não especificado - somente no final da sílaba, ou seja, em Onset e Coda respectivamente. O n e o N, ocupando posições distintas, podem ser representados por um mesmo símbolo.

Essa proposta parece plausível por não apresentar inconvenientes quanto à ocorrência de uma consoante em posição final de sílaba, uma vez que na língua Katukina essa estrutura é possível pois ela se assemelha a outras ocorrências de consoante nessa posição. Essas consoantes são: ʃ, ʂ, r, s, w, y - se assumirmos a proposta de que não há semivogais (contrariamente ao que propôs Barros para w e y), mas somente segmentos vocálicos orais segundo mostra o quadro (1b) do subitem (1.1.1).

Nesses termos, podemos postular a existência de um fonema nasal /n/ não especificado, que vem depois de V, fazendo parte de uma mesma sílaba. Assim, podemos dizer que na língua Katukina há um total de seis fonemas e um fonema nasal não especificado em posição final de sílaba (I). Seguem exemplos (18a-e) de vogais fonologicamente orais, seguidas de /n/:

I: [Ṽ] = /Vn/ = /vn/

- | | | |
|----------------|----------|--------------------|
| (18)a. [ka'm̃] | /ka.man/ | 'onça', 'cachorro' |
| b. [no'ĩ] | /nu.in/ | 'minhoca' |

- c. [tʃa'nĩ] /tʃa.nan/ 'pavão'
 d. [tʃas'kũ] /tʃas.kun/ 'saracura'
 e. [ri'ʃĩ] /rin.ʃan/ 'cera do nariz'

Baseados nessas colocações, assumimos que as vogais do Katukina, ao se manifestarem, não se deixam contaminar pela presença de consoantes nasais quando essas últimas - consoantes - fazem fronteiras silábicas com as vogais; dito de outra maneira, se a nasal é Onset ela não espraia nasalidade, nem regressiva, nem progressivamente. Parece sim que há casos em que o fonema nasal - n - é quem sofre com a presença da vogal -i e i - quando a nasal forma uma sílaba independente posterior a essas vogais.

Um dos motivos que nos levam a concluir que a vogal não sofre influência da nasal é o fato de que jamais um termo lingüístico como [a'naʔ] "boca", ou [na'miʔ] "carne", terá a vogal da sílaba anterior nasalizada pela nasal que vem posposta a ela. No entanto, o contrário parece possível: a vogal pode alterar a natureza da nasal da sílaba seguinte. Em termos de fonologia não-linear, podemos dizer que um segmento nasal na posição inicial da sílaba - onset - não transmite nasalidade à vogal - seu núcleo, ou núcleo de outra sílaba que a antecede. Isso só ocorre se a nasal estiver no final da sílaba - coda - em que estará a vogal, como mostram os dados (18f-h) abaixo:

- (18)f. [ma'niʔ] /mani/ 'banana'
 *f'. [mã'niʔ]
 g. [hu'niʔ] /huni/ 'homem'
 *g'. [hũ'niʔ]

- h. [ʃu'maʔ] /ʃuma/ 'seio'
 *h'. [ʃũ'maʔ]

Quanto à nossa hipótese de que a vogal afeta o fonema nasal da sílaba seguinte, ela merece precisão ulterior: de fato, as vogais /a/ e /u/ não afetam ou não atraem o fonema consonantal /n/ da sílaba seguinte. Porém, os fonemas vocálicos /i/ e /ĩ/, condicionam o fonema nasal a uma palatalização quando eles - /i/ ou /ĩ/ - fazem fronteira silábica com o fonema nasal - /n/.

Vejamos alguns exemplos em que esses fonemas vocálicos - /i/ e /ĩ/ exigem que o fonema nasal - /n/ seja palatalizado [ɲ].

- J: [ĩɲV] = /i.nV/
 [ʃɲV]¹² = /ʃinV/

- (18)i. [ĩɲu] /ĩɲu/ 'espada'
 j. [hĩɲɔ̃] /hiɲan/ 'sexo masculino'
 l. [ĩɲa] /iɲa/ 'cavalo'

Ou seja, o traço alto das vogais /i/ e /ĩ/ espalha-se progressivamente sobre a nasal não alta /n/ convertendo-a em [ɲ]. Retomaremos no item 1.3.2 - Harmonia Nasal ao problema da nasalidade no Katukina, utilizando então o modelo teórico autossegmental.

¹² Não dispomos, até o momento, de dados com i, mas por hora, ele estará sendo analisado como se ocorresse nas mesmas condições que i, visto que também não encontramos contra-exemplos.

1.3.2 Harmonia Nasal

Uma variedade de sistemas de harmonia nasal revela que há diferença translingüísticas entre os segmentos alvos, segmentos transparentes e os segmentos opacos. Essas diferenças são os meios pelos quais o traço [nasal] pode ser organizado no sistema fonológico. Assim, essas possibilidades são correlacionadas com duas harmonias de padrões passíveis de organizarem a nasalidade nos sistemas fonológicos.

O primeiro deles é encontrado em muitas línguas da América do Sul, por exemplo em línguas da família Tupi. Nesse tipo, todas as obstruintes são transparentes e todas as soantes são alvos, conseqüentemente nesse tipo de línguas não há segmentos opacos.

No outro tipo de harmonia há um grupo de consoantes que bloqueia o processo de nasalidade; nesse grupo são incluídas as obstruintes não-contínuas. Esse tipo de harmonia é encontrado, por exemplo, no Capanahua, língua Pano, e em outras línguas dessa mesma família como é o caso do Katukina. Nessas duas línguas não há espraçamento da nasal.

No que diz respeito à nasalidade na língua Katukina é fundamental a hipótese que levantamos anteriormente (1.3.1) de que as vogais são fonologicamente orais seguidas de uma consoante nasal - $[\tilde{V}] = [VN]$. Uma outra discussão que nos ajuda aqui é quanto às Coda das sílabas. Estamos postulando que elas são resultantes de um processo de degeneração da sílaba, processo que as transformou, de Onset, em Coda.

Em defesa da hipótese de que as vogais serão sempre orais, seguidas eventualmente de nasal, temos o dado [kaman] 'onça' que quando, no nível sintático, cumpre o papel de sujeito de uma oração transitiva se realiza como

[kamanan]. Além disso, vimos que na língua Chacobo, uma outra língua Pano, esse mesmo item lexical é [kamano]¹³. Isso nos parece suficiente para garantir que não há vogais nasais. A nasalidade no katukina é ancorada no processo de degeneração da sílaba que essa língua sofreu com relação a outras línguas Pano. Podemos dizer que a nasalidade é apenas um vestígio histórico de que houve uma consoante nasal nessa posição.

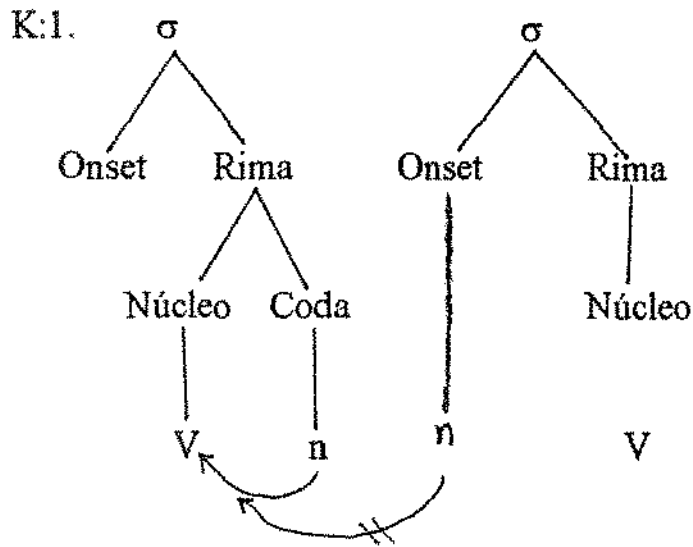
Quanto aos segmentos vocálicos *i* e *ɨ*, eles afetam a natureza da nasal posposta a eles, fazendo com que ela seja sempre uma nasal palatalizada [ɲ], mas, somente se esses segmentos - *i* e *ɨ* - forem nasais foneticamente e precederem um segmento também nasal na posição de onset. Por exemplo

[i'ɲa] /in + na/ = iɲa

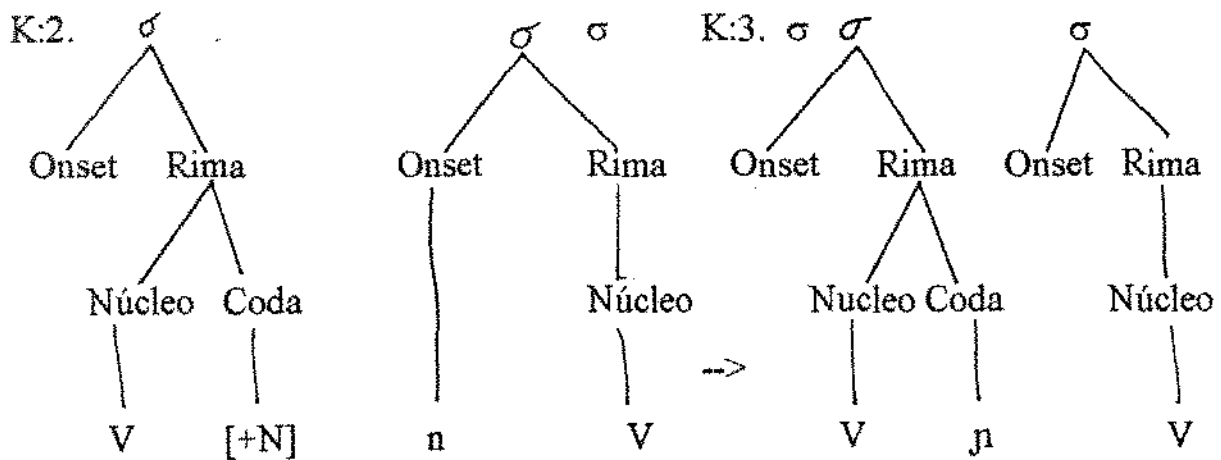
pois o segmento vocálico *i* é nasal foneticamente e vem seguido por uma sílaba que tem na posição de Onset um segmento nasal. Nesse caso há uma fusão dos segmentos que resulta na palatalização do segmento em Onset.

Nesse caso, em termos de estrutura silábica, propomos que a nasalidade afeta a vogal no nível fonético (K1), quando essa vogal é central alta - *i* e *ɨ* - e foneticamente nasal, ela inverte a direção de contaminação (K2), podendo resultar em (K3).

¹³ Aparece no texto original [camano].



A influência do segmento nasal nos segmentos vocálicos - /a/ e /u/ - se dá da direita para a esquerda - Coda -> núcleo. Por sua vez, os segmentos vocálicos /i/ e /í/ influenciam em direção contrária, da esquerda para a direita - núcleo -> coda - como vemos em (K2) e (K3) abaixo.



output fonético

Em representação autossegmental, a nasal pode representada por:

CV[+N] ou [+N]
 ↓
 CV[]

Quando se trata de um segmento com traços [+Voc] e [+Alto] ocorre um processo mais sofisticado, como vemos abaixo:

 [+N]
 ↓
 xx xx x
 ↓
ka.ma[] 'cachorro'

Quando temos um \tilde{i} ou \tilde{r} , o que acontece é o que mostramos em (L) que segue:

L: [+N] O
 ↓
 \tilde{i} na /i[] .na

\tilde{i}
 / \
 n > ɲ
 \< /
 \tilde{r}

Representação Fonológica

[+N]
i [^l].na --> [i.na]

i Representação Fonética

n [+coronal]

[-alto]

i i [+alto] j [+coronal]

[+Alta]

2. Resumo do Capítulo

Na discussão sobre o padrão silábico do Katukina levantamos a hipótese de que ele era formado por apenas sílabas básicas - CV -, mas que com o tempo esse padrão sofreu um processo de mudança que resultou na degeneração dessa estrutura, possibilitando a formação de V, VC e CVC. Esse mesmo processo de mudança, conseqüentemente, afetou o padrão de sílaba proeminente da língua, levando-nos a concluir que o acento no Katukina era ou na última sílaba - oxítônica - ou na penúltima sílaba - paroxítônica - e, com a mudança do número de sílabas, essa língua passou a ter como sílaba proeminente somente a sílaba final do item lexical tornando-se assim puramente oxítônica.

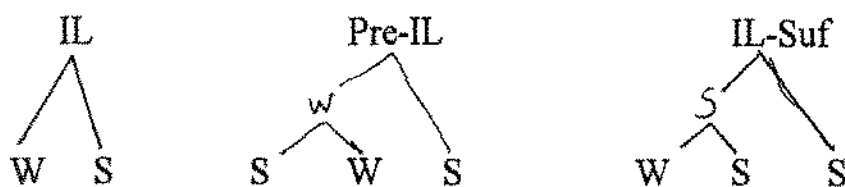
Ainda sobre a estrutura silábica, confirmamos no decorrer de nossa análise fonológica que a língua Katukina não apresenta semivogais mas sim semiconsoantes - aproximantes-, w e o y. Conseqüentemente, não temos nem ditongo, nem tritongo na língua.

Um outro ponto diz respeito aos segmentos vocálicos. Baseados em nossos dados, concluímos que eles só há vogais orais fonologicamente, as vogais nasalizadas existentes são realizações fonéticas. Assim, assumimos que essas vogais são orais seguidas de um autosegmento [nasal] na posição de Coda da sílaba, mas que foneticamente se manifestam como [V]. Quanto aos segmentos /i/ e /t/, quando foneticamente nasais, eles propiciam o aparecimento de uma nasal palatalizada na posição de onset da sílaba seguinte. Propomos que nesse caso está havendo uma influência dessas vogais no segmento seguinte, palatalizando-o. Em suma, haverá só /n/, fonologicamente, mas [n] e [ɲ] foneticamente.

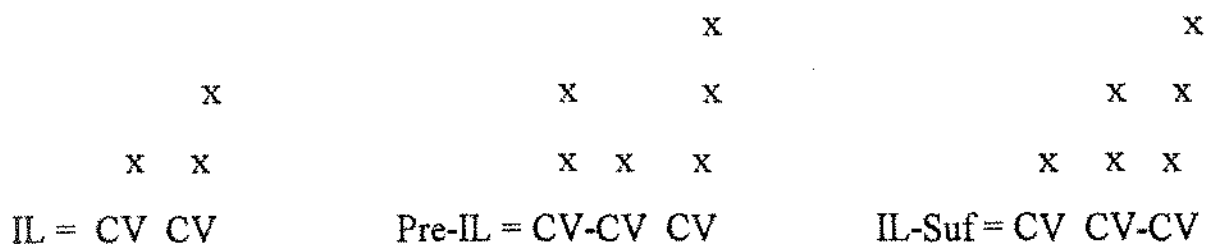
Levantamos também a hipótese de que a nasalidade no Katukina não espraia; o autosegmento [+N] ocupando a posição de Coda difere dos segmentos

nasais - m e n -que ocupam a posição de onset. Esses não afetam o segmento na posição de núcleo.

Segundo a Fonologia Métrica, em termos de fraco/forte - W e S -, podemos dizer que a estrutura de um IL é fraco-forte, mas, se ele tiver prefixo, será forte-fraco-forte, e se ele tiver um sufixo, será fraco-forte-forte como abaixo:



Em termos de grade métrica, dizemos que a sílaba proeminente ocorre sempre na última sílaba do IL -palavra -, mesmo que essa sílaba seja um sufixo. Nesse caso, a sílaba de acento proeminente passa a ser a que ocupa a posição final do IL, como vemos abaixo:



O acento no Katukina é rítmico e é básico para definir o término e o início de um item lexical na fonologia. Esse acento proporcionará na morfologia - formação de palavras - a definição dos itens lexicais padrão, da língua, que são dissilábicos oxítonos, e a dos afixos padrão que são monossilábicos e átonos.

Com base na Fonologia Lexical assumimos que a regra de domínio do acento no Katukina é não-cíclica no IL com prefixo. Ela só é cíclica quando o IL se apresenta.

De acordo com o recorte que fizemos na fonologia, vimos que um ponto exige a discussão de outro. Na análise fonológica do Katukina tratamos de três pontos básicos - estrutura silábica, acento e nasalidade. Esses três pontos estão intimamente interligados. Em outras palavras, nenhum deles pode ser tratado separadamente, isto é, ao trabalhar um deles, necessariamente mencionaremos os outros.

Nosso objetivo aqui foi o de conhecer os segmentos e o comportamento deles na estruturação da sílaba, para ver em seguida essas sílabas formando ILs - palavra; abrimos uma investigação sobre a atuação do acento e da nasalidade nesse IL, pois ele é o elemento central de nossa análise aqui, visto que ele é também a base da discussão do capítulo sobre a Morfologia (Cap.II).

CAPÍTULO-II

MORFOLOGIA DA LÍNGUA KATUKINA

1. MORFOLOGIA

1.0. Introdução

A morfologia é o estudo que se ocupa da estrutura interna dos itens lexicais e das combinações dos afixos permitidos pelas línguas em geral. Segundo Nida (1949), ela é o estudo de morfemas e de seus arranjos na formação de palavras.

A morfologia é uma sub-ramificação da lingüística que trata as palavras enquanto signos, que por sua vez são formas significativas da língua.

Segundo Aronoff (1976), a morfologia na teoria gerativa teve seu domínio definido depois do artigo **Remarks on Nominalization**, de Chomsky (1970), no qual é apresentada uma teoria reformulada da sintaxe, resultando na separação da morfologia derivacional, tirando-a da sintaxe.

A partir daí, a morfologia passou a ser considerada como um léxico expandido. Essa distinção legitimou a consideração da morfologia como um campo independente. Mas isso não significa que Chomsky tenha proposto uma teoria de morfologia; o que ele propôs foi separar a morfologia da sintaxe.

Para Baker (1992.10), morfologia é o componente da gramática que determina que palavras (X^0 s) de uma dada língua são bem formadas e especifica certos aspectos de forma fonológica. Assim, seus vocabulários devem incluir noções tais como afixos, raiz, formas lexicais subcategorizadas (Lieber-1980), tipo fonológico -fronteira - e outros. Ela pode também conter princípios - específicos da língua e universais -, incluindo aqueles que determinam a ordem de elementos morfológicos, (Williams-1981b, Righthand Head Rule) e aquele que requer que todos os afixos sejam ligados ao tema. Em contrapartida, a sintaxe determina que estruturas de sentença e de sintagma são bem formadas, e como elas podem ser analisadas.

O objetivo da morfologia, sob nosso ponto de vista, é prover uma teoria com a qual a estrutura da palavra de toda e qualquer língua possa ser descrita.

Nida (1949) define morfema como a unidade mínima significativa que pode constituir uma palavra. Para Bauer (1989), os morfemas são as unidades básicas desse nível de análise, constituindo-se unidades de análise gramatical, de acordo com o que foi dito anteriormente por Lyons (1968.181) e Matthews (1974.11-12).

Pretendemos desenvolver uma análise morfológica da língua Katukina-Pano dentro desta perspectiva. Esse passo se faz necessário para podermos analisar essa língua no nível sintático, e ainda, por se tratar de uma língua, ainda, de tradição somente oral. Além disso, esse estudo pode contribuir para ampliar o conhecimento do Katukina e das línguas Pano em geral.

Podemos dizer que essa língua se aproxima mais das línguas de natureza isolante do que daquelas línguas flexionais e aglutinantes. Essa observação se deve, principalmente, ao comportamento da maioria dos itens lexicais da língua Katukina: esses itens são definidos no nível fonológico, o que a caracteriza como sendo uma língua com tonicidade e número de sílabas uniformes. No geral, eles se manifestam de forma autônoma quanto ao seu conteúdo semântico, independentes uns dos outros; em alguns casos, eles podem sofrer algumas alterações como consequência do acréscimo de sufixos que cumprem funções gramaticais na língua. Apesar disso, não se trata de uma língua pobre quanto à morfologia derivacional e gramatical, ainda que ela pareça menos rica em termos flexionais.

Essa observação quanto à flexão se justifica pelo fato de que a língua Katukina apresenta apenas duas possibilidades de manifestação do verbo (V) na oração: em uma, o V vem puro e em outra, ele é acrescido de partículas. Ou seja, dizer que o verbo vem puro, significa dizer que vem sem nenhuma marca que o diferencie de um outro item lexical na língua a não ser pela sua posição na oração. Por exemplo, se **nũ** estiver no VP será **caçar**; se, por outro lado, estiver na posição

de NP, significará *mato*.

A outra possibilidade de manifestação do verbo (V), é a de vir acrescido de partículas que podem ter uma função modalizadora. Por exemplo, *raka* 'sentar' e *ra kata*, que é 'estar sentado'; *-ta* é um sufixo, que marca modo.

Essas duas possibilidades nos levam a conceber o Katukina como uma língua puramente isolante. Entretanto essa observação sobre o verbo não é tudo: ele representa um espaço na língua onde muitas vezes se apresentam certas características que nos fazem pensar em uma língua aglutinante. Mas o fato de o verbo ter um comportamento tão variado não nos permite classificar tal língua como aglutinante. Isso pode ser interpretado simplesmente como um fenômeno geral: as línguas normalmente não são puramente aglutinantes ou flexionais, nem tampouco isolantes.

Somente para efeito de ilustração, apresentamos dados de três línguas que podem ser classificadas como de natureza aglutinante, flexional e isolante, respectivamente:

A. Asteca¹:

1. *nicoka* - 'I cry'
2. *nicoka?* - 'I cried'
3. *ticoka* - 'you (sg.) cry'
4. *nicokaya* - 'I was crying' (and may still be)
5. *nicokas* - 'I will cry'

O carácter aglutinante dessa língua pode ser observado na forma dos tempos verbais (no passado (?), no futuro (s), passado contínuo (ya)); e nos pronomes de primeira (n) e segunda pessoa (t). Eles "grudam" no verbo (*icoka*) de

¹ Dados retirados de Nida-1949.

forma muito dependente, num esquema de agrupamento que parece evidenciar fraqueza ou falta de força desses elementos para se manifestarem isoladamente.

B. Português: Flexional

1. eu durmo
2. ele dorme
3. eles dormem
4. nós dormimos
5. você dorme

O português se aproxima mais da definição de língua flexional por sofrer alterações no verbo toda vez que se altera a pessoa gramatical, como mostram os dados acima.

Contrapondo (A) e (B) podemos dizer que línguas do tipo da primeira (aglutinante) sofrem alterações tanto no início quanto no fim do termo, enquanto que, nas línguas do tipo da segunda (flexional) as alternâncias são sempre na mesma posição. Já o Katukina não se aproxima de nenhum desses tipos. Ele difere dos mesmos por não sofrer alterações nos seus termos em consequência de outro. Isso pode ser observado em (C) abaixo:

C. Katukina:

1. ean nii ai 'Eu caço'
2. haa nii ai 'Ele caça'
3. nuke nii ai 'Nós caçamos'

4. matun nii ai 'Todos caçam'
5. uni nii ai 'O homem caça'

Os dados da língua Katukina acima mostram que os pronomes que indicam pessoas gramaticais variam sem afetar o comportamento dos demais itens que já estejam manifestos na oração.

Um argumento em favor de se aceitar essas orações como formadas por três itens lexicais (e não por um nem dois) é baseado na fonologia: o item lexical padrão dessa língua é um termo dissilábico e oxítono. Essa argumentação é de indispensável relevância, por isso será retomada no decorrer do trabalho por ser essencial a várias decisões na análise.

Esses exemplos parecem definir a natureza dessas línguas; assumiremos uma versão menos radical dessa afirmação, dizendo que essas línguas se aproximam mais de um tipo do que de um outro. Assim, o Katukina será tratado como língua mais próxima à natureza isolante.

Segundo Sapir (1921), as línguas que apresentam somente palavras simples e compostas são consideradas isolantes. Jensen (1990a) completa essa idéia dizendo que as línguas de comportamento contrário ao das isolantes são línguas chamadas de polissintéticas, como seria o caso do Asteca. Este entretanto parece não ser o caso do Português, questão sobre a qual, no momento, não entrarei em maiores detalhes.

A língua Katukina, objeto desse estudo morfológico, apresenta morfemas na sua forma presa e livre; o termo lexical será definido como um morfema livre e, aquele que só ocorre junto a um morfema livre, como morfema preso.

1. Estrutura dos itens lexicais

Antes de entrar na questão dos itens lexicais propriamente ditos devemos esclarecer o que estamos entendendo por item lexical e sua formação. Assim, o que estamos considerando como item lexical é o mesmo que "palavra" para alguns autores como Aronoff e outros. Isto é, elementos da língua formados por um ou mais morfemas com significado próprio, ou ainda, elementos que cumprem uma função gramatical ou papel semântico na língua.

Os conceitos utilizados na morfologia são ainda muito confusos para se trabalhar, principalmente a noção do que vem a ser palavra e formação de palavra. Considerando alguns estudiosos como Aronoff, Matthews, Bauer e outros, apresentaremos definições de alguns deles para termos maior controle do que queremos dizer com determinada terminologia no decorrer desta análise.

Estamos entendendo que morfema é o menor elemento significativo indivisível na língua (Hockett-1958); assumimos também que cada palavra polimorfêmica é uma entidade composicional (Aronoff-1976).

Bauer (1989) define palavra exemplificando-a com termos do inglês: **shoot**, **shoots**, **shooting** e **shot**. Segundo o autor, são palavras, submetidas ao lexema **shoot**.

O termo "formação de palavra" significa, para Bauer, o modelo fonológico ou ortográfico, enquanto que "lexema" é uma unidade mais abstrata.

Aronoff (1976) apresenta uma visão semelhante a de Bauer (1989) quanto ao que seja palavra e lexema. Ele diz que quando um item não está flexionado é um lexema e quando está flexionado é uma palavra.

Nós estamos assumindo que palavra é um signo mínimo, segundo a afirmação de Saussure (1916): "The minimal meaningful unit of a language, the basic, minimal sign". O signo é uma união arbitrária de significado (semântico) e

dos sons (fonética) de acordo com Aronoff (1976).

Sob nosso ponto de vista, **palavra** é a entidade munida de sentido e significado independentemente da sua atuação na frase; por outro lado o **item** inclui palavras bem como outras partes do discurso que tenham valor gramatical, como clíticos, partículas de negação, interrogação, etc.. O item eria, na verdade, a denominação atribuída a todos os elementos que figuram nas **entradas do dicionário** de uma língua. No caso específico do Katukina, proporemos incluir até mesmo itens afixais reconhecidamente aceitos em outras línguas como itens gramaticais.

Nesse sentido, poderíamos discutir a colocação de Aronoff (1976) segundo a qual o morfema deve ter substância fonológica e não pode ser simplesmente uma unidade de significação. Para ele, entidades como **passado** e **plural** são marcadores sintáticos e não morfemas. Antes, o que assumiremos é que tanto a marca de plural quanto a de passado fazem parte das entradas lexicais do dicionário de uma língua que se aproxima da natureza isolante, ainda que isso não as faça ter estatuto de palavra.

Por esse tipo de consideração, abordaremos na morfologia todas as partículas (gramaticais ou não), além dos termos que admitimos serem palavras na língua, os quais denominaremos Item Lexical Padrão - doravante ILP -, bem como suas combinações com os morfemas, os quais chamaremos de Item Afixal Padrão - doravante IAP. O IAP é monossilábico e átono. Em resumo, trabalharemos com todos os tipos de palavras permitidos pela língua.

As línguas em geral são formadas por itens lexicais, que se estruturam internamente de diferentes maneiras. Em particular, a língua Katukina apresenta processos morfológicos que só admitem a manifestação do item lexical - palavra - na sua forma livre. Assim, vamos nos ocupar aqui com a análise da natureza desses morfemas e suas funções no contexto da palavra e, quando for o caso, fora dela.

1.1 Fenômeno Morfológico

1.1.1 Derivação e Flexão

Há dois tipos de fenômenos morfológicos admitidos por Aronoff (1976): derivacional e flexional. O flexional é um fenômeno reconhecido como puramente gramatical, enquanto que o derivacional se restringe ao domínio da categoria lexical. Um exemplo do inglês para ilustrar esse fenômeno seria a palavra **compartment** + **al** # **ize** # **d**. O elemento #**d** é flexional e os demais elementos internos, **ment**, **al**, #**ize**, são derivacionais.

A língua Katukina oferece alguns exemplos para ilustrar o seu comportamento quanto a esses dois fenômenos morfológicos.

Em primeiro lugar nos ocuparemos do processo morfológico derivacional na língua Katukina. Esse processo ocorre em duas formas de afixação: prefixação e sufixação. Seguem exemplos:

A. Prefixação :

ta-

- | | |
|--------------|--------------------|
| 1. /kara/ | 'ave do mato' |
| 2. /ta-kara/ | 'galinha' |
| 3. /βata/ | 'mel' |
| 4. /ta-βata/ | 'cana(-de-açucar)' |

pa-

- | | |
|--------------|-------------------|
| 5. /kuma/ | 'inhambu' |
| 6. /pa-kuma/ | 'inhambu galinha' |

β-

7. /ana/ 'boca', 'língua'
8. /βana/ 'idioma', 'história'

wi-

9. /mani/ 'banana'
10. /wi-mani/ 'banana nanica'

ni-

11. /ui/ 'chuva'
12. /ni-ui/ 'vento'

tʃan-

13. /piʃtʃa/ 'pequeno'
14. /tʃan-piʃtʃa/ 'mais que pequeno'
15. /mintʃin/ 'pequeníssimo'
16. /tʃan-mintʃin/ 'menor que pequeníssimo' [tamanho irreal]

B. Sufixação:

-pa

18. /oti/ 'muito'
21. /oti-pa/ 'mais que muito'
22. /ɾua/ ('bom')
23. /ɾua-pa/ 'bonito', '(mais que) bom'
24. /ani/ ('grande')

25. /ani-pa/ '(mais que) grande'
 26. /istʃa/ 'nojento', ('feio')
 27. /istʃa-pa/ 'mais que nojento', '(mais que) feio'

O sufixo **-pa** parece ser usado na língua para dar ênfase ao adjetivo ou ao quantificador incontável - uti 'muito' -, o que vai ao encontro de **-pa** do Amahuaca, uma língua também da família Pano.

-ka

28. /ʃaβama/ 'amanhã'
 29. /ʃaβama-ka/ 'de manhã'
 30. /yanta/ 'ontem'
 31. /yanta-ka/ 'de tarde'

Baseado no que ocorre em outras línguas Pano, por ora assumiremos que em Katukina o sufixo **-ka** é um marcador de ênfase para os advérbios, do mesmo modo que **-pa** o é para adjetivos.

-tʃa

32. /ia/ 'piolho'
 33. /ia-tʃa/ 'lêndia'

-tʃu

34. /nai/ 'céu'
 35. /nai-tʃu/ 'andorinha'

- ki
36. /nai-ki/ 'trovão'
- jan
37. /ai/ 'esposa'
38. /ai-jan/ 'casado'

- ti
39. ipu-ti 'cobertor'
40. sinu-ti 'serrote'

O sufixo **-ti** classifica os ILPs como objetos inanimados. Caso o termo já seja formado por uma sílaba final idêntica, ele não será acrescentado. Por exemplo, /sinuti/ 'serrote' e não */sinutiti/; /munti/ 'garrafa' e não */muntiti/.

Quanto ao fenômeno morfológico flexional, exemplificá-lo-emos na língua Katukina utilizando um paradigma em que substituiremos o SN sujeito para evidenciar que essa língua não apresenta tal fenômeno. Ou seja, ela não apresenta concordância verbal no nível morfológico, o que pode ser conferido no comportamento do SV e do SN-Objeto dos dados abaixo:

C. SN-Suj. SN -Obj. V FL

1. ian yunka pi ai "Eu como goiaba."
2. nuki yunka pi ai "Nós comemos goiaba."
3. ayβu yunka pi ai "A mulher come goiaba."
4. haa yunka pi ai "Ele(a) come goiaba."

Observando esse paradigma, pode-se notar que o V não sofre alteração alguma quando mudamos o SN-Sujeito, o que é um indicio forte, se não suficiente,

para mostrar que a língua Katukina não apresenta fenômeno morfológico flexional. Sendo assim, os dados confirmam o que dissemos anteriormente quanto ao Katukina ser uma língua isolante.

1.1.2 Gramatical

Um outro fenômeno morfológico tratado por Aronoff é o gramatical, que concerne a incorporação ou a cliticização de um elemento. Nesse sentido devemos descrever alguns IAPs que cumprem uma função sintática mas que precisam ser tratados na morfologia.

Esses IAPs são: **-ta**, **-nun**, **-sun**, **-βu**, **-ra**, **-ma** e **-n**. Todos eles são obrigados a se afixarem a um outro elemento por serem átonos. Veremos na sintaxe que esse outro elemento pode até ser também um IAP que passou a ser um ILP - IAP + IAP= ILP - adquirindo tonicidade na sílaba final. Quando qualquer um desses IAPs vai se juntar a um ILP para obter tonicidade, ele o faz sempre através do processo de sufixação.

Começando pelo IAP **-ta**, estamos assumindo que ele tem a função de modalizar o verbo, por exemplo, sentar -> sentado, deitar -> deitado, etc.. Isso parece acontecer também em outras línguas Pano. Seguem exemplos (1-3)² do Katukina:

1. uni raka-ta
 homem deitar-ta

'O homem deitado.'

² Aguiar-1984.7

2. uni βiu-ta

homem sentar-ta

'O homem sentado.'

3. maria yanta munu-ta

Maria ontem dançar-ta

'Maria dançou ontem.'

Os IAPs **nun** e **şun** têm a função de coordenar elementos que, sintaticamente, são núcleos de um mesmo sintagma ou de uma mesma natureza no nível morfológico.

O primeiro **nun** ocorre sufixado somente aos Ns (4-6)³ e o outro - **şun** - apenas aos Vs (7-8)⁴. Isso pode ser conferido nos dados (4-8) abaixo:

4. tantşu-nun yunka-nun mani-nun ...

caju-nun goiaba-nun banana-nun ...

'caju, goiaba, banana ...'

5. atsa-nun şeki-nun taşata-nun ...

mandioca milho cana ...

'mandioca, milho, cana ...'

³ 4. Aguiar 1984

5 e 8. Oliveira 1985. 12

⁴ 6. NTB 19

7. NTB 1977/ 1.33

6. βatʃi-nun βimi-nun ...

ovo fruto ...

'ovo, fruto ...'

7. βimi pi-ʃun atsa pi-ʃun tari pi-ʃun ...

fruta comer-coord. mandioca comer-coord. roupa comer-coord....

'come fruta, mandioca, roupa ...'

8. tʃaʃu wasi pi-ʃun mapu riʃki-ʃun ...

carneiro grama comer cabeça bater ...

'O carneiro come grama bate a cabeça ...'

Nos exemplos (4-6) acima vimos que **-nun** funciona como um conectivo de Ns de um mesmo sintagma, enquanto que em (7-8) está havendo uma conexão de Vs através de **-ʃun**.

Segundo o que nos mostram os dados, **-nun** vai sempre ocorrer coordenando nomes e **-ʃun** coordenando verbos; na sintaxe esse IAP servirá para marcar que nesse caso está havendo uma repetição de oração:

9. βimi pi-ʃun atsa pi-ʃun tasi pi-ʃun
come fruta come mandioca come roupa

sendo confirmado em dados como (8) que os Vs não são idênticos. Mas esta discussão só será aprofundada no próximo capítulo (III). O que importa esclarecer aqui é que **-nun** está ligado especificamente ao nome e **ʃun** ao verbo nessa língua.

Passando à descrição dos demais IAPs, **-βu**, **-ra**, **ma** e **-n**, pudemos observar que apenas **-ra** é um elemento de função estritamente sintática, enquanto

que os demais têm dupla função - morfológica e sintática.

Dentro desta perspectiva, faz-se necessário separar os morfemas que desempenham uma função no nível de palavra daqueles que atuam no nível da oração. Assim, têm-se os seguintes morfemas:

D1. No nível de oração:

1. **-βu** clítico
2. **-ma** Negação
3. **-ra** Interrogação
4. **-n** Marca casual em nomes

2. No nível de palavra:

- | | | |
|----------------------------------|----------|------------|
| 1. -βu plural; ex: | 'homem' | uni |
| | 'homens' | uni-βu |
| 2. -ma negação; ex: | 'limpo' | tʃuftʃa |
| | 'sujo' | tʃuftʃa-ma |

A análise morfológica deve levar em conta todo e qualquer morfema que surta efeito no nível do Item Lexical e, ainda, no nível de oração desde que seja examinado seu conteúdo e significado frasal (ou escopo), mas não quanto a seu funcionamento propriamente sintático, para não introduzir elementos estranhos à morfologia. Dito isto, esses afixos que têm um papel somente no nível da oração serão melhor explorados na parte morfossintática. Mas aqueles que atuam diretamente no ILP devem ser melhor analisados neste momento.

Os morfemas **-βu** e **-ma** mostram ter uma atuação específica ao ILP quando vêm sufixados a ele. Esses mesmos afixos são específicos à oração quando estão independentes do N e do Adj.

Para exemplificar esses afixos de natureza morfológica temos os dados (10-12) em que **βu** pluraliza ILPs - +N +Humano -, e (13-15) em que **-ma** modifica ILP - +Adj - negando seu conteúdo semântico:

10. huni	'homem'
huni-βu	'homens'
11. ayβu	'mulher'
ayβu-βu	'mulheres'
12. yumi	'criança', 'filhos'
yumi-βu	'crianças'
13. ruapa	'bonito'
ruapa-ma	'feio'
14. oti	'muito'
oti-ma	'pouco'
15. anipa	'grande'
anipa-ma	'pequeno'

Por outro lado, **-βu** e **-ma** cumprem um papel diferente quando estão atuando no nível sintático, pois nessas condições eles afetam o SN-sujeito e o SV, respectivamente.

No que se refere ao IAP **-βu**, ele se cliticiza ao V e/ou à marca de tempo (FI) como pode ser apreciado nos exemplos abaixo em (E1-2):

E1. yanta-piſtʃa riβi-βu βai-βu
 ontem-pequeno voltar-cl pas-cl

'Eles voltaram de tardezinha'

2. tina-n-anipa kuri-βu βai-βu
 igarapé-loc-grande pescar-cl pas-cl

'Eles foram pescar no igarapé grande.'

-βu é marcador de plural de humano, e se cliticizado ao T e/ou ao V, quando T não estiver presente, é para recuperar o SN-sujeito nulo [+humano +plural], quando o SN-sujeito é nulo ele é um clítico obrigatório em T(empo). Assim, esquematicamente, temos F:

F. -βu { SNs-Pl
 SN-Suj(vazio) (V-(Cl)) T-Cl
 SN-Suj(vazio) V-Cl

Como vimos em (13-15) -ma tem a mesma interpretação nas suas duas formas de se manifestar na oração, alternando somente seu escopo: quando ele se sufixa ao núcleo de um SAdj, sua função de negador afeta apenas esse sintagma; mas quando aparece sufixado ao V, ele afeta toda a oração, o que pode ser visto em (16-17)⁵ abaixo:

16. hima himi yama
 formiga de fogo sangue Aux. ter-não

'A formiga de fogo não tem sangue.'

⁵ 16: NTB-1977.2/6

17: NTB-1977.2/7

17. *ʃai hiʃi pia-mai*
 tamnduá semente comer-não+pres

'O tamanduá não come semente.'

A negação quando adjungida ao Adj modifica o conteúdo desse último. Quando adjungida ao V ou ao T, modifica o conteúdo da oração. Nesse caso assumiremos que é o núcleo de uma categoria funcional - SNeg. O esquema que podemos propor é o que segue em (G):

G. *-ma* { Adj-Neg
 SV(T)-Neg
 (SV) T-Neg

Como vimos, *-ma* nega o conteúdo da oração da mesma forma que nega o conteúdo do Adjetivo; por sua vez, *-βu* indica que o SN-Sujeito, quando vazio, deve ser interpretado como um sujeito humano e pluralizado, e no nível morfológico ele é um sufixo pluralizador de N, indicando que mais de um N deve ser considerado em determinado sintagma nominal.

Essa discussão sobre os IAPs que têm dupla função na língua, uma morfológica e outra sintática, nos leva à problemática apresentada por vários estudiosos - Zwicky (1985), Anderson (1991) - acerca da distinção entre a palavra e o afixo, e entre o afixo e o clítico.

No que se refere ao Katukina a palavra - ILP - e o afixo - IAP - são claramente distintos: o que precisamos distinguir é **Afixo de Clíticos**. Para isso estamos assumindo o que propõe Zwicky (1985) e o que Anderson (1991) afirma quanto a distinção entre clítico e afixo.

Zwicky (1985) apresenta uma lista de testes que possibilita caracterizar um termo, se palavra, ou se clítico, ou se afixo, em vários níveis - fonológico, morfológico e sintático. No Katukina, a distinção entre afixo e clítico no nível morfológico não existe, visto que ambos são afixos no nível fonológico, eles são átonos e monossílabos.

No nível sintático, o que chamamos de afixo é o que Anderson (1991) chama de afixo simples que é aquele que atua no nível de palavra. E chamamos de clítico - afixo especial para Anderson - aquele que atua no nível da oração ou do sintagma cumprindo um papel gramatical. Para a gramática gerativa, o clítico é uma categoria funcional e o afixo atua na categoria lexical.

Os estudos sobre clíticos buscam teorizar a diferença que há entre afixos e clíticos. Segundo alguns estudiosos - Zwicky-1985, Anderson-1991 e outros - essa diferença está relacionada a várias particularidades se pensarmos em termos de definição que se aplica às línguas naturais como um todo. Porém, tomando apenas o Katukina como referência, o afixo é aquele que se manifesta junto a um item lexical para alterar o conteúdo semântico do núcleo de um sintagma. Por exemplo, *ana* 'boca', *βana* 'estória'. Nesse caso, ele - β - é um afixo que atua no N de um SN.

Clítico, por outro lado é aquele elemento que aparentemente se manifesta no núcleo de um sintagma, mas do ponto de sintático ele é o próprio núcleo. Por exemplo, proporemos abaixo que em *handu-ra* 'onde?', *handu* é o especificador de COMP enquanto que *-ra* é o núcleo de COMP. Há casos de IAPs que ainda não podemos afirmar se se trata de um afixo - clítico simples - ou se de um clítico - clítico especial. Mesmo sabendo que esse é um assunto muito relevante, somos forçados a deixar a discussão mais precisa para uma outra ocasião.

Todavia, dentre esses IAPs que mencionamos na língua *-ra*, *-n*, *-nun* e *-sun* são categorias funcionais e *-ma* e *-βu* podem ser categorias funcionais e/ou lexicais.

Essa discussão será retomada no próximo capítulo (III.3) quando

trataremos dos clíticos na língua no nível sintático. Assim, nesse capítulo - morfologia - continuaremos a nos referir aos IAPs como afixos por estarmos preocupados com a formação de ILPs, chamados por outros estudiosos de palavras.

1.2 Formação de Palavras

A preocupação específica com a formação de palavras vem desde a gramática de Pānini - elaborada entre os séculos 350 e 250 a.C., mas que só chegou à Europa por volta do século XVI - a qual é uma descrição detalhada da formação de palavras em Sânscrito; mas até hoje não se progrediu muito nessa questão. Nesse meio tempo, alguns trabalhos foram feitos do ponto de vista sincrônico (Bloomfield-1935) e diacrônico (Koziol-1937).

Recentemente, o motivo desse pouco interesse em desenvolver pesquisas sobre esse tema é devido à "revolução chomskyana" em 1957 com a publicação de "Syntactic Structures". Com essa revolução, a sintaxe adquire um papel central. Lees (1960), trabalhando com gramática gerativa transformacional, coloca a palavra como sendo uma espécie de sentença encaixada. A única exceção foi Zimmer (1964), que considera que alguns dos problemas são específicos à formação de palavra.

1.2.1 Tipos de Palavras Existentes e Possíveis na Língua

Botha (1968) e Halle (1973a) sugerem que, além da lista de morfemas de uma língua e das regras de morfologia que concatenam esses morfemas na palavra

possível, deve existir uma lista de palavras reais, ou seja, um dicionário que tenha um filtro no "output" da morfologia.

Propondo essa discussão, pretendemos analisar os tipos de palavras permitidos na língua Katukina e aquelas que poderão existir; para isso devemos descobrir os filtros que ela tem para proibir ou admitir determinadas formações de palavras.

Retomando alguns pontos vistos no capítulo anterior, a língua Katukina aceita formar palavras que sejam, basicamente, oxítonas e dissilábicas. Podemos questionar os dados lingüísticos que são parte da regra geral, mas principalmente aqueles que fogem a essa regra, como os itens lexicais - palavras - trissilábicos, proparoxítonas.

Esse estudo deve nos permitir conhecer as restrições da língua através de suas regras morfofonêmicas, revelando as combinações possíveis para se ampliar o léxico da língua.

Vejamos, abaixo, alguns exemplos de termos lexicais que representam a composição básica na língua Katukina, os quais chamamos de Item Lexical Padrão (ILP).

H 1. 'sol'	βari	[βa.'ri?]	CV.'CV
2. 'céu'	nai	[na.'i?]	CV.'V
3. 'terra'	mai	[ma.'i?]	CV.'V
4. 'cabeça'	mapu	[ma.'pu?]	CV.'CV
5. 'eu'	ia	[i.'a]	V.'V
6. 'cantar'	kanta	[k.'da?]	CVC.'CV
7. 'pequeno'	piʃtʃa	[piʃ'tʃa?]	CVC.'CV
8. 'dual'	raβi	[ra'βi?]	CV.'CV
9. 'banana'	mani	[ma'ni?]	CV.'CV
10. 'homem'	huni	[hu'ni?]	CV.'CV

Observando-se os dados acima, vê-se que os termos lexicais básicos da língua Katukina são formadas de duas sílabas e que a tônica ocorre regularmente na última sílaba. Quanto às demais possibilidades de palavras no Katukina, temos a combinação de um ILP com outro(s) e/ou com afixos. Quer dizer, nessa língua é permitida a estruturação de dois tipos de palavras a partir do ILP: encontramos a combinação de dois ILP e a combinação do ILP com um afixo.

Estamos levantando a hipótese de que esses tipos sejam palavras que foram sendo introduzidas no léxico em decorrência da necessidade natural de ampliá-lo e, também em função do contato com outras culturas.

As palavras que supomos terem sido criadas em decorrência de contato com outras línguas, aquelas consideradas como palavras novas, serão tratadas mais à frente. Quanto às que supomos terem sido criadas para satisfazer uma necessidade natural de expansão da língua, independentemente do contato com outras culturas, serão consideradas como já existentes no Katukina.

As palavras que cumprem essas exigências na língua Katukina são palavras que sofreram o processo de composição (mais de um ILP) e afixação (ILP mais afixo) estudadas nos próximos sub-itens.

1.2.1.1 Palavras Compostas

Segundo Jensen (1990), há dois tipos de compostos que são reconhecidos no inglês: o composto sintético e o primário (Marchand - 1969 e Lieber - 1983).

O composto sintético é aquele em que o segundo termo lexical é derivado pela presença de um afixo verbal. Em se tratando da língua inglesa são **-ing**, **-er**, **-ed**, por exemplo, em **wachtmaker**, **long-tailed**, **man made**, etc. Quanto ao composto primário, ele é formado por dois nomes, ou dois adjetivos, ou um nome e um adjetivo, etc..

Uma outra distinção tradicional de composto diz respeito a seu caráter endocêntrico ou exocêntrico. O item lexical é considerado endocêntrico quando tem um núcleo; núcleo no sentido de que existe um termo que domina um outro; e é exocêntrico aquele item lexical que não tem um núcleo. No nível sintático, um núcleo está, hierarquicamente, acima do seu complemento ou modificadores. Em inglês, um exemplo de item endocêntrico é o composto **mailman** e de composto exocêntrico é **push up**.

Todos os compostos de nomes são endocêntricos (Aronoff-1976). Essa afirmação é válida também para línguas como o Katukina; isso pode ser observado nos dados apresentados abaixo:

1. 'poeira'	may-putu	[ma.'i? - pu.'tu?] //terra / seca//
2. 'laranja' (cor)	manşin-unşin	[mɔ'zi - u'zi] //amarelo/ vermelho//
3. 'menino'	uni-βaki	[u.'ni? - βa.ki?] //homem / filhote de//
4. 'inverno' '(chuva)'	ui-tini	[u'i? - ti.'ni?] //chuva / tempo//
5. 'tipo de cipó'	işi-katu	[i.'şi? - ka.'to?] //enivira / dobrar//
6. 'pouco'	uti-ma	[u'ti? - ma?] //muito - não//
7. 'filhos'	yumi	[yumi? - βu?] //filho - plural//

Segundo o critério de composto de Aronoff (1976), podemos assumir que os termos endocêntricos no Katukina são do tipo daqueles que estão em (1-5) e exocêntricos são do tipo daqueles que estão em (6-7).

1.2.1.2 Palavras com Afixos

No Katukina temos palavras com afixos tanto sufixados quanto prefixados, mas não há nenhum caso de infixos, como podemos ver nos dados (1-7) abaixo:

- Prefixos

1. 'intens + dimin'	tʃan-piʃtʃa	[tʃan + pequeno]
2. 'banana nanica'	wi-mani	[wi + banana]
3. 'vento'	ni-ui	[ni + chua]

- Sufixos

4. 'mais que muito'	uti-pa	[muito + pa]
5. 'andorinha'	nai-tʃu	[céu + tʃu]
6. 'lêndia'	ia-tʃa	[piolho + tʃa]
7. 'casado'	aiʃnan	[esposa + ʃ]

*- Infixos

1.2.2 Tipos de Palavras Novas

"Palavras, uma vez formadas, persistem e mudam. A palavra surge através do signo. As palavras reais de uma língua, membros do grupo das entradas do dicionário, são como um resultado e não como um sub-grupo dos itens que são

gerados por um processo morfológico regular. O que gera as palavras e seus significados está fora do significado do morfema." Aronoff-1976:18.

Na língua Portuguesa, por exemplo, existe o termo **enfezar**, originado de um termo latino **feces**, que por sua vez deu origem a palavra **fezes**; tanto o primeiro como o último termo fazem parte do léxico Português; ambos os termos são usados pelos falantes dessa língua, embora, comumente, eles não tenham consciência da relação entre eles, pois os termos, com o passar do tempo, vão se distanciando um do outro semanticamente.

O mesmo pode ser dito da expressão **curare**, que gerou o termo **curar** que se usa no sentido de "fazer sarar alguém", que por sua vez gerou **curioso**, usado para designar pessoas bisbilhoteiras e/ou investigadoras sem um amparo teórico específico, além de outras interpretações. Isso confirma o que disse Aronoff: a palavra depois de gerada se assume como resultado e não como sub-grupo da palavra originária, passando a ter significado independente.

Essa questão é muito interessante para discussão, mas seu aprofundamento só se torna possível quando a língua-objeto é uma língua mais conhecida e estudada. No caso do Katukina é provável que existam termos que tenham sido gerados de uma palavra anterior e cujo conteúdo semântico tenha sido alterado no decorrer do tempo. Mas para se chegar a esta conclusão, precisaríamos conhecer de forma mais aprofundada a história dessa língua.

Dentro do que pode ser hipotetizado na língua Katukina, o ILP **ana** quer dizer **boca**, que por sua vez gerou o ILP **βana**, com o significado, não muito distante da primeira, de **idioma e história**. Uma outra palavra que talvez tenha passado por esse processo de mudança é **ain**, que significa **esposa**; sabendo-se que **-n** é a marca de posse utilizada pela língua, parece possível levantar a hipótese de que **ai** se referisse inicialmente à **mulher** de forma exclusiva, e que **[ai + βu] = ayβu** se referisse às demais mulheres do grupo, somando a informação dada por

βu - + plural e + humano. Mas, com o passar do tempo, o termo **ayβu** deve ter perdido a força de generalidade, passando a significar **mulher**; conseqüentemente acrescentou-se mais uma marca de plural, resultando em **ayβu-βu**, 'mulheres'. Assumindo tal hipótese, o processo de mudança teve os seguintes estágios: **ai** => **ai-βu** => **ayβu-βu**, um processo devido à dinâmica da própria língua.

Mesmo admitindo-se a falta de informação para se conhecer melhor os mecanismos aceitos pelo Katukina, assumimos que trata-se de uma língua com uma forma clara de ampliar seu léxico por criar palavras novas com base na sua própria estrutura, facilitando a compreensão do seu falante nativo, mas não é isso que acontece sempre; no português, por exemplo, isso nem sempre é considerado.

No geral, as palavras novas de qualquer língua, ao serem criadas para satisfazer uma necessidade da língua, são submetidas a uma adaptação fonética e/ou estrutural. Essas adaptações se dão com empréstimos de duas maneiras: uma, é empréstimo do termo; a outra, é o empréstimo do conteúdo semântico.

Uma característica interessante do Katukina é que essa língua não admite que se inclua no seu léxico palavras de uma outra língua sem antes fazê-las passar por um processo rigoroso de adaptação, tornando-as quase irreconhecíveis por falantes nativos da língua originária do empréstimo, já que essa palavra, através de uma espécie de filtro fonológico, passa a ser muito semelhante aos demais itens lexicais do Katukina.

Mas nem todas as línguas são como o Katukina a esse respeito; o português, por exemplo, é uma língua que aceita que seus falantes tomem empréstimos linguísticos sem passar por quase nenhum filtro antes de incorporar ao seu léxico. Isso termina por introduzir formas estranhas à língua. Nesse processo não é feito nenhum tipo de seleção para incorporar qualquer palavra de qualquer natureza, como mostram os exemplos abaixo, que são por demais corriqueiros:

1. soutien (Fran)	porta seios
2. pic nic (Ingl)	convescote
3. bouquet (Fran)	ramalhete
4. video game (Ingl)	tele-jogo
5. cat chup (Ingl)	molho de tomate
6. sandwich (Ingl)	merenda
7. elite (Ingl)	escol
8. abat jour (Fran)	quebra-luz
9. pot pourri (Fran)	pasticho, miscelânia
10. hall (Ingl)	vestíbulo

Essas e outras palavras entraram e vão continuar a entrar para o léxico do português sem muito critério, e isso é tão forte que grande parte dos falantes nativos do português teriam dificuldades se, por um acaso, tivessem que substituir tais palavras por outras da sua própria língua; talvez nem mesmo soubessem fazê-lo.

Esse cuidado está muito presente na língua Katukina: somente duas palavras foram encontradas com características evidentes de empréstimo de uma segunda língua que não passaram por um filtro rigoroso, como passam as palavras todas novas.

Os exemplos abaixo podem ser considerados como exceções, pois, no primeiro, é contrariado o padrão tônico do Katukina; e o segundo, apesar de coincidir em tonicidade, vai contra a dissilabidade do ILP.

1./βa'katʃi/	(parox)	abacate
2./aratʃi'kun/	(oxit)	araticum

As demais palavras novas são incorporadas ao léxico da língua através de um dos dois processos permitidos pelo Katukina: **adaptação fonética** quase perfeita da palavra e a **inclusão de conceitos** novos que são expressos na língua através dos termos e mecanismos já existentes nela.

A adaptação fonética é feita somente se a palavra a ser emprestada é dissilábica e oxitona, que se constitui no padrão silábico e tônico do ILP (Item Lexical Padrão) da língua. As palavras providas dessas condições, antes de serem incorporadas ao léxico Katukina, passaram por processos que podem ser observados a partir de algumas palavras do português que sofreram uma adaptação fonética como vemos nos exemplos (1-4) abaixo, mesmo quando essa adaptação exija um recurso fonológico como em (5):

- | | | |
|------------|---------|------------|
| 1. caju | tantʃu | [tɔ'dʒuʔ] |
| 2. café | kapi | [ka'piʔ] |
| 3. papai | papa | [pa'paʔ] |
| 4. boi | βui | [βo'iʔ] |
| 5. serrote | sinu-ti | [seno'teʔ] |

Esse último dado (5) utiliza recursos fornecidos pela língua que são obrigatórios. Nele, além da adaptação fonética, observamos a presença do afixo para determinar coisas.

Quanto ao segundo processo de criação de palavras novas, que é o de inclusão de conceitos na língua, podemos considerá-lo o mais comum no Katukina. Esse processo se dá através de dois mecanismos permitidos pela língua. No primeiro caso, é criada uma palavra composta, a combinação de dois itens lexicais, e no segundo, é acrescentado um afixo, em posição final ou inicial, como é permitido a qualquer palavra Katukina.

As palavras criadas pelo processo de **inclusão de conceitos por afixação** são mais freqüentes, em termos de porcentagem, do que o processo de adaptação fonética. Entretanto, os dados que serviriam como exemplos de sufixação deixam dúvidas se eles fazem parte das palavras novas criadas pela inclusão de conceitos externos à cultura, ou se se trata apenas de uma forma de aumentar seu próprio léxico incluindo uma partícula de ênfase já presente na língua, como ocorre na língua Amahuaca, mas que no Katukina pode ter passado a ser parte integrante da palavra no decorrer do tempo. Essa hipótese, sem dúvida, só poderá ser confirmada através de um aprofundamento da questão no nível de proto-língua.

Dentre os dados que mencionamos abaixo, há apenas um, em (2), que altera o padrão tônico do item da língua, o que sugere a possibilidade de se tratar de uma inclusão de conceitos por prefixação. Embora seja apenas um caso, é a partir dele que se postula a existência desse processo de ampliação de léxico na língua. Seguem exemplos:

- | | | |
|-------------------|---------|----------------------|
| 1. galinha | ta-kará | //ta - ave do mato// |
| 2. cana de açúcar | tá-βata | //ta - mel// |
| 3. banana nanica | wi-maní | //wi - banana// |

A **inclusão de conceito por composição** é dada pela junção de duas palavras como foi mostrado anteriormente e é ilustrado abaixo:

- | | | |
|------------------|--------------|---|
| 1. relógio | βari-unti | [βari - ũ'de]
//sol - unti// |
| 2. (cor) laranja | manşin-unşin | [mãʒĩ - ũ'ʒĩ]
//amarelo - vermelho// |

3. batom k'esa-unşin [k'i'sa - ũ'zi]
- //lábio - vermelho//
4. esmalte mantʃiʃ - unşin [mãtiʃ - ũ'zi]
- //unha - vermelho//

A freqüência deste último processo de criação de palavras novas nos autoriza a dizer que ele é o recurso mais usado na língua para ampliar seu léxico. Vale ressaltar que essa combinação, na maioria das vezes, resulta em Ns, como pode ser visto nas combinações abaixo.

a) N + N = N

- | | | |
|--------------|-------------|------------------------------------|
| /ui-tini/ | 'inverno' | (chuva + tempo = tempo das chuvas) |
| /matʃi-tini/ | 'inverno' | (frio + tempo = tempo de frio) |
| /βari-tini/ | 'verão' | (sol + tempo) |
| /βiwa-tini/ | 'primavera' | (flor + tempo = tempo das flores) |
| /βimi-tini/ | 'outono' | (fruta + tempo = tempo das frutas) |

b) N + V = N

- | | | |
|------------|--------|-------------------|
| /iʃi-kato/ | 'cipó' | (envira + dobrar) |
|------------|--------|-------------------|

c) Adj + N = N

- | | | |
|--------------|-----------|--------------------------|
| /patʃi-βimi/ | 'birimbá' | (mole, maduro...+ fruta) |
|--------------|-----------|--------------------------|

2. Morfemas

Os itens lexicais padrões (ILP) na língua Katukina são formados por duas sílabas, como dissemos anteriormente, quando tomados como palavras simples, mas quando se trata de combinações para formar novos itens lexicais, podemos ter a presença de dois ILP e/ou de um ILP mais IAP. No primeiro caso, - ILP + ILP -, estamos diante de palavras compostas, e no último, -(IAP +) ILP (+ IAP), de palavra com afixo. Esses dois processos são os únicos permitidos na língua.

Considerando todas estas formas, poderíamos dizer que a língua permite a ocorrência de formas livres, quando se trata de um ILP, sendo ele reconhecido como um morfema; e ocorrência de formas presas, quando se trata de um item afixal - de uma única sílaba - como é comum acontecer em várias outras línguas.

O que é diferente nessas línguas são as condições que se nos oferecem para determinar se se trata de um morfema na sua **forma livre** ou **presa**. O Katukina trata como formas livres todos seus ILPs, e, como presas, os IAPs que são monossilábicos que só se manifestam na língua por afixação a um ILP. Isso fica mais evidente quando analisarmos os dados no nível sintático (Cap.III) por eles se subdividirem em nódulos diferentes mas na morfologia formarem um item autônomo - palavra..

As **formas presas na língua Katukina** são morfemas que, em sua maioria, desempenham um papel gramatical importante, seja no nível oracional, seja no sintagmático. Para aqueles que não se afirmou que cumprem papel gramatical, estamos levantando uma primeira hipótese: a de serem marcadores enfáticos. Por exemplo, **-pa** quando cliticizado ao verbo. Enquanto que os outros atuam como, coordenadores verbais (-*şun*) ou nominais (-*nun*) , presentes também em outras línguas Pano. Apresentamos alguns dados ilustrando com formas livres que seriam ILPs da língua, em (A); e as formas presas, em (B), que são os morfemas

licenciados somente quando ligados a um ILP.

A) Formas Livres = ILP

1. ʃu\beta u 'casa'
2. mai 'terra'
3. mani 'banana'
4. \beta ari 'sol'
5. nii 'mato'
6. nai 'céu'
7. i\beta i 'envira'
8. ma\beta i 'areia'
9. tini 'tempo'
10. ma\beta i 'urucum'

B) Forma Presa = (--)ILP(--)

1. $\text{ta-} \Rightarrow \text{'ta-\beta ata}$ $\text{ta-} + \text{'mel'}$ 'cana-de-açúcar'
2. $\text{-ra} \Rightarrow \text{hantu-ra}$ 'onde' + -inter 'onde ?'
3. $\text{-ma} = \text{t\beta u\beta ta-ma}$ 'sujo + 'não' 'limpo'

Os morfemas presos do katukina podem ser agrupados em três sub-classes, segundo sua função na língua: uma, no nível da palavra (1); outra, a nível da oração (2); e uma terceira, que chamaremos mista, em (3), posto que ela pode estar presente tanto no nível da oração quanto no do item lexical (IL); isso é um caso de formação de palavra mas com conseqüência no nível de oração também. Estamos

propondo que os exemplos de (B1-3) sejam classificados em três sub-classes:

B.1. Forma Presa no nível da Palavra

1. -pa uti-pa 'muito' + (Clas Adj)
 istʃa-pa 'nojento' + (Clas Adj)
 rua-pa 'bonito' + (Clas Adj)
2. ta- ta-kara 'ave doméstica' 'galinha'
3. wi- wi-mani wi + 'banana' (sub-cla ou ênfase ?)
4. β- β-ana β(a) + 'boca' 'estória'
5. -ni βari-ni 'sol' + ni 'tempo do sol'
6. tʃan- tʃan-piʃtʃa (?ênfase) + 'pequeno'
7. -ta raka-ta 'deitar + modo' 'deitado'
- 8 -ti ipu-ti 'classificador de Ns inanimados'

A forma presa no nível da palavra na língua foi pouco aprofundada, mas o suficiente para termos uma visão geral dos mesmos Vimos que nessa língua se um termo tem final idêntico com a forma presa que o precederá ela é eliminada, quer dizer não teremos duplicação de sílabas nesse caso. Por exemplo, **-ti** não aparecerá duas vezes quando o termo já terminar com essa sílaba, como era de se esperar em termos como **munti** 'garrafa', e **sinuti** 'serrote'.

B.2. Forma Presa no nível da Oração

1. -ʃun Coordenador de V
2. -ra Interrogativo
3. -n Marca de Caso

Vale citar que **-n** (3) se alterna com **-an**, e possivelmente também se realiza como **-in**, **-un**, etc.. Essa observação é pertinente à fonologia, que não tratamos de forma aprofundada, e à sintaxe onde analisamos a nasalidade de modo mais detalhado (Cap.III.7).

B.3. Forma Presa Mista

1. **-βu** {N-Plural e Clítico (N + humano e + plural)}
2. **-ma** {N-Neg e núcleo de SNeg
Adj-Neg

3. Morfologia Nominal

Estamos entendendo que o estudo morfológico do nome engloba todas as palavras que podem se referir a objetos. O termo **nome** diz respeito às palavras que são referentes a "coisas (inanimadas)" e "seres (animados)".

Segundo Schachter (1985.7), o termo **nome** é atribuído à classe de palavras em que ocorrem nomes de pessoas, lugares, e coisas; sua função mais comum, enquanto nome, é a de argumento ou de núcleo de argumentos.

Em se tratando da língua Katukina, parece-nos pertinente discutir os aspectos de grau aumentativo e diminutivo, número, e marcas de distinção de gênero. A razão de selecionarmos esses aspectos se deve ao comportamento da própria língua, pois ela mostra que esses aspectos são aqueles que afetam o nome de forma mais visível, assegurando a sua relevância para este estudo.

3.1 Aumentativo e Diminutivo

A língua Katukina permite que se acrescentem traços ao conteúdo semântico do nome utilizando como recurso um adjetivo. Assim, aqueles adjetivos que se referem a tamanho devem ser legitimamente analisados juntamente com o nome por terem uma ligação semântica direta com seu conteúdo.

O nome na língua Katukina recebe o adjetivo sempre à sua direita, ou seja, ao adjetivo é permitido ocorrer somente posposto ao nome.

Outras línguas como o Português, por exemplo, além de apresentarem o adjetivo posposto ou anteposto ao nome, permitem também a aplicação de afixos ao nome, conforme ilustrado abaixo em formas analíticas e sintéticas:

A.1. casa: casa pequena

cas + **inha**

2. casa grande

casa + **rão**

Na língua Katukina, por outro lado, pode ser usado apenas o recurso adjetival para se referir a um objeto de tamanho grande ou pequeno. Seguem exemplos em Katukina:

B.1 fuβu:	fuβu piʃtʃa	'casa pequena'
huni:	huni piʃtʃa	'homem pequeno'
tapi:	tapi piʃtʃa	'vagalume pequeno'

B.2 mapu:	mapu anipa	'cabeça grande'
βiru:	βiru anipa	'olhos grandes'
kapi:	kapi anipa	'jacaré grande'

O Katukina dispõe ainda de recursos para intensificar o nome, recursos que atuam sobre o adjetivo, da mesma maneira que o português utiliza o superlativo absoluto sintético para obter o mais alto grau de intensidade referente ao objeto. Esse tópico será, entretanto, discutido mais à frente (ver o item 5), quando examinarmos a classe dos adjetivos em Katukina.

3.2 Número

A maneira de se fazer referência a número gramatical no Katukina varia em três formas: singular, dual e plural. Essas formas serão analisadas individualmente, relacionadas sempre ao nome por ser essa sua maneira padrão de aparecer nessa e em outras línguas. O que há de particular no Katukina é o lugar que elas ocupam no sintagma: regularmente pospostas ao nome, exatamente como o aumentativo e o diminutivo. No nível sintático, eles têm escopo sobre sintagma, o que será discutido com mais detalhes no Cap.IV.

3.2.1 Singular

O singular pode ser expresso ou pela ausência de manifestação morfológica (cv)⁶, ou pelo termo **wistis** posposto ao nome. Vejamos alguns exemplos contextualizados desses dois casos no Katukina.

C:1. kuran 'borracha'

⁶ (cv) categoria vazia;

kura (v) βuyka paki-ta ai
borracha chão cair-modo pres

'A borracha caiu no chão.'

2. mapu **wistis** 'uma única cabeça'

yaka **wistis** yanta wai-n tʃana
Yaka só ontem roça-nas (?)

'Só a Yaka foi à roça ontem.'

Uma outra possibilidade de análise seria não tratar a ausência de um elemento morfológico e a presença de **wistis** como reflexo de um mesmo processo; sob essa ótica, **wistis** seria tomado como quantificador. Essa questão voltará a ser discutida no Cap.III que segue.

3.2.2 Dual

O nome em Katukina pode trazer referência a um conjunto de dois elementos; para tanto, há uma termo que é posposto ao nome, indicando que se trata de apenas dois objetos ou coisas.

A palavra usada nessas circunstâncias é **raβi**; ela é usada somente para discriminar duplas na língua. Quando se trata de mencionar duas coisas independentes uma da outra, o termo correto é o quantificador dois - **niska-βuis-kuin**. Essas diferenças podem ser ilustradas com os exemplos (D1) abaixo, descontextualizados:

D:1. ifi rafi	'duas estrelas (juntas)'
ifi niska-βuis-kuin	'duas estrelas'
ayβu rafi	'duas mulheres (juntas)'
ayβu niska-βuis-kuin	'duas mulheres'

3.2.3 Plural

Para se obter o plural na língua em questão, existem dois mecanismos, equivalentes aos utilizados pelo dual: um, expresso por quantificadores; e outro com a presença de um sufixo ao nome.

Os termos que representam os números em Katukina vão de um a cinco; para se fazer menção a um total acima de cinco elementos, usa-se o termo "muito". A forma dos quantificadores três, quatro e cinco é, respectivamente, **niska-βuis-kuin-wistis**, **niati** e **muβi**; cumpre notar que essa é a única maneira que a língua dispõe de precisar o número de elementos em questão, como mostramos nos exemplos (E) abaixo:

E:1. kaman **niska-βuis-kuin-wistis**
cachorro dois + um

'três cachorros'

E:2. kaman **nia-ti**
cachorro quatro

'quatro cachorros'

E.3 kaman muβi
cachorro mão

'cinco cachorros'

Os quantificadores usados na língua Katukina para fazer referência aos números exatos são formados a partir de termos já existentes: **muβe** é o mesmo termo usado para 'mão' e para 'cinco', o que é muito comum entre as línguas indígenas. O termo usado para 'três' é transparente: ele é a junção de 'dois' mais 'um'.

Quanto ao quatro, é um termo que deve ser melhor estudado, pois ele é formado possivelmente por uma ILP e um sufixo (ni'a -ti), embora seja muito cedo para defender qualquer hipótese.

Um outro termo que merece ser melhor investigado é **niska-βuis-kuin**; seguramente trata-se da composição de três ILPs. **kuin** será mais adiante analisado como intensificador de adjetivo.

O plural no Katukina, como já dito, pode ser expresso através de um sufixo - **βu**. Ele é usado para se referir a um total acima de dois elementos e, possivelmente, até de cinco; depois desse total, utiliza-se **uti**, 'muito'.

Uma outra questão interessante sobre **βu** é que ele se refere somente a humanos, e quando se tenta usá-lo para fazer menção a animais, por exemplo, ou o sentido muda, ou a oração se torna sem sentido ou agramatical. Vale citar alguns exemplos da ocorrência do pluralizador **βu** na língua Katukina: um (F1), descontextualizado e outro (F2)⁷, contextualizado:

F.1.	huni-βu	'os homens (mais de três)'
	ayβu-βu	'as mulheres'
	yumi-βu	'as crianças'

⁷ NTB: - 1982.3/2.4
- 1982.3/5.3

2. ayβu-βu tari βii-βu βai-βu
mulher-pl roupa comprar pas-cl

'As mulheres foram comprar roupa.'

huni-βu awa nani papi-βu βai-βu
homem-pl anta carne trazer nas costas pas-cl

'Os homens trouxeram carne de anta nas costas.'

3.3 Pronomes

Em Katukina temos apenas pronomes pessoais e demonstrativos. Os primeiros - pessoais - não fazem distinção de gênero e diferenciam 'nós' inclusivo de exclusivo. Enquanto que demonstrativo parece ter apenas um 'este'. Esses dois tipos de pronomes são ilustrados em (A1-7) e em (B1) abaixo:

A.1 Pronome Pessoal

ia	'eu'
mia	'você'
nuki	'nós'
haa	'ele/ela'
hatu	'nós' (exclusivo)
matu	'eles/elas'
kuyuska	'vocês'

A.2 Pronome Demonstrativo

nia	'este'
-----	--------

4. Morfologia Verbal

4.1 Verbo

A morfologia do verbo tem por função vincular sintaticamente dois ou mais nomes (Ns) na oração através do seu conteúdo, ou mesmo relacionar um único N a uma ação, processo, etc, formando uma oração . **Verbo** é o termo da língua que expressa ação, processo, etc..

Schachter (1985.9) diz que verbo é o elemento que tem a função de predicado. Verbo é a expressão atribuída à classe de partes da fala em que ocorrem as palavras que expressem ação, processo e coisas semelhantes.

A língua Katukina apresenta as palavras que poderiam ser classificadas como verbo no final da oração sem considerar, por enquanto, o tempo verbal.

Analisando por partes, vejamos o comportamento do verbo nessa língua quando se trata de marcar o tempo verbal na oração com a flexão (FI) e advérbio de tempo.

Observando-se as orações do Katukina que marcam morfologicamente o tempo verbal, constatamos que o verbo não está ligado a essas marcas: essa questão será pouco discutida aqui, e aprofundada em outro momento (Cap.III.2). O que nos interessa no momento é analisar as palavras da língua Katukina que sejam responsáveis pela indicação de ação, processo e outros elementos nesse nível, como definimos anteriormente.

Assumindo a hipótese levantada de **Item Lexical Padrão (ILP)** na língua Katukina, nós diríamos que os verbos nesta língua admitem geralmente um processo de sufixação, e isso sem considerar a marca de tempo verbal, que será chamada de flexão (FI) no próximo item.

Quando se detecta um termo em Katukina correspondente a um verbo do

Português, encontra-se um ILP que é seguido pelo ILP de tempo verbal. Há a possibilidade de que esse termo - ILP verbo - carregue mais informações, além da do próprio verbo, pois, considerando outras línguas Pano, vemos que isso é muito natural nessa família linguística. Todavia, não trataremos desses detalhes de modo muito aprofundado no Katukina por não ser parte prioritária nesse estudo. Mas observamos que há ILPs que são claramente classificados como **nome** e que podem desempenhar papel de **verbo** segundo sua posição. Eles podem vir acompanhados de morfemas, como: **-ta** (modo), **-pa** (ênfase?) e outros, evidenciando que o verbo no Katukina admite um processo de sufixação como os demais sintagmas. Sabemos que podem estar incluídos vários morfemas resultando em seqüência de partículas sufixadas, algumas delas ainda estão por ser identificadas. Para efeito de ilustração, apresentamos alguns exemplos (1-2) de verbo acompanhados por partículas, ou mesmo, afixos:

- 1a. raka-ta 'deitado'
deitar-modo
- b. βiu-ta 'sentado'
sentar-modo
- c. munu-ta 'dançado' (dançou)
dançar-modo

- 2a. kuka sinu-ti haa-pa-n
tio serrote ter-ênfase-nas

'O tio tem serrote mesmo.'

Existem alguns afixos que se juntam a ILPs independentemente de ele ser verbo ou não, pois nessa língua os processos fonológicos são imperativos. Assim,

para não ferir as regras da fonologia, os IAPs e os ILPs têm que se combinar entre si, mesmo que isso represente a perda de um segmento fonológico, isso inclui o verbo. Ele às vezes se manifesta como item independente - IL:P - ou como item dependente - IAP. Sabendo disso, passa a ser complexo definir as classes de palavras como é natural em outras línguas. Por exemplo, o ILP *iki*, veremos mais tarde que vem depois do núcleo de ST, mas ele pode vir sufixado ao verbo sob a forma *ki*. O ILP *ai* 'tempo presente', quando é precedido por verbos terminados em *a* ou que já vêm com *-ta* 'modo', fica somente com o *i* final. Assim, ao invés de *βana* 'saber' se manifestar como *βanaai* recebe a forma *βanai*; ou *munu-ta ai* 'dançado' resulta em *munutai*. Isso facilita equívocos quando descrevemos e analisamos os dados, principalmente, os que estão como verbos, onde normalmente, temos dois processos envolvidos: um de natureza sintática e outro, fonológica.

Com base em outras línguas Pano, que já foram submetidas a estudos mais minuciosos, podemos citar alguns exemplos de sufixações no verbo que nos confirmam que é comum esse comportamento do Katukina. Seguem exemplos de algumas línguas Pano:

a) **Capanahua**⁸

(73) *pi. ma. hipi. sh. qui*
comer caus. pas 3sg #

'el comio'

b) **Amahuaca**⁹

(7) *con co oeshe otsi-n tiat der-shon-bo ait*

⁸ Loos-1973

⁹ Kneeland-1985:57

mi tio sol otro-en chacra cortar-ben-v-nom

'el que cortó la chacra para mi tio el otro día.'

c) **Kaxinawá**¹⁰

(15) ... ui be-iki-ki
lluvia venir-inc-decl

'...va a llover.'

Estes exemplos mostram a riqueza do processo de sufixação nas línguas Pano: no Capanahua, por exemplo, o verbo pode receber morfemas de várias naturezas - causatividade (caus.), passado (pas.), 3ª pessoa do singular (3sg), e ainda, o fecho (#) da oração.

Quanto ao Amahuaca, vemos que o verbo também aparece com uma série de morfemas sufixados a ele, como o benefactivo (ben), a informação de que o contexto da oração foi visto por quem está falando (v), além do morfema nominalizador (nom).

O Kaxinawá também vem com morfemas sufixados ao verbo. Esses morfemas são vários tipos, por exemplo a marca de declarativo (decl.)

O Katukina por sua vez apresenta elementos sufixados ao verbo, mas nós ainda não podemos ter certeza de seus significados. Talvez possamos levantar hipóteses com base nas definições das outras línguas Pano. Por enquanto, faremos apenas especulações sobre esses morfemas, propondo que os que seguem o verbo nos exemplos abaixo sejam IAPs - -ta - modalizador e - -pa - ênfase, e o ILP *ikii* e aí vão sofrer um processo fonológico já mencionado e que mostramos nos exemplos abaixo:

¹⁰ Montag-1985.117

A.1 cair	pakitai	paki + -ta + ai	(cair-modos pres)
dançar	munutai	mono + -ta + ai	(dançar-modos pres)
coçar	rakitai	raki + -ta + ai	(assustar-modos pres)
sonhar	namatai	nama + -ta + ai	(sonhar-modos pres)
atirar	tikunpaike	tikun + pa + iki	(atirar + ênfase + #)

Como símbolo de fecho de orações estamos utilizando o mesmo que outros estudiosos de línguas Pano - #. Nesse último dado - **tikun** -, há a possibilidade de ocorrer uma combinação de **pa + ai** também, dependendo do que exigir o contexto.

Essa questão deverá ser aprofundada em trabalhos futuros; por enquanto, podemos apenas descrevê-la sem interpretá-la. O mesmo acontecerá com outros pontos que julgamos importante serem mencionados para um questionamento posterior.

Há **nomes** que se transformam em **verbos** através do processo único e exclusivamente posicional na oração. Isso é algo interessante por ir ao encontro à hipótese levantada por Abreu (1914.13) quando diz que, "no Kaxinawá as palavras do discurso mostram-se muito instáveis, a cada passo dão-se transgressões de uma para outra categoria: palavras como **ing** "grave", que pode ser substantivo, adjetivo e verbo, são a generalidade". Sabendo que a língua Kaxinawá é também uma língua Pano, pode-se deduzir que tanto o Katukina quanto o Kaxinawá são línguas que utilizam palavras "sem classe" definindo sua classe através da posição ocupada na oração para desempenhar determinado papel.

Apresentaremos alguns exemplos do Katukina para ilustrar o que comentamos sobre o fato de o verbo ser um nome. Esse processo nos leva a crer que os morfemas que se sufixam a um ILP na posição do verbo podem ser verbalizadores na língua. Nos exemplos (B1-3) abaixo vemos um ILP-nome cumprindo a função de verbo, sofrendo sufixação de morfemas; e um caso de

antecedência do T - tempo verbal -, que é quem nos assegura tratar-se verdadeiramente de um verbo e não de um nome, somando-se ao ILP **iki**.

B.1 caçar	nii-ai	mato- + pres
trabalhar	mai-ki	terra + pres + iki
fumar	rumi-kai	fumo + fut

Uma outra observação que devemos fazer com relação aos verbos é que no Katukina temos **haa** e **ia** que ocupam a posição do verbo e parece atuar como tal e que podemos traduzi-los, respectivamente, por 'ter' e 'estar'/'ser'. O que contraria a idéia de eles serem classificados como verbos é o fato da sua não co-ocorrência com o tempo verbal. Isso precisa ser melhor resolvido, por ora, estamos considerando-os como verbos auxiliares - Aux. Talvez, eles sejam um termo que expresse **existência** no sentido geral que o faça independender do tempo verbal.

4.2 Tempo Verbal

Muito freqüentemente as línguas naturais apresentam a flexão como parte integrante do verbo, razão pela qual decidimos incluí-la neste item; no entanto, no decorrer de nossa análise, tentaremos mostrar que a flexão é independente do verbo no Katukina.

Observando um paradigma verbal podemos ver que no Katukina não há concordância do verbo com a pessoa:

A1. nuki nafi	ai
nós tomar banho pres	
'Nós tomamos banho.'	

2. ia nafi ai
eu tomar banho pres

'Eu tomo banho.'

3. kuka nafi ai
tio tomar banho pres

'O tio toma banho.'

4. ayβu nafi ai
mulhe tomar banho pres

'A mulher toma banho.'

Estamos propondo, a partir do que pudemos concluir dos dados até o momento, que a marca de tempo que seria a flexão na língua Katukina será representada por T. Propomos ainda que ela seja considerada um item lexical independente, classificada como um ILP. Isto é, ela pode se realizar na oração sem a presença do verbo, além de ser dissilábica e oxítônica.

Quanto à sua posição na oração, ela é sempre posposta ao VP. Em outras palavras: T é núcleo final. A flexão de número e pessoa não acontece na língua por isso assumimos que há apenas tempo verbal. A oração é um Sintagma STemporal e não um Sintagma Flexional.

Os tempos verbais que são manifestos na língua são apenas três, chamados Tempos Verbais Absolutos: Presente (**ai**), Passado (**βai**) e Futuro (**kai**).

Esses tempos podem ser substituídos na língua por advérbios de tempo no início da oração, um recurso bastante comum às línguas indígenas em geral. Essa questão será explorada no item que dedicamos especificamente ao advérbio (ver 6).

Vejamos alguns dados (B1-3)¹¹ contextualizados para ilustrar a ocorrência do tempo verbal e conseqüentemente a não manifestação de flexão na língua:

B1. kuka-n tʃaʃu nami pi-ai
tio-n veado carne comer-pres

'O tio come carne de veado.'

2. kuka tʃaʃu tikun βai
tio veado matar pas

'O tio matou veado.'

3. kuka ʃuβu-n kai
tio casa-n ir + fut

'O tio vai para casa.'

5. Morfologia Adjetival

Todas as línguas Pano parecem distinguir duas classes de palavras, o nome e o verbo; outras línguas, entretanto, apresentam uma terceira classe, que é a dos **adjetivos**. Esses adjetivos podem ser sub-divididos em grupos menores, dependendo da língua. Em Katukina, por exemplo, pode-se modificar esses adjetivos de duas formas: aumentativo e diminutivo.

Essa classe de ILP na língua Katukina pode sofrer intensificação em três

¹¹ 1: NTB - 1975.4/9

2: NTB - 1975.4/8

3: NTB - 1975.4/8

níveis. Em se tratando do aumentativo, o primeiro nível é o **zero**, marca morfológica dos adjetivos na língua, realizada pelo sufixo **-pa** (e, possivelmente, outros). O segundo nível é marcado pelo ILP de intensificação, **kuin**. Esse termo aparece somente depois do adjetivo, constituindo o que chamamos de **nível um**.

O **nível dois** manifesta-se num outro ILP, ocorrendo na oração somente quando presente **kuin** (nível um) e aparecendo sempre posposto a ele. O nível dois, expresso pelo termo **nanka**, tem a função de exagerar qualquer qualificador na língua, seja para obter um efeito discursivo, seja para expressar algo de qualidade irreal. Esse ILP, como co-ocorre somente com o ILP do nível um, é afetado fonologicamente pelo primeiro, segundo nossa explicação no capítulo de fonologia. Ou seja, **nanka** se realiza foneticamente como [nã'gaʔ] devido ao segmento i do seu antecedente **kuin**, resultando em [kuinã'gaʔ] foneticamente.

Seguem alguns exemplos de adjetivos no Katukina modificados de duas formas (B-C), além daquele que recebe o IAP **-pa** (A), que estamos postulando ser o classificador de adjetivos:

A. Nível Zero

1. rua-**pa** 'bonito', 'bom'
2. ani-**pa** 'grande'
3. istʃa-**pa** 'nojento'

B. Nível um

1. rua-**pa** **kuin** 'muito bonito'
2. ani-**pa** **kuin** 'muito grande'
3. istʃa-**pa** **kuin** 'mais que nojento'

C. Nível dois

1. rua-pa **kuin-nanka** 'bonito exagerado (irreal)'
2. ani-pa **kuin-nanka** 'grande exagerado'
3. istʃa-pa **kuin-nanka** 'nojento muito exagerado'

Quanto ao adjetivo diminutivo, o Katukina utiliza o mesmo esquema do aumentativo, fazendo uso do ILP adjetival **pistʃa** (pequeno) para diminutivo.

O adjetivo diminutivo apresenta dois níveis de intensidade, que por sua vez se sub-dividem em outros dois. O nível (A) utiliza o ILP **pistʃa** (pequeno), que pode ser acrescido do prefixo **tʃan** configurando os níveis Um A e Um B.

Essa sub-divisão se dá também no nível dois pelo mesmo processo de afixação: o nível Dois A apresenta o termo **mintʃin** e o nível Dois B apresenta o mesmo prefixo do nível um, **tʃan**, como pode ser conferido nos exemplos abaixo:

A. Nível Um A

- | | |
|--------------------|----------------|
| afa pistʃa | 'sapo pequeno' |
| hana pistʃa | 'boca pequena' |
| ʃuʃu pistʃa | 'casa pequena' |

B. Nível Um B

- | | |
|--------------------|-----------------|
| tʃan-pistʃa | 'muito pequeno' |
|--------------------|-----------------|

C. Nível Dois A

afa mintjin	'sapo minúsculo'
hana mintjin	'boca minúscula'
şuşu mintjin	'casa minúscula'

D. Nível Dois B

tşan-mintjin	'pequeníssimo (irreal)'
--------------	-------------------------

6. Morfologia Adverbial

Os advérbios podem ser modificadores de diferentes grupos de termos em uma língua, grupos estes que podem ter características em comum, sejam nocionais ou gramaticais. As palavras que poderiam ser classificadas como adverbiais basicamente são de tempo e lugar, como mostram os exemplos (A-B) abaixo:

A. Advérbio de Tempo:

1. nia-şari	'hoje' (este sol)
2. şaşa-uma	'amanhã' (? - ?)
3. yanta	'ontem'
4. rama	'agora'
5. tşipu	'depois'

B. Lugar

1. anu 'lá'
2. ua 'aí, (aquela)'
3. unu 'ali'
4. ninu 'aqui'

Incluiremos mais quatro ILPs nesse item que poderiam ser classificados como sendo posposição (C), mas depois veremos que eles podem ser classificados de outra forma. Por enquanto, é assim que eles serão apresentados abaixo:

C. Posposição

1. βiu-ta 'junto de'
2. tuki 'longe de'
3. rami 'perto de'
4. yai 'com'

7. Verbetes dos Morfemas

O que estamos entendendo por verbetes dos morfemas é uma lista de todos os itens - palavras - de uma língua, pois esse conjunto inclui os morfemas presos e os livres. Assim, esta discussão diz respeito aos termos lexicais e afixais encontrados em uma língua. Um glossário da língua deve incluir não apenas os ILPs, mas também os IAPs, já que ambos - morfemas presos ou não - são relevantes no glossário. Quanto a eles serem entradas ou subentradas, vai depender

da própria estrutura da língua (Cap.IV).

Essa temática vai ao encontro de uma das questões centrais da lexicografia que é: o que se deve colocar em um dicionário? A resposta dependerá do que se pretende abranger no referido dicionário. Mas como nossa discussão não é de natureza lexicográfica, supomos que os verbetes de uma língua são identificados como todo e qualquer item expresso nos discursos de seus falantes.

Apresentaremos alguns dados do Katukina para esclarecer nossa idéia de verbebo dos morfemas e suas combinações para um futuro glossário da língua.

A. Nome

1. ana 'boca'
2. mapu 'cabeça'
3. yunka 'goiaba'

B. Adjetivo

4. piŋtŋa 'pequeno'
5. uŋu 'branco'
6. mintŋin 'minúsculo'

C. Advérbio

7. rama 'agora'
8. ninu 'aqui'

D. Pronome

9. ia 'eu'
10. nuki 'nós'
11. mia 'você'
12. haa 'ele', 'ela'

E. Morfemas de Posposição

- 13. tuki 'longe de'
- 14. tʃipu 'depois de'
- 15. βiu-ta 'junto de'

F. Morfemas Presos

- 16. -ma 'negação'
- 17. -ra 'interrogação'
- 18. -βu 'plural (humano)'

G. Tempos Verbais

- 19. ai 'presente'
- 20. βai 'passado'
- 21. kai 'futuro'

Conclusão

A língua Katukina apresenta apenas dois fenômenos morfológicos, o derivacional e o gramatical. O primeiro se dá de duas formas, prefixação e sufixação. Quanto ao segundo - gramatical -, os dados nos mostram que o mesmo elemento pode estar proclítico ou enclítico, dependendo das palavras do contexto. Isso mostra que a fonologia rege essas formações.

No que concerne a formação de palavra, a língua Katukina apresenta dois tipos possíveis de formação: um através da composição e outro através da afixação. Para a criação de palavras novas na língua, também são aceitos dois processos: o de adaptação fonética do termo emprestado e o de inclusão de conceitos novos. Fugindo a esses dois processos encontramos somente duas palavras que entraram para o léxico da língua sem ter passado pelos processos fonológicos básicos exigidos pela língua - oxítono e dissilábico. Acreditamos que possam ser encontrados outros exemplos dessa natureza, mas o que importa constatar é que essa língua apresenta mecanismos muito fortes para evitar empréstimos de forma direta que "atropelariam" as regras da língua.

Um dos fatos mais interessantes que pudemos verificar nos dados da língua Katukina foi que, na ampliação do seu léxico, são admitidas a prefixação e a sufixação, além da composição; todavia, quando se trata de termos novos criados a partir da inclusão de conceitos na cultura, ela parece admitir, em princípio, somente o processo de sufixação. Por outro lado, os casos de prefixação são casos de termos que foram se formando no decorrer do tempo sem recorrer a empréstimos de uma outra língua.

Os morfemas presos - IAPs - da língua Katukina que têm uma função gramatical são sempre sufixados aos ILPs, como por exemplo, *-ra* que desempenha o papel de interrogação, *-ma* de negação, e assim, sucessivamente. Eles nunca são

prefixados e essa é uma característica que distingue afixos e clíticos.

Fazendo uma divisão entre os IAPs e os ILPs, podemos dizer que nessa língua os morfemas livres são itens lexicais que têm sentido e significado próprio, ou seja, eles independem de outro item para significar. Alguns exemplos são: **kaman** - 'cachorro', **nii** - 'mato', **putu** - 'pó', e outros.

Quanto aos ILPs que marcam o tempo absoluto, **ai**, **βai**, **kai**, apesar de terem tal função e aparecerem sempre depois do predicado, eles são considerados livres pela língua Katukina, posto que ela permite sua manifestação mesmo sem a presença do verbo. Nos dados disponíveis, encontramos vários casos de T independente do V, mostrando que ele tem autonomia gramatical. Além disso, eles estão dentro do que podemos definir como Item Lexical Padrão (ILP), que são livres. Esse ponto será melhor explorado no capítulo IV.

A língua Katukina apresenta dois níveis de aumentativo e dois de diminutivo; quanto ao número, ela tem o recurso de três variedades: singular, dual e plural.

É interessante mostrar que a pluralidade se dá com a manifestação dos termos usados para 'dois', 'três', 'quatro', 'cinco' e 'muito' para qualquer N. Mas para o N com traço [+humano], reserva-se um sufixo, **-βu**, de uso exclusivo dessas situações.

Em termos de natureza de língua, o Katukina pode nos parecer como puramente isolante; no entanto, se observarmos somente o SV e o SDet (**n + u + a + n e ŝ + u + a + n**), poderíamos acreditar que se trata de uma língua aglutinante. Mesmo assim, assumimo-la como língua antes isolante pela sua uniformidade quanto aos itens lexicais como Nome, Verbo, etc., muito uniformes. Eles são dissilábicos e oxítonos, e o fato de os morfemas unissilábicos cumprirem um papel basicamente gramatical. Sabemos que esse fato não é uma justificativa para tratar a língua como isolante mas não entraremos nessa questão no momento.

CAPÍTULO III

S I N T A X E

ANÁLISE SINTÁTICA DO KATUKINA

0. INTRODUÇÃO

O capítulo de sintaxe da língua Katukina se divide em sete itens básicos: Quadro da teoria gerativa (1), Ordem dos Constituintes (2), Clíticos (3), Interrogação (4), Negação (5), Parâmetro Pro-Drop (6), Nasalidade (7) e um Resumo do capítulo (8).

No primeiro item, faremos a apresentação da teoria gerativa selecionando os pontos que iremos utilizar nos itens que seguem. No segundo, trabalharemos sobre o conceito de ordem básica dado por alguns estudiosos como Greenberg (1963), Dik (1978), Ross (1970), Travis (1984) e Ambar (1988). A seguir, passaremos a analisar dados do Katukina para a identificação da ordem básica da língua, bem como suas possíveis ordens derivadas.

No que se refere ao item (3) - clíticos - estudaremos o comportamento sintático apenas dos IAPs⁰ -*βu*, -*ra*, (-)*ma*(-) e -*n* quando atuam no nível da oração.

Nos dois itens seguintes, analisaremos orações interrogativas e negativas do Katukina, separadamente, buscando conhecer o comportamento do elemento de negação e de interrogação, quanto à sua posição possível na oração e na estrutura.

Um outro ponto que consideraremos aqui é o parâmetro Pro-drop. Nesse item, analisaremos as orações com sujeito foneticamente nulo no Katukina. Nossa hipótese é a de que essa língua pode ser considerada como sistema misto. Para discutir e argumentar em favor dessa hipótese, verificaremos os dados do Katukina através do que nos aponta a teoria de regência e vinculação.

⁰ Item Afixal Padrão: monossilábico e átono (ver Cap.II).

No penúltimo item, trataremos da ocorrência de nasalidade na língua no nível sintático. Essa nasalidade aparece nos ILPs¹ (N) e IAPs, podendo se caracterizar como marcador de posse, ergatividade, locativo, ou marcando outras funções ainda a serem definidas no decorrer de nossas discussões.

Verificaremos os dados do Katukina em todos esses itens propostos, juntamente com dados de outras línguas, com uma particular ênfase às da família Pano, buscando resgatar semelhanças entre elas. Essa comparação possibilitar-nos-á obter um primeiro quadro das línguas Pano mais próximas e mais distantes do Katukina. E essa comparação entre as línguas Pano ajudar-nos-á a interpretar os dados dessa última, bem como a resolver determinadas dúvidas que por algum motivo não possamos esclarecer sem uma comparação prévia.

Como é sabido, o Katukina faz parte de um dos grupos de línguas menos conhecidos no Brasil, o das línguas Pano. Em contrapartida, as línguas desse grupo no Peru e na Bolívia foram muito pesquisadas, resultando em importantes trabalhos. Esses trabalhos têm-se revelado de grande utilidade para o estudo das línguas Pano do Brasil, como é o caso do Katukina.

Utilizaremos para desenvolver os itens no presente capítulo tanto autores empiristas (Greenberg) quanto teóricos gerativistas (Chomsky, Raposo, Rizzi e outros).

No final do capítulo apresentaremos um resumo das hipóteses levantadas no decorrer deste capítulo, finalizando com as conclusões a que teremos chegado. Essas hipóteses levantadas poderão ser confirmadas ou não durante nossas discussões desenvolvidas ali.

¹ O ILP (item lexical padrão) é o mesmo que alguns autores chamam de palavra, termo lexical, etc., discussão já feita no capítulo anterior.

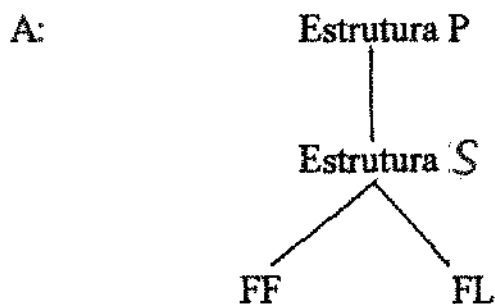
1. QUADRO DA TEORIA GERATIVA

1.1 Teoria de Regência e Vinculação

A teoria de Regência e Vinculação foi desenvolvida por Chomsky (1981). Essa teoria baseia-se na Gramática Transformacional e uma de suas características é que ela faz uso de operações transformacionais.

A referida teoria tem revisado muito da terminologia da Gramática Transformacional, pois enquanto esta distinguia apenas dois níveis de análise - a estrutura profunda e a superficial - a teoria de Regência e Vinculação se estabelece em quatro níveis - Estrutura P, Estrutura S, Forma Fonológica e Forma Lógica.

Podemos observar a relação interna desses componentes através da representação em (A) abaixo



Esses níveis são definidos da seguinte forma:

Estrutura P: é a representação pura das relações de dependência lexical e de subcategorização. Ela é o reflexo estrutural das propriedades seletivas dos elementos lexicais de um determinado enunciado;

Estrutura S: é criada a partir da estrutura P - profunda -, constituindo-se em uma representação das relações hierárquicas e lineares que se verificam entre os constituintes de um dado enunciado, e mesmo no interior de cada um desses

constituintes. Note-se que este é um nível mais abstrato que a estrutura profunda, na medida em que contém uma série de elementos nulos e apresenta conteúdos argumentais fora das suas posições originais.

Forma Fonológica: é o componente que tratará especificamente da estrutura fônica dos enunciados. Ela interage com a ordem de palavras através de regras estilísticas, mas a forma fonológica não se limita apenas a uma questão estilística. Por exemplo, o filtro de Caso atua nesse nível. Além disso, há inúmeras conexões entre entonação e sentido, e não há como dar conta dessas conexões sem assumir que há ligações diretas entre a fonologia e a semântica nesse modelo gramatical.

Forma Lógica: é o núcleo da gramática que representa as propriedades semântico-lógicas fundamentais de um enunciado, tais como o valor dos elementos quantificadores ou operadores de predicação, a relação entre elementos interrogativos/variáveis, etc.. Isso é o que se pode chamar de 'sentido estrutural' de uma sentença.

1.1.1 Teoria X-Barra

A teoria X-Barra foi desenvolvida nos 70 e desempenha um papel importante para a teoria de Regência e Vinculação.

Este modelo representa uma simplificação considerável no componente de estrutura frasal, já que a sintaxe X-Barra mostrou que as regras de reescrituras não seriam categorialmente específicas, mas poderiam ser colocadas em termos neutros no que diz respeito ao estatuto categorial dos elementos, o que pode ser ilustrado pela regra de estrutura básica de frase em (B) abaixo:

- B: a. $X'' \rightarrow \dots X' \dots$
b. $X' \rightarrow \dots X \dots$

Nesse esquema, X da regra (Bb) representa as categorias lexicais - N, V, P, A e também as categorias funcionais - Det, COMP, Fl. - que domina diretamente o item lexical. X funciona como núcleo da categoria. A categoria hierarquicamente mais elevada chama-se projeção máxima.

As estruturas projetadas conforme esse esquema cairão, por outro lado, sob a ação do Princípio da Interpretação Plena (Chomsky-1985). E esse Princípio é averiguado na Forma Fonológica e na Forma Lógica. Os elementos de uma oração devem ser legitimados por interpretação apropriada, o que equivale a dizer que a interpretação deve se dar através ou da subcategorização ou da predicação.

No final dos anos 70 percebeu-se que havia uma grande redundância no sistema de regras de reescritura de frase e na estrutura de subcategorização. Por exemplo, a informação de que o verbo transitivo está seguido por um NP-objeto foi colocado tanto na regra de expansão do VP quanto na estrutura de subcategorização do verbo. Do ponto de vista da Regência e Vinculação, as regras de reescrita de frase não têm meios teóricos apropriados para localizar a estrutura complementar do item lexical, como tem a subcategorização.

Muitas projeções máximas - SN, SV, SA ou SP - podem ser o argumento de um núcleo, pelo princípio de subcategorização, pois diferentes núcleos selecionam diferentes elementos de um conjunto de projeções máximas como argumentos. Por exemplo, o verbo **comer** seleciona SN, **pensar** pode selecionar SCOMP, **pôr** já seleciona SP.

A subcategorização é usada como um filtro e deve ser respeitada em todos os níveis de análise.

1.1.2 Princípios de Projeção

O Princípio de Projeção é um princípio fundamental da teoria de Regência e Vinculação. Ele é responsável pela manutenção das posições engendradas na estrutura profunda. Assim, se há uma posição SN em certa configuração estrutural em um nível, esta posição SN deve estar presente em todos os níveis.

Em uma construção passiva, o objeto da estrutura profunda pode mover-se para a posição de sujeito. A posição de sujeito está lá por uma extensão do Princípio de Projeção. Quanto à posição de objeto, ela está lá autorizada pelo verbo, subcategorizada por ele.

1.1.3 C-Comando

A noção de c-comando é uma noção estrutural que entra em vários módulos, como a teoria de Regência e a teoria de Ligação

Há várias definições de c-comando que tem sido propostas na literatura em Regência e Vinculação, motivadas por diferenças de ordem empírica. Assim, o que estamos considerando como definição de c-comando é o que colocamos em (C)² a seguir:

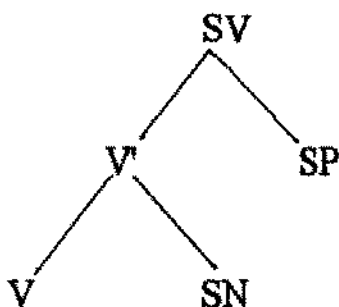
C: c-comando

α c-comanda β se e somente se todas as projeções máximas dominando α dominam β .

Ilustrando tal conceito com uma estrutura de árvore temos (D) que segue:

² Na literatura, essa definição corresponde a m-comando.

D:



De acordo com a estrutura (D), pode-se dizer que V c-comanda SN e SP.

1.1.4 "Move α "

"Move α " é a regra da gramática que permite a mudança de alguma coisa para algum lugar, ou melhor, que permite a mudança de qualquer elemento da sentença para qualquer lugar. Contudo, "move α " é controlado por princípios da teoria restringem os movimentos possíveis.

A condição de subjacência também é um princípio que controla "move α ". Ela exige que os movimentos se apliquem no mesmo ciclo, ou em ciclos adjacentes. Isto é, nenhuma regra cíclica pode deslocar um elemento y para a posição x onde α e β são nódulos cíclicos, S e NP.

E: ...x...[...[...y...]...]...x...
 α β

Os pontos que vão interagir com a Condição de Subjacência são: (i) o fato de que o deslocamento de um elemento QU só se faz para a posição de COMP e, (ii) a Condição de Ciclicidade Sucessiva, que exige que os movimentos se realizem, sucessivamente, da categoria cíclica mais encaixada até alcançar a mais alta. Por

exemplo, a seqüência (a) não pode ser derivada a partir do seu marcador inicial:

(a) COMP João acredita [em [boato [de[COMP Maria beijou QU alguém]]]]

O deslocamento QU só se faz para uma posição COMP e não há uma posição de COMP para receber a palavra QU no SN o boato. Note que ela não pode ser derivada por aplicações cíclicas e sucessivas de deslocamento QU; e não pode ser derivada diretamente com o sintagma-QU indo diretamente para a posição inicial COMP, porque o Princípio de Subjacência o proíbe (Lobato-1986).

1.1.5 Teoria de Regência

A teoria de Regência, ou Governo, "é uma teoria acerca das relações entre o núcleo de uma construção e as categorias dele dependentes"(Lobato-1986.395). É uma teoria que tem como objetivo formalizar a noção de complementação. Assim, ela deve determinar :

- (i) que elementos podem reger (governar) e em que condições;
- (ii) que elementos podem ser regidos (governados) e em que condições;
- (iii) qual a condição estrutural para se dar regência (governo).

Desta forma, pode-se dizer que: (i) os elementos que podem reger são os núcleos lexicais - N, V, P, ou seja, X⁰ - e Fl; (ii) os elementos regidos por N, V, P, são os seus complementos; e (iii) a condição estrutural para haver regência é o comando.

A noção de regência pode ser definida como em (1) (Chomsky-1982.19):

(1). Regência:

α rege β se e somente se:

- (i) $\alpha = X^0$ ou [+TEMPO]
- (ii) α c-comanda β e β não está protegido de α por uma projeção máxima (quando há um X^n que inclui β mas não α).

1.1.6 Teoria de Caso

Em línguas como o inglês e o francês há uma diferença fundamental entre as sentenças com o verbo no tempo infinitivo e as que apresentam o verbo no tempo finito, pois nessas línguas as sentenças infinitivas não podem comportar um sujeito explícito.

Para explicitar esse contraste, Vergnaud sugeriu que a grande diferença que há entre o sujeito de uma oração infinitiva, ou seja, sem tempo, e o sujeito de uma oração com tempo, é o fato de apenas esse último ocupar uma posição para a qual é atribuído um Caso - abstrato em muitas línguas, mas muitas vezes marcado morfológicamente também.

Essa primeira intuição foi reelaborada por Chomsky, e a atribuição de Caso ficou definida da seguinte forma: um NP deve ser marcado por Caso por uma categoria que o governa; Fl [+TEMPO], V e P são atribuidores de Caso. Assim, um NP terá Caso Nominativo, se ele for regido por Fl [+TEMPO]; Caso Objeto, se ele for regido por V; e Oblíquo, se ele for regido por P.

O Filtro de Caso se aplica na Forma Fonológica, dizendo que é agramatical uma construção $[N^n\alpha]$ se α é dotado de uma matriz fonética e não é marcado por

Caso.

1.1.7 Funções Temáticas

Certos elementos da língua têm a propriedade de funcionar em associação com outras expressões que os complementam e para as quais atribuem uma função semântica. Esses elementos são conhecidos como "categorias-operadoras" ou "predicados" e as unidades que eles selecionam chamam-se "argumentos".

Dentro da teoria de Regência e Vinculação, o "papel temático" - ou "função temática" - é a função semântica particular que um argumento toma com respeito ao predicado que o seleciona. Este módulo, de natureza semântica-lógica, procura definir que classe de expressões da língua pode funcionar como [+argumento] e que classe de expressões não pode funcionar como argumento - recebendo a classificação [-argumento].

Deste modo, argumentos são os NPs com interpretação referencial - NPs com núcleo lexical, pronomes, anáforas lexicais - e outros como os domínios sentenciais; categoria-operadores são todos os elementos lexicais: V, N, P e A.

Posição temática será, então, toda posição sintática para a qual um núcleo lexical atribui uma função temática, por exemplo, Agente, Tema, Meta, etc. As posições temáticas formam um subgrupo do conjunto das posições A, isto é, das posições que podem ser ocupadas por um conteúdo [+argumento]. Sendo assim, toda posição temática é uma posição A, mas nem toda posição A é uma posição temática.

Então, uma posição temática é aquela que cumpre uma função gramatical dada, tal como: sujeito, objeto e assim por diante. Deste modo, é possível perceber que a definição de posição temática e o processo de marcação temática são

sensíveis exclusivamente às características estruturais das representações sintáticas.

O Critério Temático pode ser enunciado da seguinte forma: todo argumento suporta uma e apenas uma função temática; e toda função temática é atribuída a um e apenas um argumento (Chomsky, 1982).

2. ORDEM DOS CONSTITUINTES

A ordem básica é também chamada **construção direta** (Barbosa-1822), **ordem simples** ou **natural** (Dias-1917) e **ordem direta** (Cunha e Cintra-1986 e Câmara Jr.-1968). Porém, vejamos o que atualmente se entende por ordem básica nas gramáticas.

Considerando como elementos de uma estrutura sintática os constituintes, S, V e O, poderíamos obter seis combinações: SVO, SOV, VSO, VOS, OVS e OSV. No entanto, como disse Greenberg (1963), nem todas essas combinações possíveis são realizadas efetivamente nas línguas naturais.

Para Greenberg (1963), as línguas têm várias ordens possíveis; no entanto, somente uma é dominante. Segundo ele, das seis combinações referidas anteriormente, apenas três podem ter o estatuto de **ordem dominante** nas línguas.

Para se ater à noção de ordem, deve-se levar em conta três questões, as quais são assumidas como básicas por Ambar (1988) e outros. Essas questões são: (i) determinar quais as **ordens possíveis** de uma dada língua; (ii) fixar critérios para **distinguir a ordem básica** daquelas que são derivadas, e (iii) **estabelecer propriedades universais** para encontrar as variações e as causas da posição dos elementos S, V e O. Com essas questões resolvidas será possível chegar a uma

tipologia geral da língua.

Ordem dominante para Greenberg é de domínio empírico, sendo obrigatória sua ocorrência nos enunciados; já para a gramática Gerativo-Transformacional, ela pode nunca ocorrer efetivamente. A ordem básica nessa gramática é a ordem que corresponde à estrutura profunda que entra para as regras transformacionais. E as diferentes ordens de superfície serão as derivadas, podendo essa ordem de base ocorrer ou não no enunciado.

Para Greenberg um padrão de ordem básica não se confunde com a relação de ordem mais freqüente nos enunciados da língua. Portanto, a ordem básica é aquela que representa um nível abstrato de generalização e através da qual podemos explicar as demais ordenações possíveis na língua recorrendo a poucas regras.

Ross (1970) propõe um teste para definir a ordem básica, a partir da elipse do verbo. Essa elipse permite a conversão de estrutura SVO + SVO em SVO + SO. Por exemplo, o Português (1ab):

(1)a. Eu como carne e Maria come legumes.

b. Eu como carne e Maria legumes.

Em línguas SVO - como o Português - a elipse se dá à direita da primeira realização da estrutura completa. Já em línguas SOV - como o Japonês - ocorre a elipse à esquerda.

Vejamos exemplos de japonês citados por Ross (2ab) em que a elipse do verbo transforma SOV + SOV em SO + SOV:

(2)a. watakusi wa sakana o tabe, Biru wa gohan o tabeta.
eu part. peixe part. comer Biru part. arroz part. comer

'Eu como peixe e Biru come arroz.'

b. watakusi wa sakana o, Biru wa gohan o tabeta.
eu part. peixe part. Biru part. arroz part. comer

'Eu como peixe e Biru come arroz.'

Com esse tipo de exemplo, Ross conclui que a ordem com a qual a elipse do verbo opera depende da ordem dos elementos em que essa regra de elipse se aplica. Essa colocação de Ross será melhor explorada quando estivermos discutindo os dados do Katukina, por ela estar sendo assumida como uma língua do tipo SOV.

Retomando as questões (i-iii) mencionadas anteriormente (Ambar - 1988), passamos a discuti-las para em seguida aplicá-las ao Katukina à medida que forem se mostrando relevantes.

Para responder à primeira questão - (i) determinar quais as ordens possíveis de uma língua - segundo Ambar, basta testar as seis ordens já apresentadas inicialmente: SVO, SOV, OVS, OSV, VSO e VOS. Dentre essas ordens, devemos verificar quais são gramaticais, ou aceitáveis pelo falante de uma língua qualquer. Então, essas serão as ordens possíveis da língua.

Assumindo a existência de somente uma ordem básica em cada língua, para responder à segunda questão - (ii) fixar critérios para distingüir a ordem básica das derivadas - devemos tomar a definição básica do quadro da gramática gerativo-transformacional, segundo a qual o padrão de ordem básica é aquele do qual todos os outros padrões são obtidos através de transformações.

Dentre as seis possíveis ordenações de S, V e O, a ordem básica será então

aquela, que exigir menos recursos para se tornar gramatical, ou aceitável, por ela ser a mais direta e natural. Isto é, a ordem básica é aquela que não precisa recorrer a recursos como entonação, pausas, ênfases ou outros quaisquer para que a oração seja entendida pelo seu interlocutor. Principalmente, se esses recursos não forem comumente utilizados nos enunciados.

Quanto à terceira e última questão - (iii) as propriedades universais - podemos nos apoiar no primeiro dos 45 universais de Greenberg:

"In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object." (1963).

Portanto, dessas seis combinações, ficam apenas três em condições de ser a ordem dominante ou ordem básica de uma língua natural: SVO, VSO ou SOV. De um ponto de vista empírico, a ordem básica é aquela que ocorre de forma menos marcada, ou seja, a combinação nua - sem necessitar de recursos como: pausa, entonação etc. - dos elementos S, V e O. Quanto às ordens derivadas, elas são as demais ordens gramaticais geradas a partir da ordem dominante que terminam por incluir pausas, entonações especiais, topicalizações etc..

2.1. A Ordem Básica do Katukina

Estamos assumindo em uma primeira instância que a língua Katukina apresenta a ordem SOV. Dada a estrutura morfológica da língua (Cap.II), podemos prever que nessa língua não é permitida liberdade na ordem dos constituintes. Com efeito, os elementos V, S e O devem obedecer sempre à mesma ordem por eles se manifestarem normalmente nus nos sintagmas e apresentarem poucas marcas morfológicas da sua função (ver Cap.II e IV).

Considerando as observações de Aguiar (1988) sobre o Katukina, somente

uma das três questões mencionadas por Ambar (1988), parece relevante nessa língua. As duas primeiras questões, por enquanto, não se aplicam - (i) quais as ordens possíveis da língua - e - (ii) ... distinguir a ordem básica daquelas derivadas. Como já mencionamos, os ILPs são interpretados em muitos casos segundo sua posição na oração (ver IV.4), sendo plausível postular uma única ordem. E isso pode ser conferido nos exemplos (3-5) que seguem:

(3) papa anu pi-βai
pai paca comer

'O pai comeu a paca.'

(4) ia nami pi-kai
eu carne comer

'Eu como carne.'

(5) ewa mani nuku βai
mãe banana achar

'A mãe achou banana.'

(5')*mani ÷wa nuku βai
banana mãe achar

*'banana achou a mãe.'

Todavia, pudemos observar que há casos em que as orações do Katukina podem se manifestar fora da ordem SOV. Vale ressaltar que, dentre esses casos, alguns são mais correntes e outros menos, sendo todos, entretanto, de ocorrência

efetiva muito baixa.

Vejam os alguns exemplos (6ab-8ab) que mostram que a língua Katukina não é tão rigorosa com a ordem dos constituintes quanto nos pareceu inicialmente, e vejamos, também, quais os mecanismos utilizados para evitar a ambigüidade. Em (6), ao lado da ordem esperada - (6a)³ - temos (6b):

(6)a. papan [βatʃi-nun βimi nuan] pi-ai
pai ovo x fruta y comer

'O pai está comendo ovo e fruta.'

b. βatʃi-nun βimi-nun papan pi-ai
ovo x fruta x pai comer

'O pai está comendo ovo e fruta.'

Observando o exemplo (6b) acima vemos que a ordem estabelecida pelos constituintes é OSV. A hipótese que podemos levantar é que (6b) é a ordem derivada, e que essa derivação se dá através de um processo de topicalização.

Portanto, estamos supondo que (6a) foi transformado em (6b) topicalizando o SN-Objeto para lhe dar mais ênfase na oração. A possibilidade desse processo de topicalização está diretamente relacionada à mudança parcial de interpretação de um ILP, *nuan*, já que ele deveria estar sendo usado para fechar o sintagma nominal. Como não é isso que ocorre em (6b), ele deve estar aí marcando a topicalização do SN-Objeto.

Como mostra (6b), a ordem dos constituintes no Katukina pode ser também a que representamos no esquema (A) abaixo, enquanto ordem derivada:

³ O dado (6a) foi estruturado segundo outros dados que obtivemos em campo, por exemplo, *papan kapi-nun iwi-nuan riški ai* 'O pai está matando o jacaré e a arraia.' (NTB: 1977.1/27).

A: O S V

Segundo o que descrevemos na morfologia (Cap.II), **nun** é coordenador de Ns de um mesmo sintagma. Assim, podemos levantar a hipótese de que em (6b) o SN está topicalizado

SN [S V]

por isso não precisa recorrer ao ILP **nuan** que fecha o sintagma. Caso isso seja verdade, devemos poder encontrar dados em que se topicalize um SN com apenas um N. Isso é bastante provável, pois **nun** não tem nenhuma reponsabilidade sobre o processo de mudança de ordem dos constituintes. Seguramente, encontraremos orações do tipo (6'):

(6'). β atʃi papan pi-ai
ovo pai comer

'O pai está comendo ovo.' ou 'Ovo, o pai come.'

Outra ordem que podemos encontrar nessa língua é a que mostra o exemplo (7b)⁴ abaixo. Nesse caso há um aparente deslocamento do sujeito da posição esperada para o final do enunciado, como mostra o contraste em (7ab) abaixo:

(7)a. maka β imi pi- η un atsa pi- η un tari η uan pi-ai
rato fruta comer-x mandioca comer-x roupa y comer

'O rato come fruta, mandioca e roupa.'

⁴ 7b: NTB-1977/1.33;

b. βimi pi-şun atsa pi-şun tari pi-şun maka
fruta comer x mandioca comer x roupa comer x rato

'O rato come fruta, mandioca e roupa.'

Poderíamos dizer que (7b) é constituído de três orações devido à presença do verbo em três lugares. Mas isso é pouco provável, pois, segundo nossa análise morfológica, os verbos, quando coordenados, exigem a presença do IAP - şun - da mesma forma que os nomes coordenados que estejam dentro de um mesmo sintagma (Cap.II) exigem a presença de nun.

Portanto, a análise mais provável para esse tipo de construção é a que assume apenas uma oração e essa oração exibe a seguinte ordem, OVS. Ela está com sintagma verbal topicalizado da mesma forma que em (6b) o SN está topicalizada.

Assumindo tal hipótese como verdadeira, podemos dizer que a ordem dos constituintes do exemplo (7b) é uma derivação da ordem básica representada no exemplo (7a). E que o sintagma verbal de (7b) estaria posicionado à esquerda do NP-Sujeito pelo processo de topicalização. Através desse processo, o último núcleo de um mesmo sintagma não precisa ser marcado com o finalizador de sintagma, şuan no caso do verbo, presente em (7a) que mostra a ordem básica do Katukina.

Para melhor apreciar dados em que o V está coordenado, apresentamos mais dois exemplos em (7c-d)⁵ que mostram que é a mesma estrutura que está em jogo, seja com os nomes, seja com os verbos:

(7)c. tfaşu wasi pi-şun mapu rişki-şun main şuan ai
carneiro grama comer-co cabeça bater-co berrar-co
'O carneiro come grama, dá cabeçada e berra.'

⁵ 7c: Oliveira-1985.12/129.2

7d: Oliveira-1985.12/128.2

-> co se lê coordenador;

d. takara nanu pi-şun βatʃi şan-şun ...
galinha minhoca comer-co ovo botar-co

'A galinha come minhoca, bota ovo ...'

Somando mais esses dados (7c-d) podemos assegurar de que realmente nessa língua a coordenação de Ns e Vs é independente da alteração da ordem básica através da topicalização. Assim sendo, estamos convictos de que şun e nun não tem ligação com a topicalização, eles são independentes da ordem. Esse movimento para tópico se dá depois de estabelecer a estrutura básica - SOV para OVS como em (7b) (ou OSV, como em (6b)).

Vimos na morfologia e nos dados (6a,7ac) que quando o ordem é SOV e os núcleos de um mesmo sintagma devem ser coordenados será obrigatório um fecho - nun > nuan e şun > şuan. Entretanto, quando esse sintagma está topicalizado não precisa desse fecho. Uma hipótese que podemos levantar à esse respeito é que o fecho só é relevante para evitar confusão de um sintagma com outro, mas que na posição de tópico ele já estará naturalmente marcado, e então esse fecho passa a ser desnecessário.

A ordem dos constituintes de (7b) seria mais uma ordem derivada permitida na língua, e em termos de representação esquemática teríamos o que mostramos em (B):

B: [O V] S

Uma observação pertinente aqui é quanto ao núcleo de ST - Sintagma Temporal. Ele não é preenchido quando o sintagma verbal ou SN está topicalizado,

um dado que procuraremos explicar em outra oportunidade. No momento estamos apenas constatando um fato.

Dentre as várias ordens dos constituintes do Katukina, temos uma outra (8b) que parece apagar o sujeito. O fato de o índice de ocorrência desses dados ser baixo em relação ao SOV nos diz que essa não é a opção preferencial da língua, facilitando, no entanto, a interpretação de suas variações. Vejamos uma oração em (8b) que omite o sujeito:

(8)a. huni-βu piši anipa-ma a-βai
homem-pl. tapiri grande-não fazer-pas

'Os homens fizeram um tapiri pouco grande.'

b. piši anipa-ma a-βai-βu
tapiri grande-não fazer-pas-pl + humano

'(Eles) fizeram um tapiri pouco grande.'

Quanto a esse outro tipo de oração (8b), vemos que há um apagamento do SN-sujeito. E este apagamento só é possível em presença da partícula -βu que licencia um sujeito nulo. Esse ponto será trabalhado oportunamente (III.2 e III.5), mas importa aqui discutir a estrutura oracional.

Postulando a recuperação desse apagamento através de um elemento clítico adjungido ao verbo, podemos assumir que a língua Katukina apresenta mais uma estrutura oracional representada pelo esquema (C) com apagamento do SN-Sujeito:

C: O V-Cl.

Quanto à ordem dos constituintes das orações interrogativas, devemos assumir que os elementos Qu - quanto, que, quando, por que, quem etc. - são interpretados como argumento interno do verbo. Vejamos alguns exemplos de orações interrogativas em (9a, b)⁶ abaixo:

(9)a. mia-ra sinu-ti haa
você-int serrote ter

'Você tem serrote?'

b. hantu-ra kuka
onde-int tio

'Onde está o tio?'

A oração interrogativa global (9a) parece manter a estrutura básica da língua

S-ra OV

mas com as interrogativas parciais em (9b) é pouco provável que a interrogação mantenha a mesma estrutura SOV.

QU-ra SV

Isso será discutido de forma específica no Cap.III.4, em que analisaremos as interrogativas na língua. Agora apreciaremos apenas a ordem que os constituintes da oração interrogativa devem ter em relação à ordem básica. Observem-se mais alguns dados (9cd)⁷ abaixo:

⁶ 9a: NTB-1977.2/13

b: NTB-1982.3/3.6

⁷ c: Aguiar-1985.9

d: Aguiar-1985.11

(9)c. hawe-ra mafi a-ai
o que- int Maxi fazer-pres

'O que a Maxi está fazendo?'

d. mafi-ra atsa tuku ai
Maxi-int mandioca cozinhar pres

'Maxi está cozinhando mandioca?'

Segundo o que os exemplos (9cd) nos mostram, a ordem dos constituintes das interrogativas parciais - não-polares - sobre o objeto é O S V (9c) e das globais - polares - (9d) é S O V. Nesses termos, a língua Katukina pode ter estruturas (D) das seguintes formas:

- D: SOV > 1. Decl. e Int. Glo ----- SOV;
2. Decl. Top-O e Inter.Par ----- OSV;
3. Decl. V S (Top SV)----- OVS;
4. Decl. S Cliticizado ----- OV;

Retomando as três questões (i-iii) que motivaram nossas discussões sobre a ordem dos constituintes, verificamos que a língua Katukina: (i)apresenta quatro ordens de orações possíveis (D). A ordem básica é SOV e as outras três -OSV, OVS e OV - são derivadas por diferentes processos sintáticos.

Distingüimos a ordem básica das derivadas (ii) através da comparação das orações simples (3-5) com as mais complexas (6b,7b e 9b). A posição dos elementos (iii) deve-se ao processo de topicalização, incluindo a estrutura de interrogação, mas a ordem básica é SOV e isso deveria ser confirmado pelo teste de Ross (1970). Ele afirma que a ordem pela qual se opera a elipse do verbo depende da distribuição dos elementos em que essa regra de elipse se aplica.

Segundo ele, a elipse do verbo nas línguas SVO se dá à direita da sua primeira realização, e em línguas SOV essa elipse se dá à esquerda. Portanto, espera-se que o Katukina se comporte como o japonês em relação à elipse do verbo. Essa previsão não se verifica no Katukina como podemos atestar com o contraste em (10a)⁸ abaixo:

(10)a. kukan hunu a-nun ipan amin a-nun a-βai-βu.
tio porco matar-co tio mat. capivara matar-co. matar-pas-cl.

'Um tio matou uma paca e o outro tio matou uma capivara.'

b.* kukan hunu ipan amin a-βai

A estrutura de orações com a aplicação de elipse do verbo deveria ser (E) para comprovar que a ordem básica do Katukina é SOV como em japonês, mas de fato só (E') é bem formada na língua.

E:* SO + SOV

E': SOV + SOV + VT

Entretanto, talvez tenhamos que investigar melhor o fenômeno antes de dizer que a proposta de Ross não se aplica ao Katukina que é, sem dúvida uma língua SOV. Nosso intuito é apenas o de levantar questões que venham contribuir para conhecimento do comportamento do Katukina, aplicando alguns testes teóricos quando for possível. E o que encontramos foi a estrutura duplicada acrescentando o V seguido do T (E'). Isso nos leva a pensar que o tempo verbal - T - é fundamental para se conhecer a tipologia do Katukina e possivelmente de outras

⁸10a.: NTB-1982.2:22.9

línguas.

Nesse sentido, tomamos como base o que postula Travis (1984): para se chegar à ordem básica dos constituintes de uma língua, devemos considerar não só Sujeito, Objeto e Verbo, mas também a Flexão, doravante Fl. Incluindo esse elemento, a língua Katukina teria a seguinte ordem básica (F), seguida de exemplos em (F1-3)⁹:

F: S O V Fl

F:1. mia-ra yawiṣ pi-ai
você-int tatu comer-pres

'Você come tatu?'

2. papa yawiṣ pii kai
pai tatu comer fut

'O pai vai comer tatu.'

3. ia yawiṣ pi-βai
eu tatu comer-pas

'Eu comi tatu.'

4. an-iwa yawiṣ nuku βai
pos-mãe tatu achar pas

'Minha mãe achou o tatu.'

⁹F1-4: NTB-1977.2/16

Portanto, dado os exemplos em (F'), podemos assumir que o Katukina é uma língua de núcleo final. Isso se verifica dentro dos constituintes da oração. E revendo as ordens derivadas dessa língua, observamos que seria mais viável a nomenclatura T - tempo do verbo - do que Fl - flexão. Desta forma as ordens derivadas são as seguintes (G):

- G: 1. O S V-T
2. O V S
3. O V T

2.2 Ordem Interna dos Constituintes

A questão da ordem interna dos constituintes de uma oração é importante, basicamente, por envolver quatro aspectos, segundo Travis(1984:28). Esses aspectos são: (i) a especificação de quais elementos são obrigatórios, e, em particular, qual é o núcleo do sintagma, (ii) quais são opcionais, (iii) que ordem o elemento opcional deve ter em relação ao outro e (iv) que ordem eles devem ter em relação ao núcleo.

A resposta às duas primeiras questões (i-ii), está nos princípios gerais da Gramática Gerativa. A teoria X' diz que SNs e SVs têm como núcleo obrigatório o N e o V, reciprocamente, admitindo também outros elementos opcionalmente. Essa colocação pode ser resumida com a regra básica de estrutura oracional (H) abaixo:

H: $X^n \rightarrow X^{n-1} \dots$

Tomando como certo que N, V, P, A, COMP, e Fl entram em tal regra, essa estrutura (H) pode ser assumida como o esquema básico para todos os sintagmas.

Travis (1984) assume que S' é equivalente a COMP" e que S é equivalente a FI".

Segundo a teoria, o princípio de interpretação plena (I) se divide em duas partes:

I: Para a Forma Lógica e a Forma Fonológica, todos os elementos devem ser licenciados por alguma interpretação apropriada, onde a interpretação pode ser encontrada através da:

- (1) sub-categorização, e
- (2) predicação.

O léxico é responsável pela indicação de quais elementos são sub-categorizados, e a teoria da predicação dá conta daqueles elementos licenciados através da predicação. O léxico pode ser considerado como um sub-sistema na base (Chomsky-1965) podendo fornecer muitas informações a respeito da estrutura de regras sintagmáticas. Algumas categorias - funcionais - selecionam complementos independentemente de como eles mesmos sejam lexicalmente preenchidos. Assim, por exemplo, Comp seleciona FI", e FI seleciona V". Outras categorias - lexicais - selecionam estruturas diferentes como complementos, dependendo do item lexical. No SV, por exemplo, vemos que o V pode selecionar elementos pertinentes a diferentes categorias. O verbo **dizer** requer um SP e/ou um S' (11a), o verbo **acreditar** (11b) um S', o verbo **bater** (11c) um SN ou SP, o verbo **colocar** (11d) um SN e um SP, o verbo **gostar** (11e) um SP, e o verbo **sorrir** (11f) não pede nenhum complemento:

- (11)a. V SP S' [disseram ao João que Maria viria]
- b. V S' [acredita que Maria venha]
- c. V SN [bateu a bola]

- d. V SN SP [colocou um terno no armário]
- e. V SP [gosta de goiaba]
- f. V [sorriu]

Observando os exemplos do português (11a-f), vimos os vários complementos que o verbo pode selecionar mostrando a estrutura interna do sintagma verbal. Vejamos agora como são as estruturas internas dos sintagmas na língua Katukina. Essa verificação é fundamental para conferirmos quais os elementos possíveis não-nucleares que podem ocorrer em cada sintagma, (iii) que ordem devem ter em relação ao outro, e (iv) que ordem eles devem ter em relação ao núcleo.

Vimos, segundo a teoria X', que cada sintagma tem seu núcleo (o elemento obrigatório) e os não-nucleares (os elementos opcionais).

Analisaremos em seguida os sintagmas do Katukina visando nos certificar quais os elementos não-nucleares são subcategorizados pelos elementos nucleares de cada um desses sintagmas.

2.2.2 Constituintes de ST (Sintagma Temporal)

Travis (1984:88), analisando a ordem dos constituintes, questiona o fato de que os estudos tipológicos desenvolvidos até pouco tempo se baseavam na ordem relativa de S, V e O. Quer dizer, o sujeito e o predicado (SN e SV). Isso significa que os constituintes relevantes para esse estudo eram apenas o sujeito e o predicado do sujeito. Porém, Travis alega que com apenas essas distinções -S, V e O - não ficavam muito claras as tipologias das línguas. Ela observa como problema

concreto casos de algumas línguas -alemão e galês - em que o verbo se bifurca. Vejamos um dos exemplos que a autora apresenta para ilustrar esta discussão. Segue exemplo do alemão (12a) abaixo:

(12)a. Ich bin ins Kino gegangen
eu estou em-o cinema ir

'Eu fui ao cinema.'

O verbo no alemão aparece bifurcado **bin** e **gegangen**. O verbo **bin** em final de orações encaixadas dá margem a ambigüidade quanto à ordem básica como mostrado em (12b) abaixo:

(12)b. daß ich ins Kino gegangen bin
que eu em-o cinema ir estou

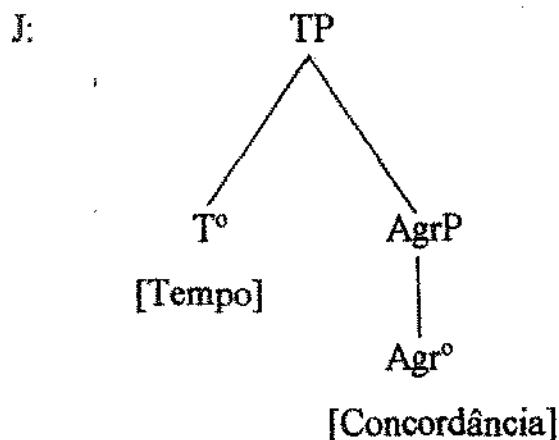
'que eu tenha ido ao cinema.'

Considerando-se somente a ordem relativa de S, O e V, não era possível chegar à tipologia de línguas com esse tipo de problema. Pois, para resolver tais questões, seria preciso uma regra de movimento do verbo na sentença raiz. E Travis admite que, se assumirmos que o INFL é o elemento que expressa tempo, será possível explicar essa aparente subdivisão do constituinte verbal com a presença de INFL (cf. Travis (1984)).

Sob o nosso ponto de vista, o estudo de Travis (1984) foi um marco para o estudo da tipologia das línguas. A introdução de um novo elemento no conjunto dos constituintes nos fornece mais recurso para chegarmos à ordem que uma dada língua possui, pois uma língua pode ser diferente tipologicamente somente pela

posição em que o tempo ocupa em relação aos outros constituintes. Somos partidários de sua posição por ela assumir que o INFL é tão relevante quanto S, O e V para a análise da tipologia das línguas.

Pollock (1989), por sua vez, questiona a legitimidade do nóculo INFL. Ele sugere que INFL seja subdividido em Conc e T, pois para ele não se justifica INFL incluir dois grupos de traços diferentes (tempo e Concordância). Portanto, seria mais coerente pensar que cada um desses grupos possui a sua própria projeção máxima (J).



Para usar os termos do próprio autor, ele diz que "Infl(ection) should not be considered as one constituent with two different sets of features ([± Tense, ± Agr]) and that instead each of these sets of feature is the syntactic head of a maximal projection, AgrP and IP (the latter to be called, more perspicuously, T(ense)P (Pollock, 1989.365)¹⁰.

Em termos teóricos, podemos sugerir que se Pollock (1989) tivesse questionado o conteúdo de INFL antes de Travis (1984), ela teria proposto a

¹⁰ Pollock (1989.365), ... "flexão não deveria ser considerada como um constituinte com dois diferentes grupos de traços ([±Tempo, ±Conc] e que, ao contrário, cada um desses grupos de traços é um núcleo sintático de projeção máxima, SConc e SF1 (o último será chamado, mais eficientemente, de ST(empo).

inclusão de ST e não INFL. Visto que um dos argumentos fortes usados por ela é foi que "INFL is the element which expresses tense".

Aceitando essa argumentação, devemos aceitar que ST se integre nos constituintes relevantes das línguas. Portanto, os constituintes que serão considerados para um estudo tipológico de uma língua qualquer serão o S, V, O, T, ou N-sujeito, SV, SN-objeto e T.

Tendo apresentado o que nos pareceu fundamental das idéias de Travis(1984) e Pollock (1989), passamos a analisar o ST enquanto constituinte da tipologia da língua Katukina que integra os demais constituintes da oração. Não nos ocuparemos de SAgr por ele não ter um papel significativo aqui, segundo as conclusões a que chegamos na morfologia (Cap. II). Nesse capítulo vimos que a concordância na língua é nula foneticamente e o que se realiza visivelmente é apenas o tempo verbal. E mais, nenhum estudo de nosso conhecimento até hoje alegou que Agr (concordância) seria um constituinte relevante para uma análise tipológica.

Iniciaremos nossa análise do ST do Katukina mostrando alguns exemplos que nos permitam observar os seus constituintes. Os exemplos são dados com os tempos verbais (13-15)¹¹, T nulo foneticamente (16) e outros elementos (17), como vemos abaixo:

(13) Presente:

a. nukin nii rini ai
nós mata limpar pres

'Nós limpamos a mata.'

¹¹ 13-17: Aguiar-1985

b. nukí mia hiwi ai
nós você gostar pres

'Nós gostamos de você.'

c. ia kaya kuin-nanka βai ia pini-tʃa ai
eu correr muito pas eu cansar pres

'Eu corri tanto que estou cansada.'

d. an-ʃita ua ai
meu-dente doer pres

'Meu dente está doendo.'

(14) Passado:

a. tanku βatʃi ipu βai
tracajá ovo enterrar pas

'A tracajá enterrou o ovo.'

b. mia-ra maan mani pi-βai
você-inter já banana comer-pas

'Você já comeu banana?'

c. ayβu kari a-kika βai
mulher batata ir-buscar pas

'A mulher foi buscar batata.'

d. nia-βari-n papa nuti ka-βai
este-sol pai canoa sair-pas

'Hoje, papai saiu de canoa.'¹²

(15) Futuro:

a. ian naβi kai
eu tomar banho fut

'Eu vou tomar banho.'

b. mai nii kai
Mai caçar fut

'O Mai vai caçar.'

c. ayβu taβata ki-kai
mulher cana cortar-fut

'A mulher vai cortar cana.'

(16) Tempo Nulo:

a. ian pia maska
eu comer nada

'Eu não comi nada.'

b. maci nami uti
cutia carne muito

'A cutia deu muita carne.'

¹²NTB-1982.3/24.3.

c. nia kanti iftja-pa
este arco ruim

'Este arco é ruim.'

d. nii-nan tfuka βina
Nii rede nova

'A rede do Nii é nova

e. nia βimi suku
esta fruta madura

'Esta fruta está madura.'

f. ian ipa ia
eu cavalo ter

'Eu tenho cavalo.'

(17) Término de Oração:

a. tfanku βatʃi uti iki
tracajá ovo muito term¹³

'Tracajá tem (bota) muito ovo

b. ui mai putu ki-iki
chuva terra seca (pó) cair-term

'A chuva cai na terra seca.'

¹³ Estamos usando **term** para simplificar o termo **término**. Esse termo e abreviatura já são usados por outros autores que trabalham com línguas Pano.

c. ian funpa pi-pa iki
eu mamão comer term

'Eu comi mamão.'

d. ufi yanta iama iki
lua ontem ter não term

'A lua não apareceu ontem.'

e. kuyuska-ra mia βati βai βu¹⁴-ki
eles-inter você brigar pas cl-term

'Eles brigaram com você?'

Para interpretar T dos dados expostos acima vamos começar por aqueles em que o núcleo está preenchido - presente (13), passado (14) e futuro (15). Esses dados nos mostram que o SV vem sempre à esquerda do núcleo de ST.

Considerando os dados com núcleo de ST vazio, podemos dizer que esse fato está de alguma forma ligado a uma das três questões - (i) a ocorrência implícita dos verbos 'ser' e 'estar' (16c-e), (ii) ocorrência explícita do verbo ia 'ter'(16f), e ainda, (iii) a presença de (i)ki na oração (17a-d).

Dentre todos os casos de omissão do núcleo de ST, podemos supor que nessa língua as orações em que (i) o verbo 'ser' e 'estar' estejam implícitos sejam interpretadas como orações adjetivas. Desta forma, elas não necessitam da ocorrência de T foneticamente. Quanto àquelas que têm verbo 'ter' (ii), nessa língua, ele impede a manifestação do T - ai, βai e kai - visivelmente. No momento,

14 O clítico βu se juntou ao ki por uma regra fonológica, mas ele na verdade está associado a βai.

não podemos saber o porquê dessa não co-ocorrência, faz-se necessário um aprofundamento futuro.

No caso de (i)ki (iii), poderíamos levantar a hipótese de que ele preenche de alguma forma o núcleo de ST. Há casos em que os dois elementos coocorrem, mas na maioria das vezes iki (17a-d) ocorre sem o tempo verbal.

Desta forma, fica difícil dizer que (i)ki, se refere a um tempo diferente dos outros três - presente, passado e futuro. Vamos admitir que (i)ki seja parte do núcleo de ST; para isso devemos admitir também que ele expresse um tipo de tempo genérico que pode ser neutralizado se co-ocorrer com o tempo verbal. Essa proposta - de tempo genérico - vai ao encontro, parcialmente, do que Loos (1978) assume com relação ao mesmo morfema em outras línguas Pano - Amahuaca e Capanahua. O autor, quando traduz literalmente os dados dessas línguas, admite que iki seja marcador de presente de terceira pessoa. Os exemplos de Amahuaca (18) e de Capanahua (19a-b) abaixo foram extraídos do mesmo autor (Loos-1978).

(18). honin min nami pi'ikini
homem modo carne comer-pres3-term

'O homem come carne.'

(19)a. mari ta kai-ki
cutia modo ir-pres3-term

'A cutia vai.'

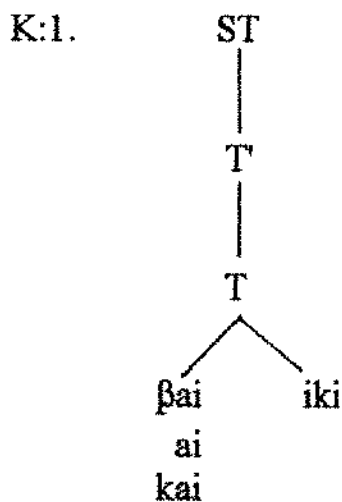
b. awa ta kaiki
anta modo ir-pres3-term

'A anta vai.'

No que diz respeito ao Katukina, estamos levantando a hipótese de que **iki** não tem ligações com nenhuma pessoa do verbo. Sob nosso ponto de vista, a língua Katukina não marca morfologicamente essas pessoas. O item **(i)ki** parece ser semelhante as das outras línguas Pano quanto à sua posição e à possibilidade de marcar um tempo ou mesmo ênfase. Isso interessa à nossa análise por ser coerente com outros dados do Katukina.

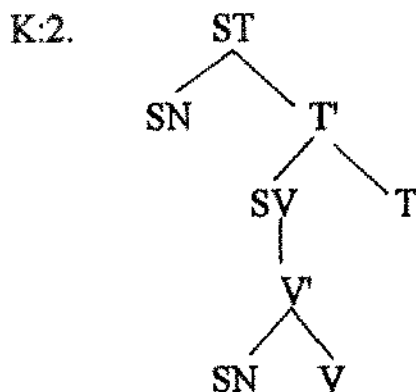
Resumindo, dizemos que não é provável também que esse elemento possa ser marca de presente, pois temos um caso de co-ocorrência (17e) com a marca de tempo passado - **βai**. Portanto, isso nos assegura que **(i)ki** não seja marcador de presente no Katukina; aliás, é de se esperar que ele co-ocorra com os outros tempos verbais - **ai** e **kai**.

Uma solução possível seria propor que ele seja um marcador de ênfase, quando eles co-ocorrem, e que ambos ficariam adjungidos na posição de núcleo, como propomos na estrutura (K1) abaixo:



Proporemos ainda que *-βu* em (17e) esteja cliticizado ao núcleo de ST. Esse clítico se adjunge ao núcleo de ST (ver Cap. III.3 e 6) estando coindexado a uma categoria lexical SN. Podemos afirmar que ST contém tanto categorias lexicais quanto funcionais. Portanto, devemos observar cada uma delas de forma específica.

Segundo os dados (13-17) acima, a oração - ST - no Katukina se estrutura, como mostramos em (k2):



As demais estruturas que encontrarmos serão derivadas da estrutura (k2). Isso é válido também quando tivermos outras categorias funcionais - SDet, SCOMP e SNeg -, bem como, estruturas com topicalização.

2.2.1 Os Constituintes de SN

Os constituintes de SN, além do próprio núcleo nominal, SAdj e SQuant. como vemos em (20a-c, 21a-b)¹⁵ abaixo:

¹⁵ 20-21: Aguiar-1985
20c: NTB-1977.2/26;

(20)a. tʃuma ani-pa rua-pa
[cua grande] bonita

'A cua grande é bonita.'

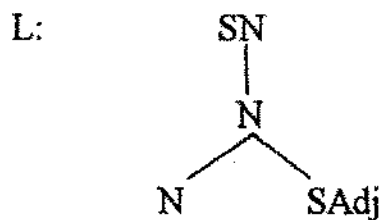
b. yumi tʃan-piʃtʃa
[menino pequeno]

'O menino pequeno.' ou 'O menino é pequeno.'

c. tʃipi iʃtʃapa
[mutuca nojenta]

'A mutuca nojenta.' ou 'A mutuca é nojenta.'

Em termos de estrutura teríamos o que mostramos em (L) abaixo:



(21)a. yaka uʃtʃi ayu-n kai
[Yaka só] roça fut.

'Só a Yaka vai à roça.'

b. βunsi yumi raβi ia
Vunzi [filho dual] ter

'Vunzi tem dois filhos.'

O núcleo de SN no Katukina pode vir com outros elementos opcionais, não-nucleares, como o genitivo (22a-b, 23a-d)¹⁶, cuja manifestação é licenciada à esquerda do núcleo.

(22)a. ipa-n ain-nin maní atan βai
 tio-n esposa-(?) banana cortar pas.

'A esposa do tio foi cortar banana.'

' b. hiwi huwa ruapa
 árvore flor bonita

'A flor da árvore é bonita

(23)a. an-kanti 'meu-arco'

b. min-papa 'seu-pai'

c. min-tai 'seu-pé'

d. an-ia 'meu-piolho'

Segundo nos mostraram os dados (20-23), o N no Katukina admite modificadores à direita e possessivos à esquerda. Seria interessante verificar dados de complementos no Katukina como

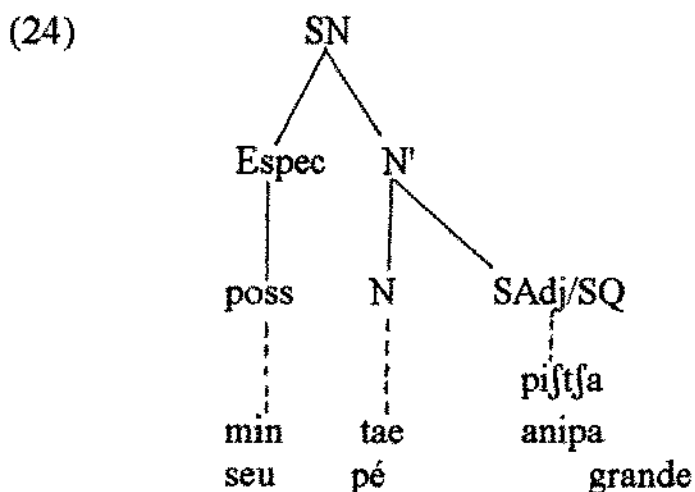
'O medo da chuva.'

'A destruição da casa.'

mas não pudemos obtê-los e analisá-los nesse estudo, ficando para uma investigação futura, já que se trata de um ponto relevante.

¹⁶ 22 a: NTB-
 b.: NTB-1977.2/15.3
 c.: NTB- 1977.2/3.15

Para mostrar a estrutura interna de SN na língua, apresentaremos abaixo em (24) a estrutura dos possíveis elementos não-nucleares de um sintagma nominal e suas posições em relação ao núcleo N.



O que nos mostraram os exemplos do Katukina, através da estrutura (24), é que o N licencia elementos não-nucleares tanto à sua esquerda - complemento, possessivo e genitivo, quanto à sua direita - adjetivo e determinante. A categoria lexical SN apresenta elementos não-nucleares. Podemos dizer que alguns desses elementos são licenciados à direita do núcleo e outros à sua esquerda.

Vejam os SNs com a presença de apenas o N sem elementos não-nucleares (26ab)¹⁷, e com elementos não-nucleares (27ab)¹⁸:

(26)a. nii nami pi-ai
 [Nii] [carne] comer-pres.

'O Nii come carne.'

¹⁷ 26: Aguiar-1985

¹⁸ 27: Aguiar-1985

b. tʃani yunka pi-ai
[Txani][goiaba] comer-pres.

'O Txani come goiaba.'

(27)a. kuka-n titi tiku-n-pa ai iki
[tio] [gavião] matar pres finalizador

'O tio quer matar o gavião.'

b. mai-nun kana nuan naʃi kai
[Mai-co] [Kana co] tomar banho fut

'O Mai e a Kana vão tomar banho.'

Os dados com nasalidade que são tratados no decorrer de nosso estudo serão analisados mais adiante em (III.7) - nesse mesmo capítulo - onde assumiremos que -n (27c)¹⁹ seja uma marca genitiva da mesma forma que , 's em inglês, no dado 'John's house.'

(27)c. kuka-n ipu-ti
tio-poss cobertor

'O cobertor do tio'.

Verificamos na morfologia (Cap.II) que quando o SN contém um núcleo complexo, cada N vem seguido de uma partícula que convencionalmente chamaremos de coordenação. Essa coordenação, sintaticamente, se cliticiza à direita dos Ns irmãos. Estamos assim denominando-o coordenador por ele

¹⁹ 27: NTB-1982.1/27.4

assegurar a ligação de um N a outro no mesmo nível hierárquico. Essa coordenação pode ser observada em dados do tipo de (28) abaixo:

(28). epa-nun kuka-nun papa nuan nii-βu βai-βu
[tio materno e tio paterno e pai e] caçar pas.

'Os tios e o pai foram caçar.'

Esse coordenador **-nun** que ocorre à direita dos núcleos do sintagma nominal é parte dos elementos não-nucleares que determinam o núcleo, os quais também podem aparecer no sintagma ocupando uma posição à direita do núcleo. Uma particularidade que consideramos interessante com relação a esses coordenadores é a sua manifestação fonológica. Embora eles se manifestem sempre nasalizados, estamos levantando a hipótese de que eles são despídos de nasalidade. Ou seja, eles se manifestam superficialmente acrescidas de nasalidade devido a uma questão sintática que não temos ainda condições de explicar, mas que permite dar conta da forma **nuan**.

Assumindo que a referida nasalidade não faz parte da coordenação, a forma básica do coordenador é na verdade **nu**, ao invés de **nun**, como vimos na fonologia (Cap.I). Levantamos a hipótese também de que essa coordenação, quando posicionada no último núcleo de SN, da esquerda para a direita, sofre uma transformação no nível morfológico ($IAP + IAP = ILP$) formando um item independente. Em outras palavras, estamos propondo que essa coordenação seja **nu + a** mais a nasalidade (Cap.II).

Em conseqüência disso podemos propor que a outra função atribuída a **nuan** é também a de marcar a não inclusão de mais Ns-irmãos no sintagma, mostrando que ele já está saturado. Caso sejam pertinentes nossas hipóteses acima, podemos

afirmar que **nu** está presente em todos os Ns-irmãos, inclusive no último. E ainda, que apenas o **a** é o responsável pelo fim de acréscimo de Ns no sintagma. Notemos que a nasalidade não faz parte da discussão agora. Vejamos como essa questão pode ser mostrada no esquema (M) abaixo:

M: SN = [N^a-**nu** + nas N^b-**nu** + nas ... N^Z-**nu** + **a** + nas] ...

Isso quer dizer que nessa língua jamais teremos dados em que Ns irmãos se combinam sem **nu**, nem teremos um SN com **nuan** marcando o núcleo inicial:

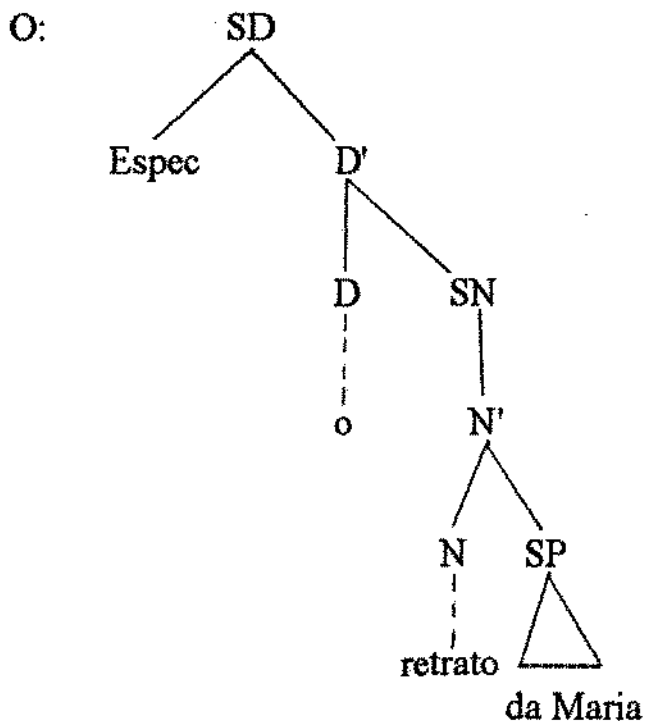
* N-nuan N-nun.

Para darmos conta da ordem interna de NP precisamos recorrer à teoria X' de Fukui e Speas (1986) quanto à projeção das categorias funcionais. Para esses autores, essas categorias compreendem as categorias gramaticais: Complementizador, Flexão e Determinante. Estas categorias distinguem-se das categorias lexicais pelo seguinte:

N: As categorias funcionais

- (i) possuem uma, e uma só, posição de especificador
- (ii) formam classes fechadas, e restritas de elementos
- (iii) não possuem o valor semântico normalmente associado às categorias lexicais
- (iv) subcategorizam obrigatoriamente um, e um só complemento (Raposo-1992).

Segundo Raposo, o que há de mais interessante nas sugestões de Fukui e Speas, é que a categoria D é projetada de acordo com os princípios da teoria X', o que podemos ver no esquema (O) abaixo com exemplo do português:

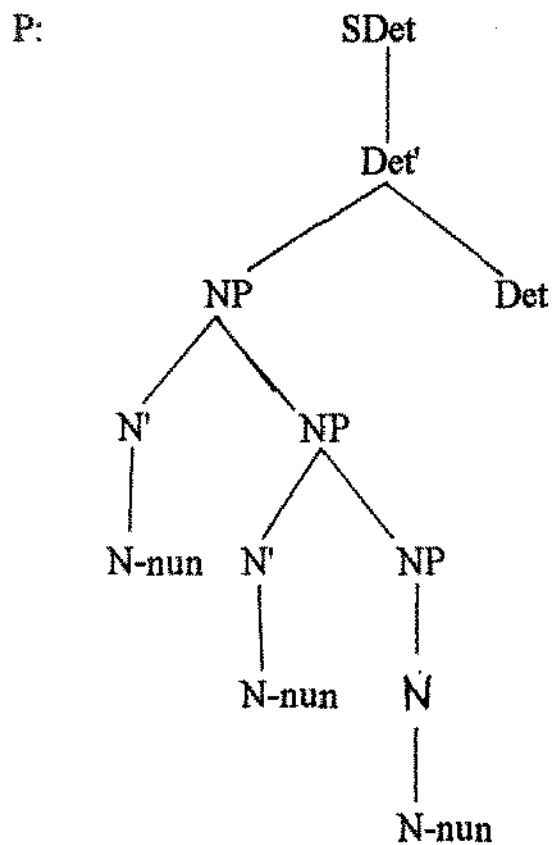


Em termos de estrutura interna, podemos propor que o SN do Katukina, quando contém coordenação, ou seja, núcleos compostos, está projetado dentro de uma categoria funcional maior, o SD. Para assumirmos tal posição teremos que postular a existência de um núcleo que se realiza como *a*, mas por razões não-sintáticas se manifesta lexicalmente como *nuan*. Em (P) ou (P') abaixo estamos propondo uma estrutura para (29)²⁰, uma frase na qual o SN-objeto apresenta núcleos complexos:

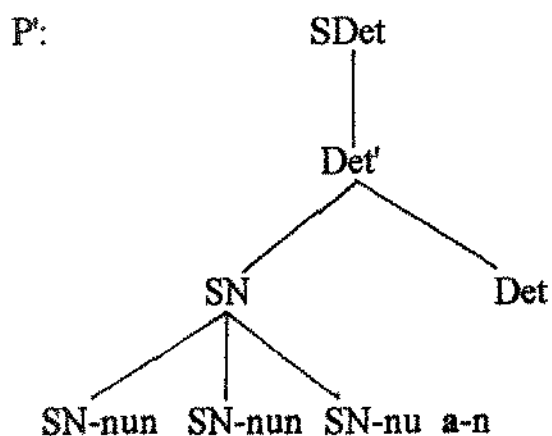
(29) mai nami-nun yunka-nun şunpa nuan pi-ai
 Mai banana-x goiaba-x mamão x-y comer

'O Mai come banana, goiaba e mamão.'

²⁰ Aguiar-1985.



mani-nun yunka-nun şunpa-nu a-n



Essas duas estruturas buscam representar o conteúdo da categoria funcional SDet. O que favorece (P') é que ela evidencia a noção de irmandade entre os Ns colocando-os em um mesmo nível hierárquico. Todavia, preferimos (P) por ela

utilizar apenas ramificações binárias, e ainda ser capaz de representar essa relação de irmandade.

No que diz respeito à coordenação na teoria gerativa, sabemos que até é um tema um pouco controverso. Parece que não é algo muito tranquilo de se tratar. Quanto ao Katukina, vimos que as estruturas em (P e P') mostram a posição desse determinante em relação ao N.

2.2.2. Os Constituintes de SV

O verbo na língua Katukina é expresso fonologicamente de quatro formas: (I) independente (ILP), (II) dependente (IAP), (III) apagado e outra (IV) independente (ILP) que nunca co-ocorre com o núcleo de ST.

Faremos uma exposição de exemplos de cada caso que ilustre essas quatro formas de manifestação do verbo (I-IV) citadas acima, e em seguida, observações sobre os mesmos, individualmente. Depois de apresentar os dados dos tipos de verbo faremos uma análise de SV na língua.

I - Forma Verbal Independente:

(30)a. papa nii kai
pai mato fut

'O papai vai caçar.'

b. kapi-pa kini ai
jacaré buracar pres

'O jacaré está fazendo buraco²¹.

21 Apesar de os termos 'buracar' e 'selvar' serem permitidos na estrutura do Português, eles não são

c. yumi paki βai
criança nascer pas

'A criança nasceu.'

d. kuyuska mia hiwi ai
eles você gostar pres

'Eles gostam de você.'

Fazendo uma observação geral dos dados do Katukina, dizemos que eles nos confirmam que a competência do falante nativo de Katukina, ou de uma língua natural qualquer, contém um mecanismo que define uma estrutura interna para a sequência linear de elementos na oração. Portanto, a estrutura atribuída por esse mecanismo é o que determina a ordem em que esses termos devem ocorrer um em relação ao outro - assegurando ao falante que um enunciado é gramatical. Essa colocação foi feita por Raposo (1992) com relação ao Português (31a-c). Nessa língua, e em outras, sabemos que nem todas as sequências constituem-se em expressões gramaticais.

(31)a. O mecânico limpou o automóvel com um pano.

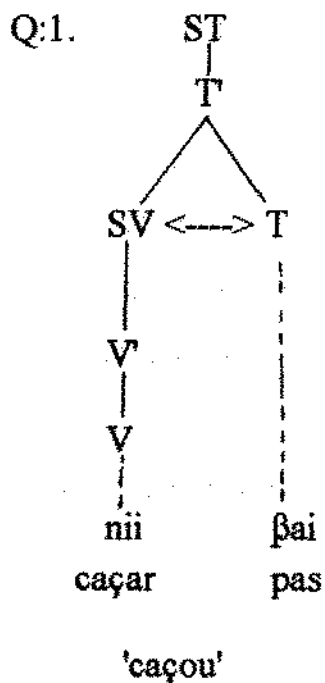
b.*O limpou mecânico automóvel o pano um com.

c.*O um o com mecânico limpou automóvel pano.

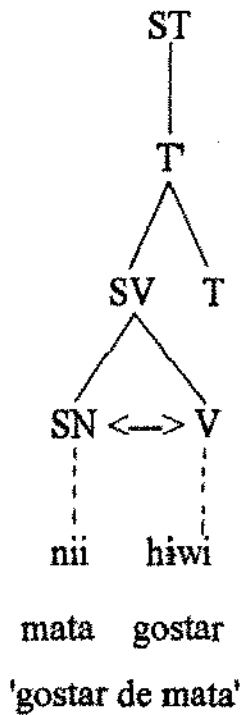
No caso do Katukina, como já mencionamos anteriormente, a sequência dos constituintes é relevante para a interpretação. Não sendo respeitada essa regra, poderá ocorrer uma interpretação equivocada ou a agramaticalidade da oração.

usados como verbos. Utilizamos essa forma aqui por considerá-la mais adequada para a tradução literal e, ainda, causar um efeito de questionamento comparativo.

Os exemplos (30a-d) acima mostram que o SV deve ser regido por T. Isso resolve a questão de um mesmo elemento morfológico poder ser interpretado como N ou V. A estrutura mostrará que um elemento para ser interpretado como SV, deve ser irmão de T, enquanto que um elemento foneticamente idêntico, será interpretado como SN se ele for dominado imediatamente por V' e for irmão de V. Seguem estruturas (Q1-2):



Q:2



Vejamos agora exemplos do Katukina em que o núcleo do sintagma verbal se manifesta foneticamente como um elemento dependente. Nesse caso, estamos sugerindo que ele esteja sufixado ao Tempo por uma questão puramente fonológica da língua²². Os dados são os que expomos em (33a-d) abaixo. Seguem exemplos:

II- Forma Verbal Dependente:

(32)a. papa unu ka-βai
pai lá ir-pas

'O pai foi lá.'

²² Segundo o que definimos na morfologia apoiados na fonologia, a língua Katukina tem apenas dois tipos de itens - IAP e ILP - um é monossilábico átono e o outro dissilábico oxítono. O primeiro só se realiza junto ao ILP, enquanto que esse último é independente. Sob nosso ponto de vista, um dos motivos que faz com que o IAP se junte a um ILP é a necessidade de tonicidade.

b. kuka-n βuna-ti βi-βai
tio mala levar-pas

'O tio levou a mala.'

c. papa-n kaman-nan maka a-vai
pai cachorro rato matar-pas

'O cachorro do pai matou o rato.'

d. šai ani-pa maan pi-βai
tamanduá grande já comer-pas

'O tamanduá grande já comeu.'

Podemos interpretar esse caso - núcleo de SV dependente -como sendo um problema apenas morfológico. Em relação à sintaxe, propomos que haja uma bifurcação dos elementos. Portando, o T' engendra o SV e SV engendra V' que engendra o V. A manifestação fonética não afeta a possibilidade de o verbo licenciar elementos, nem tampouco quando ele se manifesta com núcleo vazio.

O SV no Katukina pode se manifestar com seu núcleo fonologicamente nulo. Isso ocorre devido à própria natureza de verbo auxiliar 'ser' e 'estar', sendo uma característica comum às outras línguas. Seguem exemplos (33a-g):

III- Forma Verbal Apagada:

(33)a. nia nunti anipa
esta canoa grande

'Esta canoa é grande.'

b. waka tuʃβa rua-pa
água limpa boa

'Água limpa é boa.'

c. haa βupi ai
ele doente pres

'Ele está doente.'

d. yumi-βu yati-βu βai-βu
criança-pl bola-pl pas-cl

'As crianças levaram as bolas.'

e. nuki-βu ai
nós-cl pres

'Nós somos.'

f. mari nami uti-ma βai
cutia carne muita-não pas

'A cutia deu pouca carne.'

g. tanku βatʃi uti iki
tartaruga ovo muito final

'A tartaruga botou muitos ovos.'

Esses casos de V nulo foneticamente não apresentam nenhuma complicação por essa categoria estar, de maneira abstrata, presente para licenciar ou proibir a

ocorrência de outros elementos na frase.

Uma outra observação que poderíamos fazer é de caráter semântico. Em alguns casos (33a-b), seria possível pensar que sendo casos de orações atributivas, estarão sendo subentendidos os verbos 'ser' e 'estar', que podem cumprir essa função. Em outros casos, diríamos que o verbo está sendo subentendido no contexto ou no discurso (33c-g).

Uma outra forma de manifestação do verbo (IV) é relacionada apenas com 'ter'. Ele sempre impede a manifestação fonética de T, isto é, este núcleo verbal nunca co-ocorre com T. Os exemplos (34) nos mostram que esse fenômeno é exclusivo dos verbos *ia* (a-c) e *haa* (d-f) 'ter' como vemos abaixo:

IV - Forma Verbal sem T:

(34)a. *şai tai ani-pa ia*
tamanduá pé grande ter

'O tamanduá tem pé grande.'

b. *hima himi ia-ma*
formiga de fogo sangue ter-não

'A formiga de fogo não tem sangue.'

c. *ia-n hiņa ia*
eu cavalo ter

'Eu tenho cavalo.'

d. kuka sinu-ti haa²³
tio serrote ter

'O tio tem serrote.'

e. kuka sinu-ti haa-pan
tio serrote ter

'O tio tem serrote 'com certeza'.

f. mia-ra sinu-ti haa
você-inter serrote ter

'Você tem serrote?'

Observando os dados (34a-f), podemos levantar a hipótese de que nessa língua a posse - alienado ou inalienável - é vista 'fora do tempo'. Em termos semânticos, podemos supor que aquele que possui um pé de tamanho grande, ter-lo-á sempre, e aquele que possui um objeto qualquer, só o possui naquele momento presente - tanto 'ser' como 'estar' e 'ter' não têm a mesma conotação temporal que os demais verbos.

Em termos sintáticos, cremos que não há nenhum problema em o núcleo de ST estar apagado foneticamente; T continua licenciando SV ou SNeg da mesma forma.

Retomando os tipos de verbos que são permitidos no Katukina (I-IV), podemos assumir que quando o V é visível e se manifesta na forma dependente, o seu núcleo, morfológicamente, vem prefixado ao T. Portanto, podemos assumir que o SV está presente mesmo quando sua manifestação seja nula foneticamente. E ainda, que essa categoria ocupa sempre uma posição à esquerda do T.

²³ NTB-1977.2/13.

Em termos de estrutura, o SV é licenciado à esquerda do núcleo de ST; V também licencia seus complementos à esquerda. Em todos os tipos de manifestação do verbo, o V seleciona seus argumentos à esquerda.

Tendo localizado o SV em relação ao ST, passamos a nos preocupar com os elementos que podem ser licenciados por essa categoria - SV - e quais posições permitidas a eles em relação ao V.

Passamos a apresentar alguns exemplos de SV em que o V seleciona um SN (35a-c) e outros em que ele seleciona um Advérbio (36a-b):

(35)a. pitsu-n βimi pia ai
periquito fruta comer

'O periquito come fruta.'

b. ia-n hatu-βu hiwi ai
eu eles gostar

'Eu gosto deles.'

c. papa-n hiwi sinu ai
pai pau serrar

'Papai serra pau.'

(36)a. nain tana-pa ni-ai
bicho preguiça devagar andar-pres

'O bicho preguiça anda devagar.'

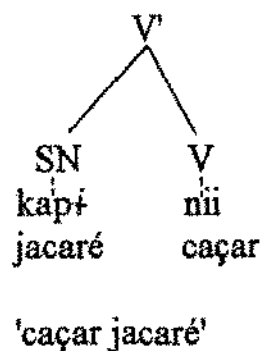
b. nuki nuki uti-pa futu βai
 nós nós muito empurrar pas

'Nós nos empurramos muito.'

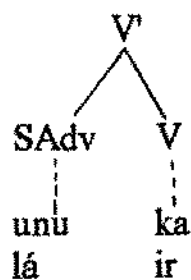
Os quatro tipos morfológicos de verbos podem ser analisados no nível sintático de forma semelhante, como era de se esperar. A única mudança será na interpretação daqueles que não são foneticamente manifestados e daqueles que não co-ocorrem com o tempo verbal, T.

Desta forma, sintaticamente podemos dizer que a categoria verbal no Katukina seleciona SN à esquerda de seu núcleo (R1), nessa mesma posição ocupada também por SAdv (R2) como mostramos abaixo:

R1. V' [SN [V]]



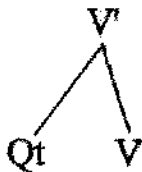
R2. V' [SAdv [V]]



SAdv também pode aparecer em posição inicial de oração; nesse caso estamos postulando que houve um movimento e que ele está em posição de tópico. Vale ressaltar que esse movimento envolve efetivamente o advérbio de tempo *ama* 'agora'; os demais devem manter a posição original (R2). Mais adiante discutiremos esses casos.

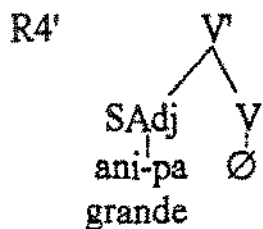
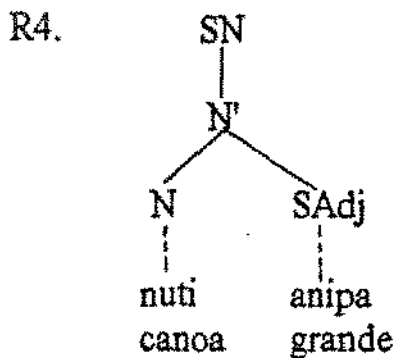
Observamos que o SN vem sempre à esquerda do núcleo de SV e os Advérbios e Quantificadores também. Esses últimos podem ser estruturados como vemos em (R3):

R3. V'[[Qt] V]



Quando o SV tem seu núcleo preenchido por *ia* ou *haa* 'ter', ele não é dominado por T'. Nesse caso não pudemos formular nenhuma hipótese razoável sobre o que acontece; no momento não dispomos de recursos para analisá-lo e deixamos aqui apenas uma descrição dos mesmos.

Quanto às ocorrências de SV com núcleo não preenchido foneticamente, trata-se sempre de frases com verbos que traduziríamos por 'ser' 'estar', que são os verbos de ligação normalmente acompanhados de adjetivos. Nesse caso podemos ter duas interpretações, uma sendo um SN modificado pelo adjetivo (R4), e outra, um SV com o verbo realmente vazio (R4'):



'ser grande'

Devemos considerar ainda a possibilidade de ocorrência de uma partícula (IAP) posposta ao V. Essa partícula, -pa, foi assumida na morfologia como selecionadora de adjetivo. No caso de sua ocorrência no núcleo de SV, podemos entender que ela atua como modalizadora ou reforço do conteúdo semântico do V o que pode ser examinado nos exemplos (37a-b) que seguem:

(37)a. kuka-n titi tikun-pa ai iki
tio gavião matar-reforço pres final

'O tio quer matar (mesmo) o gavião.'

b. kuka senu-ti haa-pa-n
tio serrote ter-reforço-nas

'O tio tem serrote mesmo.'

Os exemplos (37ab) não afetam a estrutura interna de SV assumindo que a partícula **-pa** se adjunge ao V no nível morfológico, sendo então anterior ao nível sintático.

Observando que, diferentemente do português, no Katukina o verbo **comer** nem sempre pede um argumento interno SN, da mesma forma que **gostar** não selecionam um SP. E isso se deve à ausência desse tipo de posposição na língua.

Depois de termos analisado os constituintes relevantes para chegarmos à tipologia do Katukina, achamos pertinente analisar outros sintagmas - SAdj, SAdv e SP.

Esse nosso interesse se explica pelo fato de o Katukina ter sido pouco estudado, e, como é nosso objetivo investigar o inventário de categorias do Katukina, observaremos o comportamento de cada constituinte e de seus núcleos.

2.2.4. Sintagma Adjetival

Sabemos que o adjetivo forma uma categoria lexical da mesma maneira que o nome, verbo, preposição e advérbio. Essas categorias são constituídas individualmente pelo item lexical central (X) dentro de um (SX) hierarquicamente superior na estrutura da frase. Qualquer uma dessas categorias poderá ter modificadores, dependendo da língua.

Seguem exemplos que mostram que o SAdj vem à direita do núcleo de SN:

- (38)a. tii jana
fogo quente
'fogo quente.'

b. yunka turu
goiaba redonda

goiaba redonda.'

c. βuu manyu
cabelo liso

'cabelo liso.'

Os dados acima confirmam que no Katukina o adjetivo ocorre à direita de N.

O sintagma adjetival na língua Katukina parece licenciar a ocorrência de apenas um IAP, assumida até agora como uma partícula classificadora, **-pa**, e dois ILPs, o intensificador 1, **kuin** e o intensificador 2, **nanka**. Podem ocorrer todas os três, ou só dois, ou mesmo só um deles. Porém, deve ser obedecida uma hierarquia que há entre eles. Essa hierarquia diz que o primeiro elemento licenciado pelo Adj' deve ser o IAP **-pa**; ocorrendo esse primeiro, o segundo deve ser o ILP **kuin**, e o último a ser escolhido será o ILP **nanka**. Há uma dependência entre eles que deve ser respeitada, principalmente entre esses dois últimos. Isso pode ser conferido nos exemplos (39-43)²⁴ abaixo:

- | | |
|--------------------|----------------|
| (39)a. rua-pa | 'bonito/bom' |
| b. ani-pa | 'grande' |
| (40)a. rua-pa-kuin | 'muito bonito' |
| b. ani-pa-kuin | 'muito grande' |

²⁴ Vale relembrar que essa hierarquia é pertinente a todos os adjetivos uti 'muito', **piʃtʃa** 'pequeno', mas essa questão pode ser melhor observada no Cap. II de morfologia.

- (41)a. rua-pa-kuin-nanka 'exageradamente bonito'
 b. ani-pa-kuin-nanka 'exageradamente grande'

(42) nea hunu pasa rua-pa kuin-nanka²⁵
 este porco ensopado bom muito intens.

'Este ensopado de porco está muito bom mesmo.'

Observamos que o SAdj permite a ocorrência de elementos somente à direita de seu núcleo e que é necessário obedecer à hierarquia interna na seleção dos mesmos.

Um outro elemento licenciado para se manifestar no SAdj é o Quantificador, que deve aparecer também à direita do Adj; caso esteja presente um intensificador do Adj, o quantificador estará à direita desse último como em(43a).

(43)a. ia tuftja kuin-nanka²⁶
 eu sujo muito-intens

'Eu estou muito sujo.'

b. tsuma ani-pa şini ia
 cuia grande velha ter

'A cuia grande está velha.'

c. tsuma tşan-piştja hayu ia-ma²⁷
 cuia class-pequeno vazio ter-não

'A cuia pequena não está vazia.'

²⁵ 35:NTB-1982.2/27.6

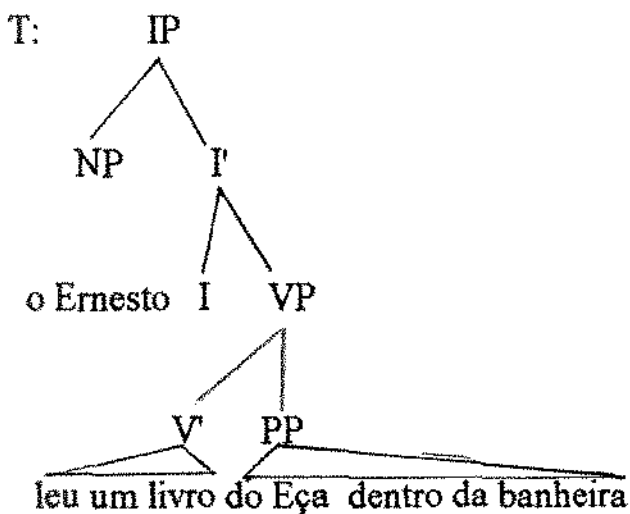
²⁶ O ILP tşuftja é um dos poucos adjetivos a que não se deve acrescentar o IAP -pa.

²⁷ Aos adjetivos diminutivos também não se acrescenta -pa; a eles se acrescenta o IAP tşan- através do processo de prefixação. Essas informações estão mais detalhada no Cap.II.

2.2.4 Sintagma Adverbial

Segundo Raposo (1992) os advérbios de lugar e tempo são candidatos plausíveis ao estatuto de adjuntos de SV, pois, em geral, eles são subcategorizados pelo seu núcleo, o V. Com o exemplo (44) propõe-se a estrutura (T) que segue:

(44) O Ernesto leu um livro do Eça dentro da banheira.



Nos dados disponíveis do Katukina observamos que o advérbio de lugar se manifesta à esquerda do V (45a-b) e que o advérbio de tempo pode vir iniciando a oração (45c-d) ou depois do SN-sujeito (45e-h). Essa última posição é a mais freqüente na língua.

(45)a. ipa ninu ni-ai
tio aqui estar presente-pres

'O tio está aqui.'

b. papa unu ka-βai
pai lá ir-pas

'Papai foi para lá.'

c. rama nuki-n hunu pasa pi-ai
agora nós porco ensopado comer-pres

'Agora nós vamos comer ensopado de porco.'

d. mami yanta munu-ta
Mame ontem dançar- modo

'Mame dançou ontem.'

Vale mencionar que é muito comum nas línguas indígenas em geral o advérbio de tempo substituir o tempo verbal - ai, kai, βai e iki. Quando co-ocorrem na oração (45f) a interpretação é mais forte para o advérbio que para o tempo verbal.

(45)f. epa-ra rama nuku-ta ai
tio-inter agora chegar-modo pres

'O tio chegou agora?'

g. Yaka wistiŋ yanta wain tŋana
Yaka um ontem roça

'Só a Yaka foi à roça ontem.'

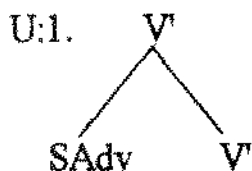
h. Kana nia-βari munu-ta ai
Kana este-sol dançar-modo pres

'Kana dança hoje.'

O T **ai** é marcador de presente, da mesma forma que o Adv **rama** 'agora'. (45f) tem uma interpretação semântica de passado recente, de ação terminada e não presente contínuo como com **ai**.

Havendo a co-ocorrência dos dois ILPs, **ai** e **rama**, veremos que há uma preferência interpretativa pelo **rama**. Se não fosse essa preferência, poderíamos interpretar o exemplo (45f) acima como 'O tio está chegando?' Assim, o advérbio de tempo parece ter mais poder de definição semântica que o marcador de Tempo. Caso tivéssemos o ILP **nea-vari** 'hoje' no exemplo (45f), a interpretação semântica na nossa frase seria, 'O tio chega hoje?'

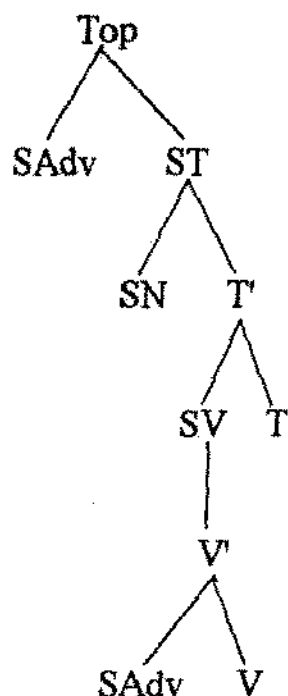
Em termos de estrutura, podemos propor inicialmente a seguinte árvore (U):



Parece-nos à primeira vista que os advérbios de tempo podem se manifestar fora do domínio de SV, mas isso é pouco provável. O que é mais natural dizer, segundo a teoria de Regência, é que todos os tipos de advérbios - tempo, modo e lugar - são licenciados pelo V estando sob o domínio de SV (U1).

Para resolver a questão dos advérbios que se encontram, aparentemente, fora do domínio de SV, propomos que eles estejam na posição de topicalização (U2).

U:2.



2.2.5 Sintagma Posposicional

Segundo nossa análise morfológica, o sintagma posposicional não existe no Katukina; o que temos são locativos, ou ainda, elementos podem atuar com uma função semântica de posse. No caso do português, temos o exemplo (46a-b) abaixo que ilustra esse caso (Raposo-1992).

(46)a. Um jogador [de futebol] do Benfica.

b. Um estudante [de lingüística] da Universidade de Lisboa.

Os SPs entre parenteses são complementos subcategorizados pelos Ns (jogador e estudante).

O mesmo não podemos observar no Katukina, mas parece ser possível encontrar esse tipo de fenômeno em outras línguas Pano. As posposições dessas

línguas se manifestam através da presença de nasalidade atuando no N.

No Katukina temos o Genitivo marcado com a nasalidade adjungida ao N. Essa nasalidade é marca de caso como mostram os exemplos (47a-e) que se assemelha ao -'s - do inglês.

(47)a. ipa-n muβi
tio mão

'mão do tio'

b. yara-n βana
carius língua

'línguas dos carius'

c. papa-n pitsu
pai periquito

'periquito do papai'

d. kuka-n şai
tio tamanduá

'tamanduá do tio'

e. iwa-n ina
mãe cavalo

'cavalo da mãe'

Posposições correspondendo a **para, de, por, ao, em, etc.** para marcar dativo e locativo não existem no Katukina. Os dados (48a-b) abaixo mostram que o V não seleciona SP:

- (48)a. ʃuβu huu ai 'voltar para casa'
 casa voltar
- b. maʃi kini ai 'escrever na areia'
 arcia escrever

O único elemento que poderíamos considerar como posposição que encontramos nos dados disponíveis da língua Katukina foi apenas um - **yai** 'com'-ilustrado em (49) abaixo:

- (49) $\text{kaman papa yai nii ka-βai}$
 cachorro pai com caçar ir-pas

'O cachorro foi caçar com o papai.'

Comparando os dados do Katukina com as de outras línguas Pano, observamos que algumas posposições que não são visíveis foneticamente no Katukina, o são em outras línguas. Por exemplo, na língua Chacobo encontramos **para e na** expressos foneticamente. Seguem exemplos (50a-e) da língua Chacobo:

- (50)a. shobo 'casa'
- b. shobo-ash 'na casa' (pré-verbal)
- c. shobó-no 'na casa' (pós-verbal)

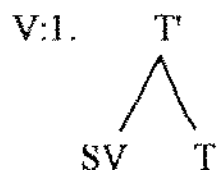
- d. no?o ha?ini 'minha filha'
 e. no?o ha?ibash 'para minha filha'

Os dados de Chacobo mostram que a posposição de SP nessa língua é selecionada à direita do N-objeto (50). E isso pode ser estendido a outras línguas Pano, mas não ao Katukina.

Finalizamos o estudo da ordem dos constituintes e verificação de suas estruturas internas, analisando os núcleos de sintagmas, um em relação ao outro, e em seguida, apresentaremos as conclusões a que chegamos quanto à ordem dos constituintes do Katukina.

2.3 Os núcleos dos Sintagmas

T é núcleo de ST projetando T', SV é irmão de T, que significa que T e SV estão em uma relação de núcleo-complemento como vemos no esquema abaixo. Segue estrutura (V1):

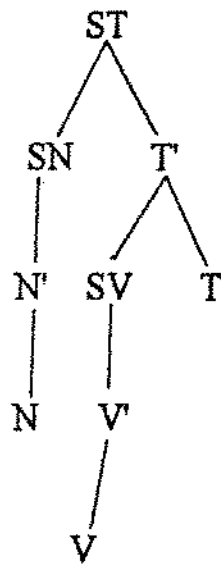


Travis sugere uma explicação para a ordenação relativa desses dois constituintes (T e SV) através do **parâmetro núcleo inicial/final**.

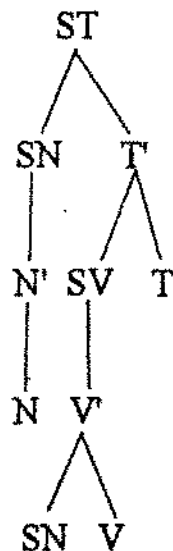
Retomando o que vimos nos itens anteriores, quanto à estrutura dos sintagmas da língua Katukina, vemos que todos eles têm núcleos finais - SV, SP e ST. Eles licenciam modificadores e predicados - adjetivos, quantificadores etc. - à

direita. A seleção e a determinação - complementos e determinantes - se dá à esquerda. Vejamos como se efetua a relação entre esses núcleos através das estruturas expostas (V2a-e) abaixo.

V:2a. Intransitiva

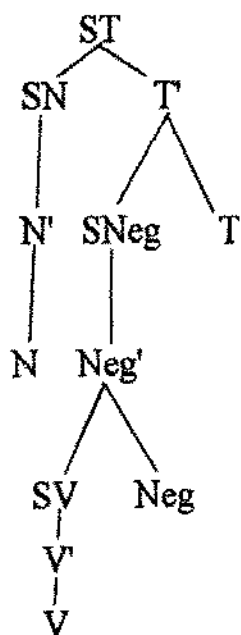


2b. Transitiva

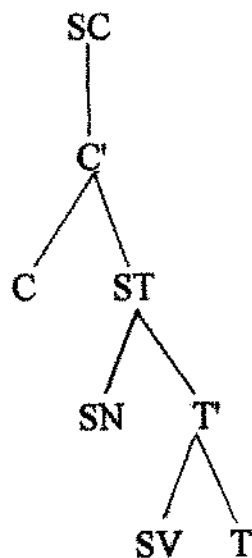


As estruturas (2d-e) fazem parte de um estudo ainda não apresentado. Estamos mencionando-as aqui somente para dar um quadro completo das estruturas possíveis no Katukina quanto à posição relativa dos núcleos:

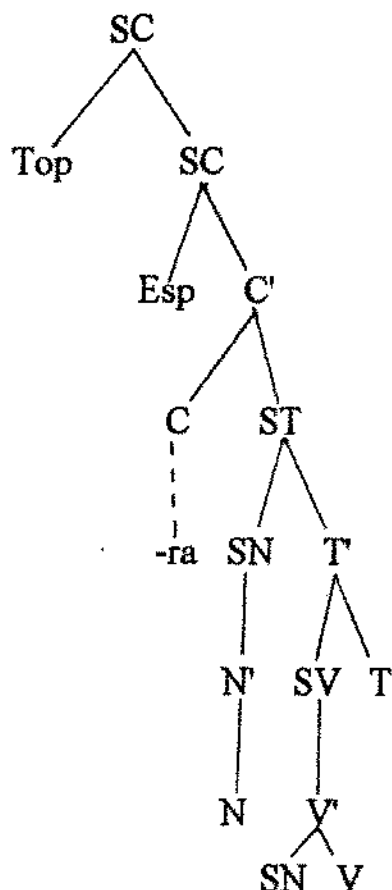
2c. Negativa



2d. Interrogativa Não-Polar



2e. Interrogativa Polar



Travis(1984.89) assume que (INFL) T deve ser irmão de SV. Isso no Katukina é verdadeiro para as estruturas de orações afirmativas. No caso das orações negativas, o SNeg tem que dominar SV (ver Cap. III.5).

Quanto às estruturas de orações interrogativas do Katukina, propomos que, quando o especificador de COMP - Qu - é nulo foneticamente, há topicalização do núcleo. O N sujeito é movido para a posição de tópico para autorizar a realização do núcleo de COMP - ra - que tem que aparecer em segunda posição (ver Cap. III.4).

Retomando o que discutimos a respeito da ordem dos constituintes, podemos concluir que a língua Katukina apresenta quatro ordens possíveis, uma que

assumimos como a ordem básica (Xa) e três derivadas (Xb-c). Seguem as estruturas:

- V:a. S O V T Ordem Básica (Decl. e Inter. Polar)
- b. O S V T Ordem Derivada (Decl. O-Top e Inter. Não-Polar)
- c. O V-conj S Ordem Derivada (Decl. V-Top)
- d. O V T-Cl Ordem Derivada (Decl. S-Clit.)

Um outro ponto que consideramos relevante nesse item (Cap. III.2) está relacionado à colocação de Ross (1970) quanto à elipse do verbo. Para ele tal elipse em línguas SOV se dá à esquerda. De fato, isso não é o que ocorre com o Katukina, mesmo assumindo nossa hipótese de que a referida língua é tipologicamente SOV. Nos termos de Travis, ela seria SOV INFL; porém, com a reformulação de Pollock seria SOVT. Assumimos que a tipologia da língua Katukina seja SN-s, SN-o, SV, ST e de núcleo final.

Após concluirmos a discussão sobre a ordem dos constituintes, passamos a discutir o comportamento sintático dos IAPs que postulamos serem clíticos - *ra*, *ma* e *βu*. Discutiremos seus estatutos em relação à oração buscando esclarecer sua legitimidade dentro da teoria gerativa.

3 OS CLÍTICOS DO KATUKINA

3.0 Introdução

Como foi mostrado na Morfologia (Cap.II), os clíticos da língua Katukina fazem parte dos elementos chamados IAPs - Item Afixal Padrão - por serem monossilábicos átonos, conseqüentemente, só se realizarem adjungidos a um ILP - Item Lexical Padrão.

Nessa língua um ILP pode receber IAP tanto à sua esquerda quanto à sua direita. Estamos postulando que uma das forma de diferenciar um afixo de um clítico pode pela posição que ele ocupa em relação ao ILP. Segundo nossos dados, veremos que todos IAPs que estamos assumindo como clíticos na língua estão à direita do ILP. E os IAPs que tratamos aqui são apenas quatro - *ra*, *ma*, *βu* e *n* - respectivamente, de interrogação, de negação, o que permite o apagamento do sujeito e a marca de Caso.

Inicialmente, lembraremos rapidamente o conceito de clítico. Depois exporemos dados dos quatro elementos que estamos postulando que sejam clíticos na língua Katukina.

Esse item está dividido em três subitens básicos: Conceito de Clítico (3.1), Clíticos Sintáticos (3.2) e Resumo (3.3). Com esses três subitens, pretendemos demonstrar a legitimidade dos quatro clíticos no Katukina para introduzir as discussões dos quatro próximos itens nesse capítulo. Esses itens dizem respeito aos afixos que assumiremos como clíticos que correspondem a Interrogação (4), Negação (5), Sujeito Nulo (6) e Nasalidade (7).

3.1 Conceito de Clítico

Estamos assumindo que no Katukina os clíticos só ocorrem à direita do IAP e nunca à sua esquerda. Eles são também são afixos estruturalmente, mas diferem de um outro afixo por cumprirem um papel sintático na oração.

Zwicky (1985:283) discorda disso dizendo que "the phenomena on which they are based must involve cliticization, not ordinary morphology or ordinary syntax." Todavia, para nós, quando um afixo se cliticiza a um item lexical modificando seu conteúdo, ele será assumido como um afixo, ou clítico simples, por atuar no nível morfológico. Um afixo que se cliticiza a um item lexical modificando o conteúdo de uma oração, atuando no nível sintático, será clítico, ou um clítico especial. Por exemplo, em Katukina *-ma* pode ser afixo em /uti-ma/ 'pouco', e um clítico em /sai hiši pia-ma ai/ 'Tamanduá não come semente.'

Anderson (1991) faz essa distinção chamando o afixo de clítico simples, e o clítico de clítico especial. Todavia o que nos importa discutir nesse item (3) é o clítico especial que é definido por Belletti e Rizzi (1990:4), que dizem que " tout élément clitique est de rang X° et que, par conséquent, la cliticisation (syntaxique) met en jeu un mouvement de tête à tête dans le sens de l'Incorporation développée par Baker (1988)¹". Quer dizer, *ma*, por exemplo, vai ocupar o núcleo de SNeg se estiver atuando como clítico, enquanto que, se estiver simplesmente como afixo, ele permanecerá junto ao núcleo do sintagma ao qual estiver adjungido.

Assim, serão assumidos como clíticos aqueles elementos que são núcleos funcionais e os afixos os não são núcleos de sintagma no nível da sintaxe.

3.2 Clíticos Sintáticos

Os termos que estamos assumindo serem clíticos no Katukina e que nos interessam particularmente aqui são aqueles que desempenham um papel sintático. Esses clíticos - *ra*, *ma*, *βu* e *n* - carregam informações que saem do domínio do item lexical, e essa característica é fundamental para distinguirmos afixos de clíticos. Vejamos alguns dados que ilustrem as funções exercidas por esses quatro clíticos (1a-d)¹ na oração.

(1)a. *şai hişi pia-ma ai*
tamanduá semente comer-não pres

'Tamanduá não come semente.'

b. *mia-ra yawiş pi-ai*
você-int tatu comer-pres

'Você come tatu?'

c. *yumi-βu yavi-ti-βu βai-βu*
filhos jogar bola-mod-cl pas-cl

'As crianças foram jogar bola.'

¹ 1:NTB-a.1977/6
b.1977.2/16
c.1982.3/8.1
d.1982.2/25.7

- d. runu-n kuka rati ai
cobra-suj tio assustar pres
'A cobra assusta o tio.'

Esses clíticos serão tratados de forma mais específica nos itens que seguem (4-7). Dentre os quatro elementos que assumimos como clíticos, dois deles necessitam de um estudo mais aprofundado, mas isso ficará para outro momento. Vejamos mais alguns dados² com βu (2a-c) e n (3a-c) abaixo, que nos parecem mais complexos que os outros:

- (2)a. nuki tʃufta- βu
nós sujo-cl.
'Nós estamos sujos.'

- b. hatu anipa- βu
eles grande-cl.
'Eles são grandes.'

- c. piʃi anipa-ma a- βai - βu
tapiri grande-não fazer-pas-cl.
'(Eles) fizeram um tapiri pouco grande.'

² 2a-b: Aguiar-1984/31 e 33;
2c:NTB-1982.3/2.2;
3a:NTB-1977.1/21;
3b:NTB-1977.1/20;
3c:NTB-1982.2/29.1.

(3)a. kapi-pa papa-n amin pi-ai
jacaré-pa pai-n capivara comer-pres

'O jacaré está comendo a capivara do pai

b. pitsu-n βimi pi-ai
periquito-n fruta comer-pres

'O periquito come fruta.'

c. ipa-n kanti tujna-ai
tio-n arco levar na mão-pres

'O tio leva o arco.'

3.3 Resumo

Os elementos IAPs que se definem na gramática da língua como clíticos, em termos gerativistas, são quatro **ma**, **ra**, **βu** e **n**. Porém, em termos de Incorporação de Baker (1988), parece que apenas um permanece com esse estatuto, **βu**, pois a teoria diz que um clítico deve ser capaz de atuar formando uma cadeia, colocando em jogo um movimento de núcleo para núcleo. **βu** é um candidato plausível porque ele se apresenta em uma configuração sintática muito parecida com a dos clíticos objeto nas línguas românicas.

Entretanto, no nível sintático, podemos dizer que a língua Katukina apresenta quatro clíticos, **βu**, **ma**, **ra** e **n**. Podemos assumir que os três primeiros são elementos que ocupam o núcleo de uma categoria máxima - ST, SNeg, e SCOMP, respectivamente. Quanto ao **n**, ele não parece ter o mesmo estatuto que os

demais devido à variedade de papéis possíveis que desempenha na língua. Ele parece ser marca de Caso que parece ser selecionada pelo Tempo Presente.

Por essas e outras razões, faremos a seguir (Cap. III.4-7) uma análise detalhada de cada um desses elementos.

4. INTERROGAÇÃO

4.0. Introdução

Mesmo uma análise rápida dos vários processos para se estruturar orações interrogativas em diversas línguas, nos mostra que o tema interrogação é de uma complexidade considerável.

Tratando de definir conceitualmente esse tema, notamos que há várias direções para seguirmos; no momento, entretanto, o que vai nos interessar será o enfoque gramatical.

Para tanto, neste item, apresentaremos uma descrição e uma análise das orações interrogativas do Katukina. Essa apresentação está dividida em três partes básicas: Conceitos Básicos de Interrogação (4.1), Os Responsáveis pela Interrogação (4.2), e o Resumo (4.3).

Trabalharemos com as orações interrogativas do Katukina analisando o comportamento do clítico interrogador *-ra*, bem como suas posições estruturais na ordem básica. Conseqüentemente, verificaremos as interrogações globais ou polares, e parciais ou não-polares.

4.1 Conceitos Básicos de Interrogação

O termo interrogação nos leva a pensar de imediato em uma pergunta que o locutor faz para o interlocutor. Mas nem sempre é assim: esse termo pode ser utilizado apenas no nível semântico - retórico -, no nível morfológico, no qual a interrogação é um termo independente ou não, no nível pragmático, com a função

de solicitar determinada informação ou atitude do interlocutor.

Segundo Mateus et alii (1989:237), as frases interrogativas são a expressão de um tipo de ato ilocutório direto, através do qual o locutor pede ao interlocutor que lhe forneça verbalmente uma informação de que dispõe. Algumas interrogativas são pedidos indiretos de uma ação que destinam-se a pedir ao interlocutor que realize um ato futuro e não requer respostas.

Aqui, nós nos ocuparemos especificamente da estrutura gramatical da interrogação e, quando necessário, de seus efeitos semânticos.

As interrogativas podem ser de três tipos: **globais**, **parciais** e **tag**. As globais, conhecidas também pelo nome de Polares, são aquelas que recebem como resposta **sim** ou **não**. As parciais, ou Não-Polares, contém palavras **Qu** e esperam respostas menos diretas e mais discursivas. Um terceiro tipo, interrogativas 'tag', é constituído pelo V da frase declarativa precedente e uma partícula de negação. Mas esse último tipo - tag - não será tratado aqui.

Utilizando os dados disponíveis do Katukina, faremos uma análise voltada a esses dois primeiros tipos de interrogativas, mas antes descreveremos como se dá o processo de interrogação na língua.

4.2 Os Responsáveis pela Interrogação

Provavelmente em todas as línguas existe algo a que se possa atribuir a responsabilidade da diferença entre oração declarativa e interrogativa. Inicialmente vamos observar os mecanismos de interrogação em algumas línguas antes de entrarmos especificamente no questionamento desse mecanismo em Katukina.

A interrogação em Português (1) se dá através de um suprasegmento, a entonação, o que é comum a outras línguas, por exemplo o Guató (2). Isso podemos conferir contrapondo uma oração declarativa a uma interrogativa:

(1)a. Maria está com fome?

b. Maria está com fome.

(2)a. marapéra gota
apagar det-fogo

'O fogo apagou.'

b. marapéra gota
apagar det-fogo

'O fogo apagou ?'

Em outras línguas, utilizam-se auxiliares e inversão para se estruturar orações interrogativas, por exemplo o Inglês (3). Já o Francês (4) é um caso mais complexo, pois além do recurso suprasegmental, podemos ter a inversão para marcar a distinção entre declarativas e interrogativas, como mostramos abaixo.

(3)a. She likes cars.
ela gostar de carro

'Ela gosta de carro.'

b. Does she like cars?
Aux. ela gostar de carro

'Ela gosta de carro?'

(4)a. Il aime Marie.
ele ama Marie

'Ele ama Marie.'

b. Aime-t-il Marie?
amar ele Marie

'Ele ama Marie?'

Há línguas que necessitam de um clítico para realizar orações interrogativas. Esse é o caso do Yatê (5)³ e de várias línguas Pano, inclusive o Katukina (6)⁴.

(5)a. etxise
'ele chegou.'

b. etxisma
'ele chegou?'

(6)a. kana nafi βai
kana tomar banho pas.

'kana foi tomar banho.'

b. kana-ra nafi βai
kana-inter tomar banho pas

'Kana foi tomar banho?'

³ Lacerda - 1991

⁴ Aguiar-1985

Essas diferenças mostram que cada língua tem seu próprio sistema. Elas podem até coincidir umas com as outras, mas não serem idênticas por regra. Isso mostra a necessidade de se separar o que é geral do que é particular às línguas. Ou seja, devemos assumir que a interrogação é um processo universal das línguas humanas, mas a forma como ela se realiza é particular a cada uma.

4.2.1 A Interrogação nas Línguas Pano

As orações interrogativas nas línguas Pano se caracterizam pela presença de um elemento morfológico que pode ser monossilábico, o mais comum, ou dissilábico, como pode ser conferido nos dados (7-9) abaixo:

(7) Sharanahua:

- a. min chasho rutu-a-man-mun
tu venado matar-compl-negativo-interr
'No has matado un venado?'

- b. chasho ya-ma-i-mun.
venado con-neg-continuativo-interr
'No hay venado?'

As interrogativas globais em Sharanahua, de acordo com os dados (7a-b)⁵, trazem o morfema de interrogação no final da oração. Segundo Scott e Franz (1978), a partícula interrogativa nas orações do tipo parcial no Sharanahua pode

⁵ a, b, c e d: Scott e Frantz-1978.187, 189;

cliticizar-se ao V ou, mais comumente, a uma palavra Qu,, como mostram os exemplos (7c-d):

- c. tsoan-mun chsho rutu-a-quin
quién-interr venado matar-compl-terminal

'Quién mató el venado?'

- d. tsoan chasho rutu-a-mun
quién venado matar-compl-interr

'Quién mató el venado?'

O morfema de interrogação na língua Yawanawá parece ter comportamento semelhante ao do Sharanahua. As interrogativas do tipo parcial trazem esse morfema cliticizado ao termo Qu (8a), mas do tipo global, ele vem no final da oração (8b):

(8) Yawanawá

- a. awea-men amenen pimisi
o que-int capivara comer

'O que a capivara come?'

- b. min ushamen
você dormir inter

'Você está dormindo?'

Em Amahuaca, as interrogativas também são marcadas pela presença de um morfema, que segundo Russell (1958), tem a forma ra (9a-b) podendo se

alternar com **-wira** (9c-d). Essa variação deve ter relação com o caráter parcial ou global da interrogativa, mas não entraremos aqui nesses detalhes sobre o Amahuaca, já que a sua relevância é apenas de confirmar que nas línguas Pano se faz uso de um morfema para expressar orações interrogativas, como vemos nos exemplos abaixo:

(9) Amahuaca

a. to'ara chajó
 grande-interr venado
 'Es grande el venado?'

b. chajorá to'á
 venado-interr grande
 'Es grande el venado?'

c. rakiwira há ka'aj
 donde-interr ir
 'Donde se fue?'

d. hauwira
 qué-interr
 'Qué es?'

4.2.2 A Interrogação no Katukina

A língua Katukina, como já vimos no exemplo (6b) acima, também manifesta sua distinção entre orações declarativas e interrogativas através de um IAP, o clítico *-ra*. As orações interrogativas do Katukina quando parciais, contam com a presença desse clítico adjungido sufixalmente ao ILP Qu.

Esse clítico - *-ra* - obrigatoriamente, terá um ILP antecedendo-o imediatamente na estrutura de árvore. Nas orações interrogativas parciais, é o sintagma Qu que vai para a posição de Espec de COMP. Nas globais, *ra* ocorre no núcleo de SCOMP, mas seu especificador está vazio. O SN-sujeito deverá subir para a posição de Tópico, já que *ra* nunca pode ocupar o nóculo mais alto na árvore. Essas possibilidades estão exemplificadas em (10a-b) abaixo:

(10)a. kana-ra nafi βai
kana-inter tomar banho pas

'Kana foi tomar banho?'

b. mami-ra funpa pi-ai
mami-inter mamão comer-pres.

'Mame come mamão?'

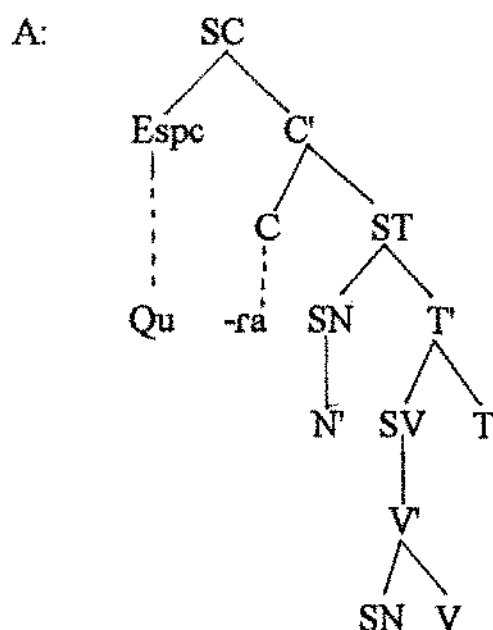
c. hantu-ra mami funpa pi-ai
onde-inter Mame mamão comer-pres

'Onde Mame come mamão?'

Observando a interrogação global (10a) e a parcial (10b) acima, vemos que

-ra ocupa sistematicamente a segunda posição, o que poderia sugerir que essas estruturas sejam, na realidade, idênticas. Proporemos entretanto que a interrogativa parcial tenha a estrutura base (A) e que a interrogativa global tenha essa mesma estrutura com o acréscimo de mais um nóculo na árvore que o tópic o. Esse nóculo é preenchido pela primeira categoria gramatical da oração base - SOVT - que é o SN-sujeito. Ele é movido - da direita para a esquerda - para a posição de tópic o quando o especificador de COMP estiver vazio.

Podemos propor que a estrutura base das interrogativas - parciais - seja como mostramos em (A) abaixo:

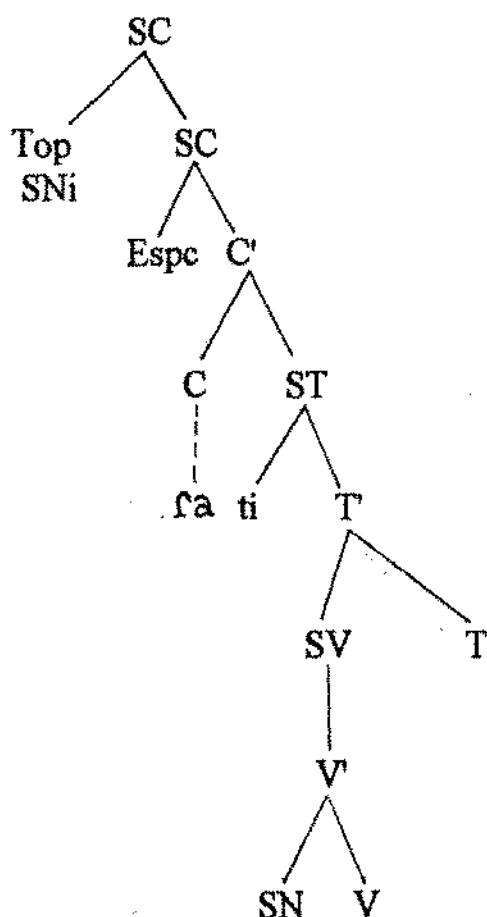


Para interpretar a estrutura das interrogativas globais estamos levantando a hipótese de que nessa língua é necessário um movimento do SN-sujeito tal que ele deve finalmente estar na posição de topicalização. Essa topicalização se dá por vários motivos em vários níveis: no nível fonológico e morfológico, ra é um IAP dependente por ser monossilábico e átono, e assim ele precisa de um ILP ao qual

cliticizar-se.

No nível sintático, estamos levantando a hipótese de que nessa língua não pode haver uma estrutura com o núcleo de COMP preenchido sem que seu especificador o seja também ou então um SN ocupe a posição de Tópico. Em termos de árvore teríamos a estrutura (B) que segue:

B:



Perseguindo a comparação entre a estrutura interna das orações do tipo global (11a) e do tipo parcial (12a), podemos supor que ambas as derivações começam na ordem básica SOV do Katukina. Isso se torna plausível se observarmos os dados (11a-b) e (12a-c) que seguem:

(11)a. hantu-ra mia raka-ta ai.
Onde-inter você morar-modo pres

'Onde você mora?'

b. ia hanu raka-ta ai
eu aqui morar-modo pres

'Eu moro aqui.'

(12)a. hawi-ra mafi ai
o que-inter Maxi pres

'O que Maxi está fazendo?'

b. mafi atsa tuku ai
Maxi mandioca cozinhar pres

'Maxi está cozinhando mandioca.'

Considerando os exemplos (11a) e (12a) poderíamos propor as ordens básicas como estruturas profundas da oração entendendo como objeto - **aqui** e **o que**. O constituinte **aqui** é um argumento de **morar**: ele é interno ao SV na Estrutura Profunda; **o que** é um argumento interno de **fazer** e portanto, em Estrutura Profunda é interno a SV. Em (11b) e (12b) a ordem da oração declaratié va equivalente à interrogativa (11a) e (12a). Assim, temos (C) como esquema de transformação quando é o objeto interno que é interrogativo:

C: SO_{Qu}V > O_{Qu} S tiV

Mas, em geral, parece razoável admitir que a estrutura interrogativa no Katukina comporta um movimento do constituinte QU para a posição de Especificador de C. Então a estrutura das interrogativas é o que mostramos em (D) abaixo:

D: [[ra[[kana][[[hantu] [raka-ta]] iki]]]
C ST SM T' SV Adv V

Havendo esse movimento na estruturação das interrogativas globais poderíamos pensar que há, ainda, a manutenção da ordem básica SOVT; porém, nossa hipótese supõe que as interrogativas globais se estruturam em cima de um processo de topicalização do SN-sujeito na construção interrogativa, alterando a ordem básica dos constituintes.

Dentro desse mesmo contexto, vejamos como a teoria nos ajuda a explicar dados do tipo de (13a) abaixo:

(13)a. Kana hantu-ra raka-ta iki
 Kana onde-inter ir-modo #
 'Kana foi onde?'

Em casos de estruturas interrogativas como (13a), postulamos que SN-sujeito **kana** está na posição de tópico e que o Espec de SC já sofreu o movimento obrigatório nas interrogativas desta línguado constituinte Qu, como a estrutura em (E) abaixo sugere:

E: [[kana,][[[[ra] [[v,] [[[hantu] [rakata]] iki]]]]]]]
SC Top SC C ST SM T' SV Adv V

Construções do tipo de (13a) são possíveis mesmo que efetivamente sejam raras, enquanto que as do tipo (13b) são mais correntes:

(13)b. hantu-ra Kana raka-ta iki
onde-inter Kana ir-modo #

'Onde Kana foi?'

Quanto às interrogativas tag, não encontramos dados que pudessem nos provar a ocorrência desse tipo de interrogação no Katukina. Não vamos nos ocupar disso agora, embora seja necessário uma investigação mais aprofundada antes de afirmarmos sua inexistência na língua.

4.3 Resumo

O que mostramos descritivamente nesse item foi que tanto o Katukina quanto as demais línguas Pano têm um elemento fonológico responsável pela interpretação interrogativa presente em questões globais ou parciais. No Katukina, esse elemento é um IAP - ra - que linearmente se sufixa ao primeiro constituinte da oração.

Teoricamente vimos que, na língua Katukina, as orações interrogativas têm o núcleo de SC preenchido pelo IAP ra havendo constituinte QU ou não. Porém, se a estrutura não dispuser desse constituinte haverá um movimento do primeiro constituinte da oração base - SOVT-, da direita para a esquerda, para a posição de tópico. Como o SN-sujeito é esse primeiro elemento, por definição estrutural dos

constituintes na língua, ele é o que vai para essa posição de tópico.

Na língua Katukína observamos que o constituinte Qu quando é um argumento interno do verbo, e portanto do SV na estrutura profunda, deve se mover para a posição de Espec de SC para permitir a ocorrência do núcleo de SC - um clítico IAP -ra - que não pode se realizar independente de um ILP.

Assim, a interrogação parcial se dá com o movimento do constituinte Qu de sua posição de base para o Espec de SC e a global move o SN-sujeito para a posição de tópico. Vale ressaltar que esse movimento do constituinte Qu pode se dar juntamente com o movimento de SN-sujeito para o tópico. Pois uma regra não impede a outra na língua, como atesta a gramaticalidade de (13a).

5. NEGAÇÃO

5.0 Introdução

Nesse item apresentaremos uma discussão sobre a negação na língua Katukina. A discussão se estrutura em torno de três pontos básicos: Discussão Teórica (5.1), Descrição da Negação no Katukina (5.2) e Interpretação Teórica de SNeg (5.3).

Inicialmente, faremos em (5.1) uma breve apresentação de alguns estudos realizados sobre a negação. Em seguida, exporemos as orações com negação no nível sintático - não morfológico - fazendo uma análise descritiva em (5.2) das línguas Pano para depois, em (5.3), fazermos uma análise da negação do Katukina com uma proposta de interpretação dentro do quadro teórico gerativista.

Finalizando, faremos um resumo da discussão sobre a negação juntando a análise descritiva com as interpretações teóricas.

5.1 Uma Visão Geral da Negação

A negação tem se mostrado um tema complexo para a teoria. Para Miotto (1992:2), estudar sintaticamente a negação implica considerar as formas e os mecanismos que permitem explicar como uma língua a expressa. Isso quer dizer que do ponto de vista gerativista as sentenças negativas evidenciam Princípios Sintáticos Universais e Parâmetros específicos que estão em jogo em cada língua.

Neg é uma categoria universal. A condição semântica necessária para ser um Neg é ter um significado que permita converter uma sentença X em uma outra Y tal que Y seja verdadeira quando X é falsa, e vice-versa.

Para Zanuttini (1990) há pelo menos dois tipos diferentes de marcadores negativos, um que é núcleo funcional e outro que não é núcleo.

Os marcadores negativos são classificados tipologicamente da seguinte forma: afixado ao verbo, como auxiliares que recebem afixos, ou adverbial precedendo ou seguindo o verbo (Dahl-1979).

- (1) a. John is not happy.
b. John is unhappy.
c. John is a no-smoker.

Em (1a) "João não é feliz." trata-se de uma negação sentencial; em (1b) "João é infeliz." temos uma negação interna ao item lexical em (1c) "João é não fumante.", é a negação de constituinte que está em jogo.

5.2 A Negação nas Línguas Pano

A negação nas línguas Pano se superficializa como um IAP - **-ma** - que vem sufixado a um ILP, o que é verdadeiro desde o nível morfológico até o sintático. E é esse nível sintático que será o centro de nossa atenção aqui. Vejamos alguns exemplos dessas línguas em (2a-h).

(2)a. Yawanawá

a ka ma
ele sair + fut não

'Ele não saiu !'

b. Chanenáwa

fari ka ya ma
sol sair aux neg

'Hoje o sol não apareceu.'

c. Capanahua

jahuen yora yama hi
eles corpo aux-neg intens.

'Eles não têm corpos.'

d. Sharanáwa

min chasho rutu-a-man-mun
você veado matar-compl-neg-inter

'Você não tem matado um veado?'

e. Jamináwa

en kai ba
eu ir+fut não

'Eu não vou.'

f. Marubo

maka roe-**ma**
rato bom-não

'Rato não é bom.'

g. Kaxarari

mi kai **maa**
você ir+fut não

'Você não vai!'

h. Chacobo

yosi ki raki ya-**ma** no
espírito ? temer aux-não term.

'Não temer aos espíritos.'

As línguas Pano são tipologicamente SOVT e a negação sentencial, segundo os dados de que dispomos, ocorre depois do tempo verbal - SOVT-negação. No Katukina, entretanto, é entre o verbo e o tempo verbal que encontraremos a negação.

5.3 Análise da Negação no Katukina

Os dados com negação sentencial no Katukina nos mostram que a negação ocorre depois do verbo e antes do tempo verbal (3a-b). Quando a frase compoira o auxiliar *ia* 'ter', a negação vem depois dele (3c-d) fazendo com que a negação finalize a oração, já que os auxiliares - *ia* e *haa* - não co-

ocorrem com o tempo verbal, (ver morfologia, Cap.II). Podemos conferir a posição da negação nos exemplos que seguem (3a-d)¹:

(3)a. *şain titi pia mai*
tamanduá gavião comer não+pres

'O tamanduá não come o gavião.'

b. *hawen βaki kaama iβai*
dele filho ir+não (?)pas

'O filho dele não foi.'

c. *kukan titi kani iama*
tio gavião errar ter+não

'O tio não vai errar o gavião.'

d. *papa ipu iama*
pai cobertor ter+não

'O pai não tem cobertor.'

Podemos propor que a estrutura da negação seja (A). Com essa estrutura estamos assumindo que Neg é o núcleo de uma categoria sintática independente que tem projeção máxima própria, e que está situado entre SV e T.

¹ a:NTB-1977.2/4

b:NTB-1982.3/17.5

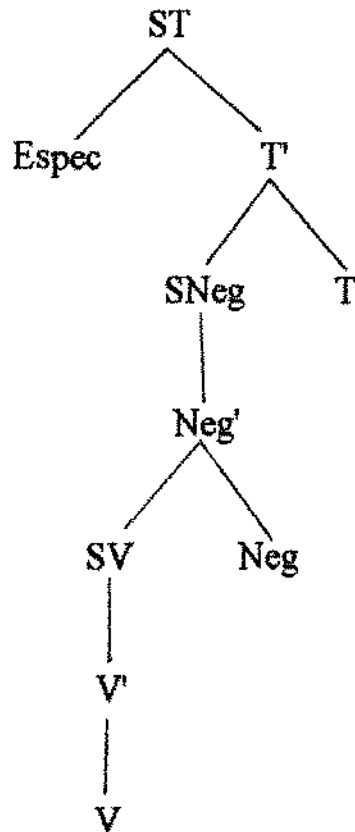
c:NTB-1982.2/20.3

d:NTB-1977.1/34

e:NTB-1977.1/37

f:NTB-1977.2/6

A:



Visto que a negação **-ma** em Katukina é um clítico, o suporte do verbo (como em (3b)) ou do tempo verbal (como em 3a)) é imprecindível.

Muito mais poderá ser dito sobre o tema, mas essas observações, mesmo que superficiais, são suficientes para o quadro geral do Katukina que queremos delinear aqui.

6. SUJEITO NULO NO KATUKINA

6.0 Introdução

O presente estudo visa identificar e analisar a categoria vazia na posição sujeito na língua Katukina.

Inicialmente, faremos um estudo que esclarece estruturalmente a natureza da Categoria Vazia, doravante CV, que pode ser interpretada como *pro*. Essa análise será justificada em (6.1) onde veremos que há apenas duas possibilidades de CV na posição de sujeito. Uma delas exige condições específicas, podendo ser preenchida ou não, isto é, ele é opcional - Categoria Vazia Não-Obrigatória (6.1.1). A segunda possibilidade é não-opcional - Categoria Vazia Obrigatória (6.2.2). A primeira é interpretada pelos traços mais plural e mais humano, e a outra está relacionada à natureza do verbo - atmosféricos, por exemplo.

Tendo analisado e interpretado a CV-sujeito, partiremos para um estudo mais abrangente utilizando a noção de Parâmetro Pro-drop (6.2). Nesse ponto, apresentaremos o que vem a ser língua Pro-drop (6.2.1), língua Não Pro-drop (6.2.2) e língua de Sistema Misto (6.2.3).

Em seguida, situaremos a língua Katukina com relação a esse parâmetro, verificando qual classificação será pertinente a ela, que, segundo a nossa análise, classificaremos como língua de Sistema Misto (6.3).

Finalizando, apresentaremos um resumo desse item sobre a Categoria Vazia na posição de sujeito no Katukina.

6.1 Categoria Vazia - Pro

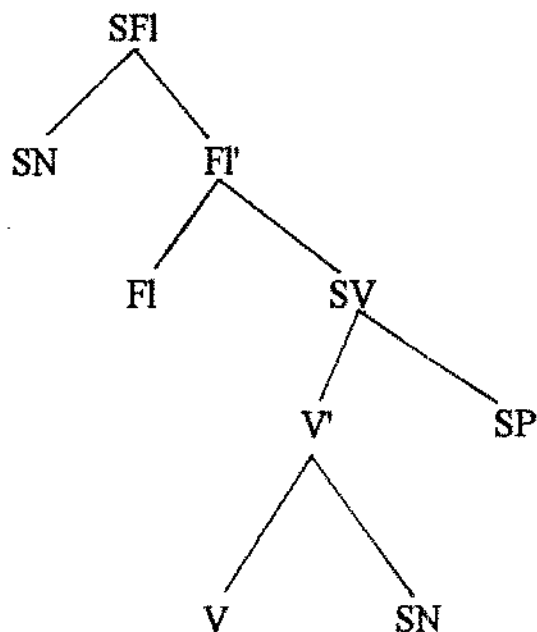
O Princípio de Projeção e o Critério- θ fazem previsões específicas no caso de orações sem manifestação explícita do sujeito. Para satisfazer o Princípio de Projeção é exigido que a posição de Espec SFl seja projetada na oração. E o Critério- θ requer que a posição de sujeito seja preenchida por um argumento que possa receber a função- θ externa do verbo.

Nas línguas Românicas como o Português, o Espanhol ou o Italiano, a interpretação de (1a) abaixo é a de que contém um sujeito subentendido, com uma interpretação semelhante ao pronome definido na posição de sujeito (1b).

- (1) a. Comeram o bolo em dois segundos.
b. Eles comeram o bolo em dois segundos.

A teoria leva-nos a postular que a representação sintática de (1a) contém uma posição de sujeito preenchida por um argumento com propriedades idênticas às do pronome **eles** em (1b), mas sem realização fonética. A este elemento pronominal vazio chamamos **pro**. Tal como um pronome lexical, **pro** possui uma **matriz gramatical**, que especifica, através de um sistema de traços distintivos, a sua composição relativamente a propriedades como número, gênero, pessoa e Caso (Apud Raposo 1992:328). A árvore, então, determinada pela teoria- θ , segundo Raposo (1992) é a (A) seguinte:

A:



pro -ram come o bolo em dois segundos

A categoria vazia **pro** é a categoria que encontramos na posição de Espec de SFl das línguas Românicas de sujeito nulo. O Katukina é uma língua que não admite, a primeira vista, sujeito nulo, como já mostramos no item (2) deste capítulo (III) e que revemos nos dados (2a-e) abaixo:

(2)a. mai nafi kai
 Mai tomar banho fut

'Mai vai tomar banho.'

b. ia nafi kai
 eu tomar banho fut

'Eu vou tomar banho.'

c. an-yumi nafi kai
meu-filho tomar banho fut

'Meu filho vai tomar banho.'

d. nuki nafi kai
nós tomar banho fut

'Nós vamos tomar banho.'

e.*__ nafi kai
tomar banho fut

Notamos que não há mudança flexional no verbo. Porém, o Katukina apresenta dois contextos em que é aceitável uma frase com sujeito não manifesto lexicalmente.

Observando alguns dados pudemos concluir que o Katukina permite uma categoria vazia semelhante a (1a) do português. Ela é preenchida por um argumento com propriedades próximas às do pronome **eles** como veremos em (3a):

(3)a. piʃi anipa-ma a-βai-βu
tapiri grande-não fazer-pas-cl

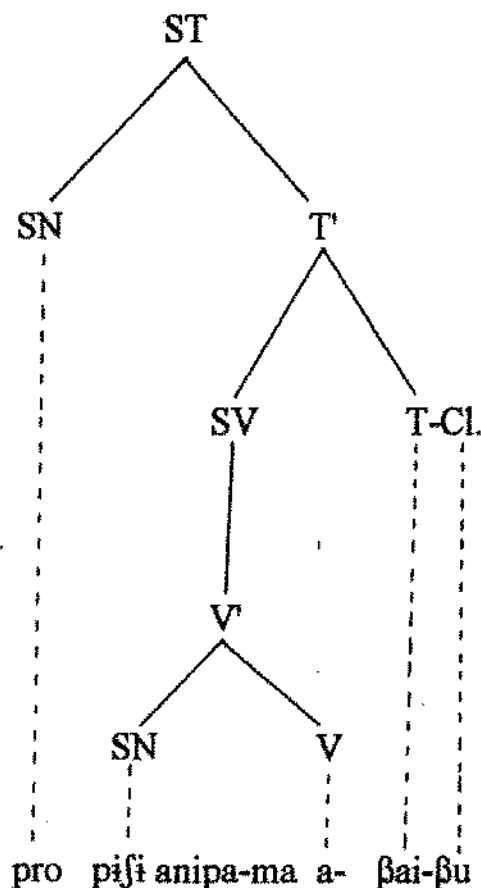
'Fizeram um tapiri pequeno.'

b. hatu-n piʃi anipa-ma a-βai-βu
eles tapiri grande-não fazer-pas-cl.

'Eles fizeram um tapiri pequeno.'

Em termos de estrutura, propomos o que mostra (B) abaixo:

B:



A presença de CV na posição de Sujeito de T satisfaz o Princípio de Projeção que exige que seja projetada tal posição em (3a). E o Critério- θ requer que essa posição seja preenchida por um argumento que possa receber função- θ externa do verbo como dissemos anteriormente.

Satisfeitas essas condições temos o elemento pronominal vazio que chamamos **pro**. Pro possui então uma **matriz gramatical**, que é especificada por um conjunto de traços distintivos.

No Katukina, esses traços distintivos são expressos pelo elemento IAP βu , elemento esse que chamamos de clítico, ao qual são reservadas certas propriedades

peculiares, ele é um clítico que pluraliza N + humano morfológicamente na língua (4a-c):

- (4)a. huni 'homem'
 a'. huni-βu 'homens'
 b. yumi 'filho'
 b'. yumi-βu 'filhos', 'crianças'
 c. şunpa 'mamão'
 *c'. şunpa-βu (não é permitida essa construção na língua)

O processo de pluralização de Ns não-humanos no Katukina se faz de forma diferente do que mostramos em (4a'-b'). Com esses Ns utiliza-se apenas a forma dos quantificadores, ou seja, ao lado do N não-humano coloca-se o termo empregado para expressar dois, três, quatro e cinco; para fazer menção a um total de mais de cinco usa-se *uti* 'muito' (ver Cap.II, 3.2).

6.1.1 Categoria Vazia Não-Obrigatória

A língua Katukina apresenta uma categoria vazia na posição sujeito tendo concordância em T, e isso é possível graças ao clítico que recupera os traços necessários para interpretar CV, já que ele é detém os traços [+plural] e [+humano].

A categoria vazia na posição de sujeito no Katukina não é obrigatória quando está coindexada ao clítico βu. Em outras palavras, com a presença desse clítico a manifestação explícita foneticamente do SN-sujeito é opcional, pois esses dois elementos - o βu e o SN-sujeito - podem co-ocorrer, quer dizer, estando presente esse clítico, a posição de sujeito pode estar ou não preenchida como

mostram os exemplos (5a-c)¹ abaixo:

(5)a. huni-βaun pefi a-βai-βu
homem-pl tapiri construir-pas-cl

'Os homens fizeram um tapiri.'

a'. pifi anipa-ma a-βai-βu
tapiri grande-não construir-pas-cl

'pro construíram um tapiri pequeno.'

b. ayβu-βu tari βii-βu βai-βu
mulher-pl roupa comprar-cl pas-cl

'As mulheres compraram roupa.'

b'. tari uti-pa βii-βu βai-βu
roupa muita comprar-cl. pas-cl

'pro querem comprar muita roupa.'

c. yumi-βu yaβi-ti-βu βai-βu
criança-pl bola-instr-cl pas-cl

'As crianças foram jogar bola.'

¹ Dados retirados de: a. 1982.3/2.1

a'. 1982.3/2.2

b. 1982.3/2.4

b'. 1982.3/2.5

c. 1982.3/8.1

c'. 1982.3/8.2

c'. yaβi-ti βina i-βu βi-βai-n βai-βu
 bola-instr novo ?-cl levar-pas-nas² pas-cl

'pro levaram a bola nova.'

É relevante mencionar o fato de que, quando o sujeito é nulo, o clítico manifesta-se obrigatoriamente no T, e só opcionalmente no V. Essa afirmação se baseia em dados semelhantes aos dados (6c e g), pois, segundo os dados disponíveis, podemos afirmar que nunca encontraremos βu em V sem que ele tenha se manifestado em T. Desta forma, ele deve estar primeiramente em T, depois é que será permitido duplicar-se ocorrendo em V. E isso não impede que o SN-sujeito seja preenchido (6b-f). Por esse motivo é que a categoria vazia na posição de sujeito é opcional no Katukina.

(6)a. ipa-nun kuka-nun papa-nuan nii-βu βai-βu
 tio mat-conj tio pat-conj pai-conj caçar-cl. pas-cl.

'O tio materno, o tio paterno e o pai foram caçar.'

b. kuka hunu a-nun ipa-n amin a-nun a-βai-βu
 tio paca matar-conj tio capivara matar-conj matar-pas-cl.

'O tio matou uma paca e o tio matou uma capivara.'

c. ayβu-βu tari βii-βu βai-βu
 mulher-pl roupa comprar pas-cl

'As mulheres compraram roupa.'

² A nasalidade - nas - será trabalhada no item seguinte (Cap.III.7).

d. huni-βu awa nami papi-βu βai-βu
homem-pl anta carne trazer nas costas-cl pas-cl

'Os homens trouxeram carne de anta nas costas.'

e. huni-βu awa nami papi βai
homene anta carne trazer nas costas pas

'Os homens trouxe carne de anta nas costas.'

f. kuyuska hatu βati βai-βu
vocês eles brigar pas-cl

'Vocês brigaram com eles'

g. awa nami papi-βu βai-βu
anta carne trazer nas costas-cl pas-cl

'pro trouxeram carne nas costas.'

O clítico βu é obrigatório com CV na posição sujeito, mas não o é com sujeito lexical, mesmo que haja compatibilidade no conjunto de traços entre esse sujeito e esse clítico - [+plural] e [+humano]. No paradigma (7) abaixo veremos que o βu co-ocorre com sujeito manifesto - pleno ou pronominal (7ab), e ocorre com CV:

(7)a. ayβu-βu tari βii-βu βai-βu
mulher-pl roupa comprar-cl pas-cl

'As mulheres compraram roupa.'

*a'. ayβu tari βii βai-βu
'mulher comprar roupa pas-cl.'

b. hatu tari βii βai-βu
 elas roupa comprar pas cl

'Elas compraram roupa.'

c. tari βii βai-βu
 roupa comprar pas-cl

pro compraram roupa

Explicamos esses fatos pela teoria desenvolvida por Rizzi (1986), que formula a teoria de **pro** dizendo que

C: Categoria Vazia **pro**

(i) Condição de Licenciamento Formal:

pro é regido por Fl [capaz de atribuir Caso nominativo],

(ii) Condição de Identificação:

pro (pessoal) é identificado pelos traços de pessoa e número numa categoria Conc forte contida em Fl que rege **pro**.

Podemos assumir que CV na posição de sujeito no Katukina admite **pro** por estar de acordo com o que propõe Rizzi (1986). Ele diz que a coocorrência de **pro** em posição de sujeito é permitida por uma condição formal de licenciamento parametrizável, a qual exige a regência de **pro** por uma categoria de Infl [capaz de atribuir Caso nominativo]. Estamos postulando que a categoria T tem essa capacidade licenciadora, fixando positivamente o parâmetro de licenciamento. Por outro lado, essa categoria vazia é identificada referencialmente pelo traço [+plural] e [+humano] contido em βu, obrigatoriamente presente em Tempo.

Contudo, veremos que existe um outro tipo de sujeito nulo, aquele ligado aos verbos atmosféricos. Com efeito, trata-se de um sujeito expletivo: não tem conteúdo referencial e não precisa ser identificado referencialmente.

6.1.2 Categoria Vazia Obrigatória

Uma das características do verbo no Katukina é a sua posição na oração. Ele sempre antecede T - tempo verbal - da oração para garantir sua interpretação como verbo (ver Cap.II e III.2). Assim, um V para se caracterizar como tal, deve ter à sua direita o tempo verbal³, caso contrário poderá ser interpretado como N como vemos em (8a-c') abaixo:

(8)a. nii ai	'caçar'
a'. nii	'mato'
b. mai ai	'trabalhar'
b'.mai	'terra'
c. nunu ai	'nadar'
c'. nunu	'pato'

Esta característica dos verbos nessa língua se estende também aos verbos atmosféricos, reconhecidos como verbos exatamente por se manifestarem sempre à esquerda do T. Ora, os verbos atmosféricos se manifestam em Katukina sem sujeito como veremos em (9a-b) abaixo. A posição do sujeito deve estar vazia, pois a língua não dispõe de pronome neutro e não permite o uso de pronome pessoal (9c)

³ A língua Katukina dispõe de três marcas de tempo verbal: presente, passado e futuro. Devido a não existência de uma forma específica para expressar o infinitivo verbal, decidimos pela forma ai para representar o infinitivo.

o que a faz semelhante a outras línguas, por exemplo o português.

Vale ressaltar aqui que os pronomes no Katukina são muito específicos, eles só se referem a animais - humanos e não humanos - como vimos na morfologia (ver Cap.II), e podemos conferir nos dados (9a-c) que expomos abaixo:

- (9)a. __ ui βai 'choveu'
b. __ kana ai 'troveja', 'está trovejando'
c.* haa ui ai 'ele/ela chove'

Resumindo, a ocorrência de **pro** com interpretação definida exige que ele seja identificado por uma categoria com especificação pronominal de pessoa e número. No português, *Conc* possui essas especificações; no caso do Katukina, *T* aceita um clítico coindexado à CV em posição sujeito fazendo com que seja identificado esse sujeito nulo. Por outro lado, um **pro** expletivo não necessita ser identificado (Rizzi-1986, Raposo-1992). E nenhum elemento de concordância se apresenta nem pode aparecer em (9). Nesse caso, temos uma categoria vazia obrigatória no Katukina uma vez que os pronomes não podem receber uma interpretação expletiva.

No Katukina, a (i) condição de licenciamento formal da categoria vazia na posição de sujeito, é satisfeita por **pro** ter uma relação de co-indexação com o *T*. E a (ii) condição de identificação de **pro** é satisfeita pelos traços [+plural] e [+humano] presentes num clítico contido em *T* que rege **pro**.

Quanto ao sujeito dos verbos atmosféricos no Katukina, trata-se sempre uma categoria vazia. Ele é não-referencial por isso não precisa ser identificado (Rizzi-1986).

6.2 O Katukina dentro de uma Tipologia de Línguas Pro-drop

A presença de CV-sujeito é uma dimensão discreta, segundo Raposo (1992:478). Ou seja, uma dada língua admite ou não sujeitos nulos.

O licenciamento de **pro** numa língua é usualmente generalizado a todos os paradigmas da conjugação verbal. Mas isso não é de tudo verdadeiro, pois há línguas em que determinadas conjugações admitem sujeitos nulos e outras não, por exemplo, o Hebraico e o Irlandês, segundo Chomsky (1981).

As línguas consideradas Pro-drop são aquelas que admitem uma categoria vazia em posição de sujeito sem exceções. Essas línguas podem diferir na condição de licenciamento formal - **pro** é regido por Infl capaz de atribuir Caso nominativo - e na condição de identificação de **pro** (Rizzi-1986).

As línguas consideradas de sistema misto são aquelas que só admitem sujeito nulo em alguns casos específicos.

Sabemos também que as línguas consideradas de sistema misto pertencem a esse grupo não por uma mesma razão, ou seja, não existe um critério único de classificação para determinar quais são as línguas de tipo misto. Cada língua tem mecanismos particulares e condições específicas que a caracterizam como mista

6.2.1 A Língua Katukina e o Sistema Misto

Com base nos dados de nosso corpus, verificamos que a língua Katukina não admite sujeito nulo (Cap. II) a não ser que seja o sujeito de verbo atmosférico - recebendo portanto uma interpretação expletiva - ou que seja licenciado por uma relação de co-indexação com T. No primeiro caso nunca pode haver sujeito lexical, já que a língua não dispõe de um elemento pronominal neutro. No segundo, a

preseça do sujeito é opcional, já que há na frase um elemento com traços distintivos idênticos aos dos pronomes [+plural] e [+humano].

Quando discutimos sobre categoria vazia na posição de sujeito vimos a representação sintática daquelas que são opcionais, isto é, aquelas que contém uma posição de sujeito preenchida por um argumento com propriedades idênticas às do pronome **eles**, **elas**, **nós** e **vocês**, mas sem realização fonética. Esse elemento pronominal - **pro** - possui uma matriz gramatical que especifica os traços distintivos - + [+plural] e [+humano].

A partir desse fato, podemos ir mais além com nosso raciocínio quanto aos pronomes identificados por essas características. Na língua Katukina, há quatro pronomes que contêm os traços - [+plural] e [+humano]. Esses pronomes são **hatu** 'eles/elas', **nuki** 'nós', **matu**, **kuyuska** 'vocês' - como veremos em (10a-d)⁴. abaixo:

(10)a. nuki tʃuʃtʃa-βu
nós sujo-cl

'Nós estamos sujos.'

b. matun kanta-i-ti ruapa-βu
vocês cantar-?-modo bonito-cl

'Vocês estão cantando bonito.'

c. kuyus-ka-ra hatu βati βai-βu
vocês-inter eles brigar pas-cl

'Vocês brigaram com eles?'

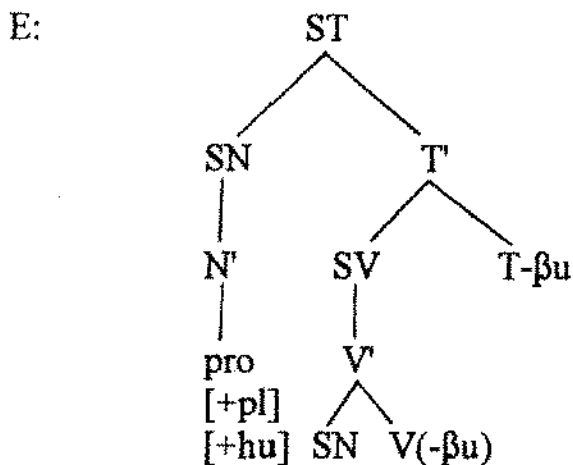
⁴ a, b,d: Aguiar-1984/D.A.p.31, 32, 41;
c: NTB-1982.3/26.6;

d. huni-βu mi̯i iki-βu βai-βu
 homem-pl trabalhar ter-cl pas-cl

'Os homens foram trabalhar.'

Desta forma podemos assumir que o **pro** é interpretado como qualquer pronome plural empregado para humanos e é identificado através do **βu**. Mas se não estiver em jogo nenhum pronome plural não poderá ocorrer categoria vazia na posição de sujeito no Katukina.

Assumindo que **βu** é quem satisfaz a condição de licenciamento formal para a ocorrência de categoria vazia **pro**, a qual é regida pelo T, e que a condição de identificação de **pro** é satisfeita graças aos traços do **βu**, presente em T propomos uma estrutura (E)⁵ na qual **βu** se manifesta afixado ao T da oração:



A estrutura (E) mostra que **βu** pode ocorrer no núcleo de SV e no núcleo de ST. Mas **βu** pode ocorrer nesses dois lugares desde que sua ocorrência primeira seja aquela cliticizada ao T. E essa ocorrência vai ao encontro do que propõe Rizzi

⁵ Estamos utilizando a estrutura proposta por Pollock a qual é justificada no item 2 do capítulo III.

(1986 e 1993); segundo o qual a categoria vazia na posição de sujeito não depende da concordância verbal mas sim da condição de licenciamento formal e da condição de identificação dessa categoria.

Adicionando esse dado ao fato de a língua não admitir categoria vazia pronominal sujeito em outras condições, estamos propondo que se trata de uma língua de sistema misto nos termos do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Assim, o Katukina, dentro de uma tipologia de línguas pro-drop, seria uma língua mais como o árabe, o hebraico, o irlandês e o alemão.

7. NASALIDADE

7.0 Introdução

O estudo da nasalidade no Katukina terá três partes básicas - **Nasalidade nas línguas Pano (7.1)**, **Nasalidade no Katukina (7.2)**, **As Várias Funções da Nasal (7.3)** e **Resumo**. Pretendemos com esse item, questionar o comportamento desse elemento na língua Katukina que, aparentemente, se responsabiliza por várias funções nas línguas Pano. Observando o comportamento da nasalidade nessas línguas, podemos apreender o processo dessa nasalidade no Katukina e estabelecer o grau de proximidade dessa última com as outras línguas Pano.

Inicialmente, faremos uma exposição de dados com nasalidade de algumas línguas Pano estudadas anteriormente por outros pesquisadores. Essa exposição seguramente ajudar-nos-á a esclarecer os processos de nasalização do Katukina, contribuindo na nossa compreensão da função e das possíveis interpretações dessa nasalidade no Katukina, e ampliando, assim, nosso conhecimento das línguas Pano enquanto família lingüística.

Em seguida, apresentaremos dados com ocorrência de nasalidade no Katukina dando suas possíveis interpretações - marcador de transitividade (7.2.1), locativo (7.2.2), posse (7.2.3) e outras interpretações dessa nasalidade (7.2.4).

Finalizando, concluiremos esse item mostrando a análise que fizemos da nasalidade na língua Katukina: porém, chamaremos a atenção para o fato de que essa análise deve ser desenvolvida de forma mais aprofundada, o que não pudemos fazer neste estudo. Esse aprofundamento poderá ser feito numa outra pesquisa futura. Nesse momento, daremos somente uma primeira interpretação da nasalidade na língua, já que ela se mostrou suficientemente importante para exigir pelo menos uma análise preliminar, sendo impossível ignorar o assunto.

7.1 Nasalidade nas línguas Pano

A nasalidade nas línguas Pano parece ter como função marcar transitividade. Essas línguas por sua vez são reconhecidas como ergativas.

Sabemos que as línguas ergativas, marcam o SN-sujeito de oração transitiva diferentemente do SN-sujeito de oração intransitiva. Segundo Bach (1968), essa marcação pode ser feita através da ordem seqüencial das palavras, do sistema de desinência, de preposições ou posposições, de marcas suprasegmentais, ou mesmo de uma combinação desses dois últimos.

Segundo Eugene Loos (1978.135), as línguas Pano têm como característica a mudança de certos termos na sua forma fonológica, e isso acontece também nas construções transitivas. Nesse caso, o N com função de sujeito tem uma forma fonológica mais "larga" (termo do próprio autor) que a forma desse mesmo N com função de complemento direto.

A forma mais larga é acrescida de um IAP marcador de sujeito transitivo. Essa forma seria fonologicamente /Vn/ e foneticamente [Ṽ], ou seja, um traço suprasegmental para indicar transitividade. Ele afirma ainda que esse marcador se realiza foneticamente pela consoante nasal.

Essa afirmação pode ser conferida nos exemplos (1-4) abaixo, de algumas línguas Pano. Esses exemplos foram tomados do próprio autor (Loos,E.-1978):

(1) Capanahua

- a. mari ta kaiki
cutia modo ir-pres3-term.

'A cutia vai.'

b. marin ta yoa piiki
cutia modo mandioca comer-pres3-term

'A cutia come mandioca.'

c. awa ta kaiki
anta modo ir-pres3-term

'A anta vai.'

d. awapan ta pii piiki
anta modo folha comer-pres3-term

'A anta está comendo folha.'

(2) Chacobo

a. hanin min nami pi?ikini
homem modo carne comer trem

'O homem come carne.'

(3) Amahuaca

a. honin min nami pi?ikini
homem modo carne come-pres3-term

'O homem come carne.'

(4) Yawanwá

a. kukan make pii-ma
tio piranha comer-não

'O tio não come piranha.'

Conforme mostram os dados (1-4) acima, parece não haver dúvida de que a nasalidade inserida no N-sujeito esteja marcando transitividade nessas línguas Pano. Vejamos como isso se processa no Katukina.

7.2 Nasalidade no Katukina

A nasalidade na língua Katukina parece ter semelhanças com a das outras línguas Pano mas, seguramente, apresenta particularidades bem definidas, que a distinguem das demais. Como veremos, a nasalidade nessa língua cumpre um papel enquanto marcador de ergatividade (7.2.1), locativo (7.2.2), posse (7.2.3) e outros ainda por investigar.

7.2.1 Marcador de Transitividade

A nasalidade nas orações transitivas do Katukina parece ter o mesmo papel que aquele desempenhado nas línguas representadas acima. Isso se confirma com os dados (5a-e)⁶, podendo ser comparados aos exemplos (5f-h) abaixo que não são orações transitivas, e por esse motivo não apresentam a nasalidade:

⁶(5)a. 1982.2.25.7

b. 1982.2.29.1

c. 1977.2.20

d. 1977.1.24

e. 1977.1.33

(5)a. runun kuka rati ai
cobra tio assustar pres.

'A cobra assusta o tio.'

b. ipan kanti tuin ai
tio arco levar pres.

'O tio leva o arco.'

c. pitsun βimi pi-ai
periquito fruta comer-pres.

'O periquito come fruta.'

d. kamanin⁷ mari pi-ai
cachorro cutia comer-pres

'O cachorro come cutia.'

e. papan kaman pia ma-ai
pai cachorro comer não-pres.

'O pai não come cachorro.'

f. huni raka-ta
homem deitado-modo

'O homem deitado.'

⁷ Caso o ILP termine em n na sua forma base, ele passa a ter obrigatoriamente, o acréscimo de uma vogal antes do n que vai marcar o N-sujeito de transitivas (ver Cap.I de fonologia).

g. kuki fini ia
cesta velha aux

'A cesta está velha.'

h. kapi ruapa
Kapi bom

'O Kapi é bom.'

Podemos assumir que a nasalidade seja um marcador de transitividade como em outras línguas Pano. No entanto, veremos que ela desempenha outros papéis na língua, como mostram os dados que discutiremos em seguida.

7.2.2 Marcador de Locativo

Segundo os dados disponíveis, a nasalidade pode ser interpretada como marca de locativo, como vemos em (6a-c)⁸:

(6)a. kuka ŋuβun ka-kai
tio casa ir-fut.

'O tio vai para casa.'

b. nai-n hiŋi uti-pa ia
céu-loc estrela muito-clas ter

'No céu há muitas estrelas.'

⁸ a: NTB-19
b: NTB-1982.3/21.2;
c: Aguiar-1985.12.

c. yaka witiŋ yanta wai-n tʃana
Yaka só ontem roça-loc (?)

'Só a Yaka foi à roça ontem.'

Estamos propondo que a nasalidade seja um marcador de locativo. Tomando os exemplos (6a-c) acima, parece plausível essa interpretação. Porém, se observarmos dados do tipo (6d-f)⁹ veremos que a nasalidade não está presente quando esse locativo se refere a um advérbio - dêitico:

d. hunu anu kai
porco lá ir + fut

'O porco vai lá.'

e. hawen kaman hanu ni-ai
dele cachorro lá estar-pres

'O cachorro dele está lá.'

f. epa ninu ni-ai
tio aqui está-pres

'O tio está aqui.'

Considerando os dados (6a-f) podemos assumir que a nasalidade esteja marcando locativo quando é um N mas não quando é um Adv. Nesse contexto, a nasalidade está cliticizada ao N que é licenciado pelo núcleo de SV. Isso nos leva a confirmar que a nasalidade no Katukina tem a função de marcar um certo tipo de locativo.

⁹ d: NTB-1982.1/24.7

e: NTB-1982.1/28.5

f: NTB-1982.2/6.2

7.2.3 Marcador de Posse

A nasalidade tem a função de exprimir posse quando ele marca os Ns [+Animado]. Isso já foi discutido anteriormente (Cap.3-2.2.5) quando tratamos da nasalidade como possível marca de posposição. Retomamos esse ponto agora, enfocando-a enquanto posse nos dados (7a-f):

(7)a. yaran βana
cariu língua

'A língua dos carius.'

b. epan miβi
tio mão

'A mão do tio.'

c. papan ŝuβu
pai casa

'A casa do papai.'

d. ian ewa
minha mãe

'minha mãe.'

e. niin pitsu
Nii periquito

'O periquito do Nii.'

f. nia βari-n nuki-n ain-βaun hunu pasa a-βai-βu
 este sol-n nós-poss esposa-pl porco ensopado fazer-pas-pl

'Hoje nossas mulheres fizeram ensopado de porco.'

Observando a nasalidade a partir desses dados (7a-f), podemos compará-lo ao marcador de posse no inglês 's¹⁰. O n do Katukina parece se comportar de forma semelhante a esse possessivo - 's - do inglês . O dado (7e) pode ser comparado à oração **John's house** 'casa do João' em inglês, de forma especificada em Katukina temos **Nii-n pitsu** 'periquito do Nii'.

7.2.4 Outras Interpretações da Nasalidade

Observamos que a nasalidade pode ocorrer no N-sujeito, no N locativo e no N marcando o possuidor. Vale notar que essa nasalidade ocorre também junto ao V, como vemos em (8a-b)¹¹:

(8)a. papa amen ian
 pai capivara ter

'O papai tem capivara.'

b. kuka senu-ti haa-pa-n
 tio serroti-instr ter-clas

'O tio tem serrote.'

¹⁰ Interpretação sugerida por Galves em orientação.

¹¹ a. 1977.1/21

b. 1977.2/9

c. papan hupu-pa-n
pai-pos mosquitoeiro-clas

'O mosquitoeiro é do papai.'

d. papa txiin yuu-ta ai
pai fogo esquentar-modo pres.

'Papai se esquentta perto do fogo.'

A nasalidade nos dois primeiros dados (8a-b) acima pode ser explicada se consideramos que o verbo *ter* é intrinsecamente dotado de interpretação possessiva. Contudo, devemos chamar a atenção para o fato de que temos dados¹² semelhantes a (8a) que não tem nasalidade no verbo *ia*, dados que já mencionamos em outras partes do nosso estudo, como

ian hiŋa ia
eu cavalo ter

'Eu tenho cavalo'

No caso da nasalidade na oração (8c) poderíamos levantar a hipótese de que, o verbo *ser* não está foneticamente presente, a marca - n - vem adjungida ao classificador *pa*, que por sua vez se adjunge ao SN mais próximo. Vale dizer que comumente *pa* não ocorre nessa posição (ver Morfologia, Cap.2).

O que justifica nossa hipótese de que o verbo *ter* está foneticamente apagado é o exemplo (8e) que não apresenta nasalidade no SN-objeto e, conseqüentemente, não necessita do classificador *pa*:

¹² Aguiar-1985.5

(8)e. papan hupu
pai mosquito

'O mosquito do pai.'

7.3 As Várias Funções da Nasal

Acabamos de ver que a nasalidade desempenha vários papéis na oração, e que esses papéis serão definidos de acordo com o elemento afetado na oração. Isso parece ser verdadeiro para outras línguas Pano se considerarmos os estudos e afirmações feitos por Eugene Loos (1978:171).

Segundo esse especialista, em muitas línguas Pano os morfemas que indicam possuidor, locativo, instrumento, tempo e vocativo são idênticos ao indicador de transitividade do N-sujeito. Mas isso não quer dizer que esses papéis são os mesmos para todas as línguas Pano. Inclusive para o Katukina, parece haver divergências - instrumento, tempo - que precisam ser melhor investigadas.

Vejam alguns exemplos de línguas Pano (9-11) fornecidos pelo autor e exemplos do Katukina tirados do material da NTB (12a-d) e outros coletados por nós mesmos (12e-f):

(9) Isconahua

- a. ?iwin 'meu'
- b. miwin 'seu'
- c. hawin 'dele'

(10) Capanahua

- a. haa 'ele' (intrans)
- b. haan 'ele' (trans)
- c. hawin 'dele'
- d. haʔan 'com isso' (instrum)

(11) Cashibo

- a. a 'ele' (intrans)
- b. an 'ele' (trans)
- c. anón 'com isso' (instrum)

Durante nossas pesquisas, encontramos muitos dados da língua Katukina que nos fizeram suspeitar que ela não é tão rigorosa quanto as outras línguas Pano. Essa suspeita faz com que levantemos a hipótese de que o Katukina está sofrendo uma mudança quanto à nasalidade que marca o SN-sujeito, nas orações transitivas.

Vejamos alguns exemplos (12a-g)¹³ que nos conduziram a essa conclusão:

- (12)a. mia-ra sinu-ti haa
 você-inter serrote-instr ter

'Você tem serrote?'

¹³ a.NTB-1977.2/13

b.NTB-1975.3/12

c.NTB-1975.3/11

d.NTB-1977.3/4

e., f. Aguiar-1985

f.NTB-1977.2/21

b. papa atsa pi-βai
pai macaxeira comer-pas

'O pai comeu macaxeira.'

c. papa muka-wa ia-tai
pai espingarda ter-modo-pres

'O papai está carregando a espingarda.'

d. kaman papa yai nii ka-βai
cachorro pai com caçar ir-pas

'O cachorro foi caçar com o papai.'

e. kuyuska yunka pi-βai
eles goiaba comer-pas

'Eles comeram goiaba.'

f. ayβu ŝeki aki ka-βai
mulher milho buscar ir-pas

'A mulher buscou milho.'

g. βaki wasihuwa tuiŋa
criança flor segurar na mão

'A criança está segurando a flor na mão.'

Esses dados, se não são suficientes para confirmar nossa hipótese, pelo menos nos fazem suspeitar do comportamento dessa nasalidade no katukina. Vimos que ela não é muito uniforme na oração intransitiva, o que nos faz pensar na

possibilidade dessa nasalidade estar sofrendo mudança na sua função, tornando-a uma marca suprasegmental utilizada para dar ênfase ao constituinte que o falante aleatoriamente elege como sendo o mais relevante naquele contexto.

Pudemos observar nos exemplos de orações transitivas do Katukina ((12) e outros) que a marca de nasalidade não é obrigatória. Aceitando as análises das outras línguas Pano como corretas, podemos levantar a hipótese de que o Katukina está passando por um processo de transição lingüística. O que podemos assegurar com nossas análises é que em alguns SN-sujeitos pronominais a nasalidade é mais corrente (13a-d) do que em outros (14a-c):

- (13)a. *ian* 'eu'
- b. *nukin* 'nós'(exclusivo)
- c. *hatun* 'vocês'
- d. *matun* 'nós todos' (inclusivo)

- (14)a. *mia* 'você'
- b. *kuyuska* 'vocês todos'
- c. *haa* 'ele(a)'

7.4 Resumo

Nossa contribuição aqui é apenas especulativa, pois os estudos realizados não nos permitem ir muito além, principalmente pelo fato de que a nasalidade na língua Katukina não é muito semelhante à nasalidade das demais línguas Pano, segundo as conclusões dos demais estudiosos.

O que podemos verificar é que a nasalidade desempenha várias funções no Katukina - transitividade, locativo e posse. Constatamos ainda que ela nem sempre marca o sujeito da oração transitiva como um regra mandatória. Isso nos levou a levantar a hipótese de que a língua katukina está sofrendo um processo de mudança no sentido de perda da marca de transitividade.

Caso tenhamos razão, esse processo resultará em uma mudança nos dados característicos das línguas Pano em geral. Desta forma, seria mais prudente deixar essa questão apenas como uma hipótese a ser confirmada em trabalhos futuros.

8. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Nesse capítulo, fizemos uma descrição da sintaxe do Katukina e iniciamos uma análise teórica. Nesta análise pudemos concluir que a ordem dos constituintes da língua é SOVT. Essa ordem pode sofrer mudança pelo processo de topicalização do SN-objeto ou do SV nas orações que contêm coordenação.

Quando temos essa topicalização do objeto coordenado não temos o núcleo de ST preenchido e nem partícula que fecha o sintagma topicalizado - OVS. Não pudemos levantar uma hipótese explicativa sobre esse fato, só pudemos constatá-lo. Por outro é possível prever com esse tipo de estrutura que nessa língua não deve ser possível formular orações com o objeto topicalizado e coordenado quando o sujeito também for coordenado¹. Uma outra questão que surge é que não teremos SN-objetos topicalizados em orações afirmativas se seu núcleo não for coordenado. Não temos ainda uma explicação para isso, mas talvez o fato de ele ser um sintagma pesado pela presença do coordenador seja decisivo. Isso no entanto só poderá ser investigado mais tarde em outra pesquisa.

Com relação aos clíticos, concluímos que, no nível sintático, trata-se de uma categoria funcional. Pudemos analisar quatro clíticos *ra*, *ma*, *βu* e *n*, respectivamente, núcleos de SCOMP, SNeg, coindexado ao núcleo de SN [+humano] e [+plural], e *n* que tem uma variedade de funções - genitivo, locativo, ergatividade, casuais etc..

Observamos que as estruturas interrogativas têm sempre seu núcleo preenchido por *ra*; quando são do tipo parcial, o especificador também está

¹ Colaboração de Maria Cristina Figueiredo em conversa informal(1994).

preenchido, mas quando são do tipo global, o SN-sujeito sobe para a posição de tópico mais alta da estrutura.

A negação - *ma* - vem sempre entre SV e T. Uma outra observação que fizemos sobre a negação está relacionada à presença do auxiliar *ia* e *haa*: ela ocorre depois desse auxiliar, que por sua vez vem depois do SV - SV Aux Neg. Como já foi esclarecido, o auxiliar nunca co-ocorre com o tempo verbal.

Outro ponto que trabalhamos foi a possibilidade de o Katukina admitir sujeito nulo. Concluimos que ele o aceita se houver como recuperar os traços do sujeito. Nessa língua há apenas uma única maneira de fazê-lo: que é quando essa categoria vazia puder ser identificada com dois traços: [+humano] e [+plural]. E esses traços são recuperados pelo clítico *βu* que vem adjungido ao núcleo de ST, podendo ser duplicado no V.

Concluimos ainda que a nasalidade cumpre vários papéis: ergatividade, genitivo, possessivo, locativo e outros que ficam por desvendar em outra pesquisa.

CAPÍTULO IV

LEXICOGRAFIA

PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO KATUKINA-PANO

1 LEXICOGRAFIA

1.0 Introdução

O presente capítulo visa a reunir informações lingüísticas relevantes da língua Katukina para a realização de um glossário dessa língua, ainda que futuramente. As informações nesse glossário serão, basicamente, de nível fonológico e morfossintático, uma vez que esses níveis são de fundamental importância na língua em termos lexicográficos.

As entradas desse glossário serão expostas da forma como exemplificamos os itens lexicais **kankan**, **uti** e **xunpa**. Eles serão apresentados da seguinte forma (1-3):

1. kanka	/kankan/ ;	Nome	abacaxi;
2. uti	/uti/ ;	Quantificador	muito;
3. xunpa	/junpa/ ;	Nome	mamão

Nesse glossário virá, em primeiro lugar, o ILP - Item Lexical Padrão -ou o IAP - Item Afixal Padrão - que figurará como entrada ou sub-entrada, utilizando grafema, segundo a nossa proposta de alfabeto, a transcrição fonológica, depois a classificação gramatical e por fim, a tradução para o português.

A formulação de um glossário deve se dar a partir de conclusões decorrentes de uma série de análises lingüísticas. Neste caso, cremos que o glossário agiria como um instrumento para aferir as análises anteriores como um algoritmo de aferição matemática. Quer dizer, a partir das análises lingüísticas de uma dada língua, deveremos poder estruturar um glossário, mesmo que de caráter experimental, como é nossa proposta aqui.

Inicialmente, apresentaremos a situação sociolingüística do grupo indígena Katukina, buscando melhor compreensão do leitor no presente trabalho. Em seguida, forneceremos algumas observações, pertinentes à estrutura do Katukina, relacionadas à formação de palavras desta língua já vistas na parte de morfologia (Cap.II) desta tese.

Discutiremos também estudos lexicográficos que citam os vários tipos de dicionários bilíngües e monolíngües. Após essa verificação de trabalhos lexicográficos e considerações das análises lingüísticas, faremos nossa primeira proposta de glossário da língua Katukina.

Ao final de nosso estudo, pretendemos ter contribuído para o início da estruturação de um dicionário bilíngüe do Katukina, enquanto língua indígena de tradição apenas falada. E, conseqüentemente, estaremos mostrando a riqueza estrutural dessa língua.

Concluiremos esse capítulo com a apresentação de uma lista de itens expostos entre entrada e sub-entrada. Essa lista chamaremos de Mini-Glossário -Apêndice I -, contendo 1.000 itens, aproximadamente além de propormos uma escrita para a língua, que utilizaremos nas entradas do mini-glossário.

1.1 Dados Sociolingüísticos do Grupo Katukina

O Katukina, como mencionamos acima e no início desta tese, é uma língua de tradição apenas oral², como muitas línguas indígenas da América do Sul, África e Austrália.

O grupo Katukina conta com 300 índios, aproximadamente, sendo 90% monolíngües da língua Katukina, e apenas 10% bilíngües, Katukina - Português.

Vale ressaltar que esses 10% são compostos, basicamente, por homens que, por sua vez, cumprem o papel de intermediários de seu grupo com a população falante de língua não-Katukina, no caso, o português. Língua esta a que os Katukina estão bastante expostos no seu dia-a-dia.

A necessidade do conhecimento da língua portuguesa e de assimilar outros valores não-índios por parte dos Katukina se justifica pelo fato de que isso ameniza sua relação com os "brasileiros"; pois essa relação se estabelece de uma maneira desigual: os índios sempre explorados nos contatos.

Vale considerar que esses conhecimentos já vêm sendo adquiridos no decorrer desses contatos. Todavia, eles são absorvidos por esses índios como informações que só são utilizadas para se inter-relacionarem com os "brasileiros". Quanto à assimilação, eles o fazem assumindo claramente que tal cultura não é a sua.

No que diz respeito exclusivamente à língua, eles a utilizam do modo mais adequado possível; pois, a segunda língua é utilizada somente quando se

² Ao invés de dizer línguas ágrafas, estamos dizendo de tradição oral, pois alguns estudiosos, como Eri Orlandi (1991), acreditam que esse termo não é apropriado. E isso pelo fato de que qualquer língua poderá ser escrita e o termo ágrafa pode ser tomado como sendo impossibilidade de uma língua ser escrita, o que não deve ser dito sobre as línguas que ainda não tenham sido devidamente estudadas.

trata de situações em que haja um falante dessa língua e que eles necessitam comunicar algo a esse falante. Nunca essa língua é utilizada pelos índios no seu contexto social diário em que se encontrem apenas Katukina.

Sabendo desse controle e especificidade, cremos que será de grande importância para esses índios um glossário bilíngüe, Katukina - Português, Português - Katukina. No nosso entender, isso os ajudará a ter acesso ao português de maneira reservada e controlada. E, ainda, poderá contribuir para uma valorização maior da própria língua.

Um glossário poderá ser útil, ainda, para a produção de materiais didáticos, para tirarem dúvidas quando em contato com notícias ou discursos políticos, da FUNAI ou não. É útil, também, para quando forem enviar cartas às autoridades brasileiras fazendo denúncia de qualquer fato à sociedade nacional, além de dar-lhes a oportunidade de obter informações de modo comparativo entre o Katukina e o Português.

1.2 Discussão Teórica

Há bastante literatura disponível sobre a lexicografia. Entre outras, as que mais nos importam no momento são aquelas voltadas à estruturação de dicionários em geral, e centramos nossa atenção naquelas voltadas a dicionário bilíngüe.

Dentre uma série de trabalhos, podemos salientar um que é considerado clássico da literatura, o de Zagusta (1971), e outros como Haas (1975), Harrell (1975), que também se ocupam de pontos mais teóricos da lexicografia.

Podemos dizer que Zagusta (1971) é um dos melhores trabalhos e que pode ser considerado como básico na área de lexicografia. E isso se deve a sua variedade de temas, dentro dessa área de conhecimento, e minuciosidade em sua exposição.

Segundo a definição encontrada em Zagusta (1971), um dicionário é uma lista de palavras organizadas sistematicamente, sendo essas palavras, formas linguísticas socializadas, as quais, depois de terem sido coletadas pelo linguista, representam hábitos de fala de uma dada comunidade lingüística. Depois, esses hábitos de fala são comentados por esse lingüista de tal modo que qualquer leitor qualificado possa compreender o significado de cada uma dessas formas em si, e é informado dos fatos concernentes à função daquela forma nessa comunidade lingüística³. Para Zagusta, tal definição aponta para o que é central a todos os dicionários.

Dentre os mais importantes, há dois tipos de dicionário que devem ser considerados (Zagusta-1971): o enciclopédico e o lingüístico. O enciclopédico se ocupa em dar informações sobre o mundo extra-lingüístico, físico ou não, estando as entradas em ordem alfabética, não por alguma regra, mas para facilitar a consulta do material. E essa ordem alfabética é utilizada por quase todos os dicionários, inclusive o lingüístico.

O dicionário lingüístico pode ser dividido sob vários pontos de vista: diacrônico (histórico e etimológico) ou sincrônico (específico a um determinado momento da língua). E, ainda, geral e específico. Esse último, o

³ "...a dictionary is a systematically arranged list of socialized linguistic forms compiled from the speech-habits of a given speech-community and commented on by the author in such a way that the qualified reader understands meaning ... of each separate form, and is informed of the relevant facts concerning the function of that form in its community". Essa definição é de Berge, citado por Zagusta (1971.197). Mas ele não o identifica de forma correta capaz de nos dar acesso a sua obra original; diz apenas que Berge é um jornalista.

dicionário lingüístico específico, se restringe a um dialeto de uma língua qualquer, ou mesmo a um tema etc.. Já o geral é aquele dicionário usado para a verificação ortográfica ou verificação funcional dos itens lexicais configurados como entrada.

O dicionário geral se subdivide em dois outros tipos, ambos descritivos: o descritivo padrão e o informativo. O primeiro tem uma característica normativa e seu ponto forte é a determinação de como a norma interna de uma língua deve ser usada. O outro é mais descritivo que o primeiro: ele é usado para aferir termos de uma língua que o falante escuta ou lê e tem dúvida sobre seu significado ou sobre sua forma de escrever.

Uma outra forma de diferenciar os dicionários é através do critério do número de línguas que ele representa, podendo ser monolíngüe ou bilingüe.

O monolíngüe é mais comum às línguas que têm um número maior de materiais escritos e descritos. Quanto ao bilingüe, ele tem como propósito básico coordenar as unidades lexicais de uma língua fonte com as de outra língua, a alvo, (Zagusta-1971, Haas-1975).

A dificuldade fundamental para a coordenação das unidades lexicais em um dicionário bilingüe é causada pelo que Zagusta chama de anisomorfismo, isto é, pelas diferenças na organização de designação nas línguas individuais e outras diferenças entre línguas. Essa dificuldade é muito pertinente às línguas indígenas, pois temos muitos termos específicos para pássaros, plantas, e outros elementos que só existem em determinadas regiões e culturas. Esses termos são chamados de "culture-bound words" por Zagusta. Poderíamos dizer que são itens de fronteira cultural. Vejamos a figura abaixo que ilustra esses itens de fronteira cultural, tomando como exemplo o português do Brasil:

Fig.2

circo = lugar coberto com lona usado para apresentar palhaços, mágicos, bailarinas, animais amestrados etc..

mágico = pessoa que trabalha com ilusões de ótica.

palhaço = pessoa que trabalha em circo para alegrar a platéia através de sua fala, comportamento e traje ridículo ou cômico no circo.

Estamos considerando os itens citados na figura acima como de fronteira cultural, tomando como referencial os falantes de uma língua indígena qualquer do norte do Brasil, por exemplo. Esses itens, sem dúvida, não fazem parte do contexto cultural de nenhum grupo indígena, conseqüentemente, não encontraremos itens equivalentes (sinonímicos) para uma tradução.

Considerando trabalhos voltados às línguas indígenas, podemos mencionar os de Stark (1969), sobre o Quechua, e o de Ballón (1985) mais geral, voltado às línguas andinas e selváticas.

Esse último, Ballón, questiona a existência de equivalência sinonímica entre as línguas intertraduzidas, em que a informação do conteúdo se expressaria como cadeia de equivalência entre significados e significantes. Essa equivalência não seria possível de colocar em prática nos dicionários bilíngües que envolvam línguas de contexto cultural muito diferentes, como é o caso das línguas indígenas em geral. Segundo esse autor, mesmo que as

Em nosso ponto de vista, deve-se fazer esforços para estruturar dicionários bilíngües de línguas indígenas, apesar de correr-se o risco de cometer equívocos a nível de tradução, ou de não se encontrar termos equivalentes.

Um outro ponto que nos chamou a atenção foi quanto aos dicionários de língua indígena em geral, em que ela é sempre a língua fonte e nunca alvo. Mas isto é de se esperar, pois se deve ao fato das mesmas serem comumente pouco estudadas. Apesar dessa realidade, esses dicionários já representam um começo para os estudos lexicográficos dessas línguas.

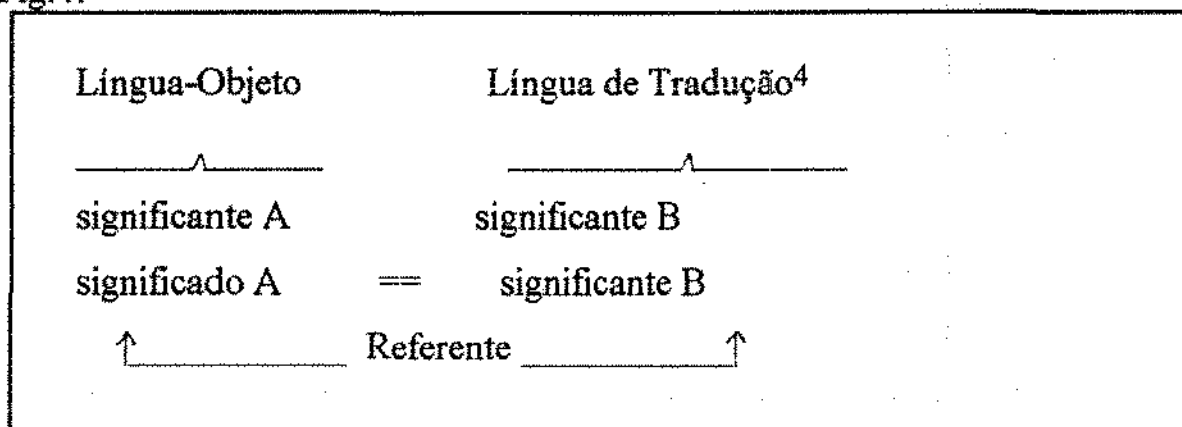
Segundo Ballón, a diferença entre o dicionário bilíngüe e o monolíngüe é que esse último opõe significante-entrada e o significado referente. E isso seguindo a fórmula "um X é um Y". Ele ilustra esse ponto com o exemplo do espanhol apresentado na figura 3 abaixo:

Fig.3:

<p>- de poca altura; - que está en lugar inferior; "Bajo" _ - inclinado hacia abajo y que mira el suelo; - hablando de colores, poco vivo, pálido; - dícese del oro y de la plata, cuando tiene sobrado</p>	liga
etc.;	

Quanto ao dicionário bilíngüe, ele opõe, a princípio, dois significantes para um mesmo referente. Pressupõe-se a identidade dos significados referenciais correspondentes semelhantemente a uma identidade de coisas. Em um diagrama proposto pelo autor, seria o que vemos na figura 4 que segue:

Fig.4:



Mesmo correndo o risco de não encontrar tradução sinonímica entre o Katukina e o Português, nós nos daremos a oportunidade de propor um glossário bilíngüe. Sabemos que esse glossário pode ter como língua alvo, ou de tradução, somente o português e não o Katukina como pensávamos inicialmente. No entanto, é isso que podemos oferecer no momento.

Uma outra questão com que devemos nos ocupar, a nível lexicográfico, é quanto à unidade básica de um dicionário. Segundo Hartmann Spelley (1983), essa unidade básica na confecção de um dicionário é o lexema, e esse lexema é a combinação íntima de forma e significado. Essa colocação é muito relevante para o lexicógrafo. Parece que essa questão é tratada de forma particular a cada língua ou cada tipo de estrutura pertinente quanto à significação lexical. Assim, no Katukina, tentaremos resolver tal questão segundo o que nos mostra sua estrutura.

Para Harrell (1975) e Haas (1975), a escolha das entradas para um dicionário, e definição das palavras ou lexemas, são problemas muito sérios e

⁴ O que Ballón chama de língua de tradução é o mesmo que Zagusta chama de língua alvo.

são chaves para o glossário. Vejamos como isso pode ser trabalhado no Katukina.

1.3 Estruturas dos ILPs, IAPs e suas Combinações

A língua Katukina-Pano apresenta dois tipos de estruturas que podemos considerar básicas para trabalhar no nível de formação de palavras.

Essas duas estruturas básicas do Katukina são o ILP e o IAP. A diferenciação entre um e outro é o número de sílabas e a tonicidade. Isso quer dizer que é na fonologia que se determinam as regras de formação de itens lexicais no nível morfológico. Observem-se alguns exemplos de Katukina em que se evidencia essa rigorosidade dos ILPs. Eles são formados por duas sílabas, tendo sempre como tônica a sílaba final:

3. βa'ta - CV CV 'cana'
4. ma'ni - CV CV 'banana'
5. βa'ri - CV CV 'sol'
6. ma'pu - CV CV 'cabeça'

Como mostramos acima, os ILPs na língua Katukina são dissilábicos e oxítonos. Vejamos que os IAPs são sempre monossilábicos. Quer dizer, os IAPs e os ILPs⁵ são claramente distintos nessa língua. Isso podemos conferir nos dados abaixo. Seguem exemplos (7-9) de IAPs, uma sílaba e sempre átona:

⁵ Os ILPs são de natureza átona. Um IAP pode atrair ou não a tonicidade no momento de sua clitização ao ILP.

7. -ma = CV 'não'
8. -ra = CV 'interrogador'
9. an- = VC 'meu'

Baseado nessas determinações, decidimos que os dados lingüísticos que não são dissilábicos e oxítonos constituem um ILP composto (N + N, N + Adj, N + V) ou um ILP com combinações afixais (Adj + Neg, N + pl, pref + N) etc..

Os afixos são obrigatoriamente sufixados ou prefixados aos ILPs, já que não encontramos processo de infixação nos dados da língua. Talvez, o que possa ocorrer seja a presença de mais de um afixo cliticizado a um ILP, por exemplo, *an-yumi-ra* 'meu filho?'; mas isso também é muito específico, apesar de comum na língua.

Vejamos alguns dados, somente para ilustração, das nossas afirmações quanto ao comportamento do ILP. Seguem exemplos (10-14) de ILPs Compostos:

10. (N + Adj) *mai - putu* 'poeira'

terra seca

11. (Adj + Adj) *manşin - unşin* 'cor laranjada'

amarelo vermelho

12. (N + N) *huni - ßaki* 'menino'

homem filhote de

13. (N + N) ui - tini 'inverno (chuva)'

chuva tempo

14. (N + V) ifi - katu 'tipo de cipó'

envira dobrar

Quanto à escolha das entradas e sub-entradas de um dicionário na língua Katukina, veremos no decorrer desse sub-item que o critério para tal escolha não se deve ao fato de eles serem ILP, IAP ou compostos; mas sim, pelo fato de serem o elemento derivado ou o derivador. Mas, essa questão será melhor tratada no decorrer deste trabalho (ver fig 6).

Como mencionamos anteriormente, no Katukina, os itens que devem figurar como entrada ou sub-entrada serão julgados segundo sua natureza: gerado ou gerador. Serão entrada de um glossário nessa língua todos ILPs e IAPs, porém, disputarão a posição de entrada os IAPs e ILPs que tiverem relações muito próximas fonológica e morfologicamente.

Decidimos que o item que for gerador de um outro deve ser entrada, enquanto que aquele que for gerado deve configurar como sub-entrada.

Para melhor nos atermos a essa discussão, que supomos ser de fundamental importância, vejamos um exemplo de envolvimento de um item com outro. O exemplo que escolhemos é o IAP **-ma** cuja glossa seria não em português. Estamos assumindo que esse item é derivador de um ILP, decisão que discutiremos em seguida. No momento, aceitaremos que figurará como entrada.

O outro termo de negação que estamos considerando ILP é o **maska** cuja glossa seria **nunca** e **jamais** no português.

Estamos postulando que *maska*, apesar de ser ILP, seja sub-entrada do *-ma* que é um IAP. O motivo que nos levou a considerá-lo esse ILP como sub-entrada é por estarmos assumindo-o como item derivado de *-ma*. E isso nos leva a postular que nessa língua, temos ILPs derivados de IAPs, pois temos outros casos.

Podemos conferir a derivação de ILPs a partir de ILPs e IAPs, observando a combinação de ILPs e IAPs entre si, em uma oração em Katukina. Mostraremos como exemplo dois enunciados do Katukina:

15. *ipa-nun kuka-nun papa nuan nii-βu βai-βu*

tio ma-conect tio pat-conec. pai conec mato-cl. pas-cl.

'O tio materno, o tio paterno e o pai foram caçar.'

16. *huni βaun peşe a-βai-βu*

homem pl. rancho fazer-pass-cl.

'Os homens foram fazer um rancho.'

Para efeito de ilustração, podemos mostrar alguns dados lingüísticos que estamos classificando como ILP e IAP na língua Katukina, que podem ser reconhecidos como especificidades morfológicas dada sua realização no enunciado acima.

Considerando os itens contidos nos exemplos (15-16), devemos apreciar cada item, separando-os primeiramente em dois grupos: ILP (17-25) e IAP (26-27):

17. *epa* 'tio materno'

18. *kuka* 'tio paterno'

19. papa 'pai'
 20. nii 'mato'
 21. βai 'tempo verbal passado'
 22. huni 'homem'
 23. piši 'rancho'
 24. nuan 'conjunção finalizadora de SN (+humano)'
 25. βaun 'conjunção pluralizadora de N⁶(+humano)'
 26. nun 'Conectivo de SN (+humano)'
 27. βu 'pluralizador de Ns e recuperador de Ns sujeito plural'

A língua utiliza o ILP **nun** para realizar coordenação entre Ns e para finalizar a ocorrência de Ns de um sintagma. A língua recorre a um outro elemento IAP **a(n)**⁷ que resulta na formação de um novo ILP. Acreditando que isso se trata de uma particularidade da língua, teoricamente podemos assumir que esse segundo IAP - **a(n)** -, originalmente, não faz parte do **nu(n)**, já que este último está presente entre os Ns de um mesmo sintagma, e que o **a(n)** cumpre outro papel no sintagma, isto é, finaliza a inclusão de Ns.

Postulando que na língua Katukina ocorre um processo de um ILP derivar um IAP, podemos assumir que, o item **nun** sofre um processo de junção de dois IAPs para chegar a **nuan**, sendo que esse último acumula uma segunda função que é a de finalizar sintagmas nominais e, ainda, coordenar Ns. Ou seja, o referido ILP representa tanto a junção de dois IAPs quanto à junção de duas categorias funcionais. E isso é o que nos assegura o

⁶ O termo **βaun**, ainda, é pouco dominado por nós. O que podemos assegurar é que ele ocorre adjungido ao núcleo do SN-sujeito pluralizando-o. Sabemos que ele nunca aparece no final (Tempo Verbal) e essa é a sua diferença no enunciado em relação ao **-βu**.

⁷ A nasalidade faz parte de outro processo, estamos postulando que a discussão se dá com **nu(n)** e **nu + a(n)**, ver Cap.III 7.

tratamentos que daremos a outros ILPs que tenham uma ligação entre si quanto à eles serem entrada ou sub-entrada em um dicionário.

Desta forma, assumiremos que os IAPs - **nun**, **βu**, **ma** e outros - são geradores, respectivamente dos ILPs - **nuan**, **βaun**, **maska** etc.. Assim, passaremos a reconhecer três grupos de itens no Katukina, o ILP (17-23), o IAP (24-25) e o ILP gerado de IAP (26-27). Em termos de processo veremos em seguida a constatação de um ILP vindo de um IAP (28-29):

28. **nun** > **nuan** 'conjunção de N [+humano]'

29. **βu** > **βaun** 'pluralizador de N [+humano]'

Retomando nossa decisão de escolha de entradas para um glossário, vemos que parece razoável que tanto os ILPs quanto os IAPs sejam entradas. E ainda, parece coerente com a estrutura assumida através das análises, que os ILPs considerados derivados de IAPs sejam sub-entradas. Vejamos os exemplos já mencionados acima (24-25) e (26-27) como entrada e sub-entrada na figura 5:

Fig.5

<p>nun: afixo que vincula um N ao N como sendo de um mesmo SN; nuan: termo que encerra o número de N vinculado em um SN; βu: afixo pluralizador de Ns e recuperação de SN-suj Composto; βaun: pluralizador de Ns; Ex. huni-βaun: os homens.</p>
--

Considerando, então, as marcas de tempo verbal (28-30) na língua Katukina, vimos que são apenas três e, ainda, que não há verbo na sua forma infinitiva. Vejamos essas marcas abaixo:

- 28. ai 'tempo presente'
- 29. kaí 'futuro'
- 30. ßaí 'passado'

Parece viável que escolhamos uma dessas marcas para expressar o verbo na sua forma infinitiva. Sabendo de antemão que esta é uma questão puramente teórica e que é comum um N (nome) funcionar como V (verbo) nessa língua, adotamos como forma infinitiva o termo que se assume como verbo seguido da marca de tempo presente (V+Pres = FI) (Forma Infinitiva). Seguem os exemplos (31-33) de N + Pres = V:

- 30. nunu ai 'nadar'
- 31. rumi ai 'fumar'
- 32. hiŋa ai 'andar'

1.4 Proposta de um Glossário Katukina

Ao se propor a estruturação de um glossário de uma dada língua, deve-se descrever e analisar os itens lexicais desta língua. E isso foi o que buscamos fazer no decorrer deste trabalho.

Dentro do que nos propomos trabalhar, estruturamos um glossário da língua Katukina de forma a ser útil ao meio intelectual que se ocupa desse

assunto e àqueles que, de uma forma ou de outra, se encontram envolvidos com essa língua, principalmente à comunidade Katukina.

Vimos neste estudo que há casos de glossários de línguas indígenas acompanhados de um apêndice no seu final, com informações gramaticais básicas da língua. Isso é relevante para se entender e melhor utilizar o glossário (ver Hyde - 1980 e Montag - 1981).

No caso da língua Katukina, estamos propondo que tanto os ILPs quanto os IAPs devem ser entradas. Em se tratando daqueles ILPs que assumimos como derivados de IAPs, devem ser sub-entradas (ver Fig.5). Desta forma, não precisamos fazer um apêndice para as informações básicas da língua, constando tudo no próprio glossário. E isso pode ser conferido na figura 6, que se segue.

Fig.6

<p>n : Marcador de Posse, 1ªpes,sg.; meu, minha; na : Marcador de Posse 1ªpes. Sg.inanimado; meu, minha; nami: N.; carne; nia : Pronome Demonstrativo; este, esse; nun : Conectivo de SN (+ humano); nuan : Conectivo finalizador de SN; nunu : N.; pato(a); nunu ai: V.; nadar</p>

Em se tratando de um glossário preliminar dessa língua, decidimos por apresentar as entradas em ordem alfabética e, as sub-entradas veem seguindo, logo abaixo, seus derivadores, como mostra a figura 6 acima.

Nossa proposta de glossário Katukina bilingüe fica então apresentada como fundamental à seleção das entradas e sub-entradas promovidas pela própria estrutura da fonologia e morfossintaxe da língua.

Esse glossário terá como alvo o Português e como fonte o Katukina, como dissemos anteriormente. Isso se faz necessário devido ao pouco conhecimento que se tem da língua. Achamos que seria relevante propor uma escrita para a língua Katukina tomando como base a escrita da língua nacional - português - por ela ser a língua escrita que eles já têm mais contato. Visando uma praticidade no uso de recursos como máquinas datilográficas que viabilizaria a produção gráfica nessa língua.

Essa proposta se apoia também no fato de que o quadro fonológico do Katukina necessitaria substituir apenas quatro segmentos consonantais - β , \int , r , e ξ - e um vocálico - i -, os demais seriam mantidos devido à sua semelhança com o alfabeto do português. Esses segmentos passariam a ser escritos como vemos em (7) abaixo:

(7)a. $/\beta/ = v$

b. $/\int/ = ch$

c. $/r/ = r$

d. $/\xi/ = x$

e. $/i/ = e$

Desta forma, o alfabeto do Katukina que propomos e poremo nas entardas são: a, i, e, u, t,k,ts,tx, s,x, ch,r,m,n,w, y e v, seguindo a ordem

alfabética do português. Cada entrada terá a seguinte ordem: a grafema, a transcrição fonológica, transcrição fonética, a classificação gramatical e a tradução da língua fonte (Katukina) para a língua alvo (Português). Além disso, quando for necessário, colocaremos exemplos das entradas contextualizados.

Tanto a transcrição fonética quanto a apresentação de certos itens contextualizados são relevantes para os estudiosos de línguas indígenas, bem como para os lingüistas antropólogos assegurar qual símbolo estamos representando na escrita e, ainda, como pode ser usado um item qualquer na sua atuação na língua.

Conclusão do Capítulo

Dentro do que nos propusemos fazer, podemos concluir que esse trabalho de listar palavras de forma mais elaborada é válido para preliminarizar um glossário e é muito importante, tanto para quem o faz quanto para quem ele é feito.

No decorrer de nossa pesquisa lexicográfica, tivemos oportunidade de contactar vários trabalhos que foram relevantes para essa nossa tarefa. E, ainda, tivemos oportunidade de questionar se um determinado item deveria ser entrada e/ou sub-entrada em um dicionário, tarefa vista como complexa por Haas (1975), Harrell (1975) e outros. Além disso, tivemos a oportunidade de rever nossas análises no nível fonológico e morfossintático do Katukina, as quais nos ajudaram a melhor elaborar nossa proposta de glossário.

Segundo nossas análises, a língua Katukina dispõe de recursos diferentes, pelo menos em relação às línguas românicas, quanto aos termos lingüísticos serem entradas ou sub-entradas em um glossário. Observamos que os ILPs passam a ter determinadas funções de acordo com a sua posição na frase e, conseqüentemente, de acordo com o tipo de IAP que se junta a ele. Um glossário não é capaz de abranger esse tipo de questão. No entanto, o que se pode fazer é fornecer todos os tipos de itens encontrados na língua e apresentar suas ocorrências, podendo eles estarem nus ou justapostos a outros itens. Quer dizer, nessa língua foi necessário ser entrada, por exemplo, tanto o ILP **nunu** que significa **pato**, quanto o **ai** que significa marca de tempo presente. E ainda, o ILP composto **nunu ai** significando nadar. E isso, porque decidimos ser esta a forma infinitiva do verbo, por questões puramente teóricas e funcionais.

Uma outra decisão a que chegamos foi quanto aos IAPs que geram ILPs. Assumimos, por exemplo, que o ILP **nuan** será sub-entrada do IAP **nun** e esse por sua vez figurará como entrada.

Estamos admitindo que tanto os IAPs quanto os ILPs da língua Katukina serão entradas e que os ILPs gerados de um IAP serão sub-entradas.

Um dos pontos relevantes nesse trabalho foi a constatação da impossibilidade de realizarmos um dicionário ou glossário do Katukina tomando-o como língua alvo; o que é possível fazer, por enquanto, é uma proposta de glossário tomando o Katukina como língua fonte. Isso deve ser considerado um processo natural de conhecimento da língua, que se constitui em um início de estudo cujo próximo passo será a realização de um dicionário, tendo a língua Katukina como língua alvo.

CONCLUSÃO

Nosso estudo sobre a língua Katukina Pano trata da sua classificação lingüística. Ele procura também analisar o Katukina dentro da perspectiva sincrônica.

Inicialmente fizemos uma crítica do método utilizado para classificar as línguas em família centralizando a discussão naquelas que são consideradas Pano. Vimos que se faz necessário recorrer a outras metodologias que não aquela baseada na comparação de itens lexicais. Concluimos que através de uma análise gramatical, isto é, fonológica, morfológica, sintática e também lexicográfica podemos reconhecer e agrupar as línguas em famílias ou não. O que não dá para fazer é utilizar apenas listas de palavras ainda hoje, quando dispomos de recursos mais sofisticados e teorias mais poderosas. Acreditamos que podemos trabalhar com aspectos lingüísticos como a negação e a interrogação, pois eles são mais representativos de que itens que podem ser facilmente tomados como empréstimo.

Constatamos que as línguas Pano do Brasil representam um problema para os pesquisadores de línguas Pano do Peru e da Bolívia; os estudos feitos por esses lingüistas e antropólogos raramente incluem as línguas Pano do Brasil e o que é pior, há estudiosos que quando não localizam um determinado grupo de língua supostamente Pano, equivocadamente julgam que o grupo está no Brasil. Essa realidade precisa ser mudada, pois pudemos verificar que há apenas 13 línguas Pano no Brasil e não 32 como pensavam alguns pesquisadores.

Vimos também que os antrotopônimos precisam ser melhor investigados por eles representarem uma possível fonte de equívocos para o pesquisador. E mais: na forma como são tomadas as nomenclaturas dos

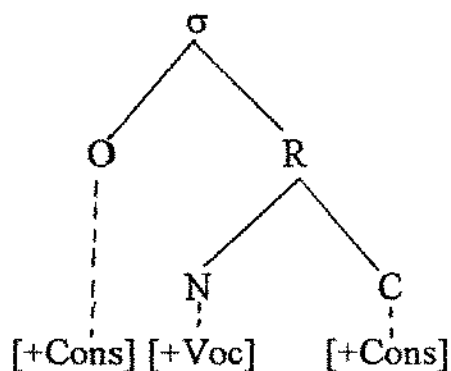
grupos indígenas fica evidente a postura do pesquisador como colonizador atribuindo ao grupo indígena o papel de colonizado. Um exemplo disso é o caso dos grupos Shipibo e Chanenáwa. Eles foram chamados, respectivamente, "Chama" e "Katukina" contra a vontade deles até recentemente, e esse último, Chanenáwa, inclusive teve sua língua classificada como não-Pano.

Esses problemas que levantamos nos levam a concluir que é necessário um empenho maior no estudo das línguas Pano. E, quando possível, o pesquisador deve mudar a metodologia utilizada para classificar as línguas e ficar mais atento aos antrotopônimos.

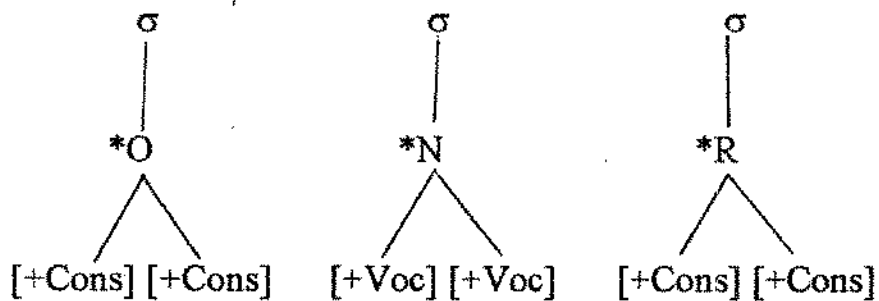
Na segunda parte - *Linguística Sincrônica* - analisamos a língua Katukina de forma específica, fazendo um recorte dentro da fonologia, morfologia, sintaxe e lexicografia. Esse recorte se fez basicamente em função da palavra que chamamos de item lexical.

Na fonologia concluímos que, nessa língua, podemos afirmar que há dois tipos de itens padrões, o ILP - Item Lexical Padrão e IAP - Item Afixal Padrão. O ILP é dissilábico e oxítono e o IAP é monossilábico e átono. Com esse dois itens podemos formar os demais itens na língua - (IAP)ILP+(ILP) (IAP).

A estrutura silábica da língua é (C)V(C), estrutura que pode ser representada como



a língua não permite que Onset, Núcleo e Coda sejam ramificadas, admitindo apenas um segmento fonológico:



A sílaba proeminente nessa língua é sempre a última. Utilizando o esquema visual de grade métrica segundo a teoria de Hayes (1991), podemos exemplificar o item com ou sem afixo:

Prefixo + ILP

(x)
 (x (x)
 (. (.)
 an-papa

ILP

(x)
(.)
papa

ILP + Sufixo

(x)
(x) x)
(.) .)
papa-nun

Em nosso estudo morfológico da língua vimos que no Katukina a formação de palavra se dá por dois processos: composição (ILP+ILP) e afixação (IAP)+ILP+(IAP). A criação de palavras novas também se dá por meio de dois processos: adaptação fonética do termo emprestado, (por exemplo, 'café' *ka'pi*, 'caju' *tan'tfu*) - e o de inclusão de conceitos novos por afixação (por exemplo, 'cana de açúcar' *taβata* /ta+mel/, 'banana nanica' *wimani* /wi+banana/, por composição (por exemplo 'relógio' *βari-unti* /sol-unti/, 'batom' *kisa-unŋi*). Não é aceito empréstimo direto na língua - encontramos apenas um caso - *βa'kati* 'abacate' - que contraria o padrão de acento da língua.

Uma outra conclusão a que chegamos na morfologia diz respeito à diferença na forma verbal e nominal que será estabelecida muitas vezes pela posição que o item ocupa na oração. Tomemos por exemplo *nunu* 'pato'. Se esse mesmo item estiver seguido pelo tempo verbal - *kai*, *ai* e *βai* - será interpretado como verbo - *nunu kai* 'nadará' - e não como nome. Uma outra particularidade relacionado ao verbo é que *ia* e *haa* 'ser' e 'ter' não admitem co-ocorrência com o tempo verbal.

Na sintaxe, concluímos que o tempo verbal deve ser incluído na lista de itens relevantes para estabelecer a tipologia da língua; assim, mostramos que o Katukina tem a ordem de palavras fixa, SOVT. Essa ordem pode sofrer mudança mediante processos gerais como a topicalização de SNs e SVs coordenados. Dentre todos os constituintes da oração, o sintagma adverbial é o único que não tem lugar fixo: ele pode vir antes ou depois do SN-sujeito.

Os IAPs que assumimos como clíticos no Katukina foram *ra,ma*, *βu* e *n*, que correspondem respectivamente, interrogação, negação, clítico de sujeito [+humano] [+plural] e ergatividade.

O núcleo de COMP - *ra* - ocorre à esquerda do SN-sujeito, a negação - *ma* - vem à direita de SV e à esquerda do núcleo de ST. A nasalidade - *n* - quando aparece em SN, marca ergatividade, locativo e genitivo. Pode também aparecer em outros sintagmas dependendo da função que ela desempenha.

O marcador de sujeito [+humano] [+plural] - *βu* - vem adjungido ao T; depois de ocorrer nesse núcleo, ele pode ocorrer também no núcleo de SV. Parece que ele é livre para se manifestar ou não na presença de um SN-sujeito.

Concluimos por outro lado que quando esse clítico está presente o sujeito pode ser apagado. Ele nunca pode co-ocorrer com um sujeito que seja [-humano] e/ou [-plural].

Fechando nossa análise, fizemos um estudo lexicográfico visando um futuro glossário do Katukina. Nessa parte pudemos concluir que os itens que devem ser entrada ou sub-entrada de um dicionário Katukina devem obedecer, basicamente, as regras internas de formação das palavras. Por exemplo: *nun* 'coordenador de Ns', *nuan* 'coordenador de Ns + fecho de SN', *βun* 'coordenador de Vs', *βuan* 'co-ordenador de Vs + fecho de SV'. Para decidir qual item terá o estatuto de entrada consideraremos o fato de que um - ILP - foi gerado a partir de outro - IAP. Por exemplo, IAP *nun* gerou ILP *nuan*.

Decidimos que o IAP-derivador será entrada e que o ILP-derivado será sub-entrada.

Constatamos também que, devido ao pouco conhecimento que se tem hoje do Katukina, ele deve ser tomado como língua fonte e não como alvo; isto é, a língua tomada como base para as entradas é outra língua. Pois Bollón (1985) duvida que há equivalência sinonímica entre as línguas intertraduzidas, pois cada língua obedece a sistemas profundamente diferentes. Como a língua Katukina é menos conhecida que o português é natural que tomemos essa última como língua alvo, mas esperamos que estudos como o nosso possam lançar as bases para que amplie o conhecimento das línguas indígenas bem como essa tarefa lexicográfica.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, J. Capistrano de. **Rã-txa. hu-ni-ku-i; a língua dos Caxinauás.**
2 ed. Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro: Briguiet, 1941.
- ADAMS, V. **An Introduction to Modern English Word Formation.**
London: Longman, 1973.
- AGUIAR, Maria S. **Fonologia da língua Katukina.** Campinas, 1985,
(Relatório da FAPESP).
- . Os clãs dos índios Katukina. **Cadernos de Estudos
Linguísticos.** Instituto de Estudos da Linguagem, Depto. de
Linguística, n.12, 1987. 43-48pp.
- . **Elementos de descrição sintática para uma gramática do
Katukina.** Campinas: UNICAMP, 1988.77p. Dissertação de Mestrado
em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade
Estadual de. Campinas, 1988.
- . Los grupos nativos Katukina. In: **Amazonía Peruana.** n.23, t.12.
Lima: CAAAP, 1993.141-152pp.
- . **Fontes de pesquisa e estudo da família Pano.** Campinas: Ed.
Unicamp, 1994. 282p.
- AMBAR, M. **Para uma sintaxe de revisão sujeito-verbo em português.**
Lisboa: Universidade de Lisboa, 1985.
- d'ANS, André-Marcel. **Materiales para el estudio del grupo lingüístico
Pano.** Lima: UNMSM, 1970.155p.
- ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar.** Monograph 1,
Cambridge: MIT , 1976 .
- BALLÓN, E. Introducción a la lexicografía en lenguas andinas y selváticas.
In: **Amazonía Peruana.** t.4, n.12, 1985. 59-115 pp.
- BARBOSA, J. **Études de Phonologie Portugaise.** Lisboa: Junta de
Investigações do Ultramar. 2. Evora, 1983.

- BARROS, Luizete G. **A nasalidade vocálica e fonologia introdutória à língua Katukina (Pano)**. Campinas: UNICAMP, 1987.112p. Dissertação de Mestrado em Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- BAUER, L. **English Word Formation**. Cambridge: Cambridge University, 1989.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen & Unwin Ltd, 1935.
- BRESNAN J. W.. **The Mental Representation at Grammatical Relations**. Cambridge, Massachusetts: M. I. T. , 1982b.
- BRINTON, D. **Studies in South American Native Languages**. London, 1891.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. e ROSEMBAUM, P. **Readings in English Transformational Grammar**. Ginn, Waltham, Massachussets, Mouton: The Hague, 1970.
- . **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris,1981.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese de Livre Docência. IEL/UNICAMP. Campinas, 1981.
- CHOMSKY, N. HALLE **The Sound Patern of English**. New York: Harper & Row, 1968.
- CORBERA M., Angel. Estudios sobre lenguas indígenas amazónicas en el Perú. In: **Amazonia Peruana**. n.23, t.12. Lima: CAAAP, 1993. 37-74pp.
- FUKUL, N, SPEAS, M. **Specifiers of the Projection**. MIT, 1986. (manuscrito).
- GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In:----- . **Universals of Language**. Cambridge: M.I.T., 1963.

- GOLDSMITH, John A. **Autosegmental and Metrical Phonology**.
Cambridge: Basil Blackwell, 1992.
- GÖRSKA, Elzbieta. Formal and Functional Restrictions on the
Productivity of Word Formation Rules. **Nordic Journal of
Linguistics** 5, 77-89 pp. 1982.
- HALLE, M. Prolegomena to a Theory of Word-formation . **Linguistic
Inquiry**. n.4, 3-16 pp., 1973a.
- HARREL, R.S. Some notes on bilingual lexicography. In:
HOUSEHOLDER, F.W. and SAPORTA, S. **Problems in
Lexicography**. Bloomington: Indiana University, 1975.
51-61 pp.
- HARTMANN, R.R.K. On theory and practice. In: --- (Org.). **Lexicography,
Principles and Practice**. London: Academic, 1983.
- HAYES, Bruce. **Metrical Teory of Stress Rules**. New York: Garland
Publishing, Inc., 1991.
- HERVEY, S. G., MULDER, J. W. F. Pseudo-Composites and Pseudo-
Words: Sufficient and Necessary Criteria for Morphological Analysis,
La linguistic 9, n. 1, 41-70 pp.
- HIDE, Sylvia. **Diccionario Amahuaca**. Yarinacocha: ILV, 1980.
- HOCKETT, C. F. Problems of Morphemic Analysis. **Language** 23 , 321-343
pp., 1947. Reprinted in M. Joos, ed. (1966).
- HOEKSTRA, T., H. van der Hulst, and M. Mortgat (eds) . **Lexical Grammar**,
Special Issue of GLOW-Leids Taalkundig Bulletin (published 1980
by Foris Dordrecht.), 1979.
- HOUSEHOLDER, F.W. and SAPORTA, S. **Problems in Lexicography**.
Bloomington: Indiana University, 1975, 51-61 pp.
- JACKENDOFF, Ray S. Morphological and Semantic Regularities in the
Lexicon. **Language** 51, 639-671 pp., 1975

- JESEN, J. T. Morphology. Word-Structure in Generative Grammar. In: **Current Issues in Linguistic Theory**, 70. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- KAYE, Jonathan. 'Coda' Licensing. **Phonology**, n.7, 301-330 pp., 1990.
- . Constituent Structure and government in Phonology. **Phonology**, n.7, 193-231 pp., 1990.
- KENSTOWICZ, Michael, KISSEBERTH, Charles. **Generative Phonology: Theory and Analysis**. New York: Academic, 1979.
- KIPARSKY, Paul. Metrical Structure Assignment is Cyclic. **Linguistic Inquiry**. 10: 421-441 pp., 1979.
- . Lexical Morphology and Phonology I. S. Yang **Linguistics in the Morning Calm**, Hanshin Seoul, 3-91 pp., 1982.
- LIEBER, R. **On the Organization of the Lexicon**, PhD. Dissertation, M. I. T., Cambridge, Massachussets, 1980.
- LIMA, Edilene C. **Etnografia e história dos Katukina-Pano**. São Paulo, 1992. 20p. (Projeto apresentado à FAPESP).
- LOOS, Eugene E. A Glimpse of Proto-panoan Grammar. Work Paper INTERNATIONAL CONGRESS OF AMERICANISTS. New Orleans, 1991. 12 p.
- LOUKOTKA, Čestmir. Sobre la clasificación de las lenguas indígenas de la América del sul. CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, n.26. Madrid, 1935. 411-15 pp.
- LYONS, John. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University, 1968.
- MATEUS, M. H. Mira, et alli. **Gramática da língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho. 1989. 417 p.
- MATTHEWS, P. H.. **Morphology: An Introduction to the Theory of Word Structure**. New York: Cambridge University, 1974.

- MATTOSO CÂMARA, Joaquim, Jr. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MONTAG, Susan. **Diccionario Cashinahua**. t.1-2, Yarinacocha: ILV, 1981.
- NEW TRIBES DO BRASIL. **Cartilha Catukina**. Manaus, 1977 - 1982.
- NIDA, E. A. **Morphology**. The Descriptive Analysis of Word. 2. ed. Michigan: Michigan University, Ann Arbor. 1949.
- OUHALLA, Jamal. **Functional Categories and Parametric Variation**. London: Routledge, 1991. 240p.
- POLLOCK, J. Sur la Syntaxe de 'en' et le Paramètre du Sujet Null. In: COUQUAUX, D. e RONAT, M.(eds). **La Grammar Modulaire**. Minuit, 1989.
- QUESADA C, Félix, ZEGARRA L, Martha. Desarrollo de la lingüística Amazónica: un avance. In: **Amazonía Peruana**. n.23, t.12. Lima: CAAAP, 1993. 75-88pp.
- RAPOSO, E. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992. 527p.
- RIZZI, L. Null Subjects in Italian and the Theory of pro. **Linguistic Inquiry**, 17.3. 1986. 501-558pp.
- RODRIGUES, Aryon. **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- SAPIR, E. **Language: An Introduction to the Study of Speech**. New York: Harcourt Brace, 1921.
- SAUSSURRE, F. **Curso de lingüística geral**. New York: McGraw Hill, 1916.
- SCOTT, Eugene, FRANTZ, Donald G. La pregunta en Sharanahua y constreñimientos propuestos sobre la permutación de la pregunta. **Estudios Pano I**. Yarinacocha: ILV, 1978.185-209 pp.
- SELKIRK, Elizabeth O. On Prosodic Structure and its Relation to Syntactic

Structure. Reproduced by the Indiana University Linguistics Club,
1979.

TRAVIS, L. **Parameters and Effects of Word-Order Variation.**
PhD Dissertation. MIT, 1984.

VOEGELIN, L.F. A Problem in Morpheme Alternants and their Distribution.
Language 23, 1941, 3:245-54 pp.

WEIBHAR, Emmerich, ILLIUS, Bruno. Eine Grammatik des Shipibo-Conibo
mit Textbeispiel. In: ILLIUS, Bruno, LAUBSCHER, Mathias (Orgs.).
Circumpacifica. New York: Peter Lang. 1990. 563-587 pp.

ZAGUSTA, L. **Manual of Lexicography.** Paris: Mouton Hague, 1971.

ZIMMER, K. Affixal Negation in English and Other Languages: an
Investigation of Restricted Productivity. **Word** 20, 2, Supplement
(Word Monographs), 1964.

APÊNDICE - I

MINI-GLOSSÁRIO DA LÍNGUA KATUKINA

i - Introdução

O mini-glossário da língua Katukina é a organização dos Itens Lexicais Padrões (ILPs) e dos Itens Afixais Padrões (IAPs) da língua em ordem alfabética. Esse glossário tem como objetivo principal facilitar o trabalho de outros pesquisadores desta e de outras línguas, especificamente das línguas Pano.

A organização destes dados resultou em um pequeno glossário que, sem dúvida, representa uma contribuição para a comunidade científica bem como para a comunidade Katukina que é foco central de nosso estudo.

O Mini-Glossário Katukina se constituirá de instrumento básico para a preparação de materiais didáticos na língua materna, ao mesmo tempo que representa um avanço no estudo das línguas Pano no Brasil.

ii - Notas Explicativas

O Mini-Glossário Katukina está apresentado na forma de dicionário bilíngüe - Katukina-Português e Português-Katukina. Exporemos as entradas em Português-Katukina visando facilitar e ampliar sua utilidade e manuseio por falantes nativos de português que também necessite trabalhar com a língua.

As entradas deste glossário estão organizadas na ordem alfabética, sendo que cada uma delas da primeira parte - Katukina-Português - contendo a grafema, a transcrição fonológica, a transcrição fonética, a classificação gramatical e a tradução no português.

Os símbolos utilizados na transcrição fonológica são aquelas que foram proposta no capítulo II; a representação fonética seguem o sistema da Associação Fonética Internacional (IPA).

Por força maior, tivemos que apresentar esse glossário sob uma forma preliminar, sem uma revisão devida. Apesar disso acreditamos que ele apresenta um conteúdo relevante para a complementação de nosso trabalho.

GRAFEMA	CATEGORIA	TRADUÇÃO	FONOLÓGICO
---------	-----------	----------	------------

" A "

ai	tv	presente	ae
ai-ma	n	solteiro	ayma
ain	n	esposa	ai
ainnan	n	cipó para cesta	aiṅan
ainnan	n	casado	aiṅan
aka	n	socó	aka
aka-ai	v	tomar	akai
aka-ai apa-ai	v	beber	akae apay
aki-ki	v	chupar	akiki
akun-ki	v	guardar	akunki
amen	n	capivara	amin
amu	n	lanterna	amu
amu-rash-ni	n	pavio de lamparina	amuraṣni
amu-runu	n	cobra grande	amucuno
amu-savan	n	espelho	amusaḃan
amu-taran	n	lamparina	amutaran
ana	n	boca	ana
ana	n	língua	ana
ana kara	n	aracuam	anakara
anash	n	cipó de amarrar	anaṣ

ani-pa	adj	grande	anipa
anin kama	n	lontra	anikama
ansin	n	mutum	ansi
antu	n	barriguda arvore	antu
antu	n	paineira barriguda	andu
anu	n	paca	ano
anun		conectivo	anun
artxikun	n	araticum, pinha	artfiku
asha	n	tingui	aşa
asha-tiki	n	buraco p/ amassar	aşatiki
		tingui	
atan-naa	v	matar	atannaa
ati-ai	v	pegar	atiai
atix-kin	v	respirar	atefkin
atsa	n	mandioca	atsa
atsa-shoi	n	mandioca assada	atsaşoi
atsa-tu-axa	n	mandioca crua	atsatuaSa
atsa-tuku-ata	n	mandioca cozida	atsatokoata
atxa	adj	com cabo	atja
avi-ake	v	terminar	aβiake
avi-mite-iti	n	pilao	aβimitite
avu-ni	n	esposo	aβune
avu-site	n	espelho	aβoisiti
awa	n	anta	awa
awa-ma	adj	cru	awama
awa-mani	n	banana dagua	awa mani
awa-runu	n	cobra coral	awaruno

awi-mawa-kin	v	desenhar	awimauaki
awi-shua-kai	v	copiar	awisoakae
axa	n	sapo	af a
ayu	n	roca	ayu
ayvu	n	mulher	aiβu

" E "

ea	pro	eu	ia
ebu-uti	n	cadeira	iβuute
enka-waa	v	namorar	inkawaa
epa	n	tio materno	epa
epe	n	fruta jarina	ipi
eske-ri-vuin	n	pica-pau mirim	iskiriβui
ewa	n	mae	iwa
ewa	n	tia	iwa
ewe	adj	pesado	iwi
ewe-ma	adj	leve	iwima

"H"

ha-viu	n	maracuja pequeno	haßiu
haa-ia	v	ter	haa
hai	con	assim	hai
handu-ra	adv	onde	handora
hankes-tuna-ra		por que	hangitonara
hantu-ra	int	cade/onde estai	h dora
hanu	adv	ali	hano
hanu	n	porco	hano
hatu	pro	ele	hatu
hatu-vaun	pro	eles	hatußaun
hawa	n	flor	hawa
hawa-ai	v	fazer	hawae
hawe	afi	sim	hawi
hawe-ra	adv	o que	hawira
hawen	pos	sua	haw
hee	n	formiga de fogo	hiï
hema	n	formiga preta	hima
hene	adj	liquido	hini
henwen	pro	ele	h u
hepe	n	palha	hipi
heshe	n	semente	hißi
heshvi	n	pele	hiße
hewe	v	gostar	hiwi
hewi	v	pular	heui niipakiwi

hewi-akin	v	gostar	hewiaki
hia	v	estar bom	hia
hiku-ai	v	voltar	hikoai
hiku-ai	v	acoar	hikoai
hima	n	formiga de fogo	hima
himi	n	sangue	himi
hina-ana	n	canal do pênis	hinaana
hina-heshvi	n	prepucio	hinahışfi
hina-mapu	n	glande	hinamapu
hini-awa	n	peixe-boi	hiniaua
hinna	n	cavalo	hıpa
hinna-ai	v	andar	hıpai
hinna-hana	n	buraco do pênis	hıpana
hiwer	v	rir	heuir
hiwi	n	arvore	hiwi
hiwi-manvi	n	galho	hiwimanfi
hu-ai	v	chegar	huae
huni	n	homem	huni
huni-ti	v	esconder	unite
hunku-pasha	n	grilo azul	hukupasa
hunpi-tia	n	cobra preta	hubitea
hupu	n	mosquiteiro	hupu
hutxu	n	irmao m velho	hutSu
huu-ai	v	chegar	hoai
huu-ta-ai	v	esquentar	hootai

" I "

ia	n	piolho	ia
ia	v	ter	ia
ian	n	lagoa	ian
iki		fecho de periodo	iki
iku-ti	n	porta (o burraco)	ikute
ini	n	filha	ini
ini kuma	n	patinho dagua	enikoma
inka-wa	n	coracao	igawa
inmi	n	sangue	ime
inmi	n	bebe feminino	imi
inna	n	sexo masculino	i a
inna-ai	v	dar	ipai
innan	n	igapo	ipan
inni inti	n	desodorante	iniede
innin-kin	v	vender	iniki
innu	n	espada	i u
innu	n	surubim	ijo
inpa-pisi	n	jararaca	ipapisi
intu	n	bebe masculino	ido
ipu	n	lambodoi	ipu
ipu	n	bodo	ipo
ipu	n	bodo-coro d pau	ipu
		podr	
ipu-ai	v	enterrar	epoai
ipu-ti	n	cobertor	ipote

irayus	n	genro	irayus
isan	n	patua	isan
isin-nai	adv	doi	isinai
isinna	adj	doido	isina
isku	n	japo	isko
iskun	n	pamonha	isku
isu	n	macaco preto	iso
isun	n	urina	isu
isxa	n	avo	isfa
ita	n	fruta marupa	ita
ita-pei	n	palha de marupa	itapii
itax pustu	n	musculo da perna	ita posto
itxax-pustu	n	barriga da perna	itfaspustu
itxi	n	casavel	itfi
iwi	n	arraia	iwi
ivi	n	arvore	iβi
ivi-uma	n	batedor de roupa	iβiuma
ivi-wa-tini	adv	tempo das flores	iβiutatini
iwa	n	mae	iua
iwa	n	panela	iwa
iwa-ai	v	mentir	iwae
iwa-vusta-ti	n	tampa d calderao	iwaβustate
iwi	n	arraia	iwi
iwi-paka-ia	n	raia	iwipakaya
ixi	n	envira	iši
ixi	n	estrela	ifi
ixi-ai	v	escrever	ifiai

ixi-katu	n	cipo comum	ifekato
ixinna	n	neblina	ifjna
ixinna-kin	v	estragar	ifjnaki
ixis	n	mandinho mole	i is
ixtxa-pa	adj	nojenta	iftjapa
ixtxa-pa	adj	feio nojento	iftjapa
ixumis	n	lambari	i umis

" K "

kai	v	sair	kai
kai	tv	futuro	kae
kai-ai	v	correr	kaeai
kai-txu	v	ir sai	kaitju kai
kaman	n	cachorro	kama
kaman kuin	n	onca	kam goi
kaman unxin	n	onca vermelha	kam u i
kaman-ia	n	pulga	kamania
kana	n	relampago	kana
kana-neshu	n	tartaruga de igapo	kananişu
kana-pupu	n	passarinho verm pret	kanapupu
kana-shuku	n	chuva d pedra	kanaşuku
kane-ai	v	errar	kaniai
kane-ai	v	criar	kaniae
kankan	n	abacaxi	kaga
kanma-txi	n	tipo de jirau	kanmatşi

kanpu	n	sapo verde	kabo
kanta-iki	v	cantar	kandaiki
kanti	n	arco	k de
kantxi	n	morcego	kad i
kantxir	n	gato do mato	k t ir
kapa	n	quatipuru	kapa
kape	n	jacare	kapi
kapi	n	cafe	kapi
kapi-nuu	n	cupuacu	kapinoo
kari	n	batata	kari
kari	n	cara	kari
kari-shoi	n	batata assada	karişoi
karu	n	lenha	karo
katse-ki	v	contar	katsiki
katsi	n	gato	katsi
kawe	v	convidar p ir	kawi
kaxu	n	espinha dorsal	ka o
kaxu	n	coluna vertebral	kafu
kaytxu	v	ate logo	kaytju
kemu	v	cuspir	kimu nitoe
kene	n	bigode	kini
kene-pitash-ti	n	ripa suporte	kinipitaşti
kene-txa-ati	n	barbeador	kinitşaate
kene-uru	n	fresta na parede	kiniuru
kene-vushe-nata	n	janela	kinişuşinata
keni	n	barba	k ne
keni	n	parede	kini

keni-ati	n	caneta	kineate
keni-utu	n	saquinho	kineoto
kenu-uri	n	quarto d dormir	kinouri
kenxu	n	tatu bola	k fu
kesa	n	beico	kisa
ketxa	n	zagaiá	kitfa
kevu	n	jacu	kißo
kevu-isan	n	macaba	kißuisan
kexa	n	labio	ki a
kexa uxin inti	n	baton	ki au iede
kika-ai	v	buscar	kekai
kine	n	dinheiro	kine
kini	n	buraco	kini
kini-ai	n	fazer buraco	kine
kini-runu	n	cobra d buraco	kinirunu
kini-vana-kin	v	ler	kinißanaki
kintxa	n	prato	kid"a
kipu-ti	n	porta	kipute
kisi	n	coxa	kisi
kisku	n	copo	kisko
kivu	n	jacu	ki u
kivu-isan	n	bacaba	kißuisan
kixu	n	perna	kifu
kue	n	sexo feminino	kui
kui	n	queixo	koi
kuiin	n	fumaca	koi
kuin	n	fumaca	kui

kuin	adj	verdadeiro	koi
kuka	n	tio	kuka
kuke-na-shipa	n	cesto p carreg crian	kukienasipa
kuki	n	cesta	kuki
kuku-ai	v	chupar	kukoa
kuma	n	inhambu	koma
kuma kuin	n	nambu grande	kumakui
kuni	n	poraque	kuni
kunjan-pei	n	folha de cedro	ku"anpii
kunta	n	coco	kuda
kunti	n	especie de fruta	kude
kura	n	taboca	kora
kura-wara	n	raia gigante	kurawara
kuran	n	borracha	kuran
kuran-iwi	n	seringueira	kuraniwi
kuran-jubo	n	defumador d borracha	kurujubo
kuri-ai	v	pescar	korii
kuri-ti	n	anzol	kurite
kuri-tipa-ti	n	linha d pescar	kuritipate
kuri-tishe-i	n	vara d pescar	koritishii
kuru	n	banana maca	kuru
kuru	adj	roxo	koro
kusa	n	paje, rezador	kosa
kushu	n	fijao	kuşo
kushu	n	cuiubi	kufu
kuti	n	lencol	kute

kutxa	n	fisga	kutfa
kuu-ta-ai	v	queimar	kuutai
kuxu	n	boto	kufu
kuyus-ka	pro	eles	kuyuska

" M "

ma	adv	nao	ma
ma-shasha	n	barro duro	maşaş
maan	adv	ja	maan
maash	con	mas	maaş
mai	n	terra	mai
mai-iki	v	trabalhar	maike
mai-pay-sata	n	fogao no chao	maipaisata
mai-putu	n	poeira	maiputo
maka	n	rato	maka
maka	n	ratazana	maka
makan-txiu	n	cumeeira	makantjiu
make	n	piranha	maki
maki	v	matar	maki aki
maku-vu-isan	n	patua	makoşuisan
mana	n	jiboia	mana
mana		por terra	mana
mana-ai	v	esperar	manai
mana-ia-uish	n	tatu d capoeira	manayawiş
mana-ta-ai	v	esperar	manatai

manaw-ria-kuin	n	ceu d boca	manawriakui
mani	n	banana	mani
mani-innura	n	bananeira	manipora
mani-nua	n	sopa d banana	maninoa
mani-pein	n	folha de bananeira	manipii
mani-shoi	n	banana assada	manişoi
mani-ujin	n	banana madura	manjuzi
manjin	adj	amarelo	man"i
manjin-ushu	adj	vinho	man"iſo
manpa	n	barata	maba
mantxi unxin inti	n	esmalte	mad iu ieđe
manyu	adj	lisa	manyu
mapa-xi	n	especie de fruta	mapaſi
mapu	n	cabeca	mapu
mapu-iki	n	dor d cabeca	mapuike
mari	n	cutia	mari
maru	n	burite	maro
mashi	n	urucum	maşe
maska	adv	nunca	maska
maskiravuy	n	picapau grande	maskira ui
mati	adj	frio	mati
matsi	n	frio	matse
matsu-ti	n	vassoura	matsoti
matu	n	voces	mato
matxa-iki	adj	cheia	matſayke
matxe-iki	adv	cheio	matſiiki
matxi	adj	frio	ma*i

matxi	n	morro	matfi
matxi-ukin	v	limpar	matfioki
matxu	n	mingau	matfo
mayti	n	chapeu	maite
maytxu	n	caicama	maitfu
meki-mai	v	alegrar	mikimai
mesha-ai	n	arrancar	misai
mesha-ai	v	arrancar	misai
meshi-ai	v	arrancar	misiai
metex-keti	n	punho	mitiskiti
metxa	adj	molhado	mietfa
metxa-ai	v	molhar	mitfae
mevi	n	mao	mivi
mevi-vushi	n	dedo	mißißuð
mevin-xun-ai	v	masturbar	mißisuai
mexku	n	traira	mißku
mia	pro	voce	mea
mira	n	curica passaro	mira
miski	n	pedra	miski
mispan	adj	plano	mispan
mivi narinti	n	anel	me i naride
muka-wa	n	arma	mukawa
muka-wanxi	n	chumbo	mukawanxi
muka-wanxi	n	chumbo	mukawanfi
muki	adj	reta	muki
muki-aki	v	beijar	mukiaki
muku-wa	n	arma	mukuwa

munti	n	vidro	muSi
munti	n	garrafa	mode
muntxix	n	unha	muti
munu-tai	v	dancar	monotai
munu-ti	n	festa	monote
munun	n	caibro	mon
mutxa-tai	v	molhar	mutfatae
muve-ama-uri-ati	qtf	cinco	mußiamauciate
muvi	n	mao	mu i
muvi napax	n	palma da mao	mu inapa e
muvi pimana	n	costa da mao	mu ipimana
muxa	n	espinho	muja

"N"

nai	n	ceu	nai
nain	n	bicho preguica	nai
nainsin	n	mandinho pequeno	naisi
nama	v	sonhar	nama
nama-tai	v	sonhar	namatae
nami	n	carne	nami
nami rikun	n	musculo	nameriku
nami-txushi	n	carne moquinhada	namitfufe
nane	n	jenipapo	nani
nane	pos	por dentro	nani
nani-ta	pre	dentro	nanita
napi	n	mosquito	napi
nashi-ti	n	banheiro	naḡiti
nasi-ki	v	latir	nasike
natxi	n	tia	nat*i
nawa vimi	n	colar conta lagrima	nawa ime
naxa-kin	v	morder	nafaki
naxi	v	tomar banho	naḡi
naxi-ti	n	banhaeiro	naḡite
naxi-uinni	v	passear	naḡioijui
nayki	n	trovao	naiki
naytxu	n	andorinha	naitu
naytxu	n	andorinha	naitfu
nena	n	jenipapo	nina
nensa	n	tartaruginha	n sa

nenu	adv	aqui	nino
neshesh	n	cigana	nişış
ni-ai	v	estar em pe	niai
ni-mask-a-ai	n	alegria	nemaskae
ni-vari	adv	hoje	neßari
nia	n	jacumim	nea
nia	pro	este	nea
nia-ai	n	estar de pe	niai
nia-ranma	adv	agora mesmo	nearanma
nia-ti	qtf	quatro	neate
niay	n	ramal d estrada	niai
nii	n	mato	nii
nii-ti	v	cacar	niite
nii-vunku	n	folha do mato	niißugo
ninka-tai	v	ouvir	nigatae
ninkain sanne	n	cintura	negaisanepudes
punti			
ninu	adv	aqui	nino
nisa-kin	v	ralar	nisaki
niska-vuis-kuin	qtf	dois	neskaßuiskui
niska-vuis-kuin-	qtf	tres	neskaßuiskuius*
usti			es
nitxu-tai	v	secar	nitfutae
nivisu	n	vagalume	ni iso
nivu	n	aranha	nißu
nivu	n	lacrãia	nißu
nivu	n	aranha	nißu

nivuna	n	abelha	ne una
niwi	n	vento	niwi
nixa-ae	v	amarrar	nifae
nixu	n	macaco da noite	ni u
nixu	n	tartaruga	ne o
noin	n	minhoca	noi
nua	n	rio	noa
nuku-ai	v	achar	nokuai
nuku-ki	v	chegar	nokoki nokotae
numa	n	nanbu pequeno	numa
nuna-ai	v	nadar	nunai
nuni	n	pegada	noni
nunma	n	juriti	numa
nunti	n	canoa	n^di
nunti	n	barco	nude
nunu-ta	ger	boiando	nonota
nunun	n	pato	nonu

"P"

paa-iki	v	gritar	paaike
pai-ai	v	querer	pai
pain-ai	v	subir	painae
pain-ki	n	gripe	paike
paisma	n	lima	paisma
paka	n	espada, lanca	paka
pake-ai	v	derrubar	pakiai
pake-vai	v	nascer	pakiβai
paki-tai	v	cair	paketai
paki-tai	v	parir	paketai
paku	n	muda de planta	pako
pakuma	n	nambu galinha	pakuma
pama	n	pama	pama
pana-isa-maytju	n	vinho d acai	panaisamaitju
pana-isan	n	acai	panaisan
pani	n	especie de arvore	pani
pani	n	tucuma	pani
pani-muxa	n	paineira	panimuja
pante-ta-ai	v	abrigar-se	p ditai
pantxu	n	orelha	pad u
panu	n	cunhada	panu
panu	n	tatu canastra	panu
papa	n	pai	papa
papi-ai	n	carrega nas costas	papiai

para	n	cartucho	para
paras	n	lama	paras
paras-ma	n	barro seco	parasma
pasa	n	sopa banana c peixe	pasa
pasa	adv	ensopado	pasa
pati	n	barbante	pati
patxi-vimi	n	birimba	pa*ijime
pavi	n	brinco	pa i
pavix	n	cera do ouvido	pa i
pavuych	n	baba	pa ui
payu	adj	pobre	paio
payu	n	podre	payo
pei	n	folha	pai
pei	n	teto	pai
peri	n	paxiubim	piri
pesa-vi	n	especie de fruta	pisai
peshe	n	tapiri	pisi
petxi-vai	v	esquecer	pitjai pitjiae
pia	n	fecha	pia
pia	n	sobrinha	pia
pia	n	flecha	pia
pie mayti	n	chapeu de palha	piimate
pimana	n	costa	pimana
pini-ai	v	cansar	piniai
pini-ta	adv	cansado	penita
pinnu	n	beija-flor	piju
pipa-ai	v	comer	pipai

piri	n	gafanhoto	piri
piru-ti	n	arco de pua	pirote
pisi-ai	v	feder	pisiae
piti	n	comida	piti
piti-mira-ti	n	cozinha	pitimerate
pitsu	n	periquito	pitso
pitun	n	paneiro	pitu
pitxu	n	periquito pequeno	pisto
pixi	n	costela	pi i
pixkin	n	sovaco	ita ki
pixtxa	adj	pequeno	piftja
pixu tuku	n	ombro	pe utoko
pua	n	inhame	pua
pui	n	excremento	pui
pui-tere	n	grilo de burraco	puiteri
puku	n	tripa	puku
punan	adj	azul	punan
punnan	n	braco	pu a
punnan nami	n	musculo do braco	pu anami
punsi	n	bicho preguica	puze
punsin	n	tamandua pequeno	pusi
punu	n	veia	punu
punxa	n	pulmao	pu a
pupu	n	coruja	pupu
pustu	n	barriga	pusto
putu	n	talco	puto
putu	n	seco, po	puto

"R"

ra-maská	adv	talvez	ramaska
raka-ta	adj	deitado	rakata
raka-ta-ai	v	deitar	rakatai
rakata	adv	deitado	rakata
rake-ia-ma-ai	n	coragem	rakiamae
rake-ti	n	medo	rakite
raki-tai	v	assustar	rakitae
rama	adv	agora	rama
rama-waai	adv	depois	ramauae
rami	adj	perto	rami
rani	n	cocar	rani
rani	n	pena	rani
rankin-ki	n	ranho	rankiki
ranni	n	pelo	ni
raon-ti	n	remedio	ra de
rari anu	adv	la	rari anu
rate-ai	v	assustar	ratiae
raun-ti	n	remedio	rauti
ravi	qut	dual	raβi
ravinnai	n	vergonha	raβinae
ravu-su	n	joelho	raβusu
ravuso	n	joelho	a uso
rawis	n	sogro(a)	rawis
rekin-tsanwe	n	buraco do nariz	rikitsanue

renkin	n	nariz	reki
rera-ai	v	cortar	rirai
rewe	n	violao	riwi
rianan	n	carrapato	riana
rinchan	n	cera do nariz	ri
rini-ai	v	limpar	reneai
rira-ai	n	cortar	rirai
rishki-ti	n	tercado	riŝkiti
risi-ivi	n	corda d amarrar rede	resiβi
risis	n	linha	risis
risis-xaka	n	carretel d linha	risiβaka
riski-te-kuni	n	faca	riskitekune
riski-ti-kuni-ai	v	amolar faca	riskitekuneai
ritax	n	canela	ita
rivi-wa, vime	n	flor	riβiwa βimi
riwa	n	sapo	riua
riwi-vana	n	radio	riwiβanaya
rixki-ai	v	bater	riŝkeae
rixki-ai	v	matar c tercado	riŝkie
rixki-ti	n	tercado	riŝkite
rua-ai	v	sarar	ruai
rua-ai	n	enfeite	roai
rua-pa	adj	binito	ruapa
rua-pa	n	bom	ruapa
rua-pa-ma	adj	feio	ruapama
ruan-ka	adj	gostosa	ruanga
rui	n	machado	rui

rui-xai	n	espeto	ruifai
ruka	n	paruacu	ruka
ruma-kai	v	fumar	rumakae
rume	n	fumo	rumi
runa-ai	n	saudade	runae
runu	n	cobra	runu
rupu	n	mosquiteiro	rupu
ruru	n	farinha d mandioca	foro
ruru-tuntxi	n	rodo p farinha	rorotoud"i
ruxi-ta	n	faca	rojita
ruyxay	n	espeto	ruyfay

"S"

sara	n	sucuri	sara
sava-ki	pre	fora	saßake
savwe	v	vestir	sawi
saypiru	n	borboleta	saipiru
senan	n	inhambu preto	sinan
sene	n	inhambu mirim	sini
seno-ti	n	serrote	senoti
senu-ai	v	serrar	sinoai
seu-ti	n	prego	sioti
shai	n	tamandua	gae
shaka	adj	vazio	ßaka

shaka	n	carangueijo	şaka
shana	n	semiterio	şana
shanvu-in	n	jaci	şanşui
sharu	Adj	pelado nu	şaru
shau	adj	verde	şau
shau-txipi	n	suporte para rape	şawţjipi
shau-vuin	n	pica-pau esp.	şauşui
shava	n	lugar	şaba
shava-ki-kiri	n	sala	şabakikiri
shava-ma	adv	amanha	şabama
shawe-ani-pa	n	jaboti-acu	şawianipa
sheni-a	n	velho	şinia
shevi	n	vagina	şifi
shike	n	milho	şeki
shinansh	n	semente	şinans
shini-a	adj	velho	şinia
shoi	adj	assado	şoi
shoi-ai	v	assar	şoiei
shua	n	berne	oa
shuke	n	tucano	şuki
shumu	n	pote	şumu
shumush	n	agulha	şumuş
shunpa	n	mamao	şoba
shuru-inti	n	bola	şoroide
shuvu	n	casa	şoşo
shuvu-kanu	n	caibro	şuşukanu

shuvu-maken-ti- seka	n	linha d teto	şoşomak tesika
shuvu-tesi-ka	n	viga	şoşotisika
shuvu-txiu	n	esteio	şuşutşiu
shuvu-uru	n	goteira	şoşoru
sinna	adj	zangado	şina
sinpa	n	arvo cheiro pint brn	siba
sinpa	n	arvore cheirosa	sipa
sivi	adv	tambem	sişe
suku	adj	maduro	suku
suku-tae	n	casca d pau	sukutai
suku-tai	n	casca	sukutai

"T"

ta	cla	modo	ta
ta-kara-ain	n	franga	takaraai
ta-kara-pishku	n	frango	takarapişku
ta-kuin-ani-pa	adj	dourado	takuianipa
ta-vata	n	cana	taşata
tae	n	pe	tai
tae xaka	n	sapato	tai aka
tae-tean	n	espaco entre dedos	tai-tian
taen-kaya	n	dedo d pe	ta kaia
taenapax	n	sola do pe	tainapa
taevux	n	dedo do pe	tavo

taka	n	figado	taka
taka-watu-kuki	n	cesta com cabo p pes	takawatu kuki
takara	n	galinha	takara
takunnan	n	jundia	takuna
tama	n	amendoim	tama
tama-inni-ti	n	favaca de folha	tamajñide
tama-teu	n	calnguinho	tamatiu
tamu	n	maca do rosto	tamu
tamu	n	bochecha	tamu
tamu isku	n	roliha grande	tamoisko
tamun unxi inti	n	po de arroz	tamu u iede
tana	n	saber	tana
tana-kuin	adj	sabio	tanakui
tana-pa	adj	devagar	tanapa
tanku	n	tracaja	tago
tantxu	n	caju	tadu
tantxu-nnura	n	cajueiro	tan\$unora
tanxa	n	bofe	t a
tapi	n	vagalume	tapi
tapu	n	jirau	tapo
tapush-ku	n	osso d tornozelo	tapu\$ku
tapush-ku	n	tornozelo	tapu\$ku
tapuxku	n	tornozelo	tapu ku
tara-si-ai	v	rasgar	tarasiai
taran	n	copo	taran
taras	adj	rasgada	taras
tari	n	roupa	tari

tari ani xiti	n	saia	tari ani ite
tari puxu kiria	n	blusa	taripu uria
tari vuka inwan	n	vestido	tari ukaiu
tari-nisa-te	n	escova d roupa	tarinisate
tari-pexu-kiri-ia	n	camisa	taripiʃukiria
tari-raru-ai	v	costurar a mao	tarirauai
tari-rua-kin	n	agulha	tariruaki
tari-shewi-ai	v	costurar a maquina	tariʃiuiai
tari-tae-kiri-ia	n	calca comprida	taritaikiria
tari-viru	n	botao	tariʃiru
tau	n	ipaxiuba	tau
tawi-ti	n	colar	tawete
tawru	n	fresta	tauru
taxi-pa	n	bacia	taʃipa
tea-ai	v	esticar	tiai
tekun-ai	v	atirarr	tikoai
tere	n	periquito	tiri
tesa-ai	v	rebentar	tisai
tii	n	fogo	tii
tii-kana-ai	v	por fogo	tiikanai
tikun	n	bico de brasa	teko
tikun-pa-iki	v	atirar	tekupaike
tinkun	n	bico de brasa	tiku
tipi	v	carregar	tipi
tiri sini	n	nambuzinho	tere sene
tispun	n	pescoco	tispu
titi	n	gaviao	tete

titxa	n	polvilho	titfa
titxa-tava	n	tapioca	titfatafa
tixi xene	n	nambu preto	tififini
tixu	n	nuca	tifu
tixu-pa-kanan-na	n	cometa	tefupa kananna
tsantsa-txushan	n	jundia preto	tsantsatfusan
tsanu	n	colher	tsano
tsanu-kutxa	n	garfo	tsano-kutfa
tsanw	n	cigarrinha	tsanu
tsanwe	n	timpano	tsanwi
tsatsa	n	peixe	tsatsa
tu-kara-sivi	n	corda	tukara-sife
tuke	adj	longe	toki
tuke-ma	pos	perto	tpkima
tuku-ai	v	cozinhar	toko
tuku-aki	v	cozinhar	tokoake
tuku-ata	n	cozido	tokoata
tuni	n	cumarom	tuni
tunnun	n	mandinho branco	tunu
tunpa	n	carneubim	tupa
tunsi	n	periquito grande	toji
tunun	n	mandi	tunu
туру	adv	redonda	turo
tushva	adv	limpo	tufafa
tuunvi	n	umbigo	tou i
tuva	adj	sem cabo	tofa
tuvi-txa-ai	v	quebrar	tofitfai

txi-txai	v	machucar	tofitfai
tuynna	v	segurar na mao	toija
txai	n	primo	tfai
txai-txivu	n	deus	tfaitifû
txai-txu	n	avo	tfai
txaka	n	massa d mandioca	tfaka
txaka-ki	v	amassar	tfakake
txaka-tava	n	beiju	tfakatava
txaku-iki	v	mastigar	tfakuiki
txana	n	pavao	t ana
txana	n	japinim	t na
txanan	n	pavao	tana
txanka	n	cutiara	t ga
txanpu	n	grilo preto	tfanpu
txashu	n	veado	tfaxo
txasku	n	saracura	t asku
txaskun	n	saracura	t asku
txavi	n	prima, cunhada	tfaxi
txaxo	n	veado	t a o
txepe	n	mutuca	tfipi
txeshe	adj	preto	tfisi
txewe	n	ferida	tfiwi
txia	n	esteio	tfia
tximi-ati	n	caneta	tfimiate
txipi	n	macaco peq suim	tfipe
txipu	adv	depois	tfipu
txishu	n	nadegas	tfisu

txitxu	n	irma mais velha	tʃitʃu
txiu	n	madeira p casa	tʃiu
txixu	n	nadega	ti u
txixu-tai	n	diareia	tʃiʃutae
txua-ai	adv	sempre	tʃuae
txua-kin	v	lavar	tʃuaki
txua-ra		quem	tʃuara
txuka	n	rede	tʃuka
txuma	n	cuia	tʃuma
txuna	n	caca	tʃuna
txuu	n	irma	tʃuu
txuu	n	irmao mais novo	tʃuu
txuu	adj	magro	tʃuo
txuu-pua	n	irma mais nova	tʃuupua
txuxi	adj	preto	tʃufe
txuxtxa	adj	sujo	tʃuftʃa
txuxtxa-ma	adj	limpo	tʃuftʃama

“ U ”

ua	adj	ai	oa
ui	n	chuva	ui
ui	adv	chuvendo	oi
ui-ai	v	chuver	oi
ui-ase	n	sereno	uíase
ui-tini	adv	tempo da chuva	oitini

uin-nai	v	ver	oinai
uke	n	fogao	oku
uke-rike-su	adv	outro lado	okirikiso
uki	adj	fundo	uki
uki-ma	adj	raso	ukima
uki-yanta	adv	anteontem	okeyanda
uku-iki	v	tossir	ukuiki
una-mask-a-ai	n	tristeza	unamaskae
unan-txi	n	mala	unantʃi
uni	n	cipo para beber	uni
unji	adj	vermelho	u"i
unki	n	transa burit no pe	uge
unkun	n	grilo verde	uku
unna	n	ar	una
unna-makin	v	amansar	unamaki
unna-tai	v	aparecer	unatai
unpush	n	mucuim	ubuʃ
unu	n	porco do mato	ono
unu	adv	ali	unu
unu	n	catitu	uno
urika tanki	n	peido	orikatage
ushi	n	lua	uʃe
ushu	n	garca	o o
usku	n	rolinha	osko
usti	adv	so	ufte
uti	adv	muito	ote
uti-ma	adv	pouco	otema

utu	n	saco, sacola	oto
utxi-xinia	n	irmao mais velho	otʃiʃinia
utxin	n	irmao	utʃi
uvu	n	bolsa escrotal	u u
uvuyso	n	jaburi	u u iso
uxa-ai	v	dormir	oʃae
uxu	adj	branco	oʃo

" V "

vai	tv	passado	ʃae
vai	n	estrada	ʃai
vain	n	surubim	e ai
vainna-ai	v	roubar	ʃaiɲae
vakatxi	n	abacate	akati
vake	n	filhote de	ʃaki
vake	n	pinto de galinha	ʃaki
vake-xike-vistxa- ai	adv	quase de noite	ʃakifikiʃistʃai
vakish	adj	escuro	ʃakiʃ
vana	n	historia estoria	ʃana
vana	n	lingua idioma llg.	ʃana
vana-ai	v	falar	ʃanay
vana-ai	v	plantar	ʃanai
vana-ke	v	plantar	ʃanaki
vapuxku	n	cotoelo	apu ku

vari	n	sol	βari
vari-ama	n	sombra	βariama
vari-tini	adv	tempo do sol	βaritini
vari-winti	n	relogio	βariude
vari-witsan	adv	outro dia	βariwitsan
vati-ai	v	brigar	βatai
vatun	v	bater	βati
vatun	n	piau	βatun
vatxi	n	ovo	βatxi
vava	n	neto generico	βaβa
vawa	n	papagaio	aua
vawa-ranja	n	maracuja	βawaran"a
ve-puin	n	esperma	βipui
vena	adj	novo	βina
vena-pa	adj	nova	βinapa
vepuin	n	esperma	βipui
veru-kishni	n	cilios	βirukişni
veu-ai	v	sentar	viuai
veu-ta	adj	sentado	βiuta
vi-ai	v	comprar	βiae
via-ai	v	comprar	βiae
vii	n	carapanam	ii
vii	n	caucho	βii
vimana	n	testa	imana
vimi	n	arroz, fruta	βimi
vimi	n	fruta	βimi

vimi-ti-iti	n	pilao	βimiteete
vimi-tini	adv	tempo das frutas	βimitini
vina	adj	novo	βina
vini	n	ter companheiro	βini
vini-uma	n	sem companheiro	βiniuma
vinna	n	caba	βina
vinnun xanku	n	saia de f de buriti	i o go
vintxun	n	gerinos	idu
vinu-vai	v	perder	βinuβae
vipa-ai	v	comprar	βipae
viru	n	olho	iro
viru kisni	n	cilios	iro kisne
viru tixi ati	n	sombra para olhos	iru ti eate
viru-ti	n	oculos	βirute
viruxi	n	olho de fogo	iro i
vispi	n	sombracelha	vispi
vitxu-ai	n	carinho	βaβate
viu-ta	adv	junto	viuta
viun	n	buriti	βiu
viva-ai	v	levar	vivai
viwti	n	banco de sentar	βiute
vu	gr	plural	βu
vua-ti	n	tarrafa	βuati
vui-xuma	n	leite	βuyfuma
vuin	n	picapau pequeno	βuin
vuin	n	pic-pau	βui
vuin	n	surubim	βui

vuka	n	iara	uka
vuka	n	chao	βuka
vuka-matxi	n	jirau	βukamatfi
vuki	n	banco	βuke
vuku	n	fita para perna	uku
vuna-ti	n	mala	vonati
vuni-taki	n	cunhado	βunitaki
vunkun	n	embauba	aβuku
vunkun-iki	n	formiga asteca	βukuiki
vunu-ni	n	colar	βununi
vununni	n	pulseira	unune
vupi	n	doente	βupe
vupi-ai	v	vomitar	βupeae
vupi-ai	v	morrer	βupie
vupi-ai	v	adoecer	βupiai
vushti	n	pente	βušte
vuta-xuti	n	grampo p cabelo	βutafute
vuti	n	pente	βute
vutu-ai	v	descer	βutoe
vuu	n	cabelo	uu
vuu-ti	n	cadeira	eβuuti
vuva-patsa	n	foice	βuβapatjai

" W "

wai	n	roca	wai
wai	v	chorar	wae
wai-iki	v	chorar	uayiki
waka	n	agua	waka
waka-shawi	n	tartaruga	wakaşawi
wanin	n	pupunha, pupu	wani
wara	n	macaco cheiro	uara
waran	n	gerimum	waran
waran-xunpa	n	melancia	waranxuba
wasi	n	capim	wasi
wasi-hawa	n	flor	wasihawa
wasi-txa-ate	n	enxada	wasitfaate
wavan	n	nora	waşan
waxi-man	n	algodao	wafiman
waytxu	v	venha p dentro	waytfu
weshu-na-nai	n	temporal	wişunanai
westi	n	um	wiste
wi-mani	n	banana nanica	wimani
wina-ai	v	catar	winai
winay	v	catar	winai
winki	n	anus	uige
winkin	v	conhecer	uigi
winna-ai	v	olhar	uņae
winna-ai	v	casar	uiņae
winti	n	coracao	uide

winwan	v	ver	uiuan
wistxi	qtf	um	uis*i
wixivi	n	pele	ui i i

" X "

xaka	adj	vasia	faka
xaki-ti	n	sabao	fakite
xaki-ti-ini	n	sabonete	fakiteine
xana	adj	quente	fanata
xanka	n	caranguejo	fanka
xanu	n	surucucu	fanu
xanyn-ki	v	assoviar	fanige
xati-ai	v	cortar	fateke
xau	n	osso	au
xava-ai	v	arrotar	fai
xava-maka	adv	de manha	faiamaka
xava-ti	v	clarear	faiate
xava-unma	adv	amanha	faiama
xavu	n	calango	au
xawan	n	arara	au
xawi	n	jaboti	awi
xene	adj	gordo	fini
xia-ai	v	engolir	fesai
xikishoi	n	milho assada	fekisoi
xina-nnura	n	ingazeiro	finajora

xinie	n	nambu	ene
xinna	n	inga	ſina
xinna-nai	v	pensar	ſipanae
xinnan-nna	adj	bravo	ſipanna
xinnaxuku	n	aranha	ina oko
xinni	n	maraja	ine
xinnin-txue-ai	v	fritar	ſinitſoei
xinpa	n	arvore para se pinta	ſiba
xinu	n	macaco esp.	ſino
xiri	n	cara	ſiri
xita	n	dente	ita
xiti	n	urubu	ite
xiti-ai	v	cheirar	ſiteai
xiu	n	pium	iu
xiwputu	n	miquim	iw puto
xixi	n	sauva	ſiſi
xono	n	samauna	ſono
xua-nati	v	cocar	ſoanate
xuin-ti	n	reza	ſuide
xuke	n	tucano	uki
xuma	n	seio	uma
xuma-kai	v	mamar	ſomakay
xumu-masku	n	pote de barro	ſumumasku
xuri	n	surucinda	u i
xutu	v	empurrar	ſuto
xutu-ai	v	empurrar	ſutoai
xutxi	n	peito	ut i

"Y"

ya	v	ter	ya
yai	v	com	yai
yama	v	nao ter negativo	yama
yama-ti	n	doenca	yamate
yaman	n	noite	yaman
yame	n	noite	yami
yami	adv	noite	yame
yane	n	cigarra	yani
yanta	adv	ontem:	yanda
yanta-ka	adv	de tarde	yandaka
yanta-kayni	v	escurecer	yanta-kaine
yanta-kuvi-txa-ai	adv	escurecer	yandakuvtfae
yanta-pixtxa	adv	fim de tarde	yandapif*a
yapa	n	piaba	iapa
yara	n	cariu	yara
yati	n	bola	yate
yatxa	n	lendia	ia ta
yawa	n	queixada	yawa
yawixi	n	tatu	yawi i
yume	n	filho	yumi
yume	n	apoi	yumi
yuna-tai	n	febre	yunatae
yunka	n	goiaba	iuga
yunka-shena	n	bicho d goiaba	yugaşina
yuntu	n	sopa d peixe	iudo

yura	n	corpo humano	iura
yusi-ai	v	crescer	yusiai
yutan-tini	adv	tempo de frio	yutandini
yuxin	n	bicho do mató	iu i

TRADUÇÃO	GRAFEMA	CATEGORIA	FONOLÓGICO
abacate	vakatxi	n	βakatʃi
abacaxi	kankan	n	kʌgʌ
abelha	nivuna	n	niβuna
abrigar-se	pante-ta-ai	v	pʌditai
acai	pana-isán	n	panaisʌ
achar	nuku-ai	v	nokuai
acoar	hiku-ai	v	hikoai
adoecer	vupi-ai	v	βupiai
agora	rama	adv	rama
agora mesmo	nia-ranma	adv	niarʌma
agua	waka	n	waka
agulha	shumush	n	ʃumuʃ
agulha	tari-rua-kin	n	tariruak
ai	ua	adj	oa
alegrar	meki-mai	v	mikimai
alegria	ni-maská-ai	n	nimaskai
algodão	waxi-man	n	waximʌ
ali	hanu	adv	hano
ali	unu	adv	unu
amanha	shava-ma	adv	ʃaβama
amanha	xava-unma	adv	ʃaβa+ma
amansar	unna-makin	v	+namak
amarelo	manjin	adj	mʌʃ
amarrar	nixa-ae	v	niʃai
amassar	txaka-ki	v	tʃakaki
amendoim	tama	n	tama
amolar faca	riski-ti-kuni-ai	v	riskitikuniai
andar	hinna-ai	v	h ai
andorinha	naytxu	n	naitu
andorinha	naytxu	n	naitʃu
anel	mivi narinti	n	mi i naridi
anta	awa	n	awa
anteontem	uki-yanta	adv	okiyzda

anus	winki	n	uigi
anzol	kuri-ti	n	kuriti
aparecer	unna-tai	v	+\\atai
apoi	yume	n	yumi
aqui	nenu	adv	nino
aqui	ninu	adv	nino
ar	unna	n	+\\a
aracuam	ana kara	n	anakaia
aranha	nivu	n	niβu
aranha	nivu	n	niβu
aranha	xinnaxuku	n	ina oko
arara	xawan	n	au
araticum, pinha	artxikun	n	ar*ik+
arco	kanti	n	k di
arco de pua	piru-ti	n	piroti
arma	muka-wa	n	mukawa
arma	muku-wa	n	mukuwa
arraia	ivi	n	i i
arraia	iwi	n	iwi
arrancar	mesha-ai	n	mişai
arrancar	mesha-ai	v	mişai
arrancar	meshi-ai	v	mişiai
arrotar	xava-ai	v	şaiβai
arroz, fruta	vimi	n	βimi
arvo cheiro pint brn	sinpa	n	siba
arvore	hiwi	n	hiwi
arvore	ivi	n	iβi
arvore cheirosa	sinpa	n	s pa
arvore para se pinta	xinpa	n	ş ba
assado	shoi	adj	şoi
assar	shoi-ai	v	şoiii
assim	hai	con	hai
assoviar	xanyin-ki	v	ş gi
assustar	raki-tai	v	rakitai

assustar	rate-ai	v	ratiai
ate logo	kaytxu	v	kaytʃu
atirar	tikun-pa-iki	v	tik+paiki
atirarr	tekun-ai	v	tikoai
avo	isxa	n	isʃa
avo	txai-txu	n	tʃai
azul	punan	adj	punʒ
baba	pavuych	n	pa ui
bacaba	kivu-isán	n	kiβuisʒ
bacia	taxi-pa	n	taʃipa
banana	mani	n	mani
banana assada	mani-shoi	n	maniʃoi
banana dagua	awa-mani	n	awa mani
banana maca	kuru	n	kuru
banana madura	mani-ujin	n	maniuʒ
banana nanica	wi-mani	n	wimani
bananeira	mani-innura	n	man vora
banco	vuki	n	βuki
banco de sentar	viwti	n	βiuti
banhaeiro	naxi-ti	n	naʃiti
banheiro	nashi-ti	n	naʃiti
barata	manpa	n	maba
barba	keni	n	k ni
barbante	pati	n	pati
barbeador	kene-txa-ati	n	kinitʃaati
barco	nunti	n	n+di
barriga	pustu	n	pusto
barriga da perna	itxax-pustu	n	itʃaʃpusto
barriguda arvore	antu	n	ʒdu
barro duro	ma-shasha	n	maʃaʃa
barro seco	paras-ma	n	parasma
batata	kari	n	kari
batata assada	kari-shoi	n	kariʃoi
batedor de roupa	ivi-uma	n	iβiuma
bater	rixki-ai	v	riʃkiai

bater	vatin	v	βat
baton	kexa uxin inti	n	ki au iidi
bebe feminino	inmi	n	mi
bebe masculino	intu	n	do
beber	aka-ai apa-ai	v	akai apay
beico	kesa	n	kisa
beija-flor	pinnu	n	p \u
beijar	muki-aki	v	mukiaki
beiju	txaka-tava	n	tʃakatava
berne	shua	n	oa
bicho d goiaba	yunka-shena	n	y+gaşina
bicho do mato	yuxin	n	iu i
bicho preguica	nain	n	na
bicho preguica	punsi	n	puzi
bico de brasa	tikun	n	tiko
bico de brasa	tinkun	n	tiku
bigode	kene	n	kini
binito	rua-pa	adj	ruapa
birimba	patxi-vimi	n	pa*ipimi
blusa	tari puxu kiria	n	taripu uria
boca	ana	n	ana
bochecha	tamu	n	tamu
bodo	ipu	n	ipo
bodo coro d pau	ipu	n	ipu
podr			
bofe	tanxa	n	t a
boiando	nunu-ta	ger	nonota
bola	shuru-inti	n	şoro di
bola	yati	n	yati
bolsa escrotal	uvu	n	u u
bom	rua-pa	n	ruapa
borboleta	saypiru	n	saipiru
borracha	kuran	n	kurʒ
botao	tari-viru	n	tariβiru
boto	kuxu	n	kufu
braco	punnan	n	pu a
branco	uxu	adj	ofo

bravo	xinnan-nna	adj	ʃiŋɕiŋa
brigar	vati-ai	v	βatiai
brinco	pavi	n	pa i
buraco	kini	n	kini
buraco d penis	hina-hana	n	hiŋahana
buraco do nariz	rekin-tsanwe	n	rikitszui
buraco para amas tin	asha-tiki	n	aʃatiki
burite	maru	n	maro
buriti	viun	n	βi+
buscar	kika-ai	v	kikai
caba	vinna	n	β\va
cabeca	mapu	n	mapu
cabelo	vuu	n	uu
caca	txuna	n	tʃuna
cacar	nii-ti	v	niiti
cachorro	kaman	n	kama
cade/onde esta?	hantu-ra	int	h dora
cadeira	ebu-uti	n	iβuuti
cadeira	vuu-ti	n	iβuuti
cafe	kapi	n	kapi
caibro	munun	n	mon
caibro	shuvu-kanu	n	ʃuβukanu
caicama	maytxu	n	maitʃu
cair	paki-tai	v	pakitai
caju	tantxu	n	tadu
cajueiro	tantxu-nnura	n	tʃtʃu\ora
calango	xavu	n	aβu
calca comprida	tari-tae-kiri-ia	n	taritaikiria
calnguinho	tama-teu	n	tamat?u
camisa	tari-pexu-kiri-ia	n	tarip?#ukiria
cana	ta-vata	n	ta!ata
canal do penis	hina-ana	n	hinaana
canela	ritax	n	ita
caneta	keni-ati	n	k?neate
caneta	tximi-ati	n	t#imiate
canoa	nunti	n	n^di

cansado	pini-ta	adv	penita
cansar	pini-ai	v	piniai
cantar	kanta-iki	v	k_daiki
capim	wasi	n	wasi
capivara	amen	n	am
cara	kari	n	kari
cara	xiri	n	#i%i
carangueijo	shaka	n	@aka
caranguejo	xanka	n	#_ka
carapanam	vii	n	ii
carinho	vitxu-ai	n	#a!ate
cariu	yara	n	yara
caraubim	tunpa	n	t+pa
carne	nami	n	nami
carne	nami-txushi	n	namit#u@e
moquinhada	.	.	.
carrapato	rianan	n	riana
carrega nas	papi-ai	n	papiai
costas	.	.	.
carregar	tipi	v	tipi
carretel d linha	risis-xaka	n	%isi#aka
cartucho	para	n	para
casa	shuvu	n	@o!o
casado	ainnan	n	a _
casar	winna-ai	v	u \ae
casca	suku-tai	n	sukutai
casca d pau	suku-tae	n	sukuta?
cascavel	itxi	n	itxe
catar	wina-ai	v	winai
catar	winay	v	winai
catitu	unu	n	uno
caucho	vii	n	!ii
cavalo	hinna	n	h \a
cera do nariz	rinchan	n	ri
cera do ouvido	pavix	n	pa i
cesta	kuki	n	kuki
cesta com cabo p	taka-watu-kuki	n	takawatu kuki
pes	.	.	.
cesto p carreg	kuke-na-shipa	n	kuk?ena@ipa
crian	.	.	.

ceu	nai	n	nai
ceu d boca	manaw-ria-kuin	n	manawriaku
chao	vuka	n	!uka
chapeu	mayti	n	maite
chapeu de palha	pie mayti	n	piimaite
chegar	hu-ai	v	huae
chegar	huu-ai	v	hoai
chegar	nuku-ki	v	nokoki nokotae
cheia	matxa-iki	adj	mat#ayke
cheio	matxe-iki	adv	mat#?iki
cheirar	xiti-ai	v	#iteai
chorar	wai	v	wae
chorar	wai-iki	v	uayiki
chumbo	muka-wanxi	n	mukaw_@i
chumbo	muka-wanxi	n	mukaw_#i
chupar	aki-ki	v	akiki
chupar	kuku-ai	v	kukoa
chuva	ui	n	ui
chuva d pedra	kana-shuku	n	kana@uku
chuvendo	ui	adv	oi
chuver	ui-ai	v	oi
cigana	neshesh	n	n?@?@
cigarra	yane	n	yan?
cigarrinha	tsanw	n	ts_u
cilios	veru-kishni	n	!?ruki@ni
cilios	viru kisni	n	iro kisne
cinco	muve-ama-uri-ati	qtf	mu!?amau%iate
cintura	ninkain sanne	n	negaisanepudes
	punti		
cipo comum	ixi-katu	n	i#ekato
cipo d amarrar	anan-shi	n	an_@i
cipo de amarrar	anash	n	ana@
cipo para beber	uni	n	uni
cipo para cesta	ainnan	n	i _
clarear	xava-ti	v	#a!ate
cobertor	ipu-ti	n	ipote
cobra	runu	n	runu
cobra coral	awa-runu	n	awaruno
cobra d burraco	kini-runu	n	kinirunu
cobra grande	amu-runu	n	amoruno

fritar	xinnin-txue-ai	v	# n t#oei
fruta	vimi	n	!imi
fruta jarina	epe	n	?p?
fruta marupa	ita	n	ita
fumaca	kuiin	n	ko
fumaca	kuin	n	ku
fumar	ruma-kai	v	%umakae
fumo	rume	n	%um?
fundo	uki	adj	uki
futuro	kai	tv	kae
gafanhoto	piri	n	piri
galho	hiwi-manvi	n	hiwim_!i
galinha	takara	n	takara
garca	ushu	n	o o
garfo	tsanu-kutxa	n	tsano-kut#a
garrafa	munti	n	mode
gato	katsi	n	katsi
gato do mato	kantxir	n	k t ir
gaviao	titi	n	tete
genro	irayus	n	i%ayus
gerimum	waran	n	war_
gerinos	vintxun	n	idu
glande	hina-mapu	n	hinamapu
goiaba	yunka	n	iuga
gordo	xene	adj	#?n?
gostar	hewe	v	h?w?
gostar	hewi-akin	v	hewiak
gostosa	ruan-ka	adj	ru_ga
goteira	shuvu-uru	n	@o!oru
grampo p cabelo	vuta-xuti	n	!uta#ute
grande	ani-pa	adj	anipa
grilo azul	hunku-pasha	n	h+kupa@a
grilo de burraco	pui-tere	n	puir?r?
grilo preto	txanpu	n	t#_pu
grilo verde	unkun	n	+k+
gripe	pain-ki	n	pa ke
gritar	paa-iki	v	paaike
guardar	akun-ki	v	ak+ge
historia estoria	vana	n	!ana
hoje	ni-vari	adv	ne!a%i

fecha	pia	n	pia
fecho de periodo	iki		iki
feder	pisi-ai	v	pisiae
feio	rua-pa-ma	adj	%uapama
feio nojento	ixtxa-pa	adj	i#t#apa
ferida	txewe	n	t#?w?
festa	munu-ti	n	monote
figado	taka	n	taka
fijao	kushu	n	ku@o
filha	ini	n	ini
filho	yume	n	y+m?
filhote de	vake	n	!ak?
fim de tarde	yanta-pixtxa	adv	y_dapi#*a
fisga	kutxa	n	kut#a
fita para perna	vuku	n	uku
flecha	pia	n	pia
flor	hawa	n	hawa
flor	rivi-wa, vime	n	%iliwa !im?
flor	wasi-hawa	n	wasihawa
fogao	uke	n	ok+
fogao no chao	mai-pay-sata	n	maipaisata
fogo	tii	n	tii
foice	vuva-patsa	n	!ulapat#ai
folha	pei	n	p?i
folha de	mani-pein	n	manip?
bananeira			
folha de cedro	kunjan-pei	n	k+"_p?i
folha do mato	nii-vunku	n	nii!+go
fora	sava-ki	pre	sa!ake
formiga asteca	vunkun-iki	n	!+k+iki
formiga de fogo	hee	n	h??
formiga de fogo	hima	n	hima
formiga preta	hema	n	h?ma
franga	ta-kara-ain	n	takaraa
frango	ta-kara-pishku	n	takarapi@ku
fresta	tawru	n	tauru
fresta na parede	kene-uru	n	k?n?uru
frio	mati	adj	mati
frio	matsi	n	matse
frio	matxi	adj	ma*i

espada, lanca	paka	n	paka
especie de arvore	pani	n	pani
especie de fruta	kunti	n	k+de
especie de fruta	mapa-xi	n	mapa#i
especie de fruta	pesa-vi	n	p?sa!i
espelho	amu-savan	n	amosa!_
espelho	avu-site	n	a!oisit?
esperar	mana-ai	v	manai
esperar	mana-ta-ai	v	manatai
esperma	ve-puin	n	!?pu
esperma	vepuin	n	!?pu
espeto	rui-xai	n	rui#ai
espeto	ruyxay	n	%uy#ay
espinha dorsal	kaxu	n	ka o
espinho	muxa	n	mu#a
esposa	ain	n	a
esposo	avu-ni	n	a!une
esquecer	petxi-vai	v	p?t#iai p?t#!ae
esquentar	huu-ta-ai	v	hootai
estar bom	hia	v	hia
estar de pe	nia-ai	n	niai
estar em pe	ni-ai	v	niai
este	nia	pro	nea
esteio	shuvu-txiu	n	@u!ut#iu
esteio	txia	n	t#ia
esticar	tea-ai	v	t?ai
estrada	vai	n	!ai
estragar	ixinna-kin	v	i# ak
estrela	ixi	n	i#i
eu	ea	pro	?a
excremento	pui	n	pui
faca	ruxi-ta	n	ro#ita
facao	riski-te-kuni	n	%iskitekune
falar	vana-ai	v	!anay
farinha d	ruru	n	%o%o
mandioca			
favaca de folha	tama-inni-ti	n	tama\ide
fazer	hawa-ai	v	hawae
fazer buraco	kini-ai	n	kine
febre	yuna-tai	n	y+natae

descer	vutu-ai	v	!utoe
desenhar	awi-mawa-kin	v	awimauak
desodorante	inni inti	n	iniede
deus	txai-txivu	n	t#aiti!u
devagar	tana-pa	adj	tanapa
diareia	txixu-tai	n	t#i#utae
dinheiro	kine	n	k?ne
doença	yama-ti	n	yamate
doente	vupi	n	!upe
doi	isin-nai	adv	is nai
doido	isinna	adj	is a
dois	niska-vuis-kuin	qtf	neska!uisku
dor d cabeça	mapu-iki	n	mapuike
dormir	uxa-ai	v	o#ae
dourado	ta-kuin-ani-pa	adj	taku anipa
dual	ravi	qut	%a i
ele	hatu	pro	hatu
ele	henwen	pro	h u
eles	hatu-vaun	pro	hatu!a+
eles	kuyus-ka	pro	kuyuska
embauba	vunkun	n	a!+k+
empurrar	xutu	v	#uto
empurrar	xutu-ai	v	#utoai
enfeite	rua-ai	n	%oai
engolir	xia-ai	v	#eai
ensopado	pasa	adv	pasa
enterrar	ipu-ai	v	epoai
envira	ixi	n	i#e
enxada	wasi-txa-ate	n	wasit#aate
errar	kane-ai	v	kan?ai
esconder	huni-ti	v	unite
escova d roupa	tari-nisa-te	n	ta%inirate
escrever	ixi-ai	v	i#ae i#iae
escurecer	yanta-kayni	v	y_ta-kaine
escurecer	yanta-kuvi-txa-ai	adv	y_dakuvt#ae
escuro	vakish	adj	!aki@
esmalte	mantxi unxin inti	n	mad iu iede
espaco entre dedos	tae-tean	n	ta?-t?
espada	innu	n	i u

costurar a mao	tari-raru-ai	v	tarirauai
costurar a maquina	tari-shewi-ai	v	tari@?uia
cotoelo	vapuxku	n	apu ku
coxa	kisi	n	kisi
cozido	tuku-ata	n	tokoata
cozinha	piti-mira-ti	n	pitimerate
cozinhar	tuku-ai	v	toko
cozinhar	tuku-aki	v	tokoake
crescer	yusi-ai	v	yusia
criar	kane-ai	v	kan?ae
cru	awa-ma	adj	awama
cuia	txuma	n	t#uma
cuiubi	kushu	n	ku#u
cumarom	tuni	n	tuni
cumeeira	makan-txiu	n	mak_t#iu
cunhada	panu	n	panu
cunhado	vuni-taki	n	!unitaki
cupuacu	kapi-nuu	n	kapinoo
curica passaro	mira	n	mira
cuspir	kemu	v	k?mu nitoe
cutia	mari	n	mari
cutiara	txanka	n	t ga
dancar	munu-tai	v	monotai
dar	inna-ai	v	ai
de manha	xava-maka	adv	#a!amaka
de tarde	yanta-ka	adv	y_daka
dedo	mevi-vushi	n	m?!i!u@
dedo d pe	taen-kaya	n	ta kaia
dedo do pe	taevux	n	tavo
defumador d borracha	kuran-jubo	n	ku%+jubo
deitado	raka-ta	adj	rakata
deitado	rakata	adv	rakata
deitar	raka-ta-ai	v	rakatai
dente	xita	n	ita
dentro	nani-ta	pre	nanita
depois	rama-waai	adv	%amauae
depois	txipu	adv	t#ipu
derrubar	pake-ai	v	pak?ai

cobra preta	hunpi-tia	n	h+bitea
cocar	rani	n	rani
cocar	xua-nati	v	#oanate
coco	kunta	n	k+da
colar	tawi-ti	n	tawete
colar	vunu-ni	n	!ununi
colar conta	nawa vimi	n	nawa ime
lagrima			
colher	tsanu	n	tsano
coluna vertebral	kaxu	n	ka#u
com	yai	v	yai
com cabo	atxa	adj	at#a
comer	pipa-ai	v	pipai
cometa	tixu-pa-kanan-na	n	te#upa kan_na
comida	piti	n	piti
comprar	vi-ai	v	!iae
comprar	via-ai	v	!iae
comprar	vipa-ai	v	!ipae
conectivo	anun		an^
conhecer	winkin	v	u g
contar	katse-ki	v	kats?ki
convidar p ir	kawe	v	kaw?
copiar	awi-shua-kai	v	awi@oakae
copo	kisku	n	kisko
copo	taran	n	ta%_
coracao	inka-wa	n	gawa
coracao	winti	n	uide
coragem	rake-ia-ma-ai	n	%ak?iamae
corda	tu-kara-sivi	n	tukara-sile
corda d amarar	risi-ivi	n	%esili
rede			
corpo humano	yura	n	iura
correr	kai-ai	v	kaeai
cortar	rera-ai	v	r?rai
cortar	rira-ai	n	%i%ai
cortar	xati-ai	v	#ateke
coruja	pupu	n	pupu
costa	pimana	n	pimana
costa da mao	muvi pimana	n	mu ipimana
costela	pixi	n	pi i

homem	huni	n	huni
iara	vuka	n	uka
igapo	innan	n	_
inga	xinna	n	#ina
ingazeiro	xina-nnura	n	#ina\ora
inhambu	kuma	n	koma
inhambu mirim	sene	n	s?n?
inhambu preto	senan	n	s?n_
inhame	pua	n	pua
ipaxiuba	tau	n	tau
ir sai	kai-txu	v	kait#u kai
irma	txuu	n	t#uu
irma mais nova	txuu-pua	n	t#uupua
irma mais velha	txitxu	n	t#it#u
irmao	utxin	n	ut#
irmao m velho	hutxu	n	hut#u
irmao mais novo	txuu	n	t#uu
irmao mais velho	utxi-xinia	n	ot##i#inia
ja	maan	adv	ma_
jaboti	xawi	n	awi
jaboti-acu	shawe-ani-pa	n	@aw?anipa
jaburi	uvuyso	n	u u iso
jacare	kape	n	kapi
jaci	shanvu-in	n	@_!u
jacu	kevu	n	k?!o
jacu	kivu	n	ki u
jacumim	nia	n	nea
janela	kene-vushe-nata	n	k?n?!u@?nata
japinim	txana	n	t na
japo	isku	n	isko
jararaca	inpa-pisi	n	papisi
jenipapo	nane	n	nan?
jenipapo	nena	n	n?na
jiboia	mana	n	mana
jirau	tapu	n	tapo
jirau	vuka-matxi	n	!ukamat#i
joelho	ravu-su	n	ra!usu
jorlho	ravuso	n	a uso
jundia	takunnan	n	takuna
jundia preto	tsantsa-txushan	n	ts_ tsat#u@_

junto	viu-ta	adv	viuta
juriti	nunma	n	numa
la	rari anu	adv	%a%i anu
labio	kexa	n	ki a
lacraia	nivu	n	ni!u
lagoa	ian	n	i_
lama	paras	n	paras
lambari	ixumis	n	i umis
lambodoi	ipu	n	ipu
lamparina	amu-taran	n	amotar_
lanterna	amu	n	amo
latir	nasi-ki	v	nasike
lavar	txua-kin	v	t#uak
leite	vui-xuma	n	!uy#uma
lencol	kuti	n	kute
lendia	yatxa	n	ia ta
lenha	karu	n	karo
ler	kini-vana-kin	v	kini!anak
levar	viva-ai	v	vivai
leve	ewe-ma	adj	?w?ma
lima	paisma	n	paisma
limpar	matxi-ukin	v	mat#iok
limpar	rini-ai	v	reneai
limpo	tushva	adv	tu@!a
limpo	txuxtxa-ma	adj	t#u#t#ama
lingua	ana	n	ana
lingua idioma	vana	n	!ana
llg.			
linha	risis	n	%isis
linha d pescar	kuri-tipa-ti	n	kuritipate
linha d teto	shuvu-maken-ti-	n	@o!omak
	seka		tes?ka
liquido	hene	adj	h?n?
lisa	manyu	adj	m_yu
longe	tuke	adj	tok?
lontra	anin kama	n	anikama
lua	ushi	n	u@e
lugar	shava	n	@a!a
maca do rosto	tamu	n	tamu
macaba	kevu-isan	n	k?luis_

macaco cheiro	wara	n	uara
macaco da noite	nixu	n	ni u
macaco esp.	xinu	n	#ino
macaco peq suim	txipi	n	t#ipe
macaco preto	isu	n	iso
machado	rui	n	%ui
machucar	tuxi-txai	v	to#it#ai
madeira p casa	txiu	n	t#iu
maduro	suku	adj	suku
mae	ewa	n	?wa
mae	iwa	n	iua
magro	txuu	adj	t#uo
mala	unan-txi	n	un_#i
mala	vuna-ti	n	vonati
mamao	shunpa	n	@oba
mamar	xuma-kai	v	#omakay
mandi	tunun	n	tun+
mandinho branco	tunnun	n	tunu
mandinho mole	ixis	n	i is
mandinho	nainsin	n	naisi
pequeno			
mandioca	atsa	n	a&a
mandioca assada	atsa-shoi	n	atsa@oi
mandioca cozida	atsa-tuku-ata	n	atsatokoata
mandioca crua	atsa-tu-axa	n	atsatua#a
mao	mevi	n	m?vi
mao	muvi	n	mu i
maracuja	vawa-ranja	n	!awa%_ "a
maracuja	ha-viu	n	ha!iu
pequeno			
maraja	xinni	n	ine
mas	maash	con	maa@
massa d	txaka	n	t#aka
mandioca			
mastigar	txaku-iki	v	t#akuiki
masturbar	mevin-xun-ai	v	m?! #+ai
matar	atan-naa	v	at_naa
matar	maki	v	maki aki
matar c tercado	rixki-ai	v	%i#kie
mato	nii	n	nii

medo	rake-ti	n	%ak?te
melancia	waran-xunpa	n	war_x+ba
mentir	iwa-ai	v	iwae
milho	shike	n	@ek?
milho assada	xikishoi	n	#eki@oi
mingau	matxu	n	mat#o
minhoca	noin	n	noi
miquim	xiwputu	n	iw puto
modo	ta	cla	ta
molhado	metxa	adj	m?et#a
molhar	metxa-ai	v	m?t#ae
molhar	mutxa-tai	v	mut#atae
morcego	kantxi	n	kad i
morder	naxa-kin	v	na#ak
morrer	vupi-ai	v	!upie
morro	matxi	n	mat#i
mosquiteiro	hupu	n	hupu
mosquiteiro	rupu	n	%upu
mosquito	napi	n	napi
mucum	unpush	n	+bu@
muda de planta	paku	n	pako
muito	uti	adv	ote
mulher	ayvu	n	ai!u
musculo	nami rikun	n	nameriku
musculo da perna	itax postu	n	ita posto
musculo do braco	punnan nami	n	pu anami
mutuca	txepe	n	t#?p?
mutum	ansin	n	azi
nadar	nuna-ai	v	nunai
nadega	txixu	n	ti u
nadegas	txishu	n	t#i@u
nambu	xinie	n	ene
nambu galinha	pakuma	n	pakuma
nambu grande	kuma kuin	n	kumakui
nambu preto	tixi xene	n	ti i ini
nambuzinho	tiri sini	n	tere sene
namorar	enka-waa	v	=kawaa
nanbu pequeno	numa	n	numa
nao	ma	adv	ma
nao ter negativo	yama	v	yama

nariz	renkin	n	reki
nascer	pake-vai	v	pak?!ai
neblina	ixinna	n	i#\a
neto generico	vava	n	!a!a
noite	yaman	n	yam_
noite	yame	n	yam?
noite	yami	adv	yame
nojenta	ixtxa-pa	adj	i##apa
nora	wavan	n	wa!_
nova	vena-pa	adj	!?napa
novo	vena	adj	!?na
novo	vina	adj	!ina
nuca	tixu	n	te o
nunca	maska	adv	maska
o que	hawe-ra	adv	haw?%a
olhos	viru-ti	n	!i%ute
olhar	winna-ai	v	+!ae
olho	viru	n	iro
olho de fogo	viruxi	n	iro i
ombro	pixu tuku	n	pe utoko
onca	kaman kuin	n	kam goi
onca vermelha	kaman unxin	n	kam u i
onde	handu-ra	adv	h_dora
ontem	yanta	adv	y_da
orelha	pantxu	n	pad u
osso	xau	n	au
osso d tornozelo	tapush-ku	n	tapu@ku
outro dia	vari-witsan	adv	!a%iwits_
outro lado	uke-rike-su	adv	ok?rik?so
ouvir	ninka-tai	v	n gatae
ovo	vatxi	n	ati
paca	anu	n	ano
pai	papa	n	papa
paineira	pani-muxa	n	panimu#a
paineira	antu	n	_du
barriguda			
paje, rezador	kusa	n	kosa
palha	hepe	n	h?p?
palha de marupa	ita-pei	n	itap?i
palma da mao	muvi napax	n	mu inapa e

pama	pama	n	pama
pamonha	iskun	n	isk+
paneiro	pitun	n	pit+
panela	iwa	n	iwa
papagaio	vawa	n	aua
parede	keni	n	k?ni
parir	paki-tai	v	paketai
paruacu	ruka	n	ruka
passado	vai	tv	!ae
passarinho verm	kana-pupu	n	kanapupu
pret			
passear	naxi-uinni	v	na#io i
patinho dagua	ini kuma	n	enikoma
pato	nunun	n	nonu
patua	isan	n	is_
patua	maku-vu-isan	n	mako!uis_
pavao	txana	n	t ana
pavao	txanan	n	tana
pavio d	amu-ransh-ni	n	amor_@ni
lamarina			
paxiubim	peri	n	p?ri
pe	tae	n	tai
pedra	miski	n	miski
pegada	nuni	n	noni
pegar	ati-ai	v	atieae
peido	urika tanki	n	orikatage
peito	xutxi	n	ut i
peixe	tsatsa	n	tsatsa
peixe-boi	hini-awa	n	hiniaua
pelado nu	sharu	Adj	@a%ou
pele	heshvi	n	h?@!e
pele	wixivi	n	ui i i
pelo	ranni	n	ni
pena	rani	n	rani
pensar	xinna-nai	v	#\anae
pente	vushti	n	!u@te
pente	vuti	n	!ute
pequeno	pixtxa	adj	pi##a
perder	vinu-vai	v	!inu!ae
periquito	pitsu	n	pitso

periquito	tere	n	tiri
periquito grande	tunsi	n	toji
periquito pequeno	pitxu	n	pisto
perna	kixu	n	ki#u
perto	rami	adj	%ami
perto	tuke-ma	pos	tpk?ma
pesado	ewe	adj	?w?
pescar	kuri-ai	v	korii
pescoco	tispun	n	tispu
piaba	yapa	n	iapa
piau	vafun	n	atu
pic-pau	vuin	n	!u
pica-pau esp.	shau-vuin	n	@au!u
pica-pau mirim	eske-ri-vuin	n	?sk?ri!u
picapau grande	maskiravuy	n	maskira ui
picapau pequeno	vuin	n	ui
pilao	avi-mite-iti	n	a!imit?te
pilao	vimi-ti-iti	n	!imiteete
pinto de galinha	vake	n	!ak?
piolho	ia	n	ia
piranha	make	n	maki
pium	xiu	n	iu
plano	mispán	adj	misp_
plantar	vana-ai	v	!anai
plantar	vana-ke	v	!anak?
plural	vu	gr	!u
po de arroz	tamun unxi inti	n	tamu u iede
pobre	payu	adj	paio
podre	payu	n	payo
poeira	mai-putu	n	maiputo
polvilho	titxa	n	tit#a
por dentro	nane	pos	nan?
por fogo	tii-kana-ai	v	tiikanai
por que	hankes-tuna-ra		h_g?tona%a
por terra	mana		mana
poraque	kuni	n	kuni
porco	hanu	n	hano
porco do mato	unu	n	ono
porta	kipu-ti	n	kipute
porta (o burraco)	iku-ti	n	ikute

pote	shumu	n	@umu
pote de barro	xumu-masku	n	#umumasku
pouco	uti-ma	adv	otema
prato	kintxa	n	k d"a
prego	seu-ti	n	s?oti
prepucio	hina-heshvi	n	hinah?@!i
presente	ai	tv	ae
preto	txeshe	adj	t#@?
preto	txuxi	adj	t#u#e
prima, cunhada	txavi	n	t#a i
primo	txai	n	t#ai
pular	hewi	v	heui niipak?wi
pulga	kaman-ia	n	kam_ia
pulmao	punxa	n	pu a
pulseira	vununni	n	unune
punho	metex-keti	n	m?t?#k?ti
pupunha, pupu	wanin	n	wan
quarto d' dormir	kenu-uri	n	k?nou%i
quase de noite	vake-xike-vistxa- ai	adv	!ak?#ik?!is*ae
quatipuru	kapa	n	kapa
quatro	nia-ti	qtf	neate
quebrar	tuvi-txa-ai	v	to!it#ai
queimar	kuu-ta-ai	v	kuutai
queixada	yawa	n	yawa
queixo	kui	n	koi
quem	txua-ra		t#ua%a
quente	xana	adj	#anata
querer	pai-ai	v	pai
radio	riwi-vana	n	%iwi!anaya
raia	iwi-paka-ia	n	iwipakaya
raia gigante	kura-wara	n	kurawara
ralar	nisa-kin	v	nisak
ramal d' estrada	niay	n	niai
ranho	rankin-ki	n	r_k ki
rasgada	taras	adj	taras
rasgar	tara-si-ai	v	tarasiai
raso	uki-ma	adj	ukima
ratazana	maka	n	maka
rato	maka	n	maka

rebentar	tesa-ai	v	t?sai
rede	txuka	n	t#uka
redonda	turu	adv	turo
relampago	kana	n	kana
relogio	vari-winti	n	!ari+de
remedio	raon-ti	n	ra de
remedio	raun-ti	n	ra+ti
respirar	atix-kin	v	ate#k
reta	muki	adj	muki
reza	xuin-ti	n	#u de
rio	nua	n	noa
ripa suporte	kene-pitash-ti	n	k?n?pita@ti
rir	hiwer	v	heu?r
roca	ayu	n	ayu
roca	wai	n	wai
rodo p farinha	ruru-tuntxi	n	%o%oto+d"i
roliha grande	tamu isku	n	tamoisko
rolinha	usku	n	osko
roubar	vainna-ai	v	!a ae
roupa	tari	n	tari
roxo	kuru	adj	koro
sabao	xaki-ti	n	#akite
saber	tana	n	tana
sabio	tana-kuin	adj	tanaku
sabonete	xaki-ti-ini	n	#akiteine
saco, sacola	utu	n	oto
saia	tari ani xiti	n	tari ani ite
saia de f de buriti	vinnun xanku	n	i o go
sair	kai	v	kai
sala	shava-ki-kiri	n	@a!akikiri
samauna	xono	n	#ono
sangue	himi	n	himi
sangue	inmi	n	ime
sapato	tae xaka	n	tai aka
sapo	axa	n	a a
sapo	riwa	n	riua
sapo verde	kanpu	n	kabo
saquinho	keni-utu	n	k?neoto
saracura	txasku	n	t asku
saracura	txaskun	n	t asku

sarar	rua-ai	v	%uai
saudade	runa-ai	n	%unae
sauva	xixi	n	#i#i
secar	nitxu-tai	v	nit#utae
seco, po	putu	n	puto
segurar na mao	tuynna	v	to\ a
seio	xuma	n	uma
sem cabo	tuva	adj	to!a
sem companheiro	vini-uma	n	!iniuma
semente	heshe	n	h?@?
semente	shinansh	n	@in_@
semiterio	shana	n	@ana
sempre	txua-ai	adv	t#uae
sentado	veu-ta	adj	!?uta
sentar	veu-ai	v	v?oai
sereno	ui-ase	n	uiase
seringueira	kuran-iwi	n	kur_iwi
serrar	senu-ai	v	s?noai
serrote	seno-ti	n	senoti
sexo feminino	kue	n	kui
sexo masculino	inna	n	i a
sim	hawe	afi	haw?
so	usti	adv	u#te
sobrinha	pia	n	pia
soco	aka	n	aka
sogro(a)	rawis	n	%awis
sol	vari	n	!a%i
sola do pe	taenapax	n	tainapa
solteiro	ai-ma	n	ayma
sombra	vari-ama	n	!a%iama
sombra para olhos	viru tixi ati	n	iru ti eate
sombracelha	vispi	n	vispi
sonhar	nama	v	nama
sonhar	nama-tai	v	namatae
sopa banana c peixe	pasa	n	pasa
sopa d banana	mani-nua	n	maninoa
sopa d peixe	yuntu	n	i+do
sovaco	pixkin	n	ita ki

sua	hawen	pos	haw
subir	pain-ai	v	pa\ae
sucuri	sara	n	sara
sujo	txuxtxa	adj	t#u#t#a
suporte para rape	shau-txipi	n	@awt#ipi
surubim	innu	n	\o
surubim	vain	n	e ai
surubim	vuin	n	!o
surucinda	xuri	n	u i
surucucu	xanu	n	#anu
taboca	kura	n	kora
talco	putu	n	puto
talvez	ra-maska	adv	%amaska
tamandua	shai	n	@ae
tamandua	vii	n	ii
tamandua	punsin	n	p+s
pequeno			
tambem	sivi	adv	sile
tampa d calderao	iwa-vusta-ti	n	iwa!ustate
tapioca	titxa-tava	n	tit#ata!a
tapiri	peshe	n	p?#?
tarrafa	vua-ti	n	!uati
tartaruga	nixu	n	ne o
tartaruga	waka-shawi	n	waka@awi
tartaruga de	kana-neshu	n	kanan?@u
igapo			
tartaruginha	nensa	n	n sa
tatu	yawixi	n	yawi i
tatu bola	kenxu	n	k #u
tatu canastra	panu	n	panu
tatu d capoeira	mana-ia-uish	n	manayawi@
tempo da chuva	ui-tini	adv	oitini
tempo das flores	ivi-wa-tini	adv	il!uatini
tempo das frutas	vimi-tini	adv	!imitini
tempo de frio	yutan-tini	adv	yut_dini
tempo do sol	vari-tini	adv	!a%itini
temporal	weshu-na-nai	n	w?@unanai
ter	haa-ia	v	haa
ter	ia	v	ia
ter	ya	v	ya

ter companheiro	vini	n	!ini
tercero	rishki-ti	n	ri@kiti
tercero	rixki-ti	n	%i#kite
terminar	avi-ake	v	aliake
terra	mai	n	mai
testa	vimana	n	imana
teto	pei	n	p?i
tia	ewa	n	?wa
tia	natxi	n	nat*i
timpano	tsanwe	n	ts_w?
tingui	asha	n	a@a
tio	kuka	n	kuka
tio materno	epa	n	epa
tipo de jirau	kanma-txi	n	k_mat#i
tomar	aka-ai	v	akai
tomar banho	naxi	v	na#i
tornozelo	tapush-ku	n	tapu@ku
tornozelo	tapuxku	n	tapu ku
tossir	uku-iki	v	ukuiki
traballar	mai-iki	v	maike
tracaja	tanku	n	tago
traira	mexku	n	m?#ku
transa burit no pe tres	unki	n	uge
	niska-vuis-kuin- usti	qtf	neska!uisku us* es
tripa	puku	n	puku
tristeza	una-mask-a-i	n	unamaska-e
trovao	nayki	n	naiki
tucano	shuke	n	@uk?
tucano	xuke	n	uki
tucuma	pani	n	pani
um	westi	n	w?ste
um	wistxi	qtf	uis*i
umbigo	tuunvi	n	tou i
unha	muntxix	n	muti
urina	isun	n	is+
urubu	xiti	n	ite
urucum	mashi	n	ma@e
vaca	bui	n	!oi
vagalume	nivisu	n	ni iso

vagalume	tapi	n	tapi
vagina	shevi	n	@?i
vara d pescar	kuri-tishe-i	n	koriti@?i
vasia	xaka	adj	#aka
vassoura	matsu-ti	n	matsoti
vazio	shaka	adj	@aka
veado	txashu	n	t#a@o
veado	txaxo	n	t a o
veia	punu	n	punu
velho	sheni-a	n	@?nia
velho	shini-a	adj	@inia
vender	innin-kin	v	n k
venha p dentro	waytxu	v	wayt#u
vento	niwi	n	niwi
ver	uin-nai	v	o nai
ver	winwan	v	u u_
verdadeiro	kuin	adj	ko
verde	shau	adj	@au
vergonha	ravinnai	n	%a! ae
vermelho	unji	adj	+
vestido	tari vuka inwan	n	tari ukaiu
vestir	savwe	v	saw?
vidro	munti	n	m+\$i
viga	shuvu-tesi-ka	n	@o!ot?sika
vinho	manjin-ushu	adj	m_ "#o
vinho d acai	pana-isa-mayt#u	n	panaisamait#u
violao	rewe	n	%?w?
voce	mia	pro	mea
voces	matu	n	mato
voltar	hiku-ai	v	hikoai
vomitar	vupi-ai	v	!upeae
zagaia	ketxa	n	k?t#a
zangado	sinna	adj	s a

APÊNDICE - II

TEXTOS EM KATUKINA

i - Introdução

Apresentaremos alguns textos em Katukina a fim de ilustrar para o leitor nossa análise desta língua. Esperamos que através destes textos possam ser resgatadas as conclusões a que chegamos no decorrer da tese, e que a partir dos dados disponíveis e analisados os interessados tenham uma noção da estrutura da língua, permitindo que afirmem nosso estudo e possam fazer uso dele na compreensão destes textos.

ii - Notas Explicativas

Os textos em Katukina selecionados aqui, somam um total de cinco, que estão expostos da seguinte forma: escritos fonologicamente em Katukina, seguidos de duas traduções. A primeira tradução, dada pelo falante nativo ou retirado das cartilhas da NTB - New Tribes do Brasil - e a segunda, feita por nós, segundo o que significa cada item lexical dentro da oração. A primeira tradução estará marcada com (L) - livre - se feita pelos nativos da língua, ou com (C) - cartilha - quando da NTB, e a segunda com (A) - Aguiar.

I -munuti¹

1. saβanun munutain ruapanun. 2. mia kintanun. 3. mia munutama kai.
4. matfu anun taβata anun atsa anun mani anun ŝunpa anun kankan anun kari
anun tsatsa anun nami anun ruru anun βimi anun munutaiŝun pii kai.

I - Festa

(L) 1. Sábado vai ter festa boa. 2. Você vai embora quinta feira. 3. Você
não vai esperar a festa. 4. Vai ter para comer caiçuma, cana, mandioca,
banana, mamão, abacaxi, batata, peixe, carne, farinha, arroz, dança.

(A) 1. Sábado tem dança boa. 2. Você vai quinta. 3. Você não vai dançar. 4.
Vai ter para se consumir caiçuma, cana, mandioca, banana, mamão, abacaxi,
batata, peixe, carne, farinha, arroz e dança.

II - pasa²

1. nuki hunu pasa piai. 2. hunu pasa pia ruapa. 3. kukan hunu atan naa.
4. nia βarinβi nukin ainβaun hunu pasa aβaiβu. 5. rama nukin hunu pasa piai.
6. nia hunu pasa ruapa kuijaka.

¹ Texto I - Aguiar:1984;

² Texto II - NTB:1982.2/27;

II - Ensopado

(C) 1. Estamos comendo ensopado de carne de porco. 2. É bom comer ensopado de carne de porco. 3. O tio foi matar um porquinho. 4. Hoje as mulheres fizeram um ensopado de carne de porquinho. 5. Agora estamos comendo ensopado de carne de porquinho. 6. O ensopado de carne de porquinho é bom mesmo.

(A) 1. Nós estamos comendo ensopado de porco. 2. Ensopado é comida boa. 3. O tio mata porco. 4. Hoje nossas mulheres fizeram ensopado de porco. 5. Agora nós estamos comendo ensopado de porco. 6. Esse ensopado de porco é muito bom.

III - piruti³

1. papan piruti βina. 2. hawin piruti ruapa. 3. ian piruti βipai.

III - Arco de Pua

(C) 1. O arco de pua do papai é novo. 2. O arco de pua dele é bom. 3. Eu quero comprar um arco de pua.

³ Texto III - NTB:1982.2/26;

IV - pişi⁴

1. huni-βaun pişi aβaiβu. 2. pişi anipama aβaiβu. 3. nuki pişi uşapai iki. 4. ayβuβu tari βiiβu βaiβu. 5. tari utipa βipai ikiβu. 6. antin ayβaun tari βinu mipin tai şaka βiβai.

IV - Tapiri

(C) 1. Os homens estão fazendo um tapiri. 2. Eles fizeram um tapiri não muito grande. 3. Querem dormir no tapiri. 4. As mulheres foram comprar roupa. 5. Querem comprar muita roupa. 6. Ante comprou um vestido e Mepe sapatos.

(A) 1. Os homens fizeram um tapiri. 2. Eles fizeram um tapiri pequeno. 3. Nós dormimos no tapiri. 4. As mulheres compraram roupa. 5. Elas compraram muita roupa. 6. A mulher Ante comprou roupa e Mepe comprou sapato.

V- ian wai kuapai iki⁵

rican yuanyaminta⁶

ian wai kuapai iminaan ui au, hikisaitşuşun wai kuayamai. in βari niskaβikuinska βari aitşuşun in wai kuaşun i wai βisuaşun i wai βisun aşun haskapaska taşa puta şun mii iştşapaşus βanapai. wai kuama iki ai, βasi

⁴ Texto IV - NTB:1982.3/2.

⁵ NTB - 1982.4/12-14

⁶ Nome do autor do texto.

niskafikuinska βari ai wai βisuaşun in ai. kari nun, şunpa nun puanuan βanapai iki kuai hupai iki nia βarin ui iamai. şaβama βisuai kapai iki nia βarin wistiska manayuai. haa wistiβi miiiti iki tşunβişun maniska matşapai iminan kuamapan iki ai. kuuyamai uiki haskapan rakaşun huuai. βaritşininriβitşia ia haamimis tasta uβuaşun βuβas kuakatşai. mani wistis matşapai iki.

V- Quero queimar meu roçado

(C) Queria queimar meu roçado, mas com a chuva que está dando, como é que eu vou? E assim não queimei. Eu, com dois dias de sol, depois de quemar o roçado e cuidar dele, assim vou preparar e vou plantar coisas miudas. Não queimo o roçado, faz dois dias que cuido dele. Cheguei querendo plantar batata doce, mamão e cará, mas a chuva não permitiu. Amanhã, quero ir, somente hoje vou esperar. Somente este dia queria plantar banana, mas não queimou-se.

V- Quero queimar meu roçado

(A) Queria queimar meu roçado, mas devido à chuva, não pude. Com dois dias de sol depois de quemar e cuidar do roçado vou plantar coisas miudas. Mas faz dois dias que espero para poder cuidar do roçado e não posso. Cheguei querendo plantar batata doce, mamão e cará, mas a chuva não permitiu. Só vou esperar até amanhã, depois vou embora. Somente esses dias queria banana, mas não deu para queimar o roçado.

APÊNDICE - III

DADOS COMPLEXOS DO KATUKINA

i - Introdução

Os dados expostos aqui têm como objetivo evidenciar que nossa pesquisa ainda está no seu começo apesar de termos feito um grande esforço para conhecer as particularidades do Katukina; estamos certos de que uma análise se faz por partes, e que cada passo é uma contribuição para quem quiser continuar tal tarefa.

Os dados que estamos chamando de complexos são aqueles que por motivo de tempo e a necessidade de criar um estudo não muito amplo, não pudemos analisar para incluir no corpo da tese.

Como todos os dados são necessários e relevantes, resolvemos apresentá-los, deixando-os disponíveis para outros pesquisadores interessados.

ii - Notas Explicativas

Apresentaremos orações isoladas que colocam questões ainda não resolvidas e em alguns casos, mencionamos qual a problemática que tal oração está evidenciando. Alguns dados foram coletados por nós no campo e, outros foram retirados de materiais didáticos da NTB - New Tribes do Brasil. Eles serão apresentados com identificação da seguinte forma:

Autor: Ano, série/página. número do dado.

1982.2/24.5

papa hikuamara

'pai já voltou?'

1982.2/24.5

ikimaan

'Não'

1982.4/11.3

'βari hatunun nukuta

'Quando foi que eles chegaram?'

-> maan 'já'

ma 'não'

1982.3/26.5

suβu nuku-aş tşiin yuşina aşin

'Chegando em casa aqueceu-se no fogo.'

1982.3/26.3

βaki tşuu uin aşina aşin

'Chuveu no tio.'

1982.3/28.3

nukin βana hişaki utipa tanaiβin

'Nós sabemos escrever muito na nossa língua.'

1977.2/25

ukirikisu tjaʃu haa

'No outro lado do rio há veados

-> Nessa língua itens lexicais e afixais se combinam de forma muito transparente, mas há itens que nos fazem pensar que ela tem proximidade com Amahuaca-Pano quanto à sua natureza aglutinante. Possivelmente o Katukina faz uso, restrito, do mecanismo de aglutinação. Por exemplo, **hiwikuijankai** 'gostar muito', além do que está exposto acima - **ukirikisu** 'do outro lado do rio'. Há vários casos em que num termo está inserido mais de um conteúdo.